

O GAÚCHO

BRASIL 500 ANOS



Fundado no Sesquicentenário da Batalha do Seival



Vet Cel Eng Cláudio Moreira Bentro

Livro Digital

Editor Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Sumário

Apresentação	3
Nº 91 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
O Brigadeiro Antônio de Sampaio na Guerra da Tríplice Aliança (1865-70)	4
Nº 92 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
A Batalha de Riachuelo	9
Emancipação de Uruguaiana - Carlos Fonttes	13
Nº 93 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Patrono da Infantaria Brasileira - Brigadeiro Antônio de Sampaio	16
Atividades comemorativas aos 200 anos do nascimento de Sampaio, o patrono da Infantaria	23
Nº 94 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
II Semana de debates de temas estratégicos: segurança nacional - uma abordagem multidisciplinar nas questões de defesa	24
Nº 95 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
José Francisco de San Martín Y Matorras	29
Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, e compatriota da Liga de Defesa Nacional recebe premiação literária	41
Nº 96 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
CMPA: Formando hoje o cidadão do amanhã!	43
Dia Santo - Juarez Nunes da Silva	47
Nº 97 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Luiz Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias	50
Nº 98 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Guerra da Tríplice Aliança: uma resposta às críticas	59
Nº 99 – ano 2010 - Bicentenário de Sampaio – Cel Cláudio Moreira Bento	
Loja Cruz: Uma Loja Naval na Guerra do Paraguai	76
Nº 100 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
O finado Malaquias	83
Nº 101 - Ano 2010 - Cel Cláudio Moreira Bento	
Marechal Zenóbio da Costa	90
Nº 102 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
“Revolução” Imperfeita	102
Nº 103 – ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Como foi morto Solano López	109
Nº 104 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Revista Militar Brasileira	113
Nº105 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
A 8ª companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros em Canguçu, ao comando do Capitão Antônio de Sampaio em 1845-49	115
Nº106 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Carta do Cel Bento ao Forum Nacional de Desenvolvimento	119
Nº 107 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
"PARECIA UMA ROSA DE CARNES"	121
Nº 108 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
O idealizador e criador do tiro de guerra brasileiro	124
Nº109 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
A Revolução de 1930 e o antigo QG da 3ª RM	129
Nº110 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Reflexões sobre a Doutrina Militar Terrestre Brasileira	135
Nº 111 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Retrato de uma rendição	143
Nº112 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	

Hipólito Antonio Ribeiro	148
Nº113 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Canguçu no Combate do Seival e na Proclamação da República Rio Grandense ...	150
Nº114 - Ano 2011 – Cel Cláudio Moreira Bento	
U Boats, Mergulhando na História	153
Nº 115, 12 JUN 2020 – Cel Cláudio Moreira Bento	
Histórico do Instituto de História e Tradições do RGS(IHTRGS)	159
Nº 116 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento	
Gen Bda João Carlos Bordini (1877-1966)	162
Nº 117 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento	
A História Militar Terrestre do Brasil no Rio Grande do Sul no Século Passado	164
Nº 118 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento	
A Revolução Farroupilha foi liderada pela Guarnição do Exército !!!	176
Nº 119 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento	
Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira (1740 - 1795)	178
Nº 120 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento	
O imigrante alemão e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul	193
Nº 121 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento	
Oração de posse do Cel Cláudio Moreira Bento na cadeira General Bento Gonçalves da Silva da Academia Piratiniense de História (em 8 dez 2003)	203
Nº 122 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento	
Rio Grande de São Pedro em 1808	210
Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento	215

Apresentação

Em 1986 dirigíamos o Arquivo Histórico do Exército e atuávamos como sócio no Rio de Janeiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E decidimos fundar o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. (IHTRGS)

Instituto que visava integrar historiadores de comunidades gaúchas, em razão do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul só aceitar historiadores residentes em Porto Alegre.

Outra ideia era tentar controlar a culto de falsas Tradições Gaúchal que não tinham apoio na História a qual, em realidade, é a mãe da Tradição.

Consultamos os possíveis interessados por correspondência. E a seguir o fundamos com o aval dos Presidentes dos IGHMB e IHGB. E escolhemos para a sua instalação a data de 10 de setembro de 1986 – Sesquicentenário do vitorioso combate do Seival, o qual criou condições para a criação da República Rio-Grandense. Instalação que teve lugar em concorrida cerimônia no Auditório da Escola Técnica Federal em Pelotas e teve o apoio da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, cuja história escreveríamos em 2005 em parceria com o historiador militar Cel Inf Luiz Ernani Caminha Giorgis. Dentro do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul. Seus Estatutos foram registrados em Canguçu – RS, no Tabelionato de meu irmão José Moreira Bento.

Conseguimos com a Ipiranga o fornecimento de Diplomas. E como Informativo do IHTRGS criamos **O Gaúcho** que está disponível para acessar na folha de abertura do site.

Informativo que passamos a explorar, transformando-os em livros digitais com matérias de nossa autoria, como o que a seguir elaboramos para colocar em nosso site www.ahimtb.org.br e no Google. Viva a Era Digital que nos

permitiu resgatar o conteúdo dos informativos **O Gaúcho** de nossa autoria.

Veterano Cel Eng e de Estado-Maior
Cláudio Moreira Bento
Presidente Emérito e Fundador do IHTRGS
Atualmente o IHTRGS é presidido pelo Historiador e Tradicionalista Cap R2
Art Juarez Nunes da Silva, tendo como Vice Presidente o Veterano Cel Inf e de
Estado-Maior Luiz Ernani Caminha Giorgis

VOTOS DE BOA LEITURA AOS PESQUISADORES E LEITORES INTERESSADOS!

Nº 91 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

O BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (1865-70)

No cartaz acima, foto real do Brigadeiro Antônio de Sampaio, tirada em Uruguaiana oito meses antes da Batalha de Tuiutí e depois da rendição paraguaia a D. Pedro II, no mesmo dia em que o Imperador recebia carta da Rainha Vitória da Inglaterra desculpando-se pelo incidente que causou a Questão Christie, ofensiva à soberania brasileira. Acima, brasões das instituições sob cuja égide foi editado o livro do autor *Brigadeiro Antônio de Sampaio - O Patrono da Infantaria* - cujas capas estão na parte inferior.

Cel Cláudio Moreira Bento

O Brasil enfrentou o Paraguai em Aliança com a Argentina e o Uruguai em 1865-70, em defesa de sua soberania e pela livre navegação no rio Paraguai, impedida pela fortaleza de Humaitá. Livre navegação essencial para o governo do Brasil comunicar-se com sua Província de Mato Grosso. E, principalmente, em defesa de sua integridade, agredida com as invasões, pelo Paraguai, das províncias brasileiras de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. E também em defesa da honra nacional.

A guerra durou quase cinco anos e teve os seguintes pontos de inflexão para a conquista dos seguintes objetivos da Tríplice Aliança:

Objetivo Militar - a conquista da poderosa Fortaleza de Humaitá, a Sebastopol sul-americana, onde estava instalado o poderoso canhão El Cristiano, fundido com sinos das igrejas paraguaias. Arma que tantos problemas causou à Marinha Brasileira até a conquista à histórica fortaleza. Canhão conquistado a duras penas, conservado como troféu de guerra e que

há mais de um século está no Museu Histórico Nacional.

Este, local da antiga Casa do Trem onde, há 218 anos, teve início nas Américas o ensino militar acadêmico e o ensino superior civil no Brasil, na então Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, criada pelo vice-rei Conde de Resende em 1792 e destinada a formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros militares e civis para o Brasil Colônia, conforme abordamos em nosso livro (no prelo) **2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras.**

Objetivo Político da Tríplice Aliança - A conquista da capital do Paraguai, Assunção.

Pontos de inflexão da guerra

Batalha Naval do Riachuelo- 11 de junho de 1865 - anulação da capacidade ofensiva estratégica do Paraguai, por forças da Marinha reforçadas por forças do Exército comandadas pelo Almirante Barroso.

Batalha de Tuiuti- 24 de maio de 1866 - a maior batalha campal da America do Sul. Anulação da capacidade ofensiva tática do Paraguai por forças brasileiras, argentinas e orientais ao comando do General Osorio.

Conquista de Humaitá- 05 de agosto de 1868 - por forças navais e terrestres brasileiras. Anulação da capacidade defensiva estratégica do Paraguai.

Batalhas da Dezenbrada- dezembro de 1868. Anulação da capacidade defensiva tática do Paraguai.

O Brigadeiro Sampaio conquistou suas estrelas de oficial-general por sua notável atuação em operação de combate em localidade, no comando de uma Brigada na conquista da cidade uruguaia de Paissandú na Guerra contra o ditador uruguaio Aguirre (1864), quando já era uma lenda na Infantaria Brasileira. Já era veterano de 36 ações de combate.

Assistiu à rendição paraguaia em Uruguiana em setembro de 1865, de cuja ação participou um Batalhão de sua heróica 3ª Divisão.

Sampaio, em Uruguiana, foi retratado ao lado do Conde D'Eu, logo depois da rendição paraguaia. Na mesma ocasião em que o embaixador inglês na Argentina, em cerimônia histórica especial entregou, com pompa e circunstância, a Dom Pedro II, a carta da Rainha Vitória que pôs fim à Questão Christie, resultado de uma ofensa inglesa à soberania Brasileira.

Escolhido a dedo pelo General Osorio, o Brigadeiro Sampaio comandou a 3ª Divisão desde março de 1865, em Montevidéu, constituído de duas Brigadas:

- a **5ª Brigada**, constituída do 4º, 6º e 12º Batalhões de Infantaria; e
- a **8ª Brigada**, integrada pelos 8º e 16º Batalhões de Infantaria e pelo 10º Batalhão de Voluntários da Pátria.

Marchando para o Paraguai, segundo o cronista Dionísio Cerqueira:

“O Brigadeiro Sampaio não dava descanso aos seus Batalhões. Era rigoroso e exigente, dava exercícios uma a duas vezes por dia a seus batalhões. Pois sentia que era preciso instruir seus soldados bisonhos, mas de boa vontade, animados pelo amor à Pátria, fazendo-os praticar façanhas imortais.

Mal sua Divisão, depois de marcha penosa, chegava a um acampamento, ouvia-se o toque ‘Para quem quiser’, por Sampaio ordenado. Em seguida, saíam os belos batalhões de Sampaio garbosos e elegantes, ora realizando manobras, ora estendendo linhas de atiradores, tudo executado a toques de cornetas”.

O Corpo de Voluntários da Pátria de sua Divisão já rivalizava seu desempenho com os soldados grisalhos do Exército, trazendo no peito as medalhas de Monte Caseros, da Guerra contra Oribe e Rosas, há treze anos passados.

Estas evoluções obedeciam às **Ordenanças de Portugal**, com adaptações introduzidas pelo Marquês de Caxias como Ministro da Guerra em 1861, e Chefe de Estado do Brasil, e do que o mesmo aprendera como realidade operacional sul americana. Resultado do que praticara em cinco campanhas vitoriosas que comandara e com a ressalva:

“até que o Brasil disponha de uma doutrina militar genuína”, enfatizou.

Sonho ainda por realizar!

A 3a Divisão foi a Vanguarda na invasão do Paraguai pelo Passo da Pátria, segundo o General Tasso Fragoso no v. 2 da sua notável História desta guerra. A Divisão contava com um efetivo de 4.428 homens, com a seguinte organização:

- **5a Brigada:** ao Comando do Cel Oliveira Belo, com o 4º BI e o 12º BI, ambos do Exército, e ainda com o 8º e 16º batalhões de Voluntários da Pátria.

- **6a Brigada:** ao comando do Cel José Silveira, com o 8º e 16º BI, ambos do Exército, e ainda o 10º Batalhão de Voluntários da Pátria.

Até 20 de abril a 3a Divisão foi a Vanguarda da invasão, do Forte de Itapirú até Tuiutí, e em missões de reconhecimento e proteção do presidente da Argentina Bartolomeu Mitre e Venâncio Flores do Uruguai, e do General Osorio.

Na Batalha de Tuiutí, a 3a Divisão se constituiu em fator decisivo da vitória em sua defesa a todo custo, do que resultou o Brigadeiro Sampaio haver sido gravemente ferido e perder 339 de seus bravos soldados, que representaram 33% das baixas brasileiras e 29% das baixas aliadas.

Eram comandantes subordinados de seus batalhões:

- ° BI - Ten Cel Francisco de Mesquita;

- ° BI - Ten Cel Pereira Carvalho; e

- ° Batalhão de Voluntários da Pátria - Ten Cel Doutor Pinheiro Guimarães (que foi ferido em ação).

- **7a Brigada:** ao comando do Cel Machado Bittencourt, integrada pelos 1º BI (atual Regimento Sampaio, tendo sido ferido em ação seu comandante), 6º BVP Major Agnaldo Valente, 9º BVP Ten Cel Oliveira Bueno e 11º BVP Maj Cavalcanti de Albuquerque.

Nesta Batalha, a maior batalha campal sul-americana, ocorreram 3.011 baixas brasileiras, das quais 1.033 da Divisão Sampaio - a Encouraçada - que representaram cerca de 33% das baixas brasileiras ou 29% das baixas aliadas.

O Cel Cav José Lima Figueiredo assim analisou Sampaio e sua valorosa Divisão.

“Quando o chefe é bom, a tropa colhe fartamente os louros, porém não é lhe é dado um momento de descanso, todo o trabalho difícil, áspero e perigoso é dado a ela.

A Divisão Sampaio não parava. E tal era o seu desprezo pela saraivada de metralha que recebeu o apodo de Divisão Encouraçada”.

Em 1971, no Dia da Infantaria na área do então IV Exército, comemorado em Tamboril, quando estivemos presentes, como chefe da 5ª Sec/EM do IV Exército, em companhia de nosso comandante Gen Ex João Bina Machado, um famoso poeta popular assim traduziu, em literatura de cordel, o sacrifício supremo do Brigadeiro Sampaio:

“Entre os corpos dos infantes feridos e mortos também
Da Divisão Encouraçada, que à Pátria fez tanto bem
Aos 24 de maio com o exemplo de Sampaio
A grande glória veio
Foi recolhido nos braços dos soldados de ação
Todos se achavam presos de incontida emoção
Seu heroísmo não falhou
Foi retirado da batalha com grande consternação”.

Acreditamos que o Brigadeiro Sampaio padeceu de modo indescritível seus últimos 44 dias, de Tuiutí até falecer próximo de Buenos Aires a bordo do navio Eponina, que o evacuava para aquela cidade e onde foi sepultado no cemitério Recoleta, onde esteve por três anos até ser exumado e trazido para o Brasil.

Estivemos em abril em Buenos Aires, em busca de dados, no Museu Mitre, de seu sepultamento e exumação. Mas não foi possível em razão dos museus Nacional e Mitre estarem fechados para reformas, com vistas ao Bicentenário de Independência da Argentina neste maio de 2010.

Mas solicitamos a um oficial brasileiro de Infantaria, cearense, aluno de um curso na capital argentina, que tentasse obter os dados que não

conseguimos. Temos convicção que o Brigadeiro Antônio de Sampaio, além de herói brasileiro é um herói da Argentina e do Uruguai, países que compunham a Tríplice Aliança junto com o Brasil.

Sobre o Brigadeiro Antônio de Sampaio na campanha do Paraguai, o citado historiador Dionísio Cerqueira, que é Patrono de Cadeira da AHIMTB e comandou o Casarão da Várzea como Coronel em 1891, em suas Reminiscências da Guerra do Paraguai também escreveu:

“A idéia de eu passar à Infantaria não me abandonava. Esta arma exercia sobre mim indizível fascinação. Quando passava a 3ª Divisão de Sampaio, a Encouraçada, de bandeira desfraldada, os pelotões elegantes, ao som alegre de um dobrado vibrante, não me podia conter, e punha-me a marcar passo...”

E mais adiante:

“Fui apresentar-me ao brigadeiro Sampaio”. O ilustre general, já glória do Exército, pelo valor e amor à disciplina, estava uniformizado debaixo de uma ramada lendo uma história de Napoleão Bonaparte, o seu capitão predileto. Quando me viu fechou o livro marcando-o com o indicador da mão esquerda.”

Este é um aspecto notável do Brigadeiro Sampaio, chamado de *O Infante Imortal* por um de seus biógrafos.

Ou o fato de, em 1830, o recruta voluntário Antônio de Sampaio haver ingressado no Exército semi-analfabeto e estar 35 anos depois em plena campanha do Paraguai, lendo Napoleão, até então o maior cabo de guerra da História Universal, e aperfeiçoando sua cultura em Arte da Guerra. Isto diz muito de seu auto-didatismo.

Sampaio, antes da Guerra da Tríplice Aliança, já era consagrado como um consumado condutor de homens e mestre em adestrar e empregar a Infantaria brasileira.

Arma em cujo seio ele se forjou e se destacou como bravo, modelo de líder de combate e instrutor, e disciplinador da Infantaria, a Rainha das Armas.

O Brigadeiro Sampaio vive na alma do Exército Brasileiro, e sobretudo nas melhores tradições e valores da Infantaria Brasileira, que ele ajudou a forjar, hoje cultuados pelas Legiões de Infantaria espalhadas pelo Brasil, em especial pelas grandes unidades:

- 3ª Divisão de Exército - Divisão Encouraçada, em Santa Maria;
- 6a Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria, em Porto Alegre;
- 6a Brigada de Infantaria Blindada - Brigada Niederauer, Santa Maria; e
- 8a Brigada de Infantaria Motorizada - Brigada Manuel Marques de Souza I, em Pelotas.

A nação, reconhecida ao seu grande herói, o inscreveu no Livro de Aço dos heróis do Brasil, no Panteon da Pátria, Praça dos Três Poderes, em

Brasília.

Isto, por certo lembrando Péricles, líder democrata ateniense, chefe de Estado de Atenas por 14 anos, com grande e benéfica influência na construção da Democracia grega e, ainda, em cujo século que viveu (439/338 a.C.) recebeu o seu nome. Foi dele esta declaração:

“Aquele que morre por sua Pátria serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida”

(Palestra proferida no Comando Militar do Sul em 19 de maio de 2010 em Ciclo de Palestras sobre o Bicentenário do Brigadeiro Antonio de Sampaio, Patrono da Infantaria, dentro das comemorações nacionais).

Nº 92 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

A BATALHA DE RIACHUELO

Deflagrou-se no dia 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade. É o maior feito da História Naval Brasileira. Justo, pois, que festejemos tão insofismável e contundente vitória.

Nas águas do Riachuelo, duas léguas abaixo da cidade argentina de Corrientes, bem próximo à confluência com o rio Paraná, se encontravam em linha de combate, mas de fogos apagados, nove canhoneiras da Imperial Marinha do Brasil. Estes navios, capitaneados pela “Amazonas”, constituíam a 2ª e 3ª Divisões da Esquadra, sob o comando do então Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Manoel Barroso.

Eram nove horas da manhã, quando ligeiras nuvens de fumaça denunciavam a aproximação de navios inimigos. Lança a “Mearim” o sinal de alarme e logo a “Amazonas” desfralda o “Prepara para o combate”. Um único sentimento sacode a Esquadra. “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” foi a mensagem que galvanizou o heroísmo e o espírito de luta dos nossos combatentes. Soltam-se as amarras, fogos acesos, peças e baterias em posição. Marinheiros e soldados a postos.

Descendo o rio surgem os paraguaios. São oito navios rebocando seis chatas guarnecidas de canhões de grosso calibre. Sua tripulação era constituída de homens de elite no combate corpo a corpo. Completava o Contingente uma Força de 2.000 soldados de infantaria do Exército, colocados às margens do rio.

Dá-se a luta sangrenta e brutal. Tiros cruzados, navios encalhados, tubos de vapor rompidos, vergas e mastros tombados, cascos arrebatados, escaleres voando em pedaços, guarnições dizimadas à metralha, homens ao mar, cadáveres sobre os conveses.

Agora trava-se violento combate corpo a corpo no tombadilho da “Parnaíba”, abordada por três navios paraguaios. Por várias vezes o inimigo é rechaçado e retoma suas posições. Os brasileiros combatem com inexcedível bravura. Um oficial paraguaio tenta se apoderar do pavilhão auri-verde. Não o consegue. O intrépido Guarda-Marinha Greenhalgh retoma-o, abraça-se a ele e morre sob violentas e traiçoeiras cutiladas.

Mais adiante, o legendário imperial marinheiro Marcílio Dias enfrenta, sozinho, quatro paraguaios armados de sabres e machadinhas. Abate os inimigos, mas, por fim, terrivelmente mutilado, encontra morte gloriosa.

Em meio à luta desigual, surgem, para socorrer a “Parnaíba”, os navios “Mearim” e “Belmonte”. Cadáveres enchem o tombadilho. Fogem os paraguaios. Os que não conseguem são mortos. A “Parnaíba” está salva.

Ao entardecer daquele dia, ainda se lutava na “Mearim”, na “Belmonte”, na “Beberibe” e na “Araguari”. Combate-se lado a lado com reconhecido denodo. Foi aí que o chefe Barroso tomou a decisão histórica de investir com a “Amazonas”, sucessivamente, contra três navios paraguaios, pondo-os fora de combate. Os demais fogem rio acima. Era o fim da memorável jornada.

Cortadas as pretensões paraguaias, reduzidos os suprimentos do seu exército e franqueada a navegação do rio Paraná às forças aliadas, pode Osório levar adiante o seu plano de invasão do território inimigo, possibilitando, finalmente, a Caxias a conduzir os brasileiros à vitória total, pelo aniquilamento dos últimos focos de resistência do tirano Solano Lopes.

Decorridos 145 anos dessa bela página de heroísmo, rendamos nossas homenagens e o preito de nossa saudade a quantos tingiram com o seu sangue as águas do Riachuelo e a tantos que, diante da morte ou do sacrifício, legaram o edificante exemplo da coragem e do dever para com a Pátria.

Autor: José Gurgel Guará, Advogado e Professor

Oração à Pátria Brasileira - Marechal Deodoro da Fonseca

Pátria brasileira!

Abençoada pela fulgurante luz das estrelas do Cruzeiro do Sul, estás programada pelo Senhor da Vida para que sejas, em futuro não distante, o centro de irradiação do Evangelho restaurado.

Enquanto a humanidade sofre a noite terrível que se abate sobre a Terra, e tu experimentas, solo verdejante, a sombra dominadora do descabro moral dos homens, na Consciência Cósmica que te gerou, estão definidos os desafios e rumos para que logres as tuas conquistas em futuro próximo.

Dormem, nas montanhas em que te apóias e nas intimidades das águas oceânicas do Atlântico, que te banha de norte a sul, tesouros inimagináveis que te destacarão mais tarde no concerto econômico das grandes nações.

Embora a conspiração deste momento contra as tuas matas grandiosas,

sobreviverás às ambições desconcertantes de madeireiros, pecuaristas e agricultores desalmados, e dos conciliábulos nefandos que lutam pela destruição da tua Amazônia, que permanecerá como último pulmão da terra, sustentando a sociedade que hoje se encontra sem rumo.

Padeces, na conjuntura atual, a sistemática desagregação dos valores ético-morais, políticos e emocionais, os mesmos que abalam o mundo, mas esses transitórios violadores do dever passarão, enquanto persistirá a tua destinação histórica, Pátria do Porvir!

Conseguiste libertar-te da mancha cruel da escravidão em etapas contínuas, que culminaram no gesto audaz da tua filha, que não teve pejo de, na ausência do pai, por fim ao abuso da exploração impiedosa do negro, também teu filho, no eito terrível e hediondo da perversidade.

Logo depois, já livre do jugo da pátria-mãe que te humilhava, pondo-te em subalterna situação, aspiraste por vãos mais altos, que um dia se transformaram em liberdades democráticas que sorriam para ti, e o teu pavilhão verde, azul e amarelo tremulou, numa república, que a partir de então podia compartilhar do banquete internacional realizado pelos povos livres da Terra.

É certo que ainda estertoras, neste momento de desafios, quando a cultura cambaleia, a ética desfalece, a moral se perverte e os direitos humanos esquecidos são postos à margem pelos dominadores ignorantes de um dia.

Tu, porém, sobreviverás a toda essa desdita, Brasil!

Compreende, neste momento, a desenfreada manobra dos manipuladores da opinião pública e a daqueles que te dilapidam os valores, transferindo-os para os paraísos fiscais da ignomínia e da insensatez, porque esse hediondo crime contra tua economia e os milhões de vidas, será de duração efêmera. Eles morrerão deixando tudo em contas secretas e em aplicações de que jamais se utilizarão...

Enquanto isso ocorre, gemem no teu solo os filhos da miséria, ocultos nos escombros do abandono.

As tuas vielas, ruas e avenidas nos pequenos burgos do interior, nas metrópoles, vêem e sofrem inermes, a desenfreada correria da violência que se atrela ao selvagem potro da morte, dizimando vidas, taladas em pleno alvorecer.

Paga, porém, em paciência e compaixão o preço da tua destinação histórica, na tua condição de futura pátria da paz e do Evangelho de Jesus.

Isso passará, e logo depois da noite de sombria, uma aurora de esperanças irá colocar-te no lugar que te está reservado, quando poderás oferecer lições de misericórdia e de solidariedade ao mundo que não perdoa, tu que te apresentas em forma de um grande coração simbolizando a afabilidade e a doçura.

Oro por ti, Brasil, e por vós, brasileiras e brasileiros, na condição de filho

que também sou da terra iluminada pela constelação do Cruzeiro do Sul.
(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão da noite de 16 de novembro de 2005, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Tomada de Montese- Nota dos Editores da mensagem

(...) Constatamos, em dado momento, que o ataque estava, praticamente, parando. Resolvemos, então, impulsioná-lo pessoalmente. Deslocamo-nos, assim, para frente, passando a atuar qual um Comandante de Grupo. O Sargento Comandante ponderou, achando que o Tenente estava fazendo “loucuras”, mas passou a atuar com mais energia e denodo. Avançávamos ouvindo o pipocar das granadas de mão dos alemães, as quais explodiam nas proximidades. O Grupo em ação, comigo à testa, quando se aproximava do topo das escadarias do terreno, cerca de 40 metros das duas casas e se preparava para tomar o dispositivo para o assalto, recebeu inesperada e surpreendentemente um denso bombardeio da nossa Artilharia, que nos envolveu, juntamente com o inimigo. Num relance de vista, verificamos que não houve nenhuma baixa. Então bradamos: “Avante! As casas!”.

O Grupo atingiu as posições inimigas, enquanto não se havia dissipado a fumaça da artilharia. Os alemães permaneciam no fundo de seus abrigos, quando os nossos ultrapassaram as suas posições, sabiamente camuflados. Tentaram, então, reagir, mas foram postos fora de combate. O Comandante do Pelotão procurou, imediatamente, reconhecer o terreno em frente e, quando o fazia, foi metralhado de uma das janelas laterais da casa grande, não sendo atingido, mas tendo a sua calça chamuscada. Para fugir dos tiros, saltou para o interior de uma casa ou, mais precisamente, ficou equilibrado na soleira da porta do segundo andar, não podendo penetrar no seu interior, porque o piso da mesma havia sido destruído por tiros de artilharia. Logo a seguir, viu um combatente passar correndo em sua frente, o que o fez esquecer o perigo e sair em sua perseguição, quando constatou que não se tratava de um alemão, mas sim de um soldado brasileiro, que também estava fugindo da metralha inimiga.

Após penetrarmos nas linhas inimigas, a grande preocupação do Comandante do Pelotão era a falta de ligação com a retaguarda, pois temia ser novamente bombardeado pela nossa artilharia. Com seu rádio, procurava, insistentemente, restabelecer a ligação com o Comandante de Companhia, mas não conseguia.

O 3º Sargento, José Marinho de Andrade, Comandante da Seção de Metralhadora Pesada, que nos apoiava, ouvindo pelo seu rádio que o diálogo entre estes dois Comandantes não se completava, resolveu, este graduado, com grande espírito de cooperação e enfrentando grande risco de vida, juntar-se ao Comandante da tropa, que havia, há pouco, rompido as resistências inimigas, quando então, com o seu rádio, foi restabelecida a ligação com o

Comandante da Companhia, o qual foi informado de que havíamos introduzido uma cunha na defesa adversária, mas que a situação era crítica, pois recebíamos tiros de armas tensas pelos dois flancos. O Capitão Sidney prometeu mandar um Pelotão de Fuzileiros para nos reforçar. O fato de o nosso pelotão ter sofrido bombardeio da nossa própria Artilharia foi explicado pelo General Delmiro Pereira de Andrade, Comandante do 11º RI, no seu livro O 11º RI na II Guerra Mundial, do seguinte modo:

“A 2ª Companhia está sendo bastante hostilizado nas encostas Sul de Montese. O Pelotão mais avançado tem várias baixas, inclusive seu Tenente, S/3 do RI informa ao Comandante do I Batalhão que uma concentração de dois Grupos de Artilharia ia ser desencadeada sobre as resistências de Montese. Uma mensagem urgente, às 14h, do Capitão Sidney, Comandante da 2ª Companhia, informa que o Tenente Iporan entrara em Montese sob terrível bombardeio e que suspendesse, imediatamente, a concentração que havia começado momentos antes. Um mensageiro enviado pelo Tenente Iporan informava ao Comandante de Companhia a sua verdadeira situação, isto é, que havia atingido o seu 1º objetivo: Montese”.

Realmente, o Soldado Mensageiro Melo, vencendo sozinho inúmera dificuldade conseguiu fazer chegar, numa boa hora, a minha mensagem ao Comandante de Companhia, da qual resultou a sustação do bombardeio que, há poucos minutos, se iniciara sobre o nosso Pelotão. (...)

EMANCIPAÇÃO DE URUGUAIANA



Carlos Fonttes

Escritor/artista plástico

carlosfonttes@ibest.com.br

(Tela a óleo - Autor Carlos Fonttes - vista do rio Uruguai e da ponte internacional - 2002)

A bibliografia sobre a nossa Uruguaiana, que em 29 de maio, completará seus 164 anos de emancipação é vasta e riquíssima de fatos que fizeram a sua própria história, tanto na literatura, como na iconografia deixada, onde podemos acompanhar sua trajetória e vermos, através de uma velha fotografia ou um quadro de algum artista, toda a mudança de uma época que hoje fazem parte da nossa própria vida cidadina.

Nasceu Uruguaiana sob a bandeira farrapo - daí sua denominação de *“URUGUAIANA - FILHA DILETA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA”*.

Sua toponímia está intimamente ligada às origens indígenas e a devoção cristã. URUGUÁ, em Tupi-Guarani significa “Caracol” ou “Caramujo”. E “Y” significa “Rio” - daí, “Rio dos Caramujos ou Rio dos Caracóis”. A palavra “ANA”, em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora de Sant’Ana, advindo assim a palavra URUGUAIANA, celebrada e imortalizada pelos intelectuais, filhos desta terra, com vários cognomes que ficaram na história: “Rio dos Pássaros” de Hugo Ramires, “Atalaia da Pátria” de Urbano Lago Villela e tantos outros que fizeram desta terra o seu cantar constante.

A cidade está localizada na fronteira oeste do estado, figurando como um dos mais importantes municípios do Rio Grande do Sul. Sua localização geográfica está implantada em ponto privilegiada do território gaúcho, onde faz fronteira com a República Argentina e poucos quilômetros do Uruguai. Este florescente município, e seus fundamentos de fundação, encontram-se na epopéia farroupilha, havendo sido legados por Domingos José de Almeida e assinado em seu primeiro Decreto por Bento Gonçalves da Silva e Francisco de Sá Brito, quando esse governo estava sediado na cidade de Alegrete.

Um dos jornais mais antigos do estado, “Estrela do Sul”, editado pela tipografia Republicana Riograndense, em Alegrete, publicou na íntegra, o Decreto que instituiu a criação da povoação, em data de 24 de fevereiro de 1843, sobre a margem esquerda do rio Uruguai, uma Capela Curada, que ficou denominada de CAPELA DO URUGUAI.

Pelos meados de 1846, o Decreto n°. 58, de 29 de maio, assinado pelo Presidente da Província, Patrício Correa da Câmara, elevou esta povoação à categoria de Vila, ficando assim constituído em município independente e com o seu território desmembrado da cidade de Alegrete, de que até então, pertencia àquele município, como Segundo Distrito.

Transcrevemos na íntegra o presente Decreto:

“Art. 1° - Fica elevada à categoria de Vila a nova povoação de SantAna, à margem esquerda do Uruguai e gozará de todos os foros e privilégios que por lei tem as vilas;

Art. 2° - Esta vila se chamará URUGUAIANA e nela haverá uma paróquia, desde já, sendo seu orago aquela mesma santa;

Art. 3° - O Presidente da Província marcará provisoriamente os limites do município da fronteira, submetendo-os a esta assembléia, na sua primeira

reunião, a fim de, definitivamente, serem afixados; Art. 4º - Os habitantes do município farão a sua custa e promoverá a subscrição;

Art. 5º - Ficarão consignados, devendo o Presidente da Província, dá-los por prestação, à medida que o andamento da obra o exigir, ao pároco ou a pessoa, cujo cargo ela estiver.

Art. 6º - Ficam revogadas as leis e disposições em contrário. Mande, portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertence, que a cumpram, e façam cumprir inteiramente como nela se contém”.

As comemorações de aniversário de Uruguaiana têm sido comemoradas, com maior ênfase no mês de maio, devido a ser impróprio para tal, no mês de fevereiro.

No Governo do Cel Schmidt, pelo Decreto nº. 116, de 20 de maio de 1970, oficializou a data de fundação de Uruguaiana, para 28 de maio. Embora haja divergências interpretativas quando à data de sua fundação, é bom que, diante dos fatos expostos, façamos referência às palavras do Prof. Raul Pont, que nos legou para a posteridade:

“A razão primeira da existência de uma comunidade, encontra-se no ato legal que a instituiu, quer como povoação, quer como núcleo dessa povoação”.

E assim, em 29 de maio comemora-se a data de Emancipação de Uruguaiana, quando passou a categoria de Vila, desmembrando-se definitivamente de Alegrete.

Notícias

Em 19 de maio passado, no novo Auditório do CMS/QGI, Porto Alegre, foram desenvolvidas as palestras “A Infantaria de Sampaio nas guerras do século XIX, a cargo do Cel Juvêncio Saldanha Lemos, e “Sampaio e a Guerra da Tríplice Aliança”, a cargo do Cel Cláudio Moreira Bento. As palestras contaram com as presenças de diversos generais da ativa e da reserva, bem como coronéis, civis, demais oficiais e graduados.

Em seguida, no Salão de Honra do CMS, no 5º piso, foi lançado o livro Brigadeiro Sampaio - O patrono da Infantaria, de autoria do Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, Cel Cláudio Moreira Bento.

Estas atividades fazem parte das comemorações dos 200 anos de nascimento de Sampaio.

As comemorações continuam em 24 de maio no 19º BIMtz e, no dia 06 de julho, quando se completam 144 anos da morte do Patrono, haverá as atividades de encerramento na Praça Sampaio, situada na Rua dos Andradas, próxima ao Gasômetro, em Porto Alegre.

Dos 36 anos de serviço militar de Sampaio, 21 foram no Sul do Brasil e no Prata, e 14 no Nordeste. Alguns meses foram no Rio de Janeiro. Sampaio

casou em Jaguarão e o casal teve três filhas e um filho.

Sampaio morreu em 06 de julho de 1866 a bordo do navio Eponina que o estava transportando, gravemente ferido na Batalha de Tuiutí, para o Hospital Militar Brasileiro em Buenos Aires.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS - lecaminha@gmail.com

200 anos de Sampaio

Nº 93 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**PATRONO DA INFANTARIA BRASILEIRA
- BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO -**

Gen Antônio da Rocha Almeida
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

Em 1940, foi comemorado o centenário de Bittencourt, em 1957 o bicentenário de Napion, em 1965 o centenário de Rondon, em 2001 o bicentenário de Mallet, em 2003 o de Caxias e em 2008 o de Osorio.

Completando este ciclo, em 2020 festejaremos o bicentenário de Villagran Cabrita.

Foi o Brigadeiro Sampaio, por iniciativa dos aspirantes da Turma de Infantaria de 1928 da Escola Militar do Realengo, escolhido o Patrono do Batalhão de Infantaria daquela Escola.

Essa homenagem foi prestada por sugestão de um instrutor do Realengo. Ninguém menos que o 1º Ten Inf Humberto de Alencar Castello Branco, herói da FEB e primeiro dos presidentes militares, o qual deixou seu nome positivamente gravado na História do Brasil.

Em 1930, na mesma Escola do Realengo, ampliou-se a homenagem, conferindo a Sampaio o título de Patrono da Infantaria Brasileira.

Conforme o Gen Antônio da Rocha Almeida, historiador gaúcho já falecido, Patrono de Cadeira da nossa Academia de História, Sampaio fica muito bem ao lado dos demais patronos. Tão simples e modesto como Osorio, tão destemido como Mallet e, também como Villagran Cabrita, ferido de morte em ação contra o inimigo, depois de ter salvo um exército.

Àqueles — os mais destacados nomes das outras armas — nada fica a dever o modesto filho do ferreiro de Tamboril.

Da mesma forma, Floriano Peixoto, nascido de pais muito pobres em um engenho de Maceió, chegou a Tenente-General na Monarquia e a Marechal na República. E foi, no regime que ele consolidou, o Chefe de Estado de maior

autoridade. A modesta origem parece que lhe deu mais força para vencer.

Nasceu Sampaio na povoação de Tamboril, então Capitania do Ceará-Grande. Povoação situada a 300 Km SW de Fortaleza.

Faleceu a 06 de julho de 1866, a bordo do navio "Eponina", em frente a Buenos Aires, em consequência dos ferimentos na 1ª Batalha de Tuiutí, Guerra do Paraguai, travada em 24 de maio de 1866, dia de seu 56º aniversário.

Era o segundo filho de Antônio Ferreira de Sampaio e de D. Antônia de Souza Araújo Chaves, de um total de oito filhos, sendo três mulheres.

O jovem Antônio era mais um dos tantos jovens nascidos naquele local atrasado e que por ali permaneciam toda a vida. Com 18 anos, o seu divertimento preferido era acompanhar os vaqueiros pela caatinga.

Somente um grande destino e um prodigioso esforço poderiam tirar dali um jovem pobre, para elevá-lo à posição de Brigadeiro do Império e Oficial da Ordem da Rosa.

Aos 20 anos, assentava praça como voluntário no 22º Batalhão de Caçadores, sediado no Forte de Nossa Senhora da Assunção, em torno do qual surgiu uma pequena vila, hoje a cidade de Fortaleza.

Promovido a furriel, recebeu seu batismo de fogo no violento encontro do Icó, em 1832, contra a Revolta da Abrilada. Na ocasião, o Major Francisco Xavier Torres derrotou a força do Coronel de Milícias Joaquim Pinto Madeira, que tomara armas em protesto pela abdicação de Dom Pedro I, que o afastou do trono que ele próprio erguera.

Em 1833 o jovem Sampaio viu-se envolvido no motim militar contra José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, Presidente da Província.

Era um simples furriel, e foi absolvido pela correção com a qual prestou seu depoimento, e por ter evitado, naqueles dias conturbados, o saque na cidade. No inquérito, os comerciantes se colocaram a seu favor.

Na revolta paraense da "Cabanagem", Sampaio prestou importantes serviços, até a conclusão da paz, com a vitória do exército legal do Barão de Caçapava - Francisco José de Souza Soares de Andréa, participando do ataque e tomada de Turiaçu em 1837.

Lutou, depois, na repressão da "Balaiada", que imortalizou o Coronel de Infantaria Luiz Alves de Lima e Silva, o nosso Caxias, abrindo a este o caminho da glória.

De 1838 até o fim da luta de dois anos contra os balaios, participou Sampaio de 40 combates, dos quais 36 comandou pessoalmente.

Da Balaiada em diante, os destinos dos dois infantes, Caxias e Sampaio, estiveram sempre próximos, até a Guerra do Paraguai.

Em 1839 foi nomeado Alferes em Comissão e no mesmo ano, promovido a Tenente, tendo sido destacado para a localidade de Passagem Franca, Maranhão, onde ficou até 1841, dali passando para Passos Bons e depois para Vila da Chapada.

Recolhendo-se depois à sua sede, passou Sampaio a pertencer ao 5º Batalhão de Fuzileiros.

Em 1843 foi promovido a Capitão, e classificado no 4º Batalhão.

No ano seguinte, foi nomeado Ajudante-de-ordens do Comandante das Armas e, logo depois, colocado à disposição do Presidente da Província.

Ao final de 1844, foi destacado para o exército do Barão de Caxias, então em operações contra os revolucionários do Rio Grande do Sul - a Guerra dos Farrapos.

Sampaio permaneceu na linha de frente até a paz do Ponche Verde, a 1º de março de 1845.

Dissolvido o exército de Caxias, recolheu-se o Capitão Sampaio à vila de Canguçu onde tinha, sob suas ordens, 150 praças de linha.

Três anos depois, já com 39, casava com a Srta. Júlia dos Santos Miranda, a qual passou a assinar-se Júlia Miranda de Sampaio.

Em 1849, foi mandado para a Capital do Império, a fim de aguardar nova comissão.

Classificado no 2º Batalhão, mas adido ao 5º de Infantaria, seguiu para a Província de Pernambuco, onde esteve em operações contra os rebeldes da Revolução Praieira, até o final desta.

Regressando à Capital do Império, apresentou-se à sua unidade que, em 1850, expedicionou para o Rio Grande do Sul, em vista da grave situação no Prata.

Estava criado o Teatro de Operações da Campanha do Uruguai, contra o ditador blanco Manuel Ceferino Oribe y Viana, apelidado de *Corta-Cabeças*.

Incorporado ao exército do Conde de Caxias, foi nomeado Major da 4ª Brigada, seguindo para a República do Uruguai com a 1ª Divisão, então ao comando do Marechal-de-Campo Bento Manoel Ribeiro.

Um ano depois, já integrando a divisão do Barão de Porto Alegre, Brigadeiro Manoel Marques de Souza III, tomou parte na jornada decisiva de Monte Caseros, que restituiu a justiça e a liberdade ao povo argentino, jogando no exílio de 25 anos na Inglaterra, o ditador Juan Manoel Domingo Ortiz de Rosas, então apelidado de *Tigre de Palermo*.

Seguindo para Montevidéo, Sampaio exerceu as funções de Major da 3ª Brigada, onde ficou até 1852. Promovido a Major efetivo, por merecimento, foi classificado na 4ª Brigada de Infantaria.

Aquartelado o seu batalhão na Vila de Caçapava do Sul, assumiu o comando do mesmo e da Guarnição, os quais exerceu até o final de 1853.

Nesta época, recebendo o Governo Imperial constantes reclamações de súditos brasileiros residentes no Uruguai e insistentes pedidos de intervenção vindos dos orientais, resolve o Imperador Dom Pedro II enviar àquela nação uma força de 4.000 homens, cujo comando confia ao Brigadeiro Francisco Félix da Fonseca Pereira Pinto.

Como Divisão de Observação, e depois Divisão Auxiliadora, as tropas brasileiras penetraram no Uruguai.

O Major Sampaio, comandando um batalhão dessa tropa, entra em Montevideu em maio, sendo os imperiais festivamente recebidos pelo Presidente, o General-Brigadeiro Dom Venâncio Flores Barrios, líder do Partido Colorado.

Em 1854, Sampaio é agraciado com a Imperial Ordem da Rosa, no grau de Oficial.

Com a mudança da política oriental e tendo renunciado o chefe do governo, regressou o exército, acampando na região do Piraí-Grande e retomando o nome de Divisão de Observação.

Com ela chega Sampaio, em fins de 1855, àquele acampamento, onde recebeu a Medalha da Campanha de 1851/52 e, por merecimento, foi promovido a Tenente-Coronel, sendo classificado no 6º Batalhão de Infantaria, sediado na Vila de São Gabriel.

No ano seguinte, foi distinguido com a Ordem de São Bento de Avis no Grau de Cavaleiro e em 1858 foi promovido a Comendador da Imperial Ordem da Rosa.

Em meados de 1859, deixava Sampaio o Rio Grande do Sul, por ter sido convidado pelo Ministro da Guerra para uma Comissão de grande destaque — o Comando do Corpo Policial da Corte, onde esteve até dezembro, merecendo de Sua Majestade extenso louvor, pela maneira como o exerceu, correspondendo à confiança do Governo.

Regressando ao Sul, reassumiu o comando do 6º Batalhão, em São Gabriel e, interinamente, o Comando da 2ª Brigada, da guarnição e da fronteira, com Quartel-General em Bagé.

Em 1861, foi promovido a Coronel, por merecimento, sendo nomeado comandante da 5ª Brigada.

No início de 1862, falecia sua esposa, Dona Júlia, atingida por grave doença. Tinha o casal somente treze anos de consórcio, mas com três filhas e um filho.

O filho Antônio e a terceira filha, Júlia, faleceram ainda crianças, antes da morte da mãe.

A primogênita, Leonor, teve uma filha também chamada Júlia, nascida em 1869, que veio a ser esposa do Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, ex-Instrutor da Escola Militar de Rio Pardo, o Major João Cezimbra Jacques, biografado em 2001, pelo Cel Araújo, membro-efetivo da nossa Academia de História.

A segunda filha, D. América da Conceição Sampaio, veio a falecer em Porto Alegre em 1936, com 84 anos de idade, em extrema pobreza, pois do Governo da República apenas percebia 79\$600, de montepio e meio-soldo, deixados por seu pai.

As duas meninas, Leonor e América, já órfãs de mãe, residiram em Pelotas, na casa do General Osorio, amigo de Sampaio. Após a Guerra do Paraguai, já órfãs também de pai, as mesmas vieram, por iniciativa de Caxias, residir em Porto Alegre com a avó materna, Dona Bernardina.

No Maranhão, por ocasião da Balaiada, deixou Sampaio um primeiro filho, chamado Olegário Antônio de Sampaio. Este jovem era militar e lutou na Guerra do Paraguai na mesma 3ª Divisão comandada por seu pai.

Mais tarde, em Canudos, o Major Olegário Sampaio destacou-se operando na coluna do General Cláudio do Amaral Savaget. Faleceu em Florianópolis como general reformado em 1913. Dos cinco filhos do General Olegário, quatro passaram pela Escola Militar da Praia Vermelha.

Feitos os registros familiares, voltemos ao Prata, onde a situação continuava extremamente instável. Estamos em 1864.

A selvageria dos orientais contra propriedades de brasileiros nos vários departamentos e na faixa de fronteira, levou o Império à nova guerra, depois da ineficaz ação diplomática junto ao governo blanco de Dom Athanasio Cruz Aguirre.

O comando das tropas é confiado ao Brigadeiro João Propício Menna Barreto, depois Barão de São Gabriel.

Vinham no comando das duas divisões os Brigadeiros Manoel Luís Osorio e José Luís Menna Barreto. Da 2ª Divisão faziam parte as tropas do Brigadeiro honorário José Gomes Portinho e dos coronéis Antônio de Sampaio e José Alves Valença, além de uma brigada independente de lanceiros, ao comando do velho farrapo e Brigadeiro honorário Antônio de Souza Netto.

Já Paissandú se achava cercada quando o exército de Menna Barreto deixou, em dezembro de 1864, o Pirai-Grande, rumo ao Teatro de Operações. A vila resistiu até janeiro de 1865, quando o General Leandro Gomez se entregou ao Coronel André Alves Leite de Oliveira Belo, Chefe do Estado-Maior de João Propício.

De Paissandú, marchou Sampaio para impor cerco a Montevideu, que capitulou em fevereiro, com a deposição de Athanasio Aguirre e o retorno de Venâncio Flores ao governo.

A atuação da Brigada de Sampaio nessa Campanha valeu-lhe as dragonas de Brigadeiro, por um decreto de 1865.

Avizinhava-se então o maior conflito da América do Sul, a Guerra da Tríplice Aliança, contra o ditador paraguaio Francisco Solano López Carrillo.

Em Montevideu, permaneceu Sampaio aquartelado até abril de 1865, no comando de uma Divisão de Infantaria, composta de duas brigadas.

Com a invasão do Rio Grande do Sul pelos paraguaios e após a rendição dos mesmos em Uruguaiana, a Tríplice Aliança invadiu o território inimigo no início de 1866.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche dizia que:

“quando a Pátria nos chama, nossas almas esquecem-se de si mesmas; ao seu apelo sagrado o patriota é incitado à bravura e levado ao heroísmo”.

Sampaio, com a sua Divisão foi, em abril de 1866, proteger o desembarque aliado em Três Bocas, onde se manteve por 72 horas, até a chegada das tropas amigas ao Forte Itapirú.

À frente da 3ª Divisão — verdadeira muralha contra os projéteis inimigos e, por isso, chamada "Divisão Encouraçada" — lutou o Brigadeiro Sampaio nas operações de transposição do Rio Paraná, comandadas por Osorio, na Batalha da Confluência e na Batalha do Estero Bellaco.

Conforme o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará:

“Coube a Osorio e a Sampaio a glória de serem os primeiros a pisar na terra paraguaia”.

Na marcha para Tuiutí o comando da vanguarda era do brigadeiro cearense, estando na frente o 26º de Infantaria, de sua Província.

Na região da Lagoa de Tuiutí os aliados acamparam em 20 de maio, ficando os argentinos à direita, os brasileiros ao centro e os uruguaios à esquerda.

Na véspera da batalha, comandou Sampaio o reconhecimento das posições inimigas da Linha Negra, trazendo informações e grande número de prisioneiros.

Ao voltar, rezou em voz alta com sua tropa a oração tradicional do Soldado Brasileiro à sua Padroeira, a ***Virgem da Conceição, Maria Imaculada***, e também o "Senhor Deus Misericordioso".

Em Tuiutí, combateram 55.000 homens. Sampaio, à frente da 3ª Divisão, deteve as vagas de assalto paraguaias, enquanto Mallet despejava sobre elas sua artilharia, ocasião em que pronunciou suas famosas palavras:

“Eles que venham - por aqui não passam”!

O Coronel paraguaio José Diaz, aproveitando-se de uma brecha aberta em terreno pantanoso na frente argentina, lança seus esquadrões sobre a Divisão Encouraçada. Mas os soldados de Sampaio resistem e não cedem espaço. Foi isso que decidiu a vitória.

Conforme o Barão do Rio Branco em suas *Efemérides*:

“O principal esforço do inimigo foi dirigido contra a divisão de Sampaio...”

Quando o Coronel Deodoro da Fonseca investiu pela brecha, onde Diaz se mantinha à frente de nove batalhões, fazendo-o recuar pelo menos 500 metros, oscila Sampaio no estribo de seu cavalo, com um fio de sangue a escoar-lhe pela boca. Vem o segundo ferimento, tão grave como o primeiro.

Osorio, confiante na resistência de Sampaio e de Mallet, envia-lhes seu Ajudante-de-ordens, o Capitão Corrêa de Melo, com a ordem de resistência a todo o custo. Coberto de poeira e de sangue, diz Sampaio:

“Capitão, diga ao Marechal Osório que estou cumprindo meu

dever, mas como já perdi muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir".

Quando o Capitão pedia autorização para se retirar, recebe Sampaio o terceiro ferimento, mas ainda tem tempo, antes de perder os sentidos, de pronunciar:

"Diga ao marechal que este é o terceiro!"

Antes de findar o dia a batalha estava ganha. Sampaio salvara o Exército Aliado e López perdera quase toda a sua tropa empenhada naquela frente.

Transmitindo o comando ao Brigadeiro Jacintho Machado Bittencourt, e retirado do campo de batalha para o hospital de sangue, dali foi Sampaio transferido para o Hospital de Corrientes, onde permaneceu por um mês.

A pedido dele próprio, face ao grave estado, foi embarcado no "Eponina" e evacuado para o Hospital Militar Brasileiro em Buenos Aires. No dia 6 de julho, já próximo àquela capital expirava, ainda a bordo.

Dois dias depois, foi sepultado na capital argentina.

O governo imperial, passados três anos, determinava a repatriação dos restos mortais, que chegaram ao Rio de Janeiro em 1869. Solenes exéquias foram realizadas na capela do Asilo dos Inválidos da Pátria.

Em 1871 foi transferido o corpo para Fortaleza, onde ficou depositado na Igreja da Sé, até ser recolhido ao Cemitério de São João Batista. Ali repousou até 1966, quando foi exumado para ser, em ato solene de 24 de maio, no centenário da Batalha de Tuiutí, sepultado em um Mausoléu.

Em 24 de maio de 1996, os restos mortais foram trasladados, definitivamente, para o Panteon erigido na capital cearense.

Este Panteon é localizado na área frontal da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, sede do Comando da 10ª Região Militar - Região Martim Soares Moreno.

Em sua homenagem, em 1935, foi inaugurado o "Açude General Sampaio", à época o maior açude do Ceará.

Por volta de 1956, a pequena cidade em torno do grande lago tornou-se o município chamado General Sampaio, localizado a 120 Km a SW de Fortaleza.

O governo de Dom Pedro II agraciou o Brigadeiro Sampaio — além das medalhas da Campanha do Uruguai e a de Monte Caseros — com o grau de Comendador da Ordem da Rosa, com a Venera de Oficialato da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul e com a de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Avis.

Em 1940, foi dado o nome de "Regimento Sampaio" ao 1º Regimento de Infantaria, sediado na Vila Militar, Rio de Janeiro, originário do Terço Velho de Mem de Sá.

O estandarte histórico desse Regimento ostenta um leão com três estrelas vermelhas, na lembrança do Patrono e dos três ferimentos recebidos

por ele na batalha de Tuití.

Na 2ª Guerra Mundial, foi ainda lembrado o nome de Sampaio, ao ser instituída a "Medalha Sangue do Brasil", para os feridos em ação, medalha na qual os três ferimentos estão representados por três estrelas esmaltadas em vermelho.

Internamente, Sampaio participou dos combates contra a Abrilada, Cabanagem, Balaiada e Revolução Farroupilha. Externamente, participou das guerras contra Oribe e Rosas, Aguirre e da Guerra da Tríplice Aliança.

Foram 21 anos passados no sul do país e no Prata, 14 no nordeste e alguns meses no Rio de Janeiro, totalizando 36 anos de efetivo serviço.

Pela Lei nº 11.932, de 24 Abr 2009, o Brigadeiro Sampaio teve seu nome aprovado para ter o seu nome inscrito no "Livro de Aço" dos Heróis da Pátria, existente no "Panteão da Liberdade e da Democracia" em Brasília. Finalmente, conforme o Gen Rocha Almeida:

"...ufana-se o Brasil de ter contado a seu serviço com espada tão valorosa".

Fonte: ALMEIDA, Antônio da Rocha. **VULTOS DA PÁTRIA**. Porto Alegre: Globo, 1961, Vol. 1, págs. 160/165

ATIVIDADES COMEMORATIVAS AOS 200 ANOS DO NASCIMENTO DE SAMPAIO, O PATRONO DA INFANTARIA

A AHIMTB foi convidada a participar das comemorações relativas ao Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio, na área do Comando Militar do Sul.

Dentro desse escopo, a Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, através de seu Delegado, acadêmicos e membros-efetivos organizou um Ciclo de Palestras, a ser desenvolvido na tarde do dia 19 de maio de 2010, data fixada pelo CMS.

Aprovada a programação pelo comando militar de área e pelo Presidente da AHIMTB, Cel BENTO, com a supervisão de oficiais do EM daquele comando, foram levadas a efeito as seguintes atividades:

- local: auditório do QGI, no 1º piso;
- horário: 1400 h;
- desenvolvimento: abertura, pelo Gen MOURÃO, Cmt da 6ª DE - canto do Hino Nacional - texto de abertura sobre SAMPAIO, pelo Cel CAMINHA - palestra do Cel LEMOS, com o título "A Infantaria de Sampaio nas guerras do século XIX" - palestra do Cel BENTO, com o título "Sampaio na Guerra da Tríplice Aliança" - apresentação de um audiovisual sobre os tipos de Infantaria do EB - canto da Canção da Infantaria - encerramento;
- em seguida, no Salão de Honra do QGI (5º piso), foi oferecido um coquetel aos presentes e o lançamento do livro *Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Patrono da Infantaria*, de autoria do Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO.

Em Santa Maria, no dia 24 de maio, foram desenvolvidas as seguintes

atividades:

- local: 29° BIB: auditório, pátio de formaturas e ginásio;
- horário: a partir das 17 h;
- desenvolvimento: no auditório, o Cel BENTO apresentou palestra sobre Sampaio aos militares da unidade, presentes os Cmt da 6a Bda Inf Bld, Gen SCHONS e o do 29° BIB, Cel QUINT - no pátio, formatura geral da OM, com a presença dos generais Cmt da 3a DE (Gen ARAKEN) e da 6a Bda Inf Bld, além de generais e militares da reserva e público - no ginásio, foi oferecido o coquetel e feito o lançamento do livro do Cel BENTO.

Todas as atividades, tanto em Porto Alegre como em Santa Maria, foram, coroadas de pleno êxito, tendo a AHIMTB, e também o IHTRGS, cumprido suas missões de forma peremptória.

Outras participações estão previstas para Belo Horizonte e Fortaleza, a cargo do Cel BENTO.

Pela Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara:
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Delegado
lecaminha@gmail.com

Nº 94 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

II SEMANA DE DEBATES DE TEMAS ESTRATÉGICOS: SEGURANÇA NACIONAL - UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR NAS QUESTÕES DE DEFESA



A Associação dos Artilheiros Antiaéreos e a Liga da Defesa Nacional - núcleo de Caxias do Sul - RS, promoveram na semana de 10 a 14 de maio/2010, nas dependências da Sala Castelo Branco do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea - Grupo Conde de Caxias, a II SEMANA DE DEBATES DE TEMAS ESTRATÉGICOS, com a participação de 75 inscritos.

Pelo segundo ano consecutivo, a Associação dos Artilheiros Antiaéreos e o Núcleo da Liga da Defesa Nacional de Caxias do Sul, promoveram mais uma semana de debates de temas de interesse para todos os setores da

sociedade brasileira, no que tange a paz e segurança nacional. O Brasil, além do grande potencial de recursos que possui, goza de uma econômica privilegiada nas Américas, o que suscita uma nova postura na questão de Defesa, cuja consolidação depende do envolvimento do povo brasileiro que, através do debate, vai aperfeiçoar as propostas apresentadas até então.

1. PROGRAMAÇÃO DA II SEMANA DE DEBATES DE TEMAS ESTRATÉGICOS

Segurança Nacional - Uma Abordagem Multidisciplinar nas Questões da Defesa - Prof. Gustavo Alberto Trompowsky Heck - Mestre em Segurança e Defesa da Escola Superior de Guerra e Instrutor da Escola Interamericana de Defesa em Washington - EUA.

A Indústria Nacional de Defesa - Sr. José Carlos Pereira de Carvalho - Diretor do COMDEFESA - Departamento da Indústria de Defesa da FIESP - SP.

A Estratégia Nacional de Defesa, o Acordo Militar Brasil-EUA e o Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares - Cel. Reformado Nelsimar Moura Vandeli - Coordenador Técnico de Centro de Estudos Políticos, Estratégicos e de Relações Internacionais

Jantar de Confraternização - Outorga da Medalha “Distinção do Artilheiro Antiaéreo” ao Presidente da Liga de Defesa Nacional do Rio Grande do Sul, Brigadeiro Paulo Roberto de Carvalho Ferro e ao Comandante do 12º Batalhão de Polícia Militar de Caxias do Sul, Tenente-Coronel Júlio César Marobim.

2. RESENHA DOS TEMAS ABORDADOS(solicitamos atenção dos leitores para a importância dos temas)

Segurança Nacional - uma abordagem multidisciplinar nas questões da defesa: o Professor Gustavo definiu o quadro internacional a partir da Guerra Fria, quando o sistema mundial de poder era bipolar, com duas grandes potências de domínio político, econômico, militar e tecnológico: os EUA e a URSS. Com a derrocada dos soviéticos, os EUA emergem como a grande potência que utiliza a “Indústria de Guerra” como combustível da sua economia e o poder fica distribuído em cinco países: os EUA, a Inglaterra, a França, a Rússia e a China. Surge o terrorismo como uma nova ameaça à soberania dos povos, colocando em polvorosa os sistemas de controle e segurança dos países, por ser um fenômeno com características de resposta rápida e pronta, desencadeado por pessoas ou grupos em nome de causas religiosas, políticas, econômicas, sociais, étnicas, etc. O mundo está vivendo o que denomina de “hipocrisia nuclear”, onde oito países têm potencial nuclear, enquanto os outros não podem dispor de arsenais, como o Brasil, cuja discussão define que a redução dos arsenais não podem ultrapassar a quantidade de 1.500 ogivas. Quantas ogivas seriam necessárias para destruir o planeta? A população do planeta está envelhecendo, trazendo consigo as suas dificuldades na questão de geração de emprego e de assistência social e previdenciária. A pobreza migra da Ásia para a América Latina. A necessidade de recursos para o futuro, como água potável,

energia e alimentos vai suscitar o interesse para aquele país que tiver provido deles e que vai, certamente, desequilibrar as forças. Este país corre o risco de ser obrigado a fornecer estes recursos pela força. O novo formato de guerra será feito por meios militares e não-militares, com o fim de submeter povos, fazer a guerra de recursos, com o interesse de controlar países e regiões dotados de riquezas. Quem será o nosso inimigo? Não se sabe, pois em relações internacionais, não há amigos e nem inimigos, mas interesses. A geopolítica do século XXI está voltada para as questões de recursos naturais, mudanças climáticas, as migrações e as reivindicações territoriais para domínio das riquezas naturais. Muito embora o mundo pregue que os novos inimigos são a pobreza, o crime, as drogas, a corrupção, os desastres e o terrorismo, e que não há necessidade de investimentos em defesa, em re-aparelhamento das Forças Armadas, o Brasil não quer fazer parte deste pensamento. Por isso, a estratégia nacional de defesa está sendo discutida e envolvendo a sociedade brasileira, tornando-se elemento forte e consistente para reativar a indústria de defesa, as parcerias internacionais com transferência de tecnologia, reforçando o poder dissuasório. A atualidade exige mostrar força e grandeza. Para tanto, é necessário ter autoridade, que se consolida somente com poder coercitivo. A Indústria Nacional de Defesa: a Estratégia Nacional de Defesa tem como objetivo também a reestruturação da indústria brasileira de material de defesa com o propósito de assegurar o atendimento das necessidades de equipamento das Forças Armadas, apoiadas em tecnologias sob domínio nacional. O objetivo é dar prioridade ao desenvolvimento de capacitações tecnológicas independentes, com parcerias internacionais, com transferência de tecnologia, sempre buscando o teto tecnológico. Além disso, subordinar as tratativas comerciais aos imperativos estratégicos. Para tanto, há que se buscar a sustentação econômica, dar continuidade aos programas, fazer a atualização tecnológica, preservar a capacitação adquirida, organizar o regime legal, regulatório e tributário da indústria nacional de material de defesa. A formação de recursos humanos é de suma importância para este processo, exigindo uma política de formação de cientistas, em ciência aplicada e básica. A parceria internacional vai reduzir progressivamente a compra de serviços e de produtos acabados no exterior, contemplando a pesquisa e a fabricação no Brasil - o país deixa de ser um cliente para tornar-se um parceiro. Integrar as universidades para a pesquisa de itens necessários à defesa. A Estratégia Nacional de Defesa (END), o Tratado Militar Brasil-EUA e o Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares: finalmente está se criando no seio da sociedade brasileira a mentalidade de defesa nacional. Por mais de dois séculos, o Brasil construiu meios de defesa para manter a sua soberania. As novas gerações precisam retomar este processo interrompido e criar condições para o funcionamento saudável da indústria de defesa brasileira, apoiar a reorganização e recomposição dos efetivos das Forças Armadas. O mundo sofreu diversas

mudanças sociais, econômicas, demográficas e tecnológicas, como a queda do muro de Berlim, o colapso Soviético, a criação do Mercado Comum Europeu, a globalização acelerada pelos meios eletrônicos-tecnológicos, numa velocidade surpreendente. O país ainda não tem o seu “Livro Branco de Defesa”, baseado no nível político (o que fazer) e estratégico (como fazer?). Apesar de ser um país totalmente fechado, a China já está no seu quinto “livro branco”. A sociedade brasileira precisa participar e apoiar as movimentações do governo federal na compra de equipamentos militares para reforçar sua capacidade de defesa. O Brasil a cada dia ganha projeção e candidata-se a assumir mais responsabilidades no cenário internacional. Portanto, precisa reunir condições de enfrentar os desafios inerentes a este papel, num século que já nasceu sob o signo de novos conflitos e riscos geopolíticos.

A dissuasão é o segredo de manter-se imune a qualquer tipo de ameaça. Um país que possui 64% da Amazônia, extensa faixa marítima e uma área equivalente à da Europa ocidental não pode prescindir de meios de proteção costeira, de rotas comerciais, fronteiras e campos petrolíferos - agora mais valiosos com as reservas do pré-sal. Não se trata de postular uma política de defesa extensiva, pesada e custosa, mas de fornecer às Forças armadas acesso a equipamentos modernos, de modo que possam treinar efetivos e multiplicar sua capacidade de atuar com eficiência e agilidade, principalmente equilibrando a destinação de recursos para suprir equitativamente as três forças, onde o Exército tem o menor quinhão de recursos. O Brasil e EUA assinaram, em 12 de abril passado, um acordo de cooperação para facilitar as relações militares entre os dois países, para intercâmbios nas áreas de pesquisa, segurança tecnológica, treinamento militar, suporte logístico e aquisição de produtos e serviços de defesa. O acordo inclui a aplicação da "cláusula de garantias" exigida pela Unasul (União das Nações Sul-Americanas) onde está prevista a não intervenção, integridade e inviolabilidade territorial - não poderá haver interferência em assuntos internos. A construção de bases militares de um país no outro não está cogitado. Porém, o Brasil é o único país que permite acesso às instalações militares existentes. É algo polêmico e que precisa ser revisto e debatido pela sociedade brasileira. Em nenhum lugar do mundo os países permitem que se visitem bases militares ou arsenais. Na questão do tratado de não-proliferação de armas nucleares, este instrumento divide o mundo entre os que tem e os que não tem arsenal nuclear, uma verdadeira expressão dos desequilíbrios do sistema internacional. Quem detém os arsenais, tem proeminência política internacional e o tratado não respeita e não dá garantia de segurança aos povos. O Brasil defende a eliminação dos arsenais. Infelizmente os cinco líderes do conselho de segurança da ONU são os detentores de arsenais nucleares. É a hipocrisia nuclear, que a sociedade brasileira precisa tomar consciência e participar deste debate. Por outro lado, o

Brasil atua como mediador da questão do Irã, defendendo a idéia do projeto nuclear para fins pacíficos. O Brasil tem uma sólida e reconhecida tradição diplomática voltada para o entendimento e a solução pacífica de conflitos. É justamente para preservar este patrimônio que a defesa nacional, submetida aos devidos controles políticos e constitucionais, adquire papel mais relevante, mas somente vai se consolidar com o envolvimento do povo brasileiro, através do debate, para aprimorar este processo.

3. Encerramento da II SEMANA DE DEBATES DE TEMAS ESTRATÉGICOS

Na sexta-feira, dia 14 de maio, os participantes da II Semana de Debates de Temas Estratégicos reuniram-se nas dependências do Restaurante Di Paolo, em Caxias do Sul, para confraternizar o sucesso do evento. O jantar foi precedido de atividades protocolares, com canto dos hinos Nacional Brasileiro e Rio-grandense, agradecimentos e outorga de medalha à personalidades de destaque. Estavam presentes, representantes do Executivo Municipal de Caxias do Sul, o Comandante do 3º GAAAé, o Comandante do 12º BPM de Caxias do Sul, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e da Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul.

Outorga da MEDALHA “DISTINÇÃO DO ARTILHEIRO ANTIAÉREO”:

A Medalha “Distinção do Artilheiro Antiaéreo” é uma comenda criada para homenagear cidadãos cujo trabalho se identificam com os objetivos propostos pela Associação dos Artilheiros Antiaéreos. Na ocasião, foi entregue a referida distinção ao Sr. Brigadeiro Paulo Roberto de Carvalho Ferro - Presidente da Liga de Defesa Nacional do RGS e ao Comandante do 12º Batalhão de Polícia Militar de Caxias do Sul, Tenente-Coronel Júlio César Marobim, que fez o seu pronunciamento em nome dos agraciados.

Rua Cremona, 10 - Sala 31 - Bairro São Pelegrino - CEP 95010-150 - Caxias do Sul - RS - Tel.: (54)

8125.4295 - Tel./Fax: (54) 3027.1777

Em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, através da sua Delegacia para o RS - Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), cumprimos os organizadores do evento pela excelência e oportunidade dos temas, fazendo votos que nos anos vindouros o mesmo possa ser repetido, cada vez com mais relevância (Cel Caminha).

Monumento ao Tenente Expedicionário - AMAN - (Curiosidade Histórica)

O famoso monumento em homenagem ao Tenente da FEB, erguido à entrada da AMAN, foi inaugurado em 1951. O cadete de Infantaria Amaury Sá Freire de Lima, declarado Aspirante-a-Oficial naquele ano, foi quem posou para o construtor da magnífica obra. Em artigo escrito em 2001, alusivo aos cinquenta anos da “Turma Academia Militar das Agulhas Negras”, declarou o saudoso General de Divisão Carlos de Meira Mattos, Herói da FEB e ex-Instrutor Chefe do Curso de Infantaria:

“Foi uma Turma que soube dignificar o Exército. Deixou na AMAN, por sua iniciativa, um símbolo de bronze e mármore imorredouro, o Monumento de Homenagem do Tenente das Agulhas Negras ao Tenente do Realengo que morreu na FEB”.

O cadete que posou para o arquiteto deste monumento,

“em atitude de avanço, uniforme de combate, fuzil para o alto, olhar enérgico”, lembram-se quem foi??? O Amaury, que ali ficou na AMAN, perpetuado no bronze da História, lembrando vocês todos da Turma de 1951. O monumento foi construído na oficina da Casa da Moeda, graças à influência do Mário César (que atingiu o Generalato), cujo pai era Diretor”.

O hoje Gen de Divisão Reformado Amaury Sá Freire de Lima reside em Belo Horizonte (MG). Cel Manoel Soriano Neto - Sócio Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

MÁXIMAS

*Mantenha suas palavras positivas, porque suas palavras tornam-se suas atitudes.
Mantenha suas atitudes positivas, porque suas atitudes tornam-se seus hábitos.
Mantenha seus hábitos positivos, porque seus hábitos tornam-se seus valores.
Mantenha seus valores positivos, porque seus valores...tornam-se seu destino”.*

(Mahatma Gandhi)

“Não venci todas as vezes que lutei. Mas perdi todas as vezes que deixei de lutar”. (anônima)

“A coragem é a primeira das qualidades humanas, porque é a que garante as outras”. (Aristóteles).

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara**

Nº 95 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

JOSÉ FRANCISCO DE SAN MARTÍN Y MATORRAS

Em 25 Fev 1778, nascia em Yapeyú, aldeia missioneira argentina às margens do rio Uruguai, em frente ao Brasil, o menino, filho do tenente espanhol Juan de San Martín e de Dona Gregoria Matorras, que se chamaria José Francisco de San Martín y Matorras e seria o maior general argentino.

O pai possuía o cargo de *tenente-governador* do departamento. A mãe era sobrinha de um conquistador da região do Chaco. Tinha oito anos de idade quando a família retornou à Espanha. Lá, frequentou o *Seminário de Nobles*, em Madrid, e quatro anos depois assentou praça como cadete do Regimento de Múrcia.

Na África, em campanha contra os mouros de Oran, teve o seu batismo de fogo em Melilla. Aos 15 anos, já calejado, foi transferido para o Exército de

Aragón, em luta contra os franceses.

Em 1797, foi promovido a subtenente por conduzir ações contra os franceses de Napoleão Bonaparte na região dos Pireneus. No período seguinte, luta no sul da Espanha, em Gibraltar e Cádiz, atingindo o posto de 2º capitão de infantaria ligeira.

Em 1808, Napoleão invade a Península Ibérica e o rei Fernando VII de Espanha é feito prisioneiro. Inicia-se a rebelião contra o irmão, José Bonaparte, proclamado Rei da Espanha.

Estabelecida uma Junta de Governo em Sevilha e logo depois em Cádiz, contra o governo de Dom José I, San Martín é promovido ao cargo de ajudante do 1º Regimento de Voluntários de Campo Mayor. Promovido pelas ações contra os franceses, logo se torna capitão do regimento. O exército ataca os franceses e os vence na batalha de Bailén, em 19 Jul 1808. Nela se destaca San Martín. Esta vitória permite ao exército espanhol da Andaluzia recuperar Madrid, e foi a primeira derrota importante das tropas de Napoleão.

San Martín recebe o posto de tenente-coronel e é condecorado com a medalha de ouro. Continua a lutar contra os franceses no exército dos aliados: Espanha, Portugal e Inglaterra. Combate sob as ordens do general Beresford na batalha de Albuera. É muito provável que esses contatos com os franceses lhe tenham despertado sentimentos republicanos e revolucionários.

Em 1811 era tenente-coronel do Real Exército Espanhol, lotado no Regimento de Cavalaria de Bourbon. Tinha 22 anos de serviço e um promissor futuro pela frente. No currículo, lutas contra os mouros, franceses, ingleses e portugueses. Era fluente em francês, inglês e italiano. Soube então da confusão política no Prata e dobrou-se ao seu destino. Com dignidade e discrição, pediu baixa do exército espanhol e seguiu para Buenos Aires, via Londres, onde foi iniciado na Maçonaria, junto com Carlos Maria de Alvear, Zapíola e Tomás Guido.

Em 1812, a bordo de uma fragata inglesa, esses homens seguiram para Buenos Aires, onde chegaram 50 dias depois e foram inicialmente recebidos como espiões. Justificável essa desconfiança. Não podemos esquecer que a revolução platina enfrentava uma guerra externa e suportava uma anarquia interna. Superadas as desconfianças, San Martín ofereceu os seus préstimos à causa revolucionária americana, deixando bem claro que a única coisa que sabia fazer era ser soldado. Absolutamente não era político.

Sobre o San Martín maçom, em Buenos Aires já havia presença maçônica. Em 1795, Santiago de Liniers havia tentado a “Logia del Rito Azul”, um centro propagador do ideário da Revolução Francesa; em 1804, surgiu a Loja “San Juan de Jerusalém”, criada pelo português João da Silva Cordeiro; em 1806, espanhóis criaram a “Estrella del Sur”, com o objetivo de resistir contra as invasões inglesas; os ingleses responderam criando as Lojas “Hijos de Hiram” e a “Ordem de los Sublimes Caballeros Templarios”. Mas foi com San

Martín e seus companheiros que a Maçonaria platina tornou-se atuante. San Martín, Alvear e Martín Zapóla criaram um “Triângulo Maçônico”, ao qual deram o nome “sociedad de los Siete”. Esse Triângulo evoluiu para uma corporação plena, oficializada em 1812 sob a denominação de “Loja Lautaro”, personagem de um poema épico escrito por Ercilla. Lautaro, patrono da Loja Maçônica, é ícone da História do Chile, considerado o primeiro general chileno e o estrategista que conduziu os índios mapuches (araucanos) na resistência aos espanhóis. Ercilla é o grande poeta e soldado espanhol Alonso de Ercilla, autor do poema épico “La Araucana”, em que canta essa campanha militar. O livro foi dedicado a Felipe II. Alonso de Ercilla é nome de escolas, logradouros, edifícios, etc. no Chile. O fundador da Loja Lautaro foi Francisco Miranda, precursor da independência da Venezuela, que tomou como patrono o índio símbolo da resistência ao domínio espanhol.

Essa Loja funcionava na Calle Parque (hoje Lavalle).

San Martín convenceu o governo de Buenos Aires de que a progressão do Exército do Norte estava definitivamente empacada e que a única maneira de a revolução chegar ao Peru - *“Hasta que entremos en Lima, la guerra no se acabará!”* - era mediante um gigantesco e estratégico desbordamento pelo Chile, idéia de um visionário, impossível de se concretizar. Mas o *Director* Juan Martín de Pueyrredón ousou admiti-la e teve a grandeza de confiar a San Martín tal missão. Para tanto, nomeou-o governador da província de Cuyo, à meia encosta dos Andes. Dessa forma, em fins de 1814, San Martín instalou-se em Mendoza, para organizar o que seria o “Exército dos Andes”. Tinha 30 anos de idade e sua maior característica pessoal, para espanto dos platinos, era a austeridade.

Com paciência e competência, criou um exército do quase nada. Entre outras coisas, sinos de igrejas foram fundidos e transformados em canhões. Um ex-padre, don Luiz Beltrán, que havia trocado a batina pela farda de coronel do exército andino, muito o auxiliou nisso. Entre outras providências, San Martín proibiu dois padres, muito suspeitos, de ouvir as confissões de seus oficiais. E esses seus oficiais, aos quais chamava de “meus rapazes”, o idolatravam. Era uma plêiade de elite, cujos nomes passaram a ilustrar a história argentina, como Tomás Guido, Federico de Brandsen, Lúcio Roberto Mansilla, Juan Lavalle, Félix Olazabal, José de Olavarría, Tomás Iriarte, Angel Pacheco, etc.

Certa ocasião, em momento de aperto financeiro, San Martín baixou decreto reduzindo pela metade os soldos dos integrantes de seu exército. Não se ouviu uma só reclamação. Isso porque dava o exemplo: a sua bagagem pessoal, tudo o que tinha na vida, cabia no dorso de uma única mula.

E assim, em 1817, o general don José de San Martín sentiu-se em condições de cruzar os Andes e avançar sobre o Chile. No Chile, as coisas estavam difíceis para os patriotas americanos. Lá também o domínio colonial espanhol fora posto em xeque, em 1810. No dia 18 Set desse ano, organizou-

se uma Junta Governativa em Santiago, a fim de administrar a Capitania enquanto o rei Fernando VII estivesse preso.

Um mês depois, lá chegou e foi ouvido um entusiasmado emissário da Junta de Buenos Aires. Deve ter sido convincente, pois, no ano seguinte, os chilenos convocaram um Congresso Nacional para decidir sobre o seu futuro político. Tal Congresso, dividido entre conservadores (que queriam uma colônia autônoma), realistas (que defendiam a continuidade da total subordinação à Espanha) e radicais (que exigiam a imediata e total independência) nunca chegou à conclusão nenhuma.

O clima era efervescente e o Vice-Rei do Peru tratou de enviar um "exército pacificador" ao Chile, sob o comando do Gen Pareja. Os chilenos resistiram, sob a patriótica liderança de don José Miguel Carrera, e a luta que seguiu foi violenta, com cruéis retaliações de parte a parte. Os soldados de don Carrera, particularmente, ganharam fama como "[...] *furibundos ébrios y asesinos desalmados*".

Em abril de 1813, as tropas realistas de Pareja já dominavam quase todo o território chileno. Pouco depois, com o restabelecimento do rei don Fernando VII, foi conseguido um acordo de paz, conhecido como Tratado de Lircay, celebrado a 03 Mai 1814. Pelos chilenos, assinou Bernardo O'Higgins; pelos espanhóis, o Gen Gainza. Pelo tratado, o Chile submetia-se ao rei Fernando VII, as tropas realistas retornariam ao Peru e os chilenos pagariam uma indenização à coroa espanhola. O tratado não vingou. O Vice-Rei do Peru negou-se a homologá-lo e a luta continuou.

No dia 02 Out 1814, o exército realista derrotou completamente os patriotas na *Batalha de Rancagua*. Os chilenos que conseguiram escapar da matança que se seguiu cruzaram os Andes e refugiaram-se em Mendoza, onde foram acolhidos por San Martin, em 1815. Em sua maioria, eram bandidos mesmo. San Martin os disciplinou com energia. Incorporou ao seu exército os que queriam ser soldados, desarmou e dispersou os restantes.

Em janeiro de 1817, San Martin começou a travessia dos Andes. Uma epopéia que não pode ser descrita com palavras. Resta imaginá-la. A frente era de 800 quilômetros. A travessia, de 300 quilômetros. As alturas a vencer, 5.000 metros. Terreno inóspito e sem recursos, permanentemente varrido por ventos gelados. Isso sem falar da neve. Um desafio digno de um formidável soldado:

"Lo que no me deja dormir es, no la oposición que puedan hacerme los enemigos, sino el atravesar estos inmensos montes" escreveu San Martin.

Há o registro de que o general Lecór, lá em Montevidéu, apostou uma dúzia de garrafas de champanha com o Dr. Santiago Vásquez, dizendo que San Martin não conseguiria atravessar os Andes. Perdeu e pagou. San Martin dividiu suas forças, algo em torno de 5.000 homens, em três colunas: uma ao norte, pelo Paso de Olivares; uma ao centro (o grosso da tropa), pelo Paso de Uspallata e Paso de los Patos; uma ao sul, dirigida sobre Talca. Em reserva, no

rastrado do grosso, os chilenos de don Bernardo O'Higgins. Comungados com os humanos, 10.000 mulas, 1.600 cavalos e 600 reses.

O Exército dos Andes cruzou o vale do Aconcágua e surpreendeu os 2.000 realistas do general Rafael Maroto, aos quais derrotou na Batalha de Chacabuco, no dia 12 de fevereiro de 1817. Foi uma bratalha feia: 500 mortos, 600 feridos graves. No dia seguinte, o Exército dos Andes ocupou Santiago, aprisionando o seu governador, general Marco. Vibrando, os chilenos ofereceram a chefia do governo a San Martin, que a recusou. Era soldado, não político. E passou esse encargo a don Bernardo O'Higgins, que o assumiu, com o título de *Director Supremo*.

Don Bernardo O'Higgins, o patriota que um ano depois proclamaria oficialmente a Independência do Chile, estava preparado para isso. Era filho, ainda que ilegítimo (mãe *criolla*), de don Ambrose O'Higgins, um irlandês que entrara para o serviço do rei da Espanha e saíra-se muito bem, sendo agraciado com o título de Marquês de Vallemar y Osorno e nomeado Vice-Rei do Peru e Governador do Chile. Culto, havia feito os seus estudos na Europa, onde também fora iniciado na Maçonaria. Não teve pejo em reconhecer que a independência do Chile fora conquistada graças a San Martin e seus soldados platinos:

Nuestros amigos los hijos de las Provincias Unidas del rio de la Plata, acaban de recuperanos la libertad usurpada por los tiranos [...]. Há sido restaurado el reino de Chile por las armas de las Provincias Unidas del rio de la Plata, bajo las ordenes del General San Martin.

O próprio San Martin estava exultante com a sua façanha: "En veinticuatro días hemos hecho la campana: pasamos la cordillera más elevada del globo, concluimos con los tiranos y dimos la libertad a Chile".

E, antes que esse mesmo ano de 1817 se findasse, houve uma nova e estrondosa vitória sobre os realistas, na Batalha de Talcahuano, travada no dia 7 de dezembro. Toda essa vitoriosa euforia, entretanto, ainda era prematura. O Vice-Rei do Peru, don Joaquin de la Pezuela, ficou furioso quando soube do ocorrido em Chacabuco e imediatamente começou a organizar um exército para enviá-lo ao Chile. Forte em mais de 5.000 homens, esse corpo era comandado pelo general don Mariano Osório, genro do vice-rei, tendo como auxiliares os famosos brigadeiros Ordones e Primo de Rivera.

Esse exército embarcou no porto de Callao, em fins de 1817 e desembarcou em Talcahuano, ao sul de Santiago, em janeiro de 1818. De imediato, começou a marcha na direção da capital.

Do Alto Peru, as informações eram de que o gênio, capacidade e liderança de San Martín haviam conseguido estabilizar a frente militar. Trabalhara arduamente para reestruturar um exército em frangalhos. E nos seus relatórios eximia Belgrano de qualquer responsabilidade pelos desastres em Vilcapuyo e Ayohuma. Reconhecia que não tinha as mínimas condições

para continuar a marcha para o norte; mas, em compensação, assegurava que os realistas não tinham como recomeçar uma ofensiva para o sul. Um impasse total, que bulia com os nervos de todo o mundo.

O exército patriota estava acampado em Las Tablas, distante cerca de 30 quilômetros de Valparaíso, e logo se pôs em movimento na direção sul, a fim de interceptar a marcha realista. O encontro entre os dois exércitos deu-se no dia 19 de março de 1818, próximo a Talca. Seguiu-se a Batalha de Cancha Rayada, onde os patriotas foram fragorosamente derrotados. O'Higgins foi ferido em combate e San Martin, assustado, retraiu para Santiago.

Foi um momento crucial para a revolução americana. San Martin recompôs suas forças e partiu novamente para o sul, a enfrentar o avanço realista. Seria um jogo de tudo ou nada! O novo encontro deu-se na Batalha de Maipu, a 15 quilômetros de Santiago, no dia 5 de abril de 1818. A vanguarda realista era formada pelo Regimento de Burgos, afamado por nunca haver perdido uma batalha. Pois perdeu aquela! A vitória patriota, além de vital, foi estupenda, e cruenta. O historiador Mitre a classifica como a mais renhida da independência sul-americana. Os espanhóis tiveram mais de mil mortos e dois mil prisioneiros, entre esses o próprio general Ordóñez. As baixas patriotas foram de um milhar de mortos e feridos, a maioria negros libertos de Cuyo, que San Martin havia incorporado ao Exército dos Andes. A crônica registra que, após a batalha, San Martin estava inconsolável: "*Mis pobres negros*".

A importância da batalha de Maipu foi tamanha que lá no norte, ao dela saber, Simon Bolívar declarou: "*El día de América há llegado*". Era verdade. Após Maipú, o Vice-Rei do Peru desistiu definitivamente de intervir no Chile e no Prata, dedicando-se apenas a defender o Peru. Após Maipú, San Martin foi chamado a Buenos Aires. Em maio de 1818, apresentou-se ao governo das Províncias Unidas do Rio da Prata para receber ordens.

A idéia dos governantes buenaireses era a de que o Chile já havia sido suficientemente ajudado e que, agora, as atenções militares tinham que ser voltadas para o Prata, a fim de pacificar as províncias permanentemente rebeladas e para uma quase certa luta contra os portugueses, na Banda Oriental. San Martin discordou com veemência. Contradiu, reafirmando que as prioridades militares revolucionárias deviam continuar dirigidas contra a sede do poder colonial espanhol, isto é, o Peru.

O governo manteve a sua posição e, diante disso, San Martin renunciou ao comando do Exército dos Andes. Protegido, porém, por seus "irmãos" da Loja Lautaro, foi mantido no posto e autorizado a voltar ao Chile.

A sua atenção era toda para a concebida campanha sobre o Peru. Para neutralizar as forças navais espanholas na costa do Pacífico, contratou um escocês - Lord Thomas Cochrane - um almirante mercenário que faria qualquer coisa por dinheiro (e que cumpriu essa missão). Mas em 1819, impotente ante as revoltas em Santa Fé e Entre-Ríos, o governo de Buenos Aires despachou

taxativa ordem para que San Martin retornasse ao Prata com o seu exército e "pacificasse" as províncias rebeladas. Em uma derradeira e até dramática tentativa de não perder a Província Oriental, o Director Pueyrredon expediu ordens para que San Martín retornasse do Chile com seu exército e atacasse as tropas portuguesas de Carlos Frederico de Lecór.

Talvez pela primeira e única vez na vida, o general San Martin desobedeceu a uma ordem legal e negou-se a retornar. Sua motivação maior era não se envolver nas lutas intestinas, mantendo o seu exército imune ao contágio federalista e sempre voltado para uma missão superior: atacar o Peru. Estava, todavia, plenamente consciente do peso dessa decisão. Em carta a don Bernardo O'Higgins, reconheceu: "*Se vá a descargar sobre mi una responsabilidad terrible; pêro si no se emprende la Expedición del Peru, todo se lo lleva el diablo*".

O nome do Exército dos Andes foi alterado para *Ejército Libertador del Peru*. Os 4.118 homens que o compunham - 2.313 platinos e 1.805 chilenos - foram distribuídos em seis batalhões de infantaria, dois batalhões de artilharia e dois regimentos de cavalaria. Sempre secundado por seu fiel amigo e chefe de seu Estado-Maior, don Juan Gregório de las Heras, San Martin embarcou essa tropa em 16 navios de transporte e, escoltado por oito navios de guerra e 11 lanchas canhoneiras, partiu do porto de Valparaíso para o Peru, no dia 20 de agosto de 1820.

No dia 07 Set 1820, chegou à Baía de Paracas, onde a tropa desembarcou e ocupou a localidade de Prisco. Nesse local, a primeira providência de San Martin foi incorporar ao seu exército mais negros libertos. O Vice-Rei do Peru ficou apavorado. Sem condições militares para enfrentar esse desafio - dispunha de mais de 20.000 homens, mas que estavam espalhados por todo o Peru - tentou uma negociação. Nos dias 12 a 14 de setembro de 1820, os emissários do vice-rei Pezuela e do general San Martin conferenciaram na localidade de Miraflores. As conferências não obtiveram nenhum resultado: San Martin exigia a rendição incondicional. Diante disso, as hostilidades recomeçaram.

No dia 3 de outubro de 1820, San Martin despachou o seu general Arenales para a serra, a sublevar o povo, e reembarcou o grosso de sua tropa, tomando o rumo de Callao, a mais forte cidadela espanhola na costa do Pacífico. O desembarque de San Martin na Baía de Ancón, a 36 quilômetros de Lima, provocou um golpe-de-estado no Vice-Reinado do Peru. O Vice-Rei Pezuela foi deposto, acusado de covarde e incompetente, assumindo em seu lugar o general La Serna. La Serna também tentou um acordo com San Martin. A conferência entre ambos, em Punchauca, também não deu em nada. E a guerra se prolongou, cruel e desnecessariamente, por mais quatro anos. Com Callao e Lima sitiadas e os peruanos aderindo em multidão às forças de San Martín, o Vice-Rei La Serna evacuou Lima, no dia 6 de julho de 1821, indo para

o vale do Yaupa. Nesse mesmo dia, as avançadas de San Martín chegaram à capital do poder colonial espanhol nas Américas.

Lima foi ocupada sem luta. No dia 9 de julho de 1821, o general San Martín instalou-se nessa capital. E, no dia 28 de julho de 1821, proclamou a Independência do Peru! Pessoalmente, redigiu a sua Constituição e desenhou a sua bandeira. Assumiu o governo sob o auto-outorgado título de *Protector del Peru*. Conspirações realistas, verdadeiras ou não, foram afogadas em sangue.

Com mais negros libertos, criou o Exército Peruano, com o nome de *Legión Peruana*, cujo comando foi entregue aos seus coronéis Miller (inglês) e Brandsen (francês). E, como nem só de vitórias vive o soldado, rendeu-se a uma morena, Rosa Campusano, a partir daí tida e havida como a amante oficial do *Protector*. À propósito, em fins de 1812, em Buenos Aires, San Martín, então com 34 anos, havia contraído núpcias com Maria de los Remedios de Escalada, uma menina de 15 anos. Esse matrimônio, marcado pela permanente separação do casal, produziu uma filha, de nome Mercedes. A Senhora Maria de los Remedios faleceu em três de agosto de 1823.

Quanto ao Peru, mesmo com a independência proclamada, ainda convivia com um exército realista, intacto, retirado nas montanhas andinas.

Enquanto isso, Simon Bolívar vinha descendo, batendo os realistas em furiosos encontros, aos quais se seguiam horrorosos acertos de contas. Conquistou Guayaquil, o mais importante porto espanhol no Pacífico e o anexou à Grã-Colômbia. A partir dali, lançou o seu melhor general, don António José de Sucre, um moço de 25 anos, mas duríssimo com o inimigo "[...] *um lírio de neve sobre um charco de sangue* [...]" como sua vanguarda, na direção de Quito.

A oposição das tropas realistas aumentou e Sucre viu-se obrigado a pedir socorro a San Martín, que o acudiu com 1.500 homens, sob o comando do general Andrés de Santa Cruz. Fortes assim, os americanos saíram vitoriosos na Batalha de Rio Bamba, no dia 21 de abril de 1822, e Batalha de Pichincha, no dia 24 de maio de 1822, esta última a apenas 18 quilômetros de Quito e que foi decisiva para a rendição daquela praça. E foi ali que o general Sucre proclamou a Independência do Equador! No dia 16 de julho de 1822, Simon Bolívar entrou triunfalmente em Quito. Foi lá que conheceu dona Manuela Sáens, "*la libertadora del Libertador* [...]".

É bem conhecida a alegoria de que Bolívar e San Martín foram como dois engenheiros que abriram um túnel, um em cada lado da mesma montanha, mas que devido à falta de ligação e planos comuns, não sabiam se, onde ou quando iriam se encontrar.

Por isso, a aproximação dos exércitos de San Martín e Bolívar - que, inclusive, até já estavam operando em conjunto - trouxe consigo um problema inquietante e que ainda não havia sido sequer apreciado: quem seria o comandante supremo a partir daí, na continuidade da luta contra os realistas que resistiam no Peru? Problema delicado e perigoso. Por muito menos, os

patriotas americanos se engalfinhavam em lutas fratricidas. Em suma, dois tigres não moram no mesmo mato...

Bolívar e San Martín não se conheciam pessoalmente. Tinham contato, cordial e respeitoso, por cartas. A prudência determinou que ambos aceitassem um encontro pessoal, segundo San Martín "[...] con el *desígnio de fijar la suerte de la América del Sur en el orden militar e político*". San Martín não se humilhou em embarcar na galera "Macedônia" e velejar para Guayaquil, onde aportou no dia 26 Jul 1822. Dois gigantes se conheceriam. Seus ideais eram os mesmos, mas os temperamentos, mais que diferentes, opostos. Tinham em comum a coragem pessoal, o desapego material e a total consagração à causa abraçada, mas a separá-los, um mundo. Bolívar era um cavalheiro elegante, alegre, expansivo, radiante, conversador, simpático, mulherengo, maçom político, enfim, um estadista; San Martín era um tipo prussiano, taciturno, recatado e reservado, pensador, lento ao falar, maçom litúrgico, que impunha mais respeito que entusiasmo, enfim, um soldado. Os historiadores são unânimes na conclusão de que do encontro desses dois resultaria uma guerra ou uma desistência.

Bolívar e seu Estado-Maior aguardavam San Martín no cais, em uniforme de gala. Mas, para San Martín, a primeira decepção: encontrou Guayaquil, cujo futuro seria um dos pontos a discutir, com bandeiras grã-colombianas içadas em todos os mastros. Entristecido, nem queria desembarcar, mas Bolívar, com cativante cortesia, foi à bordo e o convenceu a acompanhá-lo até a sua casa. Foram aclamados pelo povo durante esse deslocamento. As conferências pessoais que se seguiram - foram três, no dia 26, sem testemunhas - totalizaram apenas quatro horas. O que ocorreu nesse curto embate de fortíssimas personalidades é um mistério até hoje. Oficialmente, nada se sabe; extra-oficialmente, transpareceu que:

- a) no que tange ao porto de Guayaquil, o assunto nem foi discutido, pois Bolívar já o havia ocupado e o anexado à Grã-Colômbia;
- b) quanto à continuação da luta no Peru, Bolívar insistiu na "limpeza" geral, com o total extermínio de todos os realistas. San Martín acabou aceitando, mas reconheceu que não tinha gente suficiente e pediu reforços a Bolívar; que respondeu prometendo apenas 1.000 homens, comandados por um general grã-colombiano.

San Martín não aceitou e, espertamente, colocou-se sob as ordens de Bolívar. Mais esperto, Bolívar percebeu a manobra e disse que não: ele, Bolívar, colocava-se sob às ordens de San Martín. A questão ficou empacada e, ao fim da tarde do dia 27 de julho de 1822, as negociações foram dadas por encerradas. Esse curto e histórico encontro, que delineou o futuro da América do Sul, foi encerrado com um brinde e um baile. San Martín, emburrado em um dos cantos do salão; Bolívar, bebendo e dançando na maior das alegrias. À uma hora da madrugada, San Martín pediu para retirar-se. Bolívar o acompanhou até o cais, despediu-se e retornou para o baile.

No dia seguinte, San Martín fez vela de volta para o Peru. Ficava apenas 36 horas em Guayaquil. Ao chegar em Callao, sobre esse encontro proferiu apenas duas declarações: "*El Libertador no es el hombre que pensábamos*" e "*El Libertador nos há ganado de mano*" (Nota do Editor: linguagem do jogo de truco espanhol).

Contudo, em manifestações posteriores, San Martín sempre deixou bem clara a elegância como fora recebido e tratado por Bolívar ("*[...] pude contemplar el esfuerzo visible para cubrir con subterfugios, escapatorias y sofismas el plan de apoderarse del mando [...]*").

Com grandeza, para evitar uma guerra civil, pois estava convicto de que com ou sem o seu consentimento Bolívar avançaria sobre o Peru ("*Bolívar e yo no cabemos en el Peru*"), no dia 20 Set 1822, escreveu uma cordial carta a Bolívar, informando-o que renunciava ao governo do Peru. Junto à missiva, mandou de presente ao *Libertador* as suas pistolas e o seu cavalo. Nesse mesmo dia, convocou o *Congreso Constituyente* peruano, diante do qual renunciou ao título de *Protector del Peru*. Sob emoção, os congressistas aceitaram a renúncia, mas concederam-lhe o título de "*Fundador de la libertad del Peru*", junto com o posto de Capitão-General do Exército Peruano e uma pensão vitalícia.

Nesse mesmo dia, retirou-se do Peru, para sempre, seguindo para o Chile, onde chegou em outubro de 1822. Ali, soube que estava com fama de ter sido traído pela mulher e de haver roubado tesouros peruanos. Com dignidade, ignorou as maledicências. Contraindo tifo, curou-se e, dando por encerrada a sua missão nos Andes, seguiu para Mendoza, onde foi acolhido carinhosamente pelo governador, seu ex-tenente Manuel Olazábal. Havia cruzado a cordilheira acompanhado apenas por seu ordenança, dois cavalos e uma mula.

Em Mendoza, soube da anarquia que reinava no Peru e recusou um desesperado convite para lá retornar e restabelecer a ordem, justificando-se: "*Seria preciso fuzilar alguns chefes e não tive coragem de fazer isso com camaradas que me haviam acompanhado na felicidade e na desgraça*".

Ainda em abril de 1823, seguiu para Buenos Aires. Negou-se a participar das sangrentas guerras internas que corroíam a estrutura nacional das Províncias Unidas do Rio da Prata.

No dia 10 de fevereiro de 1824, seguiu para a Europa, a bordo da "*Lê Ba-yonnais*". Além dos títulos, levava consigo a sua filha Mercedes e o "*Estandarte de Pizarro*", único espólio de guerra do qual não abriu mão. Esse Estandarte foi trazido por Pizarro para escravizar os incas.

O destino costuma ser cruel com os seus escolhidos para as glórias terrenas.

Com o campo livre, Simon Bolívar partiu para a conquista do Peru. Comandou pessoalmente o seu "*Exército Libertador*" por algum tempo; mas, adoentado, passou o comando ao seu general Sucre, a quem coube a honra de

vencer os realistas na última e decisiva Batalha de Ayacucho, travada no dia 9 de dezembro de 1824. Ayacucho simboliza o fim do poder colonial espanhol na América do Sul. *"Trezentos anos de dominação foram destruídos numa batalha de setenta minutos"*.

Bolívar continuou administrando o Peru. Como forma de bem definir a separação territorial entre os antigos Vice-Reinados do Prata e do Peru, criou um "estado tampão" entre essas antigas entidades político-administrativas. Assim, em 1825, nasceu a Bolívia, formada pelas quatro províncias alto-peruanas, que em 1816 haviam se declarado, no Congresso de Tucumán, anexadas às Províncias Unidas do Rio da Prata: Potosi, Cochabamba, La Plata e La Paz. Todavia, não conseguiu recuperar os cinco anos em que se afastara de Bogotá e Caracas. A sua Grã-Colômbia se desmantelara em consequência dos nacionalismos locais. Não mais havia um governo único. Na Venezuela, quem mandava agora era o caudilho Paez, um *Ilanero* semi-analfabeto; na Colômbia, o general Santander, mais ilustrado, mas igualmente tirânico. Esses homens não aceitaram a volta de Bolívar ao poder e, agora, Bolívar não mais tinha meios nem prestígio para enfrentá-los. Cansado, doente, perseguido politicamente e desiludido, reconhecendo até "[...] *ter arado no mar* [...]", Bolívar retirou-se de cena. O seu desalento com os resultados da sua revolução americana era total:

"No hay fe entre los hombres ni entre las naciones de America; los tratados son papeles; las constituciones, libros; las elecciones, combates; la libertad, anarquia, y la vida, un tormento [...]. E muito magoado com o mundo, certa vez, lastimou-se: "Os três grandes tolos da humanidade foram Jesus Cristo, Dom Quixote e eu". El Libertador morreu no dia 17 de dezembro de 1830, aos 47 anos. Não deixou descendentes. Cinco países - Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia - deviam-lhe as independências. Fora riquíssimo, mas morreu vestindo uma camisa emprestada. Odiava e combateu cruelmente os espanhóis; mas faleceu na quinta de um cidadão espanhol, que, por piedade, o acolheu nas últimas horas e financiou as suas exéquias.

Quanto a San Martin, chegou com a filha ao porto francês de Le Havre no dia 23 Abr 1824. A França não permitiu o seu desembarque. Prosseguiu então para a Inglaterra e depois para a Bélgica, radicando-se em Bruxelas. Alguns convites para incorporar-se a exércitos europeus como mercenário - afinal, era um general famoso e a Europa vivia em guerras - foram educadamente recusados.

Em 1828, ao saber da guerra contra o Império do Brasil, decidiu retornar ao Prata, chegando a Buenos Aires no dia 06 Fev 1829. A guerra contra o Brasil já havia terminado e as Províncias Unidas do Rio da Prata encontravam-se mergulhadas na maior anarquia política. Os unitários correram a lhe oferecer o governo da província, mas ele o recusou, negando-se a intervir na guerra civil. Em carta a Lavalle, confessou-se monarquista: *"Es conocida mi opinión de que*

el país no hallará jamás quietud, libertad ni prosperidad sino bajo la forma monárquica de gobierno". E, profético, assegurou a Lavalle: *"Es verdad que las consecuencias más frecuentes de la anarquía son las de producir un tirano"*.

De resto, foi muito mal recebido, inclusive, com uma ultrajante saraivada de injúrias: ladrão, monárquico, etc.. E até de covarde! Nesse mesmo dia, o jornal de Buenos Aires publicou: *"El general San Martín há vuelto a su país a los cinco años de ausencia: pero despues de haber sabido que se han hecho las paces con ele emperador del Brasil"*. Por isso, nem desembarcou e seguiu no mesmo dia para Montevidéu, onde foi muito bem recebido pelo presidente, don Fructuoso Rivera. Lá, recebeu a visita do amigo Olazábal, que lhe entregou uma carta dos antigos subordinados, suplicando-lhe para que assumisse o comando do Exército e acabasse com as desordens provinciais.

- *"Mi sable?... No!... Jamás se desenvainará en guerra civil!"*, foi a sua resposta.

Na primeira oportunidade, retornou para a Europa, radicando-se com a filha, no ano de 1830, nas proximidades de Paris.

Sobre a Guerra da Cisplatina, após a qual o Uruguai se tornou independente, San Martín escreveu uma carta ao seu amigo Tomás Guido com a seguinte passagem:

"En nuestra situación, sin un gobierno central y teniendo que gravitar todo el peso de la guerra sobre Buenos Aires, aniquilados ya todos sus recursos y crédito, es en mi opinión ventajosa (la paz), pues aunque la independéncia de la Banda Oriental sea una perdida sensible para las Provincias Unidas, resulta una gran ventaja el quitamos del contacto brasileno, contacto que dejaba un gérmen de guerra en permanéncia".

San Martín vivia apertado financeiramente, até que no ano de 1833, ao pedir um empréstimo bancário, reencontrou um colega de escola, don Alejandro Aguado, agora abastado banqueiro. Diz a lenda que o diálogo entre ambos foi esse: - *Pêro qué! Eres tu el banquero?*

- *Hombre! Cuando uno no alcanza a ser libertador de medio mundo, me parece que se puede perdonar el ser banquero...*

A partir daí, comodamente provido por Aguado, a sua vida melhorou. Em 1848, radicou-se em Boulogne-Sur-Mer, sempre aceito e respeitado como *"[...] um ancião empertigado, garboso, afável"*.

Escreveu em carta ao seu amigo Tomás Guido:

"Vivo en una casita de campo, a três léguas de la ciudad, en compañía de un hermano mio (pues la nina está en un colégio). Lãs mananas son ocupadas en la cultura de un pequeno jardin y en mi taller de carpintería; a la tarde, en paseo, y las noches en hacer apuntes y leer libros alegres y papeles públicos: he aqui mi vida".

Mas estava definitivamente magoado com a humanidade. Declarou que queria ali acabar os seus dias, em sua chácara, *"[...] separado, si es possible, de la sociedad de los hombres"*. Em conversa com um amigo, desabafou a sua

amargura: *"Você ignora porventura que dos três terços do mundo, dois e meio são ignorantes e o resto é composto de velhacos, com rara exceção de alguns homens de bem?"*

E ali faleceu, no dia 17 de agosto de 1850, com 72 anos, quase cego, nos braços da filha. Em seu testamento, começou declarando não dever, e nunca haver devido, nada a ninguém. E ordena: *"Prohibo que se me haga ningún género de funerales, y desde el lugar que falleciera se me conducirá directamente ai cementerio, sin ningún acompañamiento..."*.

Não esqueçamos: era General de Brigada do Exército das Províncias Unidas do Rio da Prata, Capitão-General do Exército do Chile e Generalíssimo do Exército do Peru. Por 30 anos o seu cadáver restou na França. Coube ao presidente Avellaneda, em 1880, cumprir o seu testamento e trazer os seus restos mortais para a América, onde hoje repousam na Catedral de Buenos Aires, sob permanente guarda de dois de seus granadeiros.

"Velar se debe la vida de tal suerte que viva quede en la muerte" é o dístico do escudo de San Martín.

Trabalho baseado no texto do livro: LEMOS, Juvêncio Saldanha. A saga no Prata. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.

**MEMBRO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL, E
COMPATRIOTA DA LIGA DE DEFESA NACIONAL RECEBE
PREMIAÇÃO LITERÁRIA**

Na data de 15 de junho de 2010, na Sala de Cinema Ulysses Geremia, às 19:30h, foi realizada a premiação do 44º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul. JUAREZ NUNES DA SILVA foi o vencedor da categoria "CONTOS", com três trabalhos premiados: *Revolução Imperfeita, Dia Santo e O finado Malaquias*.



As obras premiadas possuem temática regionalista, retratando a vivência do homem camponês. Num linguajar autêntico "gauchês", com suas expressões características, as obras tratam dos tempos das peleias, onde as gerações se sucediam participando dos conflitos de fronteira e das revoluções internas entre as facções políticas

(maragatos e chimangos). Também evocam o imaginário gaúcho, do temor ao invisível, das assombrações, do respeito ao sagrado. A valentia e a coragem são recheios indispensáveis nas narrativas, entremeadas de

um apanhado cultural característico do homem simples do campo, com suas tradições, usos e costumes. No final da premiação, no palco do Zarabatana Café/bar, houve o 2º Sarau Literário, onde os vencedores da edição anterior tiveram oportunidade falar sobre seus trabalhos e até fazer a leitura de uma parte dos mesmos. O compatriota JUAREZ NUNES DA SILVA também participou, por ter sido premiado na mesma categoria, com Menção Honrosa.



Nota do Editor: as próximas edições deste jornal publicarão os trabalhos de Juarez Nunes.

*Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Porto Alegre - lecaminha@gmail.com*

Nº 96 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

CMPA: Formando Hoje o Cidadão do Amanhã!

Por Coronel Hiram Reis e Silva, Cidreira, RS, 27 de junho de 2.010

*“(...) Na nossa escola forja-se a grandeza,
Temos no peito amor juvenil,
Em nossas cores, toda a
natureza,
Nós somos filhos do Brasil.
(...)”*

(Canção do CMPA)

- Colégio Casarão da Várzea (CMPA)

Entrei, mediante concurso, como adolescente, no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) nos idos de 1965 e dali saí homem feito em 1971 para ingressar na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foram sete magníficos anos em que aprendi a importância da disciplina, cultivei os valores cívicos e morais, a camaradagem, o patriotismo e desfrutei de um ensino do mais alto nível. O CMPA é reconhecido, nacional e internacionalmente como uma das melhores Instituições de Ensino do país e lembrado pelas várias personalidades influentes na História do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre que fizeram e fazem parte de seu corpo docente e discente.

Há dez anos tenho a honra de pertencer a seu seletos e empreendedor corpo docente. O CMPA forma hoje, como no passado, líderes que conduzirão

os destinos de nossa amada Pátria. A presença marcante nos destinos da vida regional e brasileira transformou o CMPA em um patrimônio gaúcho e nacional.

Recentemente um artigo intitulado “A Falsa História nas Escolas Militares”, assinado pelo escritor e jornalista Urariano Mota (urarianoms@uol.com.br) afirma, dentre outros devaneios, que nossos alunos são: “obrigados a decorar algo como uma História vazia e violentadora (...)”.

O alienado escritor continua seu artigo fazendo suas idiotizadas considerações alicerçadas numa visão distorcida da “História do País”, reescrita pelos ideólogos de PlanTão. Reproduzo, abaixo, um texto do Coronel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, do CMPA, que mostra a preocupação do Colégio, desde a sua criação, com a Excelência no Ensino e o sucesso alcançado.

- Personagens Históricos

“(...) Dos primórdios da antiga Escola Militar até o ano de 1911, pode-se destacar a atuação de várias personagens dessa instituição nas mais diferentes áreas.

Nas décadas de 70 e 80 do Século XIX, alunos, professores e instrutores da Escola Militar, direta ou indiretamente tiveram participação ativa em questões ligadas à abolição da escravatura e à proclamação da república. (...)

Também na área da educação, é impossível deixar de mencionar a relevante atuação do Capitão João José Pereira Parobé, professor da Escola Militar do RS. Além de ter sido Deputado Estadual e Secretário de Obras do RS, esteve diretamente ligado à fundação da Escola de Engenharia em 1896, precursora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde foi diretor por dezessete anos. O Capitão Parobé também foi o fundador do Colégio Júlio de Castilhos, da Escola Técnica que hoje leva seu nome e de vários dos institutos da atual UFRGS. Por sua enorme colaboração para a educação do Rio Grande do Sul, o Capitão Parobé constitui-se no maior expoente gaúcho nessa área. Da Escola Militar do RS também saíram, em 1896, os cinco tenentes professores que fundaram a Escola de Engenharia. De maneira semelhante, o primeiro reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, (anteriormente também reitor da UFRGS), Armando Pereira da Câmara, foi aluno do CMPA.

Ainda no campo da Educação, é lícito ressaltar que a Escola Militar foi o primeiro curso de ensino superior do Estado e que contribui de forma decisiva, através de seus fundadores e primeiros professores, para a criação e a evolução da UFRGS. Nos campos do tradicionalismo e da etnografia, é notória a participação do Major João Cezimbra Jacques, instrutor da Escola Militar, idealizador e fundador do Grêmio Gaúcho em 1898, primeira entidade destinada ao estudo e ao culto das tradições rio-grandenses, motivo pelo qual foi consagrado como Patrono do Tradicionalismo Gaúcho. (...) É com orgulho, pois, que o Casarão da Várzea reivindica ser o berço do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). (...)

Pelas centenárias arcadas do Velho Casarão da Várzea transitaram, como alunos, oficiais ou praças, oito presidentes da república (João de Deus Menna Barreto, Getúlio Dornelles Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista de Oliveira Figueiredo), o que o fez ser alcunhado como "Colégio dos Presidentes", além de um primeiro-ministro (Francisco de Paula Brochado da Rocha), um vice-presidente (Adalberto Pereira dos Santos), vários heróis militares brasileiros (Mal Câmara, Cel. Plácido de Castro, Mal. Mascarenhas de Moraes, Gen Góes Monteiro, Mal João N. M. Mallet e outros), vários ministros, governadores e ocupantes de outros altos cargos políticos, um elevado número de oficiais-generais e outros militares de destaque, eminências da vida civil em todos os campos do conhecimento, como o poeta Mário Quintana, o artista plástico Vasco Prado, o escritor e advogado Darcy Pereira de Azambuja, os ex-reitores da UFRGS Armando Pereira da Câmara e José Carlos Ferraz Hennemann, o presidente da Intel/Brasil Oscar Vaz Clarke e o vice-presidente mundial do Google Néilson Mendonça Mattos, além de outras destacadas personalidades que podem ser vistas no link "ex-integrantes ilustres".

É relevante ressaltar que a primeira publicação das poesias de Mario Quintana e das gravuras de Vasco Prado foi feita nas páginas da revista Hyloea, em 1922 e 1933, respectivamente. A Hyloea - revista literária fundada em 1922 pelos alunos integrantes da então Sociedade Cívica e Literária - é até hoje publicada pelo CMPA.

Ainda no campo esportivo, já na década de 40, o Capitão Olavo Amaro da Silveira, instrutor da Escola Preparatória de Cadetes, junto com outros oficiais e civis, fundava a entidade que é hoje a Escola de Educação Física da UFRGS, tornando-se seu primeiro diretor.

Outro fato que o distingue pelo pioneirismo educacional no Estado é o de, entre 1915 - ano em que a primeira turma de alunos se formou - e 1938 - quando foi transformado em Escola Preparatória de Cadetes - seus formandos receberem também o diploma de "Agrimensor", já saindo com uma profissão definida. Assim, o CMPA antecipou-se em mais de meio século à introdução do ensino profissionalizante na educação básica do Estado". (Araújo)

- Atualidade

“Atualmente, o CMPA é a única escola de educação básica do País a possuir um observatório astronômico (Observatório Capitão Parobé) dotado de um telescópio robótico de última geração. Construído em 2002, através de um convênio com a UFRGS, a USP e a Fundação Vitae, o observatório se destina a um ambicioso projeto multidisciplinar nacional que tem na Astronomia o mote para o estímulo ao aprendizado das ciências, da história, da geografia e das artes. (...)

Dois de seus alunos classificaram-se para representar o Brasil na VII

Olimpíada Internacional de Astronomia (VIII OIA), realizada na Rússia em 2002, repetindo o feito em 2005, com um aluno participando da X Olimpíada Internacional de Astronomia, realizada em Pequim, na China. Em 2008, novamente dois alunos foram selecionados, uma para a 2ª Olimpíada Internacional de Astronomia, em Trieste - Itália, e outro para a Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica em Bandung - Indonésia. Em 2009, um aluno foi selecionado como um dos cinco brasileiros a compor a equipe olímpica que disputou a 3ª Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica, realizada Teerã no Irã.

O CMPA teve os únicos alunos gaúchos selecionados para cursarem a Escola do Espaço em 2001, a Escola Avançada de Física em 2003, a 1ª, a 3ª e a 5ª edições da Jornada Espacial em 2005, 2007 e 2009, todas no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Desde 2007, em iniciativa pioneira, o Clube de Química desenvolve o Projeto Biodiesel, o qual visa produzir biodiesel a partir da utilização do óleo de cozinha que foi utilizado no preparo das refeições. Em 2008 foi comprovada a viabilidade do combustível através de um teste de campo realizado com um trator agrícola e com um caminhão do Exército.

Seus formandos têm o mais alto índice percentual de aprovação no vestibular da UFRGS entre as escolas gaúchas (42% em 2005, 44% em 2006, 44,79% em 2007, 61,11% em 2008, 48,70% em 2009 e 57,45% em 2010).

Há vários anos, é uma das poucas escolas gaúchas a aprovar alunos para o Instituto Militar de Engenharia (IME), para o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), para a Academia da Força Aérea (AFA) e para a Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM).

Do "Colégio dos Presidentes" saíram as únicas duas gaúchas selecionadas para integrar as respectivas turmas pioneiras de mulheres da Aeronáutica: uma em 1996, para a Intendência da FAB, e a outra, em 2003, para realizar o curso de piloto de combate na Academia da Força Aérea Brasileira.

Em 2005, o Colégio obteve a primeira colocação entre todas as escolas gaúchas que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo a única a obter média superior a 70 pontos, o que a incluiu entre o seleto grupo das escolas brasileiras com conceito "excelente". Em 2006, novamente houve-se muito bem nessa prova, classificando-se como a melhor escola pública do Rio Grande do Sul e a 11ª em todo o País. Em 2007, foi destacado como o melhor colégio gaúcho e único a atingir 80 pontos ou mais nessa prova. Em 2008, obteve a melhor colocação entre as escolas públicas do Estado e a 17ª colocação entre as brasileiras, sendo a única gaúcha a atingir o nível de excelência (70 pontos ou mais). Em 2009, repetiu o feito do ano anterior. Nos últimos anos, teve a satisfação de ver vários de seus alunos receberem medalhas de ouro, prata e bronze em olimpíadas intelectuais, como as de

Matemática, Física e Química.

Em 2008 e 2009, os únicos gaúchos selecionados como Jovens Embaixadores junto aos Estados Unidos eram alunos do CMPA, e nesse país cumpriram quinze dias de atividades diplomáticas. O Colégio Militar também teve um dos cinco alunos gaúchos selecionados como Deputado Jovem junto à Câmara dos Deputados, lá passando uma semana em atividades legislativas. (...)

São feitos que orgulham os integrantes do Velho Casarão da Várzea, fazendo com que, apesar de todas as adversidades porventura encontradas, continuem a contribuir, através da educação em seu sentido mais amplo, para o engrandecimento do País. Assim, com base em uma tradição de eficiência, disciplina, valores morais, camaradagem, patriotismo e ensino de alto nível, o CMPA procura formar, não só o cidadão do amanhã, como também homens e mulheres aptos e dignos para serem os líderes que conduzirão os destinos da próspera Pátria com que todos sonhamos. Por essa presença marcante na vida regional e brasileira, o Colégio Militar de Porto Alegre, constitui-se hoje não apenas em um patrimônio de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, mas também de todo o Brasil". (Araújo)

- **Características**

(...) O Colégio Militar é mantido com verbas do Exército e sua estrutura administrativa (não-docente) é composta, prioritariamente, por militares, sendo uma escola que ministra a Educação Básica normal no País, com as particularidades previstas na Lei de Ensino do Exército. Apesar de seu nome, o CMPA não se dedica ao ensino das artes bélicas e nem visa unicamente à preparação para a carreira militar, sendo esta apenas uma opção de seus alunos.

O Colégio possui cento e vinte professores, dos quais setenta e cinco são civis concursados e quarenta e cinco são militares. (...)"(Araújo)

- **Proposta Pedagógica**

"Seu diferencial educacional consiste no fato de possuir uma proposta pedagógica que o particulariza, na busca da almejada educação integral. O objetivo desta é, não só proporcionar uma sólida base em conteúdos disciplinares, mas também preparar o jovem para a vida cidadã que encontrará ao sair do Colégio, com todas as suas exigências em valores morais e afetivos, ordem, disciplina e respeito, mas sempre dentro de um clima de sadia amizade e sã camaradagem.

Seus professores estão adaptados à era do conhecimento, procurando interagir com seus alunos e se tornando seus facilitadores no processo do "aprender a aprender", tudo inserido no bojo da interdisciplinaridade e da contextualização tão necessárias ao momento educacional que vivemos". (Araújo)

- **Síntese de algumas razões do sucesso do CMPA**

“- Cerca 60% de seus docentes são mestres ou doutores. O Colégio busca e incentiva, incessantemente, o aperfeiçoamento profissional de seu corpo docente. (...) - A carga horária anual é superior à mínima estabelecida pelo MEC.

- Além dos conteúdos disciplinares, são oferecidas ao aluno atividades extra-classe, como: diversas modalidades de esporte, xadrez, astronomia, coral, banda de música, teatro, clubes de disciplinas (matemática, história, literatura, ciências, filosofia, etc.) e grêmios sócio-recreativos. É incentivada a participação em olimpíadas educacionais, como: astronomia, física, biologia, matemática, etc., e em projetos sócio-assistenciais de apoio a pessoas carentes. (...)

- A educação não se limita aos conteúdos das disciplinas. São também trabalhados e cultuados valores, como: respeito, ordem, organização, honestidade, honra, princípios morais, lealdade e responsabilidade pessoal e social, mas sempre dentro de um clima de amizade e camaradagem. Esse fato motiva uma forte e perene ligação afetiva entre alunos e ex-alunos com o Colégio Militar.

- A educação está baseada na harmonia e interação, profícua e constante, entre três vetores: escola, aluno e família. (...)”(Araújo)

- Conclusão

Desafio o Sr. Urariano Mota a apresentar outra Escola Pública que apresente resultados similares aos do nosso querido “Casarão”, que jamais tenha desencadeado qualquer tipo de movimento ‘grevista’, que no dia do seu aniversário seja capaz de fazer que seus ex-alunos, jovens e sexagenários, civis e militares, desfilem emocionados e saudosos ...

Coronel de Engenharia Hiram Reis e Silva, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS), Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), Membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), Colaborador Emérito da Liga de Defesa Nacional.

Site: <http://www.amazoniaenossaselva.com.br-hiramrs@terra.com.br>

E-mail:

DIA SANTO

Juarez Nunes da Silva (*)

O Rio Grande do Sul, na verdade, nasceu nos campos, berço perpétuo das nossas origens, e santuário de histórias gloriosas dos nossos troncos de sangue. Em cada palmo de chão se acorda um eco, em cada coxilha, uma testemunha de um fato, guardando no seu seio o magnetismo daqueles gaúchos que por ali passaram. Daí, o universo misterioso e místico que exerce um verdadeiro fascínio no homem do campo. É assombro... visão... fenômenos naturais..., não importa o que seja, o gaúcho do campo não duvida e até respeita, com algumas exceções, que... fazem parte deste relato.

Era um início de tarde de uma sexta-feira santa, dia respeitoso uma barbaridade, no interior de São Francisco de Paula, lá pelos idos de 1930, época em que o Rio Grande tinha como interventor o General Honorário José

Antonio Flores da Cunha. Era um dia de muita reserva, quietude e introversão. Portanto, ninguém ia pras lidas. Na sexta-feira santa a gentama proseava aos cochichos e somente o necessário; não se tirava leite das vacas, e só bebiam leite os inocentes, isto é, as crianças abaixo de sete anos. O pão, já se deixava cortado um dia antes, prá não ter que usar faca no dia santo. Pentear o cabelo no espelho, nem pensar... pois era possível de ver a cara do pé-de-peia ali refletido. Rádio... galena... qu'esperança... não se escutava de jeito nenhum. Ao meio-dia, só se botava o pé prá fora do baldrame, depois que o galo cantasse, pois se corria o risco de bater com a cabeça nos encontros do tinioso, pois é sabido que ao meio-dia é a hora em que o diabo faz a sua ronda à cata das almas desguaritadas.

Mas, deixa estar que, havia dois irmãos meio ventenas, chamados Dorval e Deoclécio, verdadeiros bochinheiros, grossos que nem sovêu de charqueada, e onde eles davam o ar da graça, alguém saia mais talhado que couro tirado por guri. Arreminados prá cumprir os rituais de respeito que o dia santo exigia, os dois não se davam pra estas acreditâncias, e se foram lá prá venda do Josafá, montados em duas éguas ruanas (antigamente os gaúchos não montavam em égua, mas 'alimal' que mija pra trás, empurra o dono pra frente). Aliás, contrariando os costumes, em sexta-feira santa não se vai em bolicho e muito menos se monta a cavalo.

E o bolicho do Josafá ficava depois de uma várzea, onde tinha um tremendal, como os letrados definem, mas pra nós, era um enorme banhado, sim senhor... e ali..., se ouvia choro de criança. "U'quêee"? Pura verdade! Também pudera, a tia Marcolina contava que na época das "revolução", as crianças que morriam nas pontas dos aços dos pica-paus, ficavam pagãs e o vigário não deixava sepultar no cemitério... daí, os anjinhos eram enterrados no banhado.

Pois os dois trabuzanas chegaram no bolicho. A porta estava atramelada e, mesmo sem apear, bateram com o cabo do arreador, gritando pro velho Josafá vir abrir. Mais brabo do que lexiguana chicoteada por rabo de lagarto, ele abriu a venda. Os dois apearam, amarraram os pingos, entraram como angorá em porta que se abre, com as botas cheirando a mangueira, e já foram pedindo um trago daquela azulzinha com "bitter". Como não tinha o líquido amargo, pediram canha com "insenciolina".

O bolicheiro era vivido, como aqueles touros com meia-dúzia de anéis na aspa e sabia que aquilo era uma heresia e se recusou a servir, pois em baile de guaiava, guavirova não entra, deixando livre o balcão prá eles. Imediatamente, o Deoclécio deu de mão num garrafão e despejou a canha num copo canelado deixando respingar pelo balcão mais liso que tramela de despensa. Sentaram à uma mesa no costado de uma abertura que dava vistas pros campos e pediram um baralho. "Há não, isso é demais! Se quiserem beber e jogar, façam por sua conta e risco!", disse o bolicheiro. E se atracaram a jogar escova, bebendo canha, dando risadas, trocando elogios dos mais qualificados e o velho Josafá se benzendo, e avisando aos dois charengos que eles não perdiam por esperar o castigo pela falta de respeito ao dia santo!

E lá por umas quatro horas da tarde, já bastante entrovicados, resolveram rumar de volta pro rancho. Se coçaram contando as notas pra pagar a canha,

mas o Josafá não quis receber de jeito nenhum! Eram pelegas espraguejadas! E lá se foram os dois malevas assoviando uma coplita dos “Irmãos Bertussi”. Ao cruzarem o tremedal, num repente, a égua do Dorval, que seguia na testa, quis dar uma velhacada querendo negar o carreiro. A égua do Deoclécio respondeu escarceando e trocando orelhas. Sinais que coisa boa não se avizinhava. Os dois alcaides se olharam, engoliram em seco e não trocaram uma palavra. Bombearam ao redor pra ver se era uma casaco-oveiro que estava assustando os animais e... ouviram um choro de criança de colo. Há... meu querido São Roque! Imediatamente lembraram que o lugar era por demais assombrado e calcaram as esporas nas éguas, pra sair dali o mais rápido possível. Não deu três ternos de distância, encontraram um rebento parecendo uma criança recém parida...

enrolada numa baeta encarnada perto de uns caraguatás. E agora? O que fazer... o que não fazer... quem teria deixado aquele inocente ali? Apesar dos dois não serem trigo limpo, eles não podiam abandonar o pequeno. Logo pensaram em cruzar pela vila e entregar a criança pro escrivão do cartório, a maior autoridade que lhes veio nas idéias.

O Deoclécio apeou e apanhou a criança e alcançou para o Dorval e seguiram o rumo. Meio desajeitado, o Dorval levava o nenê como se fosse um feche de graveto. Não andaram doze braças, o bebê cessou o berreiro, abriu os olhos que pareciam lustros como bota de namorado no primeiro encontro, e se pôs a sorrir. O Dorval ficou até meio extraviado, pois nunca tinha lidado com criança alguma. Daqui a pouco, pra surpresa dos dois, o bebê pronunciou a palavra “Papai”. O Dorval tapeou o chapéu na testa, coçou o queixo espinhento e falou: “Que coisa estranha, uma criança tão pequena falando?” E logo de imediato, o bebê remendou: “Olha papai, eu já tenho um denticinho!” Mais que depressa, o Dorval alcançou a criança para o seu mano, dizendo “Eu não sou pai desse aí!” O Deoclécio ajeitou a baetinha do nenê e ele tornou a falar: “Papai, eu tava te esperando pro senhor me levar pra nossa casa!” Bueno, se sangue fede, o Deoclécio tava ferido: o homem perdeu as forças nos tornozelos e ficou branco tal qual vela de sebo. “Pega logo essa criança, Dorval... eu não sou o pai dele!” Foi só entregar o nenê pro Dorval que ele se pronunciou novamente: “Olha papai, eu já tenho barba!” Com essa, o Deoclécio gritou para o Dorval jogar a criatura para o chão, dizendo que era o demônio enrustido em criança!

Mandado e atendido: o Dorval atirou a criança pras costas, provocando uma enorme labareda de fogo, uma fumaceira e um fedor de enxofre de queimar as membranas das ventas, chamuscando as melenas dos dois. Por de trás da fumaça, apareceu a figura do próprio capeta vestindo uma capa “Ideal” daquelas de forro encarnado que a gauchada usa, talvez por isso que eu resista em comprar uma, dizendo pros dois: “Ai de vocês se não tivessem me ajuntado no banhado, o que salvou suas almas desgranidas, por que ainda há uma natinha de bondade nesses lombos”... e recomendou aos dois calhordas que respeitassem o dia em que ele ficava livre no mundo. Da próxima vez, ele embrulharia as suas almas e os levaria pro inferno.

E pra encurtar o relato, os dois ficaram a burlequear pelo corredor, entraram vila à dentro a passo e não pararam. A gentama do lugarejo ficou surpresa dos dois caiporas não terem estancado e ali feito as costumeiras

estripulias. Cruzaram em frente ao Cartório e o Seu Olimpio que estava ali sentado, até disse pros trabuzanas: “Buenas, gauchada, tá bonita estas éguas rabonas!” Os dois se olharam com cara de vinagre e viraram pra trás e só depois que perceberam que o tal diabo tinha sumido com as colas dos animais.

Que vergonha pra um campeiro, montar num cavalo rabão, além de ficar com as pilchas borradas e as melenas chamuscadas. Bueno, depois desta lição de desrespeito ao dia santo, os dois irmãos se acomodaram, deixaram de levantar grimpa por nada, e até começaram a freqüentar a igreja, pelo menos de três em três meses, quando o padre aparecia na região. Ninguém, tinha entendido a mudança dos dois alcaides, porque só contaram o que aconteceu depois dos netos terem criado cabelo nas ventas.

A verdade é que nem argola de cincha, não tem canto, e lá no interior não se brinca com coisa séria, pois no campo... há muitas coisas que os olhos humanos não enxergam; enquanto não há certeza, o honesto é desconfiar, acreditar e não duvidar.

GLOSSÁRIO DE TERMOS GAUCHESCOS

Visão: o mesmo que assombro; “Pé-de-peia”: o diabo; Galena: aparelho rudimentar receptor de rádio que se usa o cristal de galena (sulfureto natural de chumbo), sem uso de energia; Baldrame: viga reforçada para sustentar os barrotes do assoalho; Ventena: desordeiro; Bochinheiro: pessoa que gosta de arrumar confusão; Sovéu: laço grosseiro, feito de duas ou três tiras de couro torcido; Arreminar: recusar-se com mau humor; Ruano: animal de qualquer pelo que tem as crinas e a cauda claras; Trabuzana: desabusado, velhaco; Lexiguana: ninho de marimbondos, de forma esférica; “Insenciolina”: essência de Olina; Charengo: animal defeituoso; Entroviscados: embriagados; Maleva: perverso, velhaco; Coplita: canção qualquer; Escarcear: menear a cabeça, levantar e abaixar a cabeça; Alcaide: indivíduo imprestável, ruim; “Casaco-oveiro”: cobra urutu, cruzeira; Burlequear: andar à toa; Caipora: indivíduo que traz azar; Rabona/rabão: com o rabo pitoco, curto; “Levantar grimpa”: arrumar confusão.

1 JUAREZ NUNES DA SILVA - Tradicionalista, pesquisador e escritor de contos literários gauchescos, Integra a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do RGS, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; é Vice- presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos e Secretário da Liga de Defesa Nacional - Núcleo de Caxias do Sul - RS.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara/RS.

Nº 97 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA - DUQUE DE CAXIAS - 25Ago1803-
08Mai1880**

Anualmente, no mês de agosto, a Maçonaria Brasileira reverencia a memória do Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho para o Rito Escocês Antigo e Aceito e Patrono do Exército Brasileiro, Marechal-do-Exército LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, Barão, Conde, Visconde, Marquês e Duque de Caxias.

Sua vida de militar-estadista confunde-se com a própria História do Brasil

Império e possui belíssimas páginas que servem de exemplo às novas gerações e orgulham a todos os brasileiros. Símbolo da honra militar e um dos mais expressivos exemplos de retidão de caráter, de probidade no trato da coisa pública, de competência profissional, de pertinácia no cumprimento do dever e de fidelidade ao Brasil.

Nenhum chefe militar, de todos os quadrantes da terra, em qualquer fase da história, permaneceu tanto tempo na crista dos acontecimentos e na admiração de seus conterrâneos. Costuma-se indagar a que se atribui os 55 anos de Caxias como guerreiro invencível e os longos anos de estadista e de administrador laureado? - ANÍBAL, ALEXANDRE, JÚLIO CÉSAR, CARLOS MAGNO, TURENNE ou NAPOLEÃO, grandes generais de todos os tempos, viveram entre glórias, mas uma glória efêmera para uns e quase sempre ofuscada por um desastre militar para muitos.

E como explicar tal fenômeno? Teria sido um gênio, um iluminado? Um talento militar excepcional? Um bravo? Ou um privilegiado?

Primoroso estudo do Gen Otávio Costa sobre a personalidade do insigne patrono do Exército, responde a todas estas indagações: assim se refere o autor:

“Caxias foi de tudo um pouco e, em sua longa peregrinação pela vida, superou-se dia a dia, sempre fiel a si mesmo e aos seus princípios: fiel à disciplina, à lei, à ordem, ao GADU, e à humanidade. Nada quis que não a ordem, a paz e a unidade da Pátria. Sua vida é um primor de coerência. Sempre soldado e sempre fiel. A fidelidade a si próprio e à Nação projetaram seu nome diante da posteridade”.

Na oportunidade em que se comemoram os 207 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva e a fim de conhecermos um pouco da figura de um homem que dedicou sua vida ao Exército Brasileiro e às causas do Brasil, abordaremos o vulto histórico Duque de Caxias como: o Soldado, o Cidadão, o Administrador, o Político e o Maçom.

- O Soldado -

Nascido a 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, Vila do Porto da Estrela, na Província de São Sebastião do Rio de Janeiro, filho do Marechal-do-Exército Francisco de Lima e Silva e de Dona Cândida de Oliveira Belo, Luiz Alves de Lima e Silva cedo demonstrou sua inclinação para as atividades militares, certamente herdada de sua família, de grandes e notáveis oficiais superiores. Os seus hábitos foram forjados na rotina dos quartéis e o seu espírito recebeu o amálgama de nossas melhores tradições.

Aos cinco anos iniciou sua carreira militar ao receber a estrela de Cadete, aos quatorze, matriculou-se na Academia Real Militar, onde se formou aos dezoito, indo servir, como Alferes, no Primeiro Batalhão de Fuzileiros, uma unidade de elite do Exército Real.

No dia 10 de novembro de 1822, já no posto de Tenente, em tocante cerimônia na Capela Imperial, recebe das mãos do Imperador Dom PEDRO I

“A bandeira do império recém-criada, não mais azul e branca com a coroa sobreposta ao escudo real lusitano, mas verde primavera e amarelo ouro, simbolizadora de uma grande nação, que emergia aos olhos do mundo civilizado”.

Ajudante do Batalhão do Imperador, parte para a Bahia, onde as tropas sublevadas do Gen MADEIRA de MELO constituem foco de resistência ao movimento de emancipação nacional. Ali, recebe seu batismo de fogo, “revelando excepcionais qualidades de inteligência e de bravura”.

Dedicado, competente e patriota, em sua vida militar, vai de Alferes a Marechal-do-Exército, Comandante-em-Chefe das Forças de Operações na Guerra contra o Paraguai, galgando ainda o cargo de Ministro da Guerra. Em sua longa carreira, torna-se o símbolo da nacionalidade, lutando pela consolidação da Independência, dominando com habilidade e energia os movimentos separatistas ou meramente sediciosos. Foi também o grande condutor de todos os triunfos contra os inimigos externos que ameaçavam a unidade, a segurança ou a tranquilidade do Império. Com toda a certeza, foi a sua participação nas lutas externas o seu apogeu, inquestionável, como profissional das armas.

Em 1851, Caxias se encontra agora no Rio Grande do Sul. É o presidente da província e o chefe Supremo do Exército do Sul, ainda em organização. Suas previsões, no tempo da Guerra dos Farrapos, estavam confirmadas. O Ditador JOÃO MANOEL ROSAS, Presidente da ARGENTINA, começava a executar o seu plano de restabelecimento do Vice-Reinado do Prata, iniciando pela anexação do URUGUAI. Para isso, contava com o apoio de ORIBE, seu amigo da Banda Oriental.

Tornava-se inarredável o plano de intervenção do Império contra ORIBE E ROSAS. A ação é confiada a Caxias que invade o território uruguaio à frente de 20.000 homens, com apoio da Esquadra Brasileira. O inimigo não resiste ao Império das forças brasileiras, sendo completamente aniquilado, desaparecendo os dois tiranos do cenário político das AMÉRICAS. Era a consagração de Caxias como estrategista e comandante-em-chefe.

Restava FRANCISCO SOLANO LOPES, o último caudilho e o maior tirano da história americana. E foi justamente esse dirigente de um nobre povo, que se lançou contra a nossa Pátria, sem motivos aparentes, apenas alimentando-se de um ódio mortal ao Império de um “sanguinolento desembaraço de sua megalomania”.

Não pudemos evitar as contínuas provocações e nem os ultrajes à nossa soberania. Veio a guerra. O povo acode ao chamamento da Pátria. E na luta contra o inimigo bravo e audacioso, tivemos os nossos mártires que legaram à posteridade comovedores exemplos de heroísmo.

Indubitavelmente, o ano de 1866 traria grandes transformações no teatro de operações. De uma estagnação prolongada, após a memorável Batalha de Tuiuti, o grosso dos exércitos aliados iria se movimentar no caminho de ASSUNÇÃO. O Marquês de Caxias assume o comando das forças brasileiras, e de todas as forças aliadas em operações contra o ditador do PARAGUAI, introduzindo sensíveis modificações no plano geral da campanha, na organização da tropa e nos órgãos de apoio, com resultados altamente positivos para o moral dos combatentes.

A nomeação do Marquês de Caxias alegrou a todas as forças aliadas. Com sua experiência e valor profissional, deu vigor e desenvolvimento às operações, “fazendo cessar as rivalidades que tanto mal causavam à ordem e à disciplina”. O seu primeiro trabalho, na qualidade de comandante aliado, foi proporcionar nova estrutura às forças de terra, com base no Exército Imperial, e os meios indispensáveis ao cumprimento de sua honrosa missão. A seguir, estabeleceu um minucioso plano, objetivando a destruição do sistema defensivo de SOLANO LOPES e a abertura do caminho para a capital paraguaia.

Nas marchas de flancos, bate o inimigo em SÃO SOLANO e HUMAITÁ, na travessia dos pantanais pestilenos do CHACO, vence em PIQUISSIRI, abrindo a passagem para a Esquadra Imperial. Dirige-se para o Sul combatendo em ITORORÓ onde, durante intensos combates, lança-se à frente do fogo inimigo, espada em punho para dar o exemplo aos seus comandados.

A partir daí, o rolo compressor dos bravos de Caxias impõe a derrota ao inimigo em AVAÍ, LOMAS VALENTINAS, ANGOSTURA e, finalmente, ITAIVATÉ, o xeque-mate dos Exércitos de LOPES, onde o vitorioso Marechal comandante supremo das forças aliadas atingia a culminância de sua brilhante carreira. Finalmente, no dia 5 de janeiro de 1869, à frente dos soldados brasileiros, entrava triunfante em ASSUNÇÃO, dando a guerra como terminada.

- O Cidadão -

Caxias nasceu, viveu e morreu como soldado e na constelação de seus familiares, contam-se quatorze marechais. Mas, nem por estas razões deixou de ser o cidadão admirado e reconhecido no seu caráter, no seu respeito à lei e à ordem e no culto aos sagrados valores da nacionalidade. Aliás, ninguém ignora que a cidadania é atributo da condição do bom indivíduo. Combatendo os ideais separatistas, estabeleceu a unidade do Império, criando os parâmetros de sua grandeza e dignidade. E ainda, mostrando-se magnânimo com os vencidos, como no episódio da “Abrilada”, no qual foi protagonista seu inimigo e condiscípulo MIGUEL de FRIAS, e na anistia aos implicados na “Balaiada”, onde deu provas de sentimentos de humanidade, condição precípua às qualidades de uma boa cidadania e de verdadeiro chefe militar.

- O Administrador -

Em 1855, Caxias ocupa, pela primeira vez, a pasta da guerra. Foi o

grande reorganizador do Exército, procurando melhorar as condições da tropa e aparelhá-lo, objetivando sua nobre missão. De início, conseguiu a reformulação da Justiça Militar e criou o importante órgão técnico denominado Ajudante General, responsável pela organização, instrução, suprimento e planos de operações do Exército, no desempenho de sua missão na paz, mantendo a ordem interna; e na guerra, responsável pela nossa defesa e nossa soberania. Hoje, temos no Estado-Maior do Exército, o substituto do Ajudante General, guardados, naturalmente, o vertiginoso progresso da arte da guerra e a multiplicidade de engenhos, estabelecendo novas condições para o combate e para a manutenção dos serviços. O Serviço de Saúde e o Sistema de Recrutamento do Exército merecem, igualmente, especial atenção de Caxias, defendendo as reformas baseadas na justiça, eqüidade e voluntariedade.

- O Político -

Além de sua excepcional carreira militar, Luiz Alves de Lima e Silva destacou-se na vida política, tendo ocupado vários cargos legislativos (Senador e Deputado) e executivos (Presidente e Vice-Presidente de Províncias, Conselheiro e Presidente do Conselho de Ministros) no cenário político nacional. Não aspirava outra glória, senão a de haver dedicado a sua luminosa existência ao exclusivo serviço da Pátria.

Em 1870, recebe o título de Duque. Sua vida, a partir de então, enfrentará outros embates, agora num campo onde as batalhas são vencidas mais com a malícia e a manha do que o destemor e a bravura. Na política, conservador como sempre, o Duque não se deixa enredar ou corromper pelos fuxicos e tramas da corte. Fiel ao seu temperamento justo e magnânimo, não hesita em extrair do Imperador a anistia para os Bispos presos durante a chamada “questão religiosa”, colocando, inclusive, seu cargo à disposição.

Em fins de 1877, após dois anos de ausência, o Imperador retorna da EUROPA. Na regência deixa a princesa ISABEL. No governo, permanece Caxias. Nesse período, houve progresso geral no país e harmonia entre os poderes. A paz dominou em todas as consciências, “Sem que as mais leves nuvens turvassem o nosso firmamento, apesar de tantas circunstâncias que tenderam a enegrecê-lo”.

Deputado pelo MARANHÃO, Senador pelo RIO GRANDE DO SUL, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro da Guerra e Conselheiro de Estado, o Duque de Caxias não foi feliz na política. De nada valeram, aos sentimentos de seus inimigos gratuitos, os serviços prestados à causa da Pátria, nem seus sacrifícios e glórias nos campos de batalha, tão pouco sua onerosa atuação como parlamentar e chefe de governo. Os maiores sofrimentos de Caxias foram sempre motivados pela sordidez dos embates políticos.

“Caxias não se destacou no senado como polêmico, orador retórico ou

hábil congressista. O que o destacou foi o trabalho atento e convincente, a vigilância permanente, a severidade e o patriotismo”.

- O Maçom -

A Maçonaria tem a honra de ter tido Caxias como destacado obreiro da Arte Real e de sua vida, na Sublime Ordem, extraem-se valiosos ensinamentos que permitem, não só compreender melhor importantes momentos da nossa História, como também colher subsídios que constituem em suportes para decisões e atividades futuras.

Quanto a sua vida maçônica, supõe-se que tenha sido iniciado entre junho de 1841 e maio de 1842, na Loja Maçônica São Pedro de Alcântara, uma das Lojas do Grande Oriente Brasileiro do Passeio, do qual seu ex- comandante e amigo, o Conde de Lages, era o Grão-Mestre. Existe também a hipótese de sua iniciação ter ocorrido entre setembro de 1845 e junho de 1841, quando seu tio José Joaquim de Lima e Silva, Visconde de Magé, era o Grande Chanceler do Grande Oriente Brasileiro, no grão-mestrado do Senador Vergueiro.

Controvérsias à parte o certo é que alcançou o título de GRÃO-MESTRE GERAL HONORÁRIO E SOBERANO GRANDE COMENDADOR DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, no grau 33, mercê de sua dedicação à causa maçônica.

Ao retornar vitorioso do Rio Grande do Sul, após a pacificação da Revolução Farroupilha, Caxias é empossado no cargo de Senador, encontra sua potência maçônica vivendo um sismo com Grande Oriente do Passeio, que acabaria por envolvê-lo.

Em março de 1847, o Conde de Lages, já no fim de sua vida dedicada à Maçonaria, teria nomeado o então Conde de Caxias, Grau 33, para o cargo de lugar Tenente Comendador do Supremo Conselho do Brasil de Montezuma, em substituição ao Marquês de Sapucaí, com a finalidade de que reorganizasse e restabelecesse a ordem naquele Alto Corpo.

Caxias passou então a dedicar-se com afinco as suas funções maçônicas. Organizou o expediente, criou e regularizou lojas e, consoante seu espírito conciliador, buscou uma aproximação com o Grande Oriente do Brasil (GOB).

A fim de reestruturar e reorganizar o Grande Oriente que dava sustentação ao Supremo conselho, teria o Conde de Caxias fundado um novo Grande Oriente, denominado Grande Oriente de Caxias, que foi composto, inicialmente, pelas Lojas Vinte e Três de Julho e Dois de Dezembro, às quais se juntaram, posteriormente, as Lojas União Escocesa e Triunfo do Brasil.

Em abril de 1847, com o passamento ao Oriente Eterno, do Marquês de Lages, o Conde de Caxias toma posse, na qualidade de 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, legitimamente denominado de Supremo Conselho de Montezuma, e

Grão-Mestre do Grande Oriente de Caxias.

Em 17 de julho de 1849, por meio do documento que se encontra no Museu do Grande Oriente do Brasil, assinado pelo Conde de Caxias e pelo Grande Secretário do Sacro Império, Ir A Dr. Antônio de Araújo, o Conde de Caxias autoriza o Conselheiro João Fernandes Tavares, Visconde de Ponte Ferreira, a tratar com o Senador Araújo Viana, Marquês de Sapucaí, da fusão do Supremo Conselho de Montezuma e do Grande Oriente de Caxias com o Grande Oriente do Brasil.

Em 1852, graças ao grandioso espírito pacificador de Luiz Alves de Lima e Silva, acontecia a unificação do Supremo Conselho de Montezuma, fundado em 12 de novembro de 1832, e do Grande Oriente de Caxias com o Grande Oriente do Brasil, fundidos os corpos Simbólicos e Filosóficos, continuou no primeiro malhete do Grande Oriente do Brasil o Marquês de Abrantes, sendo o Conde de Caxias proclamado Grão Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, já que até 1854 continuou exercendo o cargo de Soberano Grande comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Supremo Conselho de Montezuma).

Em 1869, o então Duque de Caxias, que continuava ativo no Grande Oriente do Brasil, fiel ao seu juramento maçônico, recebeu a missão de representar o Supremo Conselho da Inglaterra junto ao Grande Oriente do Brasil, missão que desempenhou até sua passagem ao Oriente Eterno.

Apesar de respeitado e querido por seus Irmãos, pode-se afirmar que o Duque de Caxias não contava com o respaldo da Ordem. Ele era exemplarmente conservador e leal ao Imperador e suas convicções não lhe permitiram tornar-se republicano e conspirador, como a maioria dos maçons nas últimas décadas do século XIX.

Caxias deve ser entendido, não só como responsável pela nossa integridade territorial, mas também como o verdadeiro sustentáculo do Império. Sua visão de estadista foi mais uma vez caracterizada quando da chamada Questão Religiosa, que envolveu clérigos e maçons de Pernambuco e teve, como consequência, a prisão de vários bispos por D. Pedro II. Caxias, ao ser chamado a assumir, pela terceira vez, a Presidência do Conselho de Ministros, impõe ao Imperador a anistia dos religiosos.

Essa atitude, por vezes incompreendida por alguns maçons, deve ser vista como uma tentativa de manter a Igreja como aliada do Império, porque ela era um dos seus sustentáculos, ao lado das Forças Armadas e da agricultura canavieira e cafeeira do Vale do Paraíba.

Em 07 de maio de 1880, passou para o Oriente Eterno o Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Brasil, 5º Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Montezuma), Marechal-do-Exército Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro.

Podem os Irmãos assim observar que o grande Pacificador, que fundava Triângulos Maçônicos para acabar com revoltas, transformando inimigos em amigos pelo Amor Fraternal, em paralelo a sua vida posta a serviço da Pátria, também desempenhou na Maçonaria o papel de Pacificador, daí a justa homenagem do seu título na Maçonaria de O PACIFICADOR.

Meus Irmãos “LUX VERA IN TENEBRIS LUCET”, “a verdadeira luz brilha mesmo na escuridão”. Hoje, o grande Marechal é lembrado como um dos mais ilustres irmãos do passado e, atualmente, inúmeras Lojas Simbólicas, de Perfeição e Capitulares, de diversas potências, ostentam o nome de “Duque de Caxias” ou “O Pacificador”, as Academias Maçônicas de Letras possuem a cadeira de Duque de Caxias; e o dia de seu nascimento, 25 de agosto, é sempre efusivamente comemorado.

Podemos citar, por exemplo: Do GOB as Lojas

- Duque de Caxias I - Nova Iguaçu/RJ - N° 1045
- Duque de Caxias II - Rio de Janeiro/RJ - N° 441
- Duque de Caxias III - São José dos Campos/SP - N° 1357
- Duque de Caxias IV - Recife/PE - N° 1722
- Duque de Caxias V - Sobradinho/DF - N° 1776
- Duque de Caxias VI - Caxias/MA
- Duque de Caxias SOLDADOS DO BRASIL - Campos/RJ - N° 1169
- Duque de Caxias PRAIA VERMELHA/RJ - N° 2589
- O PACIFICADOR/RJ

GRANDES LOJAS

- Duque de Caxias - TRIÂNGULO N° 4 - Concórdia/SC
- Duque de Caxias - N° 14 - Cajazeiras/PB
- Duque de Caxias - N° 16 - Macapá/AP
- Duque de Caxias - N° 18 - Duque de Caxias/RJ
- Duque de Caxias - N° 29 - Lajeado/RS
- Duque de Caxias - N° 33 - Januária/MA
- Duque de Caxias - N° 70 - São Vicente/SP

E tantas outras mencionadas.

- CONCLUINDO -

Caxias foi herói e mártir. Herói no campo de batalha, vencedor e nunca vencido. Herói no cumprimento do dever e mártir na inveja e incompreensão dos políticos. À Pátria tudo dera, sem nada exigir. Nem ao menos na velhice, pôde merecer a paz dos justos.

Mas, o Exército - herdeiro de suas glórias e depositário de suas excelsas virtudes - tomou-o como Patrono. É a consagração dos eleitos e o caminho inarredável para a imortalidade. No comportamento, nos anseios e nas aspirações de seus chefes e subordinados, o Exército de hoje é a afirmação

legítima dos ideais de seu insigne patrono.

Quando, a 7 de Maio de 1880 cruzou para o Oriente Eterno, encerra-se a carreira do ínclito Marechal deixando o legado de exemplos e virtudes.

À passagem do cortejo fúnebre, multidões sentidas relembravam seu honrado nome, sua história exemplar. Pela mente dessas turbas lacrimosas perpassa o vulto paradoxal do guerreiro e pacifista, diplomata e jugulador de revoltas, severo e justo, heróico e crente, coração abrasado de fé e de amor à família. Por ela deslizavam, como telas movediças - Itororó, a Abrilada, o Btl Sagrado, a Balaiada, a Sedição de Sorocaba e Barbacena, a marcha para Ouro Preto, os Farrapos, Porongos, Poncho Verde, Chaco, Avaí, Lomas Valentinas e tantos outros embates, enquanto pelos seus ouvidos ecoam, ainda, as clarinadas aurais dos seus triunfos. A maior sentinela indomada da Pátria foi, sem dúvida, quem lhe deu a pujança de seu físico, a robustez de seu civismo, o vigor de sua crença inabalável, a intrepidez de militar nato, a prestância de cidadão virtuoso e inteligente, durante cinco décadas de vida pública.

O Patrono dos soldados, assaz altivo pelo tempo e pelo espaço, a desfralda sob os céus brasílicos, o impoluto lábaro auriverde estrelante.

Na verdade, dos campos de Pirajá, berço de nossa independência, aos campos de Piratini, onde se firmou a idéia de nacionalidade; de Tuiuti, chão sagrado das glórias da infantaria brasileira, aos redutos de Angostura, vitória consagradora das armas do Império; de Camaioire a Montese, marcos heróicos e triunfais das armas brasileiras na II Guerra Mundial, consolidaram-se dentro do Exército o primado da ordem constitucional e do respeito à lei, à ordem, à disciplina, à fé democrática e à predestinação de vanguardeiro de nossa soberania.

A conduta do exército é, nos dias de hoje, o reflexo da vida de seu patrono. Nos 55 anos de sua luminosa e incansável vida pública, coincidentemente os de maior fulgor da história do Império, a espada invicta do grande soldado manteve-se exclusivamente a serviço da Pátria, na paz e na guerra, para a defesa de seus legítimos direitos. Nas lutas internas pacificando a família brasileira, e nos conflitos externos, no combate à tirania e na defesa de nossa dignidade como nação livre, Caxias uniu o seu destino às vitórias do seu Exército que o eternizou na glória.

“A significação maior do culto que o Brasil, tanto pelas suas forças armadas como pelas populações civis rende a Caxias está em que ele nunca utilizou a sua espada para agredir; usou apenas para defender. Esteve a serviço da nação unicamente para resguarda-la. Jamais para comprometê-la”.

OSVALDO ORICO in “Homens da América”.

Or ./Cruz Alta, 25 de Agosto de 2003.

EDMIR MÁRMORA JUNIOR - M.-.M.-. CIM 170602

- Iniciado na Loj/ Bartolomeu Fagundes - Or/ Natal - RN, em 1975 - Ex membro das Loj/ Três Poderes - Or/ Brasília - DF; Loj/ Duque de Caxias - Or/ Rio de Janeiro - RJ; - Atualmente, filiado a Loj/ Justiça e Perfeição - Or *Porto Alegre - RS* e membro Honorário da Loj / *Harmonia Cruzaltense - OrCruz Alta*

Bibliografia:

1. CAMPOS, Pinto de - Monsenhor. Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luís Alves de Lima e Silva. Rio de Janeiro, Bibliex, 1978. 31p (transcrição da introdução).
2. CARVALHO, Affonso de. Caxias. Rio de Janeiro, Bibliex, 1976. 305p.
3. KURT, Prober. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, 1972. 39p.
4. STURARI, Raul José de Abreu. Artigo do Égrégora da Loja Simbólica MIGUEL ARCHANJO TOLOSA.
5. SOUZA, Eduardo Gomes. Artigo do boletim do GOERJ.
6. SILVA, Wladimir Paulino Vilela. Palestra realizada na LOJ-Duque de Caxias/RJ.

Nota do Editor: O Cel EDMIR MÁRMORA JÚNIOR é Membro-efetivo da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Porto Alegre - lecaminha@gmail.com

Nº 98 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA: UMA RESPOSTA ÀS CRÍTICAS
- Monografia da ECEME -**

INTRODUÇÃO

Mais do que certo é criticar-se a injustiça e condenar -se a crueldade. Mas fazê-lo contra seus próprios ancestrais para endeusar o inimigo de ontem é traição. E tanto maior, quanto mais se esconde a culpa dos outros com o exagero dos nossos pecados, como faz Júlio José Chiavenatto no livro "Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai."

Na síntese biográfica que dele consta na última página, dever-se-ia acrescentar: "com a presente obra, definiu-se como o maior inimigo do país em que nasceu".

Porque tudo que importa na Ética é não transgredir os limites impostos pela lealdade, ou melhor, pelas lealdades a que se está sujeito na vida. Lealdade à pátria, lealdade à família, lealdade às crenças, aos compromissos e aos valores que a sociedade impõe no código invisível inscrito nas consciências dos indivíduos.

Divergir, protestar, discutir e mesmo insurgir-se pode ser lícito e até louvável e, em certos casos, prova de coragem moral, quando os parâmetros do sagrado e do intocável não tenham sido violados. Se, no entanto, a crítica se transforma em injúria, calúnia, em desrespeito aos grandes vultos do passado, entronizados no altar da Glória Nacional, seus autores entram para a História com a triste celebridade dos "judas iscariotes", dos "calabares", dos "silverios dos reis" e, agora, dos "chiavenattos" da vida. E, em troca de trinta dinheiros ou da popularidade que conseguem angariar, se sujeitam a carregar, pela eternidade, o estigma abjeto de sua traição.

Em tempos de ebulição social, como os em que se vive hoje, teme-se, às vezes, perder a noção desses limites no torvelinho das paixões em luta.

Não faz muito, a derrocada de antigos ídolos e decantados mitos do Mundo Comunista, diante do vendaval da "perestroika", aturdiu o Ocidente. Mudanças assim, repentinas e radicais naquela estrutura, aparentemente sólida, suscitavam dúvidas, elogios e denúncias. Só agora se percebe que tudo não foi mais que o triunfo do bom senso, o raiar da liberdade e o início de tempos mais felizes para aqueles povos.

E o maior respeito à dignidade humana que lá se acrescenta não terá vindo, com certeza, em detrimento de padrões éticos vigorantes, quando, segundo se sabe, resultam do espontâneo despertar das consciências, há muito silenciadas pelo terror. Mas Chiavenatto não tem apreço a semelhantes causas, porquanto é contrário à liberdade. Ao invés disso, consagra ele a tirania como ideal político e instrumento único para implantar -se a igualdade e eliminar-se o privilégio, erigindo o Paraguai dos López em magistral paradigma de sua esdrúxula tese.

E é nesse livro que, sob a orientação da Igreja progressista e de outros focos de subversão das tradições e dos valores nacionais, as crianças de São Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e outros estados estão aprendendo a História do Brasil!

Claro que, para incutir nos jovens idéias tão absurdas, seria necessário distorcer e falsear a realidade vivida pelos nossos sofridos e heróicos antepassados naquele cruento conflito, que constituiu, no Continente Sul-Americano, a maior epopéia de que se tem memória.

E não só distorcer os fatos, como, de modo torpe e insidioso, inventar mentiras e difundir meias verdades, sempre mais difíceis de serem desfeitas nas mentes ingênuas dos jovens e dos ignorantes. De pouco têm valido, contudo, os notórios méritos desse brilhante trabalho diante da conspiração vermelha que lhe impede o acesso à juventude. Pois, em contraste com a decadência do Marxismo no Velho Mundo, vê-se seu crescimento entre os latino-americanos.

Antes, as pessoas aqui timidamente se confessavam comunistas; hoje,

se declaram com orgulho e paixão. Sobretudo os professores, os artistas, os líderes operários, os padres e grande parte dos políticos. Em tudo se assiste, impassivelmente, à sementeira do Marxismo retrógrado, que já infelicitou tanta gente do outro lado do planeta. Como esperar, então, que o livro resposta do Major Anatólio Alves de Assis venha a ser lido pelas crianças em nossas escolas dirigidas por mestres comunistas?

Sejamos realistas e práticos, como convém a bons soldados. A resposta às difamações e calúnias desses maus brasileiros só poderá ser ouvida pela Nação Brasileira se bradada pelas Forças Armadas, com veemência e indignação expressas em atos públicos, em providências objetivas, com repercussão nacional, capazes de redimir e enaltecer a memória dos dignos e valorosos soldados que nos precederam na relevante e nobre missão de defender a integridade e a honra da Pátria. Responder às principais críticas e acusações ao Brasil e propor medidas para aumentar a ressonância da resposta e a formulação desse protesto, constituem os objetivos do presente trabalho.

A GUERRA E A ÉTICA

"Um oficial brasileiro morre mas não abate sua espada diante do inimigo". José Luiz Menna Barreto. **AS MENTALIDADES** - Subsistir e procriar são fatalidades que a natureza animal impõe ao homem. Lutar e amar são escolhas que sua inteligência e seu espírito superiores lhe oferecem. Pode-se simplesmente vegetar na rotina das contingências biológicas, ou, então, viver, num ímpeto de nobreza, que a singularidade e a perfeição do ser humano justificam. Pode-se rastejar a vida toda, como um réptil desprezível, na escuridão covarde do anonimato, ou - tal qual as águias - galgar as nuvens, desafiando o perigo, em busca da glória. Mas não há como conciliar mentalidades tão divergentes e antagônicas. Uns elegem a prudência para fundamento ético; outros, a coragem. Para aqueles - que ao longo dos tempos têm sido qualificados de céticos, pragmáticos ou utilitaristas - a coragem ou é ameaça, ou é loucura, ou ambas as coisas. Para estes, chamados ora de estóicos, ora de românticos, ora de idealistas, a coragem é a virtude maior do homem, pois, sem ela, nenhuma outra pode existir. Vivem lado a lado, mas em mundos diferentes, procurando predominar na Sociedade e, através dela, que decreta o Bem e o Mal, impor seus pontos de vista. Honra, dignidade, nobreza, lealdade, são valores que o idealismo exalta: hipocrisia, avidez, traição e covardia, práticas utilitárias rotineiras. Sob o maquiavélico pretexto de que "*os fins justificam os meios*", os sectários do útil absolvem pecados e relevam crimes, livrando-se dos grilhões da moralidade e avantajando-se na disputa pelo Poder, que só muito raramente lhes foge das mãos. E, por terem de submeter-se a isso, é que tanto se atormentam e desesperam os povos, como já proclamava o Poeta, ao dizer que "*o fraco rei faz fraca a forte gente*".

O IDEALISMO - Em contraste, porém, com o que se diz, a hegemonia utilitária

não constitui sina irremediável, nem fatídico infortúnio da raça humana. Nos primórdios da criação, o "beau sauvage" de Rousseau - virgem das perversões da carne e impregnado da ingénua índole provinda de Deus - aceitava com prazer a obrigação viril de garantir caça abundante à sua grei, repelindo com intrepidez a cobiça estranha, como dão provas as toscas gravações rupestres comemorativas de triunfos que a Arqueologia registra. O gosto pelo perigo, que a luta constante desenvolve, sobrepõe-se ao medo, reduz o egoísmo, cria a nobreza e semeia o idealismo.

O UTILITARISMO - Ao longo de milênios que se arrastaram depois desse remoto antepassado, nada alterou o costume de que todo macho, por natureza, era um guerreiro... E, no ânimo selvagem do homem primitivo, esse pesado ônus constituía, não só honroso privilégio, como másculo e agradável divertimento. E assim foram as regras enquanto a dependência da caça obrigou à vida nômade.

Com o advento da Agricultura, fixando o homem à terra e propiciando o surgimento do Comércio, das Artes, das Letras e das Religiões, novos papéis se outorgaram ao varão na Sociedade, facultando-se-lhe substituir a espada pelo arado, pelo altar, pelas tábuas, pelo palco e, em consequência, prolongar a vida. A luta, ao invés de nobre prerrogativa masculina, se tornava caminho impositivo para a escória faminta ou recurso extremo da sociedade agredida. Alguns, raros, apreciavam o estilo de vida rude e aventureiro dos antigos. A civilização afeminava e enfraquecia os povos que, por isso, se viam dominados pelas hordas bárbaras, ainda afeitas aos velhos hábitos guerreiros.

A CONVIVÊNCIA - No marasmo da Idade Média que sobreveio a isso, a instituição da Cavalaria e a moda dos exércitos profissionais concentraram nos ombros de uns poucos a atividade militar, imprimindo-lhe características mais próximas do jogo que da luta de vida e morte. Malgrado, porém, tal circunstância, era de consenso que, mesmo de reduzida monta, o risco implícito desse tipo de vida conferia nobreza a quem o abraçasse. A Agricultura, as Artes, o Comércio e a Burocracia eram trabalhos de gentalha. As classes sociais se definiam, assim, com maior profundidade, em vista do apreço ou da aversão aos perigos da guerra.

A REPÚBLICA - Com Napoleão, ressurgia a tradição do povo em armas da vida tribal, com ímpeto acrescido das forças da máquina e da técnica modernas. O entusiasmo, gerado pela ideologia da "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", sufocava o medo de morrer e santificava as recíprocas matanças, pela grandeza das causas envolvidas. O orgulho nacional explodia de mil formas, que arrebatavam espíritos e consciências, impondo-lhes novos valores e candentes ideais para substituir mofadas práticas utilitárias. A força dos ideais comuns, aglutinando os espíritos, voltava a presidir a guerra e a vida social, num mundo que crescera por conta dos milagres utilitários. . .

Surgiram os ideais republicanos que, no entanto, só chegaram ao Brasil

um século depois, já sem o viço das novidades, sem a vibração das grandes conquistas; como um fruto maduro que despenca e logo cai de moda.

O PATRIOTISMO - A independência das colônias ibéricas, no começo do século XIX, preservara-as bastante do contágio dessas idéias, conservando o Continente Sul-Americano, cem anos ainda, em padrões setecentistas.

Os relevantes encargos militares que a vastidão do Império demandava estavam distribuídos, seguindo o figurino feudal, a uma Esquadra antiquada, um Exército de Linha diminuto e à Guarda Nacional, composta de elementos mobilizados pelos barões do Sertão. A Segurança Nacional repousava, antes no respeito que o gigantismo do país pudesse inspirar, que em forças militares capazes de garanti-la pelas armas. Era uma política utilitária que visava economizar recursos do Estado em setores de "menor importância".

O Paraguai preparara-se com antecedência. Disponha de forças regulares aguerridas e bem providas. López trouxera de volta a seu povo os instintos ancestrais adormecidos. O grito de guerra ecoava em seus corações, incitando-os à luta, num apelo mágico e irresistível. Atacaram-nos. Invadiram o Mato Grosso. Devastaram o Rio Grande. Humilharam o Império. Era preciso reagir à afronta que lançavam ao Brasil e a cada brasileiro - branco, preto, livre, escravo, rico ou pobre.

A herança bárbara remanescente aflorava como ira incontida, clamando por vingança. De repente, os idealistas se multiplicavam e os utilitários renitentes abrandavam a propaganda da acomodação e da covardia. Batalhões e mais batalhões de Voluntários da Pátria acorriam às fronteiras do Sul, engrossando nossas fileiras. Eram todos recrutas mal preparados e pior equipados. Mas os perigos e vicissitudes da guerra os ensinariam a lutar e a descobrir os caminhos da renúncia, da grandeza e da vitória. Ensinar-lhes-iam, também que os dez mandamentos só vigoram em tempo de paz e que, nos campos de batalha, as virtudes são o avesso deles. Que o primeiro dever do soldado é a obediência e não lhe cabe discutir a política do Governo, nem duvidar da justiça das razões que o levaram a lutar pela Pátria, mas sim cumprir rigorosamente as ordens de seus chefes, ainda que lhe custe a vida. E, se isso è verdade, se o dever do soldado é lutar até o fim, nós soubemos honrá-lo.

Pode-se deplorar o resultado, mas deve-se reverenciar o heróismo. Não fôssemos tantos, nem tão leais e valorosos e teríamos sido, igualmente, exterminados.

A HISTÓRIA E A PÁTRIA

A EPOPÉIA - A vida de um povo é muito mais que simples relatório ou narrativa fria de episódios encadeados. Ela transcende ao vernáculo e às idéias comuns de vivência ou testemunho para integrar-se em algo mais complexo e permanente que é a Pátria. São as nossas raízes fincadas no passado. A tradição que vem de longe, de mistura com fatos marcantes, sempre lembrados. A realidade crua que se veste com o manto magnífico da lenda...

O maravilhoso que surge das sombras para criar o mito. São os arquivos, os museus, os monumentos e, também, as formidáveis epopéias, em que os poetas celebram grandes vultos ancestrais, transformados em heróis no Olimpo da nossa gratidão eterna.

É a evocação do grandioso, do nobre, do meritório; a exaltação da Virtude; o elogio da Justiça; o culto à Beleza e o desprezo pelo sombrio, pelo melancólico...

É a temeridade dos Bandeirantes, o patriotismo nascente de Guararapes, a expulsão sangrenta dos franceses, a árdua conquista do Rio Grande, o martírio de Tiradentes, o sacrifício de Zumbi, a pacificação dos Farrapos e a vitória sobre López. Fatos decantados em vibrantes estrofes que a tradição secular inscreveu nas consciências de sucessivas gerações e já se tornaram parte da alma brasileira, entranhando-se em nossa personalidade, como o idioma herdado dos portugueses e a pele trigueira da influência africana. Não há mais como arrancá-los de nós. Passaram a ser questão de fé, como as religiões e as ideologias. E, no fervor com que se evocam tão memoráveis e honrosos feitos, nossas almas se reportam a um fictício passado de si mesmas e se comprazem - num transe místico e fantástico - de sentirem-se participantes dos episódios revividos.

Mais que esperança de melhor futuro, o orgulho que advém desses gloriosos tempos nos anima e estimula a trabalhar e a lutar pela grandeza do portentoso país a que tanto amamos.

A PERFÍDIA - Surge agora, porém, quem, erigindo-se em arauto da verdade, ouse denunciar antigos ídolos e patronos venerados, gente do maior valor e da mais justa fama, por imaginárias culpas de crimes nefandos, no torpe e vão intento de macular-lhes a memória augusta e induzir os brasileiros a negar-lhes o culto merecido e consagrado.

Curioso zelo esse, tão repentino, de resgatar dívidas morais supostas com a moeda fácil da calúnia! Estranho vezo de perquirir remotas tramas, de exumar intrigas mortas e atizar as chamas de adormecidos rancores! Em vez de festejar o ruidoso reboiço da alegria de viver, se rejubilam com carpir velhas mágoas aos compassos soturnos dos funerais. Visão acanhada, espírito mesquinho, não lhes acode que só fica para o futuro o que merece ser lembrado. O mais que se passa nas entrelinhas da banalidade, perde-se no bolor do esquecimento ou no lixo das imundícies sociais. Todavia - que ninguém se iluda! - o amor à Verdade que alardeiam não é mais que vil disfarce do fanatismo desvairado que os domina. Não é a dúvida sistemática e indagadora de um Sócrates, muito menos o rigor do método científico de um Bacon, senão o interesse solerte de reescrever a História do Brasil com outras tintas; o desejo maquiavélico de entronizar no altar da Pátria os criminosos e os traidores de ainda há pouco. E, em sua fúria iconoclasta, reduzir à cinzas nosso passado de glórias, para, sobre elas, erigir o "**paraíso**" comunista e instituir,

entre nós, o dogmatismo e o ódio como praxe política e forma de viver. Evangelistas do mal, seu credo é a ira implacável, e seu breviário, a intimidação e o escândalo. Esquecem que fazer escândalo não é fazer história...

O TESTEMUNHO - História é o que fazem os grandes homens com seu talento, sua virtude, sua nobreza - como luzeiros a demarcar no infinito o caminho por todos percorrido. Fizeram história sim, e muito bem, aqueles incontáveis bravos, há mais de século, no coração do Continente, com o sangue que derramaram e o sacrifício que arrostaram. E, melhor que ninguém, alguns dos que voltaram souberam contá-la, em refulgentes páginas que registram seu valioso testemunho.

Os melhores exemplos dessa afirmação são encontrados em *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, do Gen Dionísio Cerqueira; *A Retirada da Laguna e Diário do Exército*, do Visconde de Taunay, e *"A Campanha Lopez-guaya"*, do Gen Mário Barretto. Testemunho que valoriza o julgamento ao medir e avaliar, na própria carne, o mérito e a desgraça. Muita petulância e grande iniquidade é, portanto, pretender desmentir, aqui de longe, cem anos depois, tão fidedignas memórias. E, pior ainda que desmentí-las, é contestar-lhes a lisura, a grandeza e o critério, quando ali se enaltece, com igual veemência, a estóica resignação da Laguna e a bravura indômita de Itororó; a audácia sem par de Riachuelo e a resistência inquebrantável de Tuiutí; e, sem ver a cor da farda, louva-se a coragem de todos os valentes e deplora-se a tibieza de qualquer covarde.

E, afinal, quem melhor que os próprios soldados para descrever as guerras? A experiência os ensina a encontrar adjetivos que lhes suavizem as derrotas e lhes engrandecem os triunfos, mas a devoção com que cultuam a Honra os impede de falsear o acontecido.

A SOLIDARIEDADE - Seria, contudo, demasiado pedir-lhes que rompessem o sagrado compromisso de tratar com afeição os irmãos de armas, no momento de criticar-lhes a conduta diante do inimigo. O respeito à Verdade que deles se espera, não pode confundir-se com traição. Ressalvados o crime e a infâmia, a camaradagem recomenda-lhes absolver, externamente, os companheiros. Ou, se não isso, pelo menos vê-los com a condescendência de irmãos. Em homenagem a tudo que fizeram pela Pátria, diga-se, entretanto, que não careceu à Ética silenciá-los jamais, pois nenhum labéu havia que disfarçar, nem vergonha alguma se precisava esconder. E para encerrar seus magistrais escritos teriam vindo bem a propósito, num preito reverente à nossa origem, estes versos imortais do nosso idioma:

*"Ouvi que não vereis com vãs façanhas.
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas*

*Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro".*

CAMÕES, Luiz Vaz de. Os Lusíadas, Canto Primeiro, Estrofe 11.

DENÚNCIAS E DESMENTIDOS

O IMPERIALISMO - Divulga-se, nos dias de hoje, que os ingleses foram os principais causadores da Guerra da Tríplice Aliança, ao verem colidir seu projeto imperialista de transformar o Paraguai em colônia econômica, com a intenção paraguaia de trilhar um caminho independente e nacionalista de desenvolvimento. Tal caminho teria origem na chamada "**revolução autônoma paraguaia**", vista como inédita experiência socialista instituída por José Gaspar Rodríguez de Francia, e continuada por Carlos António López e Francisco Solano López, antes, portanto, de Marx ter escrito "**O Capital**".

É fácil ver que o entusiasmo revisionista pela causa paraguaia se prende a esse passado. Justificam o maior interesse britânico com a perspectiva de proveitosos investimentos na área e a decorrente colocação de seus produtos comerciais. Alegam, também, a necessidade de a indústria inglesa substituir o algodão americano, que a Guerra de Secessão tornara escasso, pelo de origem paraguaia, não obstante a oposição de López. Julgam, ademais, muito provável que o Império Britânico pressentisse a ameaça da concorrência paraguaia. Entretanto, o exame de alguns fatos mais relevantes, bem como a análise da capacidade econômica do país, conduzem a outras conclusões.

Estivesse a Grã-Bretanha avidamente interessada na abertura do mercado paraguaio ao capital britânico, terminada a guerra, não havendo mais empecilhos, seus investimentos teriam aumentado grandemente. Por volta de 1880, no entanto, eles não passavam de 1,5 milhão de libras esterlinas, isto é, menos que 1% dos seus investimentos totais na América Latina. Na verdade, o Paraguai ocupava o 14º lugar nos investimentos britânicos na região.

Quando começou a guerra, em 1865, os britânicos já haviam obtido fontes alternativas de algodão, particularmente nas Índias Ocidentais, Egito e Brasil. Além disso, a capacidade econômica do Paraguai, a essa época, era muito limitada, representando menos de 3% do total das exportações do Brasil — longe, portanto, de se tornar o maior supridor mundial que a Grã-Bretanha pudesse estar procurando. A maior contestação ao argumento baseado na crise do algodão decorre de ações do próprio López, que havia, de fato, se interessado em encontrar mercado para os produtos paraguaios, particularmente o algodão. Com esse intuito, enviou numerosas quantidades da variedade paraguaia à Europa, visando atrair o interesse de possíveis compradores. Em consequência, nenhuma base existe para afirmar que o Paraguai não pretendesse exportar seu algodão.

Quanto à desconfiança de um secreto ânimo imperialista brasileiro, o discurso revisionista e tendencioso e unilateral pois na medida em que enaltece

o "**modelo paraguaio**", ignora a situação brasileira em 1864. Desconhece que o Brasil praticava um parlamentarismo moderno, com rodízio de partidos no poder. Não sabe que exportava café, algodão, cacau e que, já em 1850, possuía cinquenta fábricas com cinquenta e quatro mil operários. Ignora, também, que o Império dispunha de rodovias, ferrovias, navegação fluvial e marítima, estaleiros navais e do Banco do Brasil.

O Paraguai, de restritas elites, isolado, com menos de um milhão de habitantes, produtor de mate, algodão, madeiras, com uma ferrovia de cinquenta quilômetros e um navio por dia em seu porto, seria uma ameaça à economia do Brasil com seu vasto litoral, recursos inesgotáveis, elites políticas do mais alto padrão e população de oito milhões?

Depreende-se, em resumo, que seja qual for a ótica pela qual a acusação de imperialismo seja considerada, os fatos evidenciam que ela não possui o menor embasamento documental.

AS CAUSAS - Quais seriam então as verdadeiras causas do conflito? Pode-se enumerar uma série delas, pois, na verdade, houve antecedentes que remontam ao século XVI. Entretanto, o trabalho irá ater-se às causas mais recentes.

Embora os "lopistas" insistam em atribuir ao Império um vivo interesse expansionista, este já havia ultrapassado essa fase desde a Batalha do Passo do Rosário (1827), quando o Império desistiu da Cisplatina e a Argentina, das Províncias Unidas, nascendo, assim, a República Oriental do Uruguai.

Por que, então, teria havido as Campanhas de 51-52 e a intervenção em 1864? Eis aí uma das causas que pode ser considerada: o desequilíbrio. O Brasil não pretendia mais chegar ao Rio da Prata, porém, da mesma forma, não admitia que seu rival portenho dominasse suas duas margens. Essa ameaça estava presente nas alianças entre Uruguai e Argentina, nesse período.

O Paraguai, entretanto, isolado por longo tempo da convivência continental, desconfiava das intenções de Brasil e Argentina. E isso ficava patente nas palavras de López a Mitre em Yataity-Corá, após a Batalha de Tuiuti: "A guerra que movi contra o Brasil era pela crença de que o Império não se contentaria com a conquista do Uruguai e que sua dominação seria estendida a outros países vizinhos". O Desequilíbrio pode também ser alinhado como causa no campo militar. Era notório o descaso do Império pelo Exército, o qual estava totalmente despreparado e escasso em seus efetivos.

Ao início da guerra, o Brasil dispunha de vinte e um mil homens em armas e o Paraguai, setenta mil. A proporção era quase de um para quatro, o que contrariava as versões revisionistas de "maciça superioridade brasileira", as quais visam a aumentar o mérito das ações paraguaias.

Diz George Thompson, conselheiro militar de López, a respeito desses acontecimentos: "Ele (López) tinha a idéia de que só uma guerra poderia tornar conhecido o Paraguai. Sua ambição pessoal impelia-o à luta, pois sabia que

poderia chamar **às armas, imediatamente, todos os paraguaios e formar um numeroso exército, ao passo que os brasileiros precisavam de muito tempo para reforçar o seu. Julgava, ainda, que eles não estariam dispostos a sustentar uma guerra prolongada.** *"Dizia, de si para si, que se não se aproveitasse daquela conjuntura para apresentar guerra ao Brasil, este poderia fazê-lo em ocasião mais desfavorável para o Paraguai".*

O ESCRAVAGISMO - Costumam os revisionistas referir-se ao Brasil como o "Império Escravocrata". Esquecem eles que no Paraguai a escravidão também vigorava. Que nos Estados Unidos da América do Norte ela só teve fim com a Guerra da Secessão, que de pouco antecedeu a da Tríplice Aliança. Que num regime monárquico a escravidão consentida é menos escandalosa que num país republicano. O próprio Estado paraguaio era proprietário de grande número deles, dos quais dispunha a seu arbítrio, empregando-os em obras públicas, nas propriedades rurais e vendendo-os a particulares.

Existe um documento, firmado por López, referente à venda de escravos do Estado Paraguaio, em que ordena à Coletoria Geral o recebimento de duzentos pesos pela venda de uma escrava e de uma filha menor desta e de oitenta pesos por uma liberta, compradas pelo ditador.

Segundo Mário Barretto, autor de "A Campanha López-guaya", o número de escravos naquele país em 1866 era de quarenta mil. Consideradas as populações de ambos os países e o número de escravos de cada qual, vê-se que a proporção era a mesma. Quanto a terem-se escravizado paraguaios aprisionados no cerco de Uruguaiana e tê-los compelido a lutar ao lado dos aliados, integrando as "Legiões Paraguaias", o fato de haverem recebido soldo do Império é eloquente desmentido. Não há dúvidas quanto a integração existente entre os oficiais paraguaios e os brasileiros, mostrando que aqueles não pareciam estar ali obrigados.

O SAQUE - A requisição de recursos locais, em países ocupados, é prática que remonta à Antiguidade. Gengis Khan e, mais recentemente, Napoleão a utilizaram intensamente em suas campanhas. Os paraguaios também o fizeram ao invadir o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul; e, posteriormente, ao retrárem para o Paraguai, levaram consigo grande parte do rebanho de Corrientes e Entre Rios. Acusar os comandantes aliados de roubo, por também o praticarem, demonstra parcialidade de julgamento e desconhecimento da tradição militar.

OS CHEFES - Criticam os autores revisionistas a capacidade militar de generais brasileiros do porte de Caxias e de Osório. Na batalha de Tuiuti, a mais cruenta da América do Sul, Osório é criticado pelo imobilismo das forças aliadas. Na verdade, as forças paraguaias, devido a um erro tático de López, tentaram preceder um eventual ataque aliado. O terreno ocupado por López, todavia, era mais adequado à defesa e, nessa circunstância, melhor teria sido mantê-lo. No entanto, a conduta dos aliados, ao serem atacados, não mereceu qualquer reparo, uma vez que souberam aproveitar-se de um bem articulado

dispositivo de defesa móvel para destruir o inimigo com vigorosos contra-ataques no interior dos bolsões de penetração. Luziram os gênios militares de Osório, Sampaio e Mallet, principalmente o primeiro que, conduzindo os contra-ataques de destruição, em diversas partes da frente, viu cair sobre si o manto da glória. Caxias, por sua vez, não teve seus méritos reconhecidos na vitória de Humaitá e nem viu ser mencionada a "Manobra de Piquiciri" ou "Dezembrada", que o consagrou entre os grandes capitães da História. Sobre ela, disse muito bem o Gen Tasso Fragoso, ter "o sinete característico das concepções napoleônicas, que prevê e provê, aliando a audácia à segurança, nada deixando à improvisação".

Publicam, ainda, uma série de "despachos privados" que teriam sido escritos por Caxias, durante a guerra, para o Imperador. Observe-se que as referidas cartas estavam redigidas em Espanhol e continham referências desairosas ao Império e a seus soldados, bem como elogios aos Paraguaiois. Parece óbvio que Caxias não escreveria cartas em Espanhol. Sabe-se hoje que elas foram escritas pelos próprios paraguaiois, e publicadas em órgãos de sua imprensa de guerra, com claros objetivos psicológicos. Essa confirmação foi obtida pelo Cel Francisco Ruas Santos, ilustre historiador militar, após minuciosas pesquisas, divulgadas a oficiais instrutores de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

O SADISMO - As acusações ao Império prosseguem. O Conde D'Eu é tachado de vilão e sádico por ter combatido e vencido os paraguaiois na Batalha de Campo Grande, Acosta Nu para eles, quando morreram duzentos brasileiros e dois mil paraguaiois, sendo que destes a maioria era composta de jovens menores de idade. Cabe perguntar se haveria outra conduta para um exército em combate, ao defrontar -se com o inimigo armado que lhe opõe resistência e não aceita render-se.

A História registra fatos que permitem comparação.

A famosa operação "Market-Garden", realizada na Holanda pelos aliados na II GM e da qual participaram milhares de pára-quedistas e soldados aerotransportados, foi um fracasso. E foram batidos porque os alemães estavam fortes e ardorosos. Entre os germânicos havia milhares de meninos e adolescentes pertencentes à Juventude Hitlerista que, de igual para igual, lutavam e infligiam baixas aos aliados, contribuindo para o êxito nazista.

Na frente italiana, onde combateram os brasileiros, igual mente havia adolescentes integrando a 148ª Divisão de Infantaria Alemã, os quais se portaram com rara bravura, segundo depoimentos dos soldados da FEB. Caberia então questionar-se: eram os combatentes da FEB sádicos e vilões? Seria crime lutar contra aqueles que defendiam o nazismo e pretendiam impô-lo ao mundo? Ao se defrontar com os jovens deveriam os aliados desistir do cumprimento da missão?

Evidente que não. Sádico e vilão foi Hitler, pois, mesmo sabendo que a

guerra estava perdida, resolveu ir até o fim, fazendo como López, setenta anos antes, ao mandar para a frente de batalha os jovens e anciãos, já que os homens válidos haviam sido mortos, feridos ou capturados.

OS CRIMES - É difícil medir-se a violência necessária para derrotar o inimigo e vencer a guerra. E pretender-se havê-la mantido nos justos limites é ingênuo e tolo. Não obstante, é obrigação do chefe reprimir abusos que o código moral inscrito em sua consciência porventura denuncie, e desonroso seria promovê-los deliberadamente. Parece, contudo, que o tirano paraguaio não pensava assim. Eis alguns exemplos:

Na Retirada de Laguna, em 1867, no Mato Grosso, cento e trinta soldados brasileiros, atacados pela terrível "Cholera Morbus" foram deixados em uma clareira aberta na mata, sob a proteção de simples cartaz pregado num tronco de árvore: "Compaixão para com os coléricos!" Todos, com exceção de um, que conseguiu esconder-se, foram cruelmente trucidados a bala e a lanças pelas tropas paraguaias comandadas pelo major Martim Urbieta, num dos mais torpes crimes de guerra de que se tem notícia. Não bastassem as baixas de combate, López ainda matava comandantes e alguns soldados que eram vencidos pelos aliados.

MORTE POR ESTAQUEAMENTO - Assim ocorreu após a vitória brasileira em Curuzú, onde fez sortear entre os remanescentes, quais seriam sacrificados, a título de exemplo. Tal procedimento seria repetido com o General Robles, comandante da invasão de Corrientes, por "incompetência militar". Na realidade a sentença foi decretada por ter chegado aos ouvidos de López que Robles menosprezara certa condecoração a ele conferida e que, além disso, se correspondia com chefes correntinos.

Outra vítima do ditador foi o Coronel Martínez, comandante das forças de Humaitá, que após duas semanas de combate e grande número de mortos, decidiu render-se. López chama a esposa do oficial, arranca-lhe as vestes perante a soldadesca e a sevicia e flagela. Igual sorte tiveram o Capitão **Meza** e sua mulher pelo fracasso de sua tentativa em destruir a Esquadra brasileira, em Riachuelo.

Solano López não parou por aí. Suspeitando que havia uma conspiração para derrubá-lo do poder, condenou centenas de compatriotas ao suplício e à morte, entre os quais o seu inofensivo Vice- Presidente da República, Dom Sanchez; o ministro das Relações Exteriores, José Berges; o General Bruguez, comandante da sua Artilharia; juristas; políticos; sacerdotes e o que o Paraguai possuía de mais ilustre. Esse episódio ficou conhecido como o "Massacre de San Fernando". Poderiam ser mencionados ainda outros suplícios sofridos pelos paraguaios, a mando do tirano, como o da bela Pancha Garmêndia, considerada a mulher mais bonita do país e por ele, em vão, cortejada.

É dispensável continuar citando crimes de um homem que manteve a

própria mãe, D. Juana López Carrillo, encarcerada e tratada como prisioneira, durante grande parte da guerra.

O Paraguai foi dizimado. Houve um genocídio. Os fatos e a História, no entanto, indicam o maior responsável.

O EXÉRCITO E A VERDADE

"O Exército tem igualmente uma função educativa a exercer na massa geral dos cidadãos".

Mário Clementino - Jovens Turcos

A INSTITUIÇÃO - Um questionamento oportuno é saber a razão pela qual subvertem a História do Brasil e a Sociedade não se opõe. E se, diante dessa omissão, caberia ao Exército algum papel com o objetivo de esclarecer a Nação e repudiar tal atitude. A participação do Exército na vida do Brasil remonta ao século de seu descobrimento, estando presente em todos os momentos nacionais decisivos. Sua presença se fez sentir nas lutas contra os franceses, ingleses e, principalmente, na expulsão definitiva dos holandeses, em 1654, a qual foi imposta nas duas Batalhas dos Guararapes, onde surgiu o embrião do Exército Brasileiro. No Primeiro Reinado e na Regência, contribuiu, de modo marcante, para manter a integridade nacional e, no final da Monarquia, foi o elemento catalisador da Proclamação da República. No período republicano, esteve presente no Movimento Tenentista de 1922, na Revolução de 1930, na Intentona Comunista de 1935, na deposição de Getúlio Vargas, em 1945, e na Revolução de 1964, entre outros.

A síntese histórica visa clarear a memória e estimular a reflexão: haveria outra instituição com maior presença e influência na formação da nacionalidade?

Houve épocas, todavia, em que o Exército viu ser questionada essa influência, como no final da Monarquia, ocasião em que esteve relegado ao abandono após a campanha vitoriosa da Tríplice Aliança. Tal desapareço iria provocar a simpatia da oficialidade pelos ideais republicanos.

Duas correntes antagônicas chegaram ao poder na República: os "Profissionais" e os "Científicos", com o predomínio destes. Os "Científicos" eram, na sua maioria, alunos da Escola Militar da Praia Vermelha discípulos de Benjamim Constant e do Positivismo, os quais defendiam uma formação dos oficiais excessivamente teórica e bacharelesca, faltando-lhes a instrução militar adequada. Não se preocupavam em estar bem uniformizados e desprezavam os ex-combatentes da Campanha do Paraguai.

Paradoxalmente, a crítica à atuação do Exército partia, então, de dentro da própria instituição. Propunha-se a devolução dos troféus de guerra conquistados com sangue e vida de muitos brasileiros. É dessa época o início do descaso pelas tradições no Brasil. Não havia preocupação com a instrução

militar no Exército, apenas com as ciências humanas e exatas. A oficialidade preferia ser tratada pelo título de "Doutor" a ser chamada pelo posto correspondente.

A Campanha de Canudos (1896/97), no sertão da Bahia, revelou, entretanto, graves deficiências na instrução e no comportamento da tropa em combate.

Surgiu, então, o surto renovador, que teve na insigne figura do Mal Hermes da Fonseca o seu principal impulsionador. A instrução militar voltou a ter predomínio, aboliu-se o título de "Doutor" e foi adotado o de "Aspirante".

Um grupo de jovens oficiais fundou em 1913 uma revista militar - A Defesa Nacional - muito importante na evolução do pensamento militar brasileiro. Os "Jovens Turcos", como eram chamados, defendiam a renovação técnica e tática do Exército, bem como um maior respeito aos heróis nacionais e a retomada do culto às tradições.

Foi dado um grande impulso à Biblioteca e ao Arquivo do Exército, o que demonstrou uma preocupação com a memória militar.

Após a Revolução de 1964, o governo determinou que o Ministério da Educação e Cultura incluísse nos seus currículos escolares a matéria Educação Moral e Cívica. Isso visava uniformizar e evitar distorções dos fatos ocorridos no passado brasileiro. A falta de controle dos estabelecimentos de ensino, por parte do MEC, ocasionou a progressiva redução até a eliminação da matéria dos currículos escolares.

A História do Brasil, por sua vez, passou a ser ministrada com base em publicações que veiculavam a visão materialista e revisionista do passado nacional, sem que houvesse qualquer interferência governamental.

AS PROVIDÊNCIAS - Chega-se, assim, aos dias de hoje e ao escopo deste capítulo - o Exército e a Verdade. Dentro da atual conjuntura, torna-se mister adotar providências com o firme propósito de resgatar a imagem da Instituição, desgastada perante uma parcela da Sociedade, desgaste maior ainda em função do efeito multiplicador do ensino.

O Exército não deve mais tolerar que indivíduos, leigos na arte da guerra, insultem seus maiores símbolos. Mesmo porque os cadetes de hoje sofreram essa mesma influência nociva durante seus cursos secundários e, segundo opinião de instrutores de História Militar da AMAN, contestam a veracidade de fatos da Guerra da Tríplice Aliança que lhes são ensinados. É necessária a apresentação de provas documentais para que admitam retificar o conhecimento.

Quando fatos como os acima narrados acontecem com o que há de melhor em termos de idealismo na Força Terrestre, impõe-se a reversão do quadro.

Propõem-se, a seguir, algumas medidas julgadas capazes de consegui-lo:

Incremento do ensino de História Militar nas escolas do Exército

Atuar nos Colégios Militares e na Escola Preparatória de Cadetes, os quais abrangem um amplo universo, pois, além daqueles que ingressam na carreira das armas, têm como alunos uma grande massa que retorna à vida civil. Dedicar especial atenção à Academia Militar das Agulhas Negras, cuja missão se mostra mais relevante para a formação e consolidação cultural daqueles que, a médio e longo prazo, serão os arautos, no Exército ou fora dele, dos conhecimentos ali adquiridos.

É, portanto, fundamental que os cadetes tenham instrutores e professores da maior capacidade e que a Seção de Ensino de História Militar seja composta por oficiais do Quadro de Estado-Maior da Ativa, como anteriormente. Dessa maneira, conseguir-se-á aliar a formação do estrategista/tático à do líder cívico. Além disso, o cadete terá diante de si um oficial dois níveis acima e, conseqüentemente, com maior conhecimento, flexibilidade e poder de argumentação.

Faz-se mister, ainda na AMAN, um acréscimo de horas que seria destinado à exploração de casos históricos do Exército Brasileiro e seu detalhamento a nível subunidade e pelotão, escalões estudados pelo cadete.

Retomar, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais o estudo da História, direcionando-o para a atuação das unidades brasileiras em episódios históricos, em conexão com o estudo da Tática Militar. Os instrutores seriam os oficiais do QEMA da Seção de Coordenação Doutrinária das Armas e Serviços.

Atuar na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, visando desenvolver aptidões para o ensino da História Militar no âmbito da Força, ou sua conveniente divulgação externamente, em coordenação com outros órgãos do governo.

Incluir nos currículos dos Centros/Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, da Escola de Sargentos das Armas e dos Cursos de Formação de Sargentos Temporários o ensino de História Militar, abordando a Instituição como um todo, sem prejuízo da apreciação de casos particulares nos diversos escalões e em conexão com o estudo da Tática elementar .

Aumento do nível de conscientização da tropa

Introduzir nos programas-padrão das fases básica e de qualificação, dentro da matéria Moral e Cívica, aspectos relevantes da História do Exército, cabendo a cada OM inserir seu passado no contexto da Instituição.

Estímulo à participação do público interno

Incentivar os integrantes da Força Terrestre à participação em concursos literários, premiando os vencedores de maneira condigna e desenvolvendo o gosto pela leitura e pesquisa da História Militar do Brasil.

Centralização da divulgação

Reunir no Centro de Comunicação Social do Exército (CCComSEx) os órgãos e encargos de divulgação a respeito da cultura e das tradições da Força, destacando em âmbito nacional as comemorações das batalhas da Campanha

do Paraguai, Intentona Comunista, da participação da FEB na II GM e da Revolução de 1964.

Reestruturação organizacional

Retirar o Arquivo e o Museu do Exército da subordinação à Diretoria de Assuntos Culturais, Educação Física e Desportos e criar um órgão diretamente subordinado ao Ministro, congregando a estrutura cultural do Exército. Seria integrado pelo Arquivo, Centro de Documentação, Museu, Imprensa, Secção Cine-fotográfica e Centro de Identificação. Cabe destacar que o Arquivo tem o pensamento militar brasileiro por acervo, daí sua relevância. E é conveniente lembrar que a Imprensa submeter-se-ia ao CComSEx, remetendo o seu material para a divulgação.

Construção de museus

Implantar museus do Exército em locais históricos e estratégicos como Dourados, Uruguaiana, velhos fortes, capitais e fronteiras. O museu não deve limitar-se a expor os vestígios do passado, mas colocar junto a estes a narrativa de seu significado na época, permitindo ao visitante realizar uma associação com os dias atuais, avaliando a relevância das ações realizadas com a utilização do material exposto.

Revisão curricular

Ligar-se com o Ministério da Educação visando assessorá-lo sobre a correta interpretação a ser dada aos fatos que tiveram a participação do Exército como a Campanha do Paraguai. Posteriormente, cobrar a revisão e fiscalização dos currículos, a nível nacional, bem como das publicações recomendadas aos alunos, mostrando que o revisionismo histórico marxista, antes de atingir o Exército, atinge o Brasil.

As idéias propostas acima permitiriam resgatar a História do Brasil e do Exército, bem como contribuiriam para o surgimento de um movimento cultural radicalmente contrário ao revisionismo internacionalista, que ora campeia no país.

CONCLUSÃO

Tratou-se aqui de rechaçar injustas críticas à conduta dos heróicos antepassados participantes da Guerra da Tríplice Aliança. Tentou-se perquirir os motivos determinantes de tão abjeta traição, perpetrada por autores brasileiros. Destacou-se a evidente motivação ideológica dos traidores. Considerou-se a validade de aspectos éticos e históricos, universalmente consagrados, na apreciação isenta do passado nacional. Demonstrou-se o facciosismo dos pretensos críticos, ao distorcerem a realidade para enquadrá-la na visão materialista da História, valendo-se da ideologia como argumento e dos dogmas como provas. Sugeriu-se, finalmente, a política a ser adotada na conjuntura e a médio prazo, para contrapor-se à intriga socialista, redimindo a memória dos grandes vultos nacionais. Após a síntese dos principais tópicos abordados neste trabalho, discorrer-se-á sobre seus aspectos mais relevantes.

A doutrinação marxista volta-se, sobretudo, para a Juventude pouco afeita ao estudo da História, passando nas escolas, da didática para a mistificação, a qual será tanto mais completa, quanto mais compulsório for o doutrinamento. É notório que as ideologias perseguem o processo de conhecimento e as formas de saber, correndo-se o risco de encontrá-las inseridas em ambos. O papel da consciência crítica será questionar e duvidar, prevenindo-se contra os ardis das ideologias. Como no Brasil os historiadores marxistas exercem um domínio absoluto sobre os demais, impõe-se a urgente organização de movimento cultural capaz de opor-se a eles. O abandono a que foi relegada a história do Brasil abriu espaço para o surgimento do revisionismo marxista. O Paraguai, não obstante a derrota que sofreu, prestigia o culto ao passado, como atestam os monumentos que erigiu nos locais dos confrontos, as relíquias que recolheu com carinho aos museus nacionais, a reverência e a devoção com que rememora acontecimentos marcantes que transformou em glória e o interesse que consagra ao estudo da história, estendido à dos países com que se defrontou em cruentas guerras.

No caso brasileiro, exibem até maior cabedal que seus vizinhos, enaltecendo os heróis por eles esquecidos, como, entre outros, o Brigadeiro João Manuel Menna Barreto, morto em combate no assalto a Peribebeuí, que homenageiam com belo poema apostado em quadro exibido no museu daquela localidade, enquanto no Brasil transcorreu em silêncio o centenário de sua morte a 12Ago1969.

A mesma preocupação com a História tem os argentinos, os venezuelanos, os colombianos, os franceses, os coreanos e tantos outros povos. Oficiais dessas nações amigas, cursando a ECEME, dão notícia da prioridade concedida em seus países ao culto das tradições nacionais, concretizada no estímulo ao estudo da História Militar nas escolas militares de níveis correspondentes aos de formação, aperfeiçoamento e altos estudos.

Que razão move um país vitorioso em uma guerra a menoscar seus heróis, enquanto o derrotado reverencia os seus? Pretenderão os apologistas de López substituir no Brasil os monumentos a Caxias, por estátuas do tirano paraguaio? E, posteriormente, erguer outras de Lenine, Trotsky e Marx?

Em uma campanha presidencial, o candidato do Partido dos Trabalhadores deixou patente o propósito de, se eleito, promover a revisão da História do Brasil.

Vê-se agora outra tentativa de conspurcar o passado brasileiro, em filme de repercussão internacional que busca denegrir a atuação da Força Expedicionária Brasileira, na II GM, já unanimemente elogiada por credenciados autores europeus e americanos.

Repete-se a forma solerte de agir para atingir seus objetivos iconoclastas.

Urge revidar à infâmia e à traição marxista com a maior energia e a mais

inflexível determinação, mobilizando, em uma campanha cívica sem precedentes, as Forças Armadas, as lideranças do Magistério Público e da Sociedade civil, sob a coordenação do Exército. Não deve a instituição submeter-se à influência nociva e derrotista das correntes bacharelescas que ainda insistem em sua ladainha.

É intolerável que pseudo-historiadores, fanatizados por ideologias alienadoras do pensamento, encontrem respaldo num país que repudia o totalitarismo e ama a liberdade.

Fernando Luiz Menna Barreto, Major Inf (1990)

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com

Nº 99 – ano 2010 - Bicentenário de Sampaio – Cel Cláudio Moreira Bento

**LOJA CRUZ: UMA LOJA NAVAL NA GUERRA DO PARAGUAI
ROBERTO AGUILAR M. S. SILVA, MEMBRO VITALÍCIO DA ACADEMIA
MAÇÔNICA DE LETRAS DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL**

A guerra do Paraguai (1864-1870) - A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. Ela foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. Países envolvidos no conflito: Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança (Guerra de la Triple Alianza), na Argentina e Uruguai, e de Guerra Grande, no Paraguai. Foi a maior guerra da história da América do Sul.

Contexto		
Brasil - 2º Reinado	D. Pedro II, de 23Jul1840 a 15Nov1889	Intensamente vinculados à Europa, em particular à Inglaterra. Aliado dos colorados que faziam oposição aos blancos no Uruguai.
Argentina - Ditadura	Juan Manuel de Rosas	Intensamente vinculado à Europa, em particular à Inglaterra.
		Isolado, submetido às ditaduras de
Paraguai	José Gaspar Rodríguez de Francia 1814-1840	- cortou relações diplomáticas e comerciais com os outros países, com exceção do Brasil, e proibiu a imigração e a emigração; - proibiu a imigração e a emigração; - procurou a auto-suficiência baseada na agricultura e na indústria artesanal.

	Carlos Antonio López 1840-1862 e Francisco Solano López 1862-1870	- Pai e filho. Abriam o país ao comércio exterior e trouxeram imigrantes e técnicos estrangeiros; - Quando o Paraguai ensaiou uma abertura se integrar no comércio mundial, o ditador argentino Rosas lhe impôs o bloqueio econômico. Começaram, então, os problemas de fronteira, e Carlos López “dedicase à criação de um bem-Francisco adestrado exército, preparado por oficiais alemães e equipado com armamentos europeus”.
Uruguai	Athanásio Cruz Aguirre	Do partido blanco, hostilizado pelo governo imperial brasileiro, sob o argumento de que os blancos não tomavam providências em favor dos brasileiros ali residentes, alegando que estes sofriam prejuízos e eram despojados de seus bens.

Cronologia

1864	16Out	o Brasil, aliado aos colorados, invade o Uruguai e, em questão de meses derrota Atanásio Aguirre; aliados aos blancos, o Paraguai declara guerra contra o Brasil;
	Dezembro	- tropas paraguaias invadem o Mato Grosso e tomam a cidade de
1865	Abril	- como os argentinos que não permitem a travessia de tropas paraguaias em suas terras, para que o Uruguai invadisse o Rio Grande do Sul. Solano
1865 (cont.)		López declara guerra contra a Argentina e invade a província de
	13 Jun	- o exército brasileiro contra-ataca e retoma Corumbá.
	11 Jun	os aliados avançam pelo Rio da Prata em direção ao Paraguai. Ocorre, então, a mais importante batalha naval da guerra, a Batalha de Riachuelo. a marinha brasileira destrói a esquadra paraguaia e institui um bloqueio ao país de Solano López.
	Jun/Set	as tropas paraguaias atravessam Misiones e invadem o rio grande do Sul;
	Out	as tropas aliadas avançam a partir de Concórdia, na Argentina, obrigando o exército paraguaio a recuar cada vez mais, até a retomada de Corrientes; ao recuperar seu território, o governo argentino retira a maioria das tropas de combate, deixando o Exército brasileiro praticamente sozinho;
	Nov	as tropas paraguaias são barradas em Uruguaiana; o coronel Estigarríbia se rende aos presidentes Bartolomé Mitre (argentino), Venâncio Flores (uruguaio) e Imperador D. Pedro II;
1866/67	Dez	- novas derrotas paraguaias com a chegada das tropas brasileiras de Coxim e depois de Miranda;
	24 de maio	- os brasileiros invadem o Paraguai, na primeira grande batalha terrestre da guerra, a Batalha de Tuiutí, logo acima da confluência dos rios Paraná e Paraguai, estabelecendo, ali, o seu quartel-general.
	Set1866 aNov 1867	tropas brasileiras começam a se movimentar para o norte até Curupaity, lá sofrem a maior derrota de toda a guerra; conseguem manter o QG em Tuiutí, que é atacado novamente pelos paraguaios;
1867	Jan	- os brasileiros também avançam pelo norte: partem de Miranda e tomam Nioaque, em Mato Grosso;
	Maio	- os brasileiros avançam ainda mais e ocorre a Retirada da Laguna;

1868/1869	Fev 1868a Jan 1869	os brasileiros tomaram a fortaleza fluvial de Humaitá, bloqueando o acesso ao rio Paraguai e à capital paraguaia, Assunção; as tropas comandadas por Caxias (futuro duque) se prepararam para a dezembrada, período em que tomaram as cidades paraguaias: Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Angostura e ocuparam Assunção; Solano Lopez consegue fugir do cerco e reorganiza suas tropas na cordilheira a leste de Assunção; Solano dá início a uma guerra de guerrilha, embora limitada; é bem sucedida durante quase um ano;
1870	Fev	- as tropas paraguaias são massacradas em Campo Grande. Solano Lopez escapa mais uma vez, sendo perseguido de perto pelos brasileiros;
	01 de Maio	- Solano López é encurralado e morto em Cerro Corá. - a guerra do Paraguai chega ao fim.

Segundo MOTA (1995) em novembro de 1864 o Paraguai declarou guerra ao Brasil, invadindo a região de Mato Grosso, zona de disputa entre colonos e seus respectivos governos há mais de 200 anos. A rigor, não seria permitido pensar que foi nessa conjuntura que a idéia de América Latina se adensou? Afinal, contemporâneos da Guerra da Tríplice Aliança também foram o fuzilamento do arquiduque Maximiliano de Áustria, no México, em 1867, e a posse do ditador-presidente Juarez. No Peru, a tomada de poder pelo general Prado, em 1865, contra a Espanha (depois fazendo a Guerra do Pacífico, ou Salitrera, contra o Chile e a Bolívia). Foi nessa mesma altura que começou a ação de José Martí, em Cuba, desdobrando-se nos anos 70 em Cuba, Espanha, Cuba novamente, Estados Unidos e Cuba outra vez... Ampliemos o foco: aquela foi também uma época de consolidações, como a da República dos Estados Unidos da Venezuela em 1864. No ano seguinte, 1865, as Cortes Espanholas são obrigadas a reconhecer a independência de Santo Domingo e o governo de José Maria Cabral. Fato contemporâneo ainda o grito de independência de Lares, em Porto Rico, quando se constitui um governo republicano presidido por Francisco Ramirez. Conforme BETHELL (1995), durante quase um século, as explicações das causas e origens da Guerra do Paraguai tinham enfatizado as disputas territoriais entre Argentina e Paraguai e entre Brasil e Paraguai, conflitos envolvendo direitos à livre navegação nos rios Paraná e Paraguai; os crescentes interesses do Império Brasileiro (e, mais especificamente, os interesses da província do Rio Grande do Sul) no Uruguai; o desejo da Argentina, sob o governo do presidente Bartolomeu Mitre (1862-68), de consolidar a sua unidade política recém- estabelecida, e as ameaças ao equilíbrio regional do poder colocadas, sobretudo, pela política expansionista, desde 1862, de Francisco Solano López, do Paraguai.

Lojas Maçônicas Navais - Conforme Blanc (2008) a Inglaterra foi o único país a proteger integralmente a Maçonaria. Tanto o rei quanto a nobreza e a burguesia viam na fraternidade uma oportunidade de garantir seus interesses comerciais e políticos. Em 1732, o país deu um passo decisivo, com a criação

de sua primeira Loja Militar, instalada no Primeiro Regimento da Infantaria. Em 1800, praticamente todos os regimentos possuíam Lojas. Na Marinha Real não foi diferente. Lojas Maçônicas funcionavam a bordo de diversos navios. Eram flutuantes e contribuíram incrivelmente para a disseminação da Maçonaria pelo mundo.

Breve História da Loja Maçônica Naval Cruz - A loja Cruz foi fundada na ilha do Cerrito, ocupada pelo Exército Brasileiro durante a Guerra. Segundo BLANC e FERREIRA (2007) a ilha do Cerrito está localizada geograficamente nos 27° 17' 32" de latitude sul e nos 58° 59'53" de longitude oeste do meridiano de Greenwich e é um prolongamento natural do território da província do Chaco. Está na desembocadura do rio Paraguai com o rio Paraná e separada da costa chaquenha pelo rio Ancho que se desprende do rio Paraguai e desemboca no rio Paraná. A Ilha do Cerrito apresenta uma superfície de aproximadamente 12.000 hectares. Segundo os mesmos autores, de acordo com estes dados pode-se notar claramente que a ilha do Cerrito tem uma importante e estratégica posição geográfica, dominando a desembocadura do rio Paraguai, e considerada chave para o acesso ao Paraguai. Por causa do seu cerro, que se eleva 15 a 20 metros sobre o nível do rio, foi o local eleito para instalações militares em distintas épocas e para capital do território nacional argentino do Chaco; o que confirma sua importância geopolítica. O Marechal Solano López situou o acampamento principal de suas tropas em Itapirú, em frente a ilha do Cerrito; enquanto que o Almirante Tamandaré, chefe da esquadra Imperial Brasileira resolveu ocupar a ilha do Cerrito e utilizá-la como base de suas operações navais. López não permaneceu inativo ante a presença das forças brasileiras em Cerrito, enviando varias peças de artilharia à costa esquerda do rio Paraguai, causando várias baixas entre mortos e feridos às forças ocupantes da ilha.

Francisco Solano López (Assunção, 24Jul1827-Cerro Corá, 01Mar1870) foi um militar paraguaio, presidente vitalício de seu país de 1862 à data de sua morte. Filho do presidente também vitalício Carlos Antonio López, foi nomeado general-de-brigada aos 18 anos de idade. Ele teve seis filhos, todos sem descendência, com a irlandesa Elisa Alícia Lynch. Seus despojos estão guardados no "Panteão aos Heróis", em Assunção. Como testemunhas desta ação se encontraram vários restos de corpos humanos, dos quais somente um estava identificado; se tratava do primeiro tenente da armada brasileira Cavalcante de Oliveira, cuja placa e urna se encontravam na ilha do Cerrito até o ano de 1980 quando foram repatriados ao estado de Santa Catarina (Brasil) com todas as honras. A ilha foi um ponto estratégico e base de operações das tropas aliadas, desde que partiram as tropas aliadas para enfrentar o exercito paraguaio no combate de Curuzú. A ilha do Cerrito permaneceu ocupada pelo Brasil durante toda a guerra, porém ao terminar esta em 1870, com a morte de

López, a Argentina negociou com o Paraguai os territórios que estavam em conflito. Então, recebeu a ilha do Cerrito.

A Maçonaria na Ilha do Cerrito - A Loja Maçônica Cruz localizada na ilha do Cerrito, foi fundada em 27 de agosto de 1871, na residência do capitão de fragata José Marques Guimarães.

Segundo o GRANDE ORIENTE DO PARAGUAI (2007): “En el pueblo de Cerrito, isla que fue del Paraguay y actualmente en La República Argentina, ubicada en la conjunción del Río Paraguay, se instaló la Logia CRUZ que posteriormente fue trasladada al Matto Grosso bajo otro nombre.”

Com o fim da guerra, oficiais brasileiros e ingleses trouxeram para a base naval de Ladário, MS, Brasil, as insígnias do templo.

José Marques Guimarães (Florianópolis, 25Abr1838-Rio de Janeiro,01Jan1903), foi um militar e político brasileiro. Foi deputado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina na 15ª legislatura (1864 — 1865) e na 18ª legislatura (1870-1871). Em 1889 foi nomeado presidente do Paraná. Promovido a contra-almirante, deixou o cargo após menos de três meses de administração, tendo assumido, ainda, a presidência do estado do Rio de Janeiro, entre 10 e 11 de dezembro de 1891. Como chefe do Estado-Maior da Armada, em 1892, foi reformado por ter sido signatário do Manifesto dos 13 generais. Foi condecorado com o título de comendador da Imperial Ordem da Rosa. Era o almirante José Marques Guimarães, filho de Manoel Marques Guimarães e de Ana Alexandrina de Abreu. Nasceu no Desterro (Florianópolis), Santa Catarina, a 25 de abril de 1838, onde aprendeu as primeiras letras. Em 1854 seguiu para a Corte. Assentou praça de aspirante a Guarda-Marinha em 1º de março e matriculou-se na Academia da Marinha. Foi reprovado no 1º ano, deu baixa, mas foi readmitido e aprovado em exame a 17 de dezembro de 1855. Guarda-Marinha, em dezembro de 1857, embarcou no brigue Maranhão. Daí passou ao Itaparica, ao Recife, ao D. Pedro, ao Camacuan, à corveta D. Isabel e de novo ao brigue Maranhão, do qual saiu pata o Ivaí, voltando ao brigue em que sua vida marinha havia começado. Passou ao Jequitinhonha, ao iate Capibaribe e de novo a corveta D. Isabel, onde foi promovido para 2º tenente. Nessa corveta naufragou a 11 de novembro de 1860, na Costa do Cabo Spartel, no litoral da Berberia. Atendeu galhardamente ao salvamento de um navio incendiado no porto de Nova Iorque, e recebeu elogios. Era homem animoso e franco, tendo tido daí por diante, até a guerra do Paraguai, varias prisões, admoestações e conselhos de guerra, de que se viu absolvido. Primeiro tenente em 24.05.1862, foi eleito deputado à Assembléia Provincial de Santa Catarina. Em 1865 recebeu medalha humanitária por haver salvo náufragos do vapor Marseille e da escuna americana Marrokim. Em novembro de 1865 começa a sentir a guerra do Paraguai. Assume o comando interno da canhoneira Greenhalgh e entra em jogo contra as baterias da Ilha Sant'Ana. Depois novamente bombardeia o Forte

de Curupaiti. Promovido a capitão-tenente a 21.01.1867. Comandante da canhoneira Araguari e depois da Colombo, corveta encouraçada. Fez o forçamento de Humaitá e entrou no combate às fortificações do Passo de Angostura. Doente, teve licença para voltar ao Brasil. Nomeado diretor do Estabelecimento Naval de Cerrito. Recebeu as comendas da Rosa, de S. Bento de Aviz e a medalha da campanha do Paraguai passadeira de prata nº3. Ainda esteve na esquadra em Assunção até 1873, voltando para o Rio onde recebeu comissão na Europa. Em 1875 recebeu o Monitor Javary e assumiu-lhe o comando. De volta ao Brasil respondeu a conselho de guerra por desobediência a ordens. Serviu na esquadra em Montevideu e montou o farol de Arvoredo em Santa Catarina. Em 1880, era capitão de Mar e Guerra. Comandou o cruzador Almirante Barroso e o encouraçado Solimões. Em 1889, nomeado governador do Paraná assumiu o posto a 3 de dezembro. Em 11 de dezembro, dissolveu a Assembléia Legislativa e nomeia para fazer-lhe às vészes uma Comissão Municipal, chefiada pelo Dr. Vicente Machado. Que realmente foi um homem capaz de dirigir o movimento político, naquela emergência. Promovido a contra-almirante, deixa o governo do Paraná a 18 de fevereiro de 1890. Não completou três meses de administração. Comandante da divisão de Cruzadores e logo chefe do Estado Maior da Armada, em 1892, é reformado no posto de vice-almirante, mas reverte ao quadro ativo de Armada, para assumir o cargo de Inspetor de Arsenal da Marinha da Capital Federal. Signatário do Manifesto dos 13 Generais, que se rebelaram contra a posse do Marechal Floriano Peixoto, foi mandado a Cucuí, no extremo norte do país. Sua atuação durante a campanha federalista, de oposição velada, sem atitudes desassombradas e nítidas. Mais tarde, Consultor efetivo do Conselho Naval e diretor da Escola Naval. Além das medalhas que já possuía, foi-lhe concedida a de ouro de serviços militares. Faleceu em sua residência no Rio de Janeiro a 1º de janeiro de 1903. A seu pedido, foram-lhe dispensadas honras fúnebres. Foi sucedido pelo vice.

Floriano Vieira Peixoto (Maceió, 30Abr1839-Barra Mansa, 29Jun1895) foi um militar e político brasileiro. Primeiro vice-presidente e 2º presidente do Brasil, presidiu o Brasil de 23Nov1891 a 15Nov 1894, na República Velha. Foi denominado "Marechal de Ferro" e "Consolidador da República.

O Manifesto dos 13 generais - O Manifesto dos 13 generais foi um documento assinado por treze autoridades militares em 31Mar1892 e publicado em 06Abr, logo no início do governo do Marechal Floriano Peixoto, que assumiu após a renúncia de Marechal Deodoro da Fonseca. O manifesto contestava a legitimidade do governo e condenava as atitudes de Floriano Peixoto contra rebeliões nos estados e solicitava convocação de nova eleição para a presidência da república.

Eram os signatários: Marechal José de Almeida Barreto, Vice-almirante Eduardo Wandenkolk, Gen Div José C. de Queirós, Gen Div Antônio Maria Coelho, Barão de Amambaí, Gen Div Cândido José da Costa, Contra-almirante

José Marques Guimarães (Cmt da 1ª divisão de cruzadores), Gen Bda João Nepomuceno de Medeiros Mallet, Contra-almirante Dionísio Manhães Barreto (membro efetivo do conselho naval), Gen Bda João Severiano da Fonseca (2º vice-pres. do IHGB), Contra-almirante Manuel Ricardo de Cunha Couto (inspetor do arsenal da Marinha do Rio), Gen Bda João José de Bruce, Gen Bda José Cerqueira de Aguiar Lima, Gen Bda João Luís de Andrade Vasconcelos.

Florianópolis, no dia seguinte à publicação do manifesto, manda reformar os signatários e prender alguns deles.

Fundação da Loja Maçônica Pharol do Norte - Segundo a LOJA MAÇÔNICA PHAROL DO NORTE (1976) foi a mesma guarnição que fundou o Arsenal de Ladário, que fez o traslado da Loja Cruz, para a atual localização, porém agora com o nome de Pharol do Norte em Ladário, MS, Brasil. Conforme a LOJA MAÇÔNICA PHAROL DO NORTE (1976) os fundadores da Loja se reuniam em uma casa de pau a pique, com apenas um cômodo, uma cozinha e uma área menor que servia como sala. À luz do candieiro de carbureto passavam horas estudando e discutindo até que no dia 29 de maio de 1875 foi instalada a Loja. A carta constitutiva foi autorizada pelo Grande Oriente do Brasil em sessão do dia 14 de setembro de 1876 e sancionada na data de 18 de setembro de 1877. Posteriormente a pequena casa foi demolida para, no mesmo local, erguerem o templo atual. O novo templo foi inaugurado em 19Fev1881. Ele está situado na antiga rua do Portão, que hoje tem o nome de avenida 14 de março. As sessões maçônicas ocorriam sempre à noite. Alguns irmãos pioneiros moravam em Corumbá, MS, e precisavam viajar em barcos precários, conhecidos como chalanas.

Notícias:

- 1) No dia 05Ago, às 1530 h, o Membro-Efetivo da AHIMTB/IHTRGS, Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo, assumirá a Presidência do IHGRGS;
- 2) Serão empossados acadêmicos em Setembro: Dr. César Pires Machado (cadeira Dante de Laytano), Cel Edu Campelo de Castro Lucas (cadeira Gen Francisco de Paula Cidade), Cel Ivo Benfatto (cadeira Gen Antônio da Rocha Almeida), Dr. Frederico Euclides Aranha (cadeira Arthur Ferreira Filho);
- 3) Em outra oportunidade serão empossados: Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo (cadeira Ten Cel João Cezimbra Jacques), Sub Ten Evilácio Barbosa Saldanha (cadeira Gen João Borges Fortes) e o atual Membro-Efetivo Sr. Juarez Nunes Machado, de Caxias do Sul (cadeira Cel Arcy da Rocha Nóbrega).
- 4) Em setembro haverá o lançamento do livro História da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada José Luiz Menna Barreto, em Santiago

do Boqueirão, RS, ainda sem data;

- 5) As atividades comemorativas aos 200 anos de nascimento do Brigadeiro Antônio de Sampaio já foram encerradas, aqui no sul, em 06Jul, com uma solenidade organizada pelo Comando Militar do Sul na Praça Sampaio, Porto Alegre.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Vice-Presidente e Delegado da AHIMTBN/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com

Nº 100 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

O FINADO MALAQUIAS

Juarez Nunes da Silva ()*

Mas, bah! Quantos interrogativos sem resposta se ouviu entre as paredes carrasquentas das pulperias, bolichos e bodegas, sob o cheiro da “querosena” dos lampiões e de velas esparmacetes, e escapou entre as frestas desmanchando-se em ecos perdidos pelos corredores campo à fora, sobre a existência do finado Malaquias. Dele, do finado Malaquias, é claro, miles e miles de conversas e prosas ecoaram também no além-fronteiras, bem prá lá onde a fala troca de vocabulário e se enrola num espanholismo abarbarado.

Por fim, como nunca se provou nada se ele existiu mesmo, este perguntório deixou de ser cogitado nas prosas de gente grande. Porém, a sua fama, os seus feitos e desfeitos, os quatro ventos se encarregaram de fazer correr pelos campos, varzedos e capões de mato, que, por certo, devem guardar algum resto de conversa sobre o tal, presa sob alguma aba de pedra ou ecoando entre os aparados que se refrescam com a brisa do mar.

Mas contar dos feitos do finado Malaquias era uma distração que tinha os seus méritos, pois dava ao narrador uma sensação de ligação parentesca com aquela legenda. Até a voz ficava impostada e adquiria timbre de narrador de rodeio quando se falava no finado. Dom Malaquias, que seria o tratamento adequado e merecido para se referir ao tal, fazia parte do exemplário de virtudes do homem de bem, valente e honesto, por muitas vezes citado quando se desejava definir a estampa de um taura de fato! O homem era venerado com o temor de santidade, credenciais de general miliciano e respeito de chefe caudilho. Era São Jorge revoando a sua capa vermelha no céu e o Malaquias revoando o seu pala franjado aqui na terra.

Porém, quando a conversa sobre o Malaquias palmilhava caminhos eivados de caraguatás, espetando a verdade, cutucando a paciência e arranhando a razão, era certo que os ferros brancos já saíam faiscando das bainhas. Daí, paredes e soalhos se coloreavam, por causa dos assuntamentos

com respostas mal havidas e afirmativas descalçadas da verdade.

Tempo velho bueno em que a mentira era motivo bastante para o vivente sentir o ardume do fio da resbalosa. Aliás, como a indiada daqueles tempos gostava de manter a lâmina engraxada com o sebo de barrigueira de gente. Qualquer motivo era motivo, muito mais uma mentira deslavada! Mas, mesmo farejando a “mala suerte”, havia os afoitos que se aventuravam a “queimar campo em dia de chuva”, se vangloriando de feitos e fatos abissalmente impossíveis da previdência permitir a certas criaturas mundanas.

Mas... de que estamos falando mesmo? Há... do finado Malaquias. Pois saibam que pronunciar o nome do tal, no interior de uma pulperia enfumaçada de fumo macaio, de fazer olho de vidro se lavar em lágrimas, era como o toque de silêncio vindo de um clarim dos velhos regimentos, fazendo cessar aquela algaravia de dar inveja a Torre de Babel. O silêncio alceava a perna no sobre-lombo daquela cuerada, ninguém se mexia, a não ser o queixo levantando espichado pra direção de onde partia o nome do Malaquias, como se o ouvido estivesse na ponta da carretilha, além de surgir “pescoços de comício” pra tentar enxergar o pronunciante.

- -- Mas, o que é mesmo que tu tava assuntando do finado Malaquias, vivente?

Eis uma pergunta mui simples e direta ao argüido. Na resposta estava determinado o seu futuro. Se a charla se referia aos feitos do tal, era bem vinda. Aliás, mais um relato que se marcava na tarca de histórias do finado. Mas, como se disse no intróito, havia aqueles que gostavam de contar vantagens, uma imperfeição da natureza humana, que age no oco do caco da cabeça dos infelizes fazendo os fatos crescerem no fermento da imaginação. Quer dizer... gente que não conseguia salivar meia-dúzia de palavras sem contar uma pabulagem. E há aqueles que mentem mais que cusco surdo - e estes, não há corrigenda que os tire do brete da perdição.

Mas, se o torunguenga vinha com engrólio, dizendo que tinha cruzado com o Malaquias... pronto... era mais uma talaveira que ia para debaixo da terra levando preso na goela, os entrementes e o epílogo de suas façanhas. Morria mesmo. Ninguém conheceu e não poderia ainda estar vivo alguém que tenha cruzado com o Malaquias, até por que esse fulano tinha que ser taura dos bons para poder cheirar do mesmo ar daquela legenda. E tinha muito aruá que se enredava nas quartas querendo se fazer de importante usando o nome do Malaquias e terminava por emulitar-se pra dentro da terra.

Mas, continuemos, como dizia Honório Lemos. Certa vez um índio velho retacho quis engambelar a chiruzada com cabelo nas ventas, contando proezas havidas junto com o Malaquias e hoje, é desconhecida a sua última morada, pois nem cruz lhe deram. O sujeito era daqueles cupinado, meio amplo como lombo de touro de exposição e quando caminhava, fazia rangir as tabuas do piso, seguro que não havia ninguém que lhe segurasse nos encontros. Naquele

dia, relatam os tabeliões orais, testemunhas oculares e ouvintes gerais, que o vivente inspirava respeito e seria mais fácil achar caveira de burro no campo ao ver alguém se botar contra aquele gigante. Índio velho montado na coragem, pra quê esporas? Mas tudo ia indo muito bem numa prosita talareada, até que o timbre foi engrossando e o nome do finado Malaquias foi despejado como se joga água da gamela pela janela, nos ouvidos daquela homarada. Aquilo foi um limpa-limpa de garganta, um coça-coça de pescoço e a historinha se enveredando pra ladeira do coisa-feia, querendo dar um “hôm de casa” pro síndico do inferno. E nas linhas cavocadas do rosto daquela chiruzada chucra que miravam o pernóstico narrador, se via o suor querer descer em cascatas, o coração relojeando acelerado no peito e o ouvido afinado para ouvir o que não devia ser pronunciado. Quando um touro invade uma lavoura de milho, o estrago vai além da cerca derrubada e a “cosa” ficou encardida como peleia de caudilho: foi dito o que não era pra ser falado! O tal passou a rasgar o xergão, batendo o badalo do sino do pé-de-peia, dizendo que tinha “tado” com o Malaquias, lonqueado um costilhar no mesmo espeto, mateado no mesmo porongo e ainda, pra arrematar o assunto, tinha dividido o seu fumo “Georgina” com o finado.

Aquilo foi uma saraivada de copos aterrisando no balcão, nas mesas e outros se espatifando nas tábuas do soalho. Muito badalo e pouco sino, muita palha e pouco grão... o destino tava marcado para o destemido. Pra encurtar o relato...nem grito, nem bufo, nem gemido... só o estouro do vivente se borqueando no soalho e a camisa branca tingida de encarnado na altura da sobre-chincha.

Porissamente, só se permite relatos na terceira pessoa sobre o finado Malaquias. Mas, cá prá nós, ainda hoje ninguém achou o batistério do finado, pra saber onde ele nasceu, de onde veio e...

- -- Mas por que “finado”, Tio Salustiano?

- -- Ora guri... porque o “homi” já bateu com a alcatra nas carquejas e foi sestear na invernada do invisível, senão ele “taria” aqui pra desmentir todas estas histórias que contam dele ou quem sabe, pra agrandar um pouquinho mais!

Mas, é sabido que nem cova, nem túmulo, e nem cruz se achou com o nome do tal. Porém, o homem existiu. O que se questiona é se realmente suas ventas cheiraram o ar puro e perfumado das maçonilhas dos campos celestiais ou se foi parido em alguma várzea de campo neste velho Rio Grande.

Mas, vamos aos fatos, que não estão escriturados em nenhum livro antigo emprateleirado nestas casas de sebos, ou registrado em algum tabelionato interiorano ou muito menos, apesar das crenças dos cristãos, nos cartórios da Santa Sé. Mas por que deveria estar na Santa Sé? Porque todo mundo está prá lá de convencido que o fato das suas origens é bíblico e deveria estar escrito em letra desenhada com pena de ganso em pele de carneiro, e guardado lá na Santa Sé. Um homem que tem fatos e feitos contados em

histórias que perpassam por eras que somam algumas meias-centenas de anos, só pode ter origem do alto e não mundana.

Diz-se que Deus na faina de criar o mundo, só ele e ele - pra não dizer ele e Deus - ia muito bem, obrigado, até que recolheu um lote de anjos para ajudar na limpeza da oficina celestial. Nestas alturas, Adão já tinha sido falquejado à sua semelhança e já conhecia o paraíso, curioso como só o bicho homem pode ser, indo e vindo sempre assobiando alguma coplita que ouviu de alguma orquestra angelical. Numa destas, o instinto do macaco-prego tomou conta do Adão e ele resolveu subir num enorme ipê roxo para enxergar mais longe. Mas pra quê querer ver mais longe? E, ao agarrar-se num galho fino, terminou por despencar ao solo, vindo a quebrar uma costela. Foram uns dias difíceis para o Adão, que caminhava meio lunanco, disfarçando a dor, sem dar mostras da sua arte ao criador. Como Deus viu que ele andava meio quieto e com cara de enjoado, como cusco que bebeu todo o soro da queijaria, e já não se via o Adão assobiando mais como antes - claro, doía a costela quebrada, resolveu o criador a fazer uma companheira para o vivente.

Mas, com a algazarra dos anjos ao seu derredor, que só podiam ser anjos adolescentes, numa “discutição” de quem é que tinha as asas mais traquejadas: ou a mais bonita, ou a mais branca, ou a mais comprida, Deus acabou se distraíndo e tirou aquela costela estragada de Adão, para criar a Eva. E foi aí que a criação não prestou e o resto da história todo mundo têm ciência: o casalzinho foi banido do paraíso, por causa de “cosas” que não convém relatar e nem culpar ninguém (tentado, tentador e tentação... ninguém se salva). E como castigo pela expulsão do paraíso, Deus criou o tempo, que vem ligeiro pra uns e devagar para os outros.

Mas, aquela situação constrangedora de abrir o cancelão do paraíso e fazer o “casalzinho” sair tapado de quero-quero pelo mundo não foi muito bem digerido pelo criador. Deus não estava nem um pouco contente com o assucedido e fez nova tentativa. Ao invés de pegar um barro mais livre de impurezas, optou por pegar uma mãozada de barro mais bruto e criou outro ser à sua semelhança, o qual batizou de Malaquias.

Pois bem, daquele barro grosseiro saiu um índio velho mui gaúcho e muito respeitador, tanto que, pra dar uma volteada nas sesmarias celestiais, Malaquias não amassava as macegas sem pedir licença pro Patrão velho. Mais quieto que o primeiro, Deus percebia que o coração do Malaquias parecia ressequido como couro de sapo no lajeado, percebendo que o tal sentia uma dorzinha daquelas que ainda não havia remédio caseiro que tirasse. Então, Deus resolveu criar uma companheira para o Malaquias e desta vez, escolheu bem a costela. O nome da prenda, mui gaúcha por sinal, ele deixou que o Malaquias escolhesse: e ficou... Bibiana. Quem sabe não seja a Santa Bibiana, cujo túmulo cresceu um jardim cujas folhas curavam muitas doenças e dores dos homens. Mas isto, já é outra história.

Voltemos aos fatos. Mas, logo que o índio velho viu a prenda, percebeu que havia uma baita diferença entre um e outro e se escondeu atrás de um pé de vassoura moura, pra não ficar mostrando o badalo. E Deus dizia pra ele... “venha prosear com a tua prenda, Malaquias!” E nada. O vivente não saía de trás da moita e foi então que Deus entendeu que tinha que dar uma vestimenta pro homem, para esconder as ferramentas do lazer e deu pra ele uma bombacha de favos, coisa mui traquejada, deixando o Malaquias pra lá de contente. E a primeira prosa dele com a Bibiana foi daquelas... “mas que tempo loco, guria, tu assim em pêlo, destapada, pode te dar uma pontada com esta aragem medonha!” Deus que tudo observava entendeu o recado e, então, fez um vestido de chita pra Bibiana. E tudo ficou “nos conformes” e dentro do respeito.

E a coisa ia indo bem no paraíso, o Malaquias contente como macaco avulso em roça de milho e a prenda Bibiana com um sorriso pregado nos beiços. Era a felicidade no tálamo celeste. Sem precisar fazer mais cara de adoentado, Deus premiou o Malaquias com um pingão daqueles de se lavar com um bochecho d’água, e até um gadinho ele fez se aproximar deles, o que permitiu tomar um leite gordo e até uns queijos se pode fazer. E não foi muito tempo, Malaquias precisava de uma diversão campeira e resolveu dar uma pealada numa novilha. Não foi que a coitadinha quebrou o pescoço e o jeito foi aproveitar a carne. Num já, a graxa da costela já estava caindo na brasa. Há, Malaquias... Teria sido ele o inventor do churrasco? Mas, denovamente, voltemos aos fatos.

Naquela de escutar as melodias dos anjos arpeando e soprando trombetas, o Malaquias pediu uma audiência com Deus e pediu se não podia criar um outro instrumento que desse um bailado diferente naquelas cantarolas. Não que não gostasse das músicas, mas que davam uma vontade de ficar sesteando... isso dava. Então Deus ficou a pensar em sons diferentes para contentar o Malaquias e reuniu a passarada, mas viu que não era o som que faltava. Nisso, um touro berrou por ali e já uma novilha respondeu e Deus gostou daquele bufo e montou uma dupla caixa de ressonância pra fazer um som “pulmonar”, isto é, um som forte como o mugido do gado, e a bexiga daquela novilha que o Malaquias carneou, ele colocou entre as duas caixas para movimentá-las e fazer o ar cruzar no seu interior e... tava criada a gaita de fole, indo parar logo nas munhecas do Malaquias para aprovar ou não o instrumento. E adivinhem qual foi o primeiro som que ele fez sair das entranhas daquela babilônia? Num abre e fecha de fole, a baixaria roncou e então, nasceu as primeiras notas do “bugio”. Oigaletê!

De vez em quando o Malaquias meio que se incomodava com Bibiana que tinha mania de limpeza e fazia ele levantar do cepo e bater o pelegão e, com uma vontade de ralhar, ele pediu pra Deus se ele podia criar alguma coisa de serventia e que ele pudesse de vez em quando, com todo o respeito, dar

uma ralhada. Deus então, lhe deu um cusco, que lhe ajudava a vigiar o rancho, buscar o seu pingo no pasto. Como pagamento, o cusco ganhava as sobras de churrasco, um caracu para chupar o tutano e depois roer, um tapinha na testa e, de vez em quando, uma ralhadinha. Ora, cusco que se preza tem que levar uma ralhada de seu dono, de vez em quando, mesmo que seja no paraíso.

Mas, vivendo na fartura, parecia que o vivente não estava mui contente com todos estes tesouros e andava testaviando de uma lado para outro, meio abichornado. Então, Deus lhe perguntou direto como goela de João grande: “Que te falta criatura?” Pois o Malaquias ficou bombeando longe e respondeu: “Papai do céu, tudo está mui doce e iluminado como mogango na panela de ferro, mas de vez em quando me vem uma dor que não dói, mas incomoda. Pode ser que a Bibiana se encante com algum índio vago que passe por fora da cerca do paraíso, pois tem uma gauderiada tafuleira que cruza ali fora assobiando pra cá, pedindo água fresca e vai que um dia desses ela inventa de levar água numa cambona pra alguém lá na cerca e cai nas lábias de algum pervertido e se vai embora. Meu cusco pode também querer varar a cerca atraído por alguma sobra de carnação ou alguma cadela corrida e ir-se embora, também. Meu pingo, daqui a pouco já não poderei montar e logo ele vai ficar aricungo. Vai ter uns dias que não vou nem querer ouvir os anjos nas suas sinfonias e nem vou querer pegar a gaita velha. Eu preciso de um parceiro que me escute, sem eu falar e que não me responda nada, mas fique comigo nestas horas, como agora me sinto. Quem pode ser, Papai do céu?” Num já, Malaquias recebeu um porongo, uma cuia e uma chaleira. “Vá ali naquela touceira e arranque umas folhas, sapeque e moa no pilão. Depois coloque no porongo e adicione água quente. Vá sorvendo devagarito... acho que é o remédio certo pra te curar estas dores que não doem, mas machucam!” E Malaquias ganhou o mate do pai veio.

Mas, mesmo assim, Malaquias não tava contente. Então Deus lhe perguntou novamente: “Que te falta criatura?” Malaquias então respondeu: “Papai do céu, preciso de movimento, preciso de física...” Então Deus lhe disse: “Pois tenho um servicinho prá ti, depois da cerca. Tá dando peleia ali no Rio Grande entre os chimangos e maragatos. Vá lá e acabe com aquela lambança!” Foi então que o Malaquias veio parar por aqui, comandando um piquete de maragatos. Pelo que se sabe, depois ele trouxe a Bibiana pra dar uma volteada e foi ficando, foi ficando e acabou por se aquerenciar por aqui mesmo. Logo teve um lote de filhos, muitos netos e bisnetos.

- -- Inclusive guri, esta fazenda aqui, cujo nome foi trocado para “Touro Manso”, é dos tempos do finado Malaquias. Havia um touro muito feroz por estas terras e a fazenda foi batizada pelo nome de “Touro Bravo”. Foi só o finado Malaquias aparecer e o touro parou de escavar os campos na sua brabeza e se amansou nas unhas do homem. Daí, o jeito foi trocar o nome para “Touro Manso”.

- -- Como é que o Senhor sabe disso, Tio Salustiano?

- -- Ora guri, eu sou trineto do finado Malaquias, por isso é que eu sei e tu não espalha esta conversa por aí, senão não te conto mais histórias do finado Malaquias. Tramela nos beijos, guri, por que ele também é teu parente! Se tu mencionar que fui eu que te contei do nosso parentesco, o sebo das nossas barrigas vai engraxar a lâmina de algum guampa-torta que não entende desse negócio de árvore genealógica. Ninguém vai acreditar que somos parentes do finado Malaquias. Então, bico calado, senão ninguém vai encontrar as nossas tumbas pra colocar flores!

Finado Malaquias, que Deus o tenha no céu e na memória dos viventes, mas só exclusivamente... no pensamento, senão a sorte malvada, como cabeça de serigote, vai engraxar a faca de algum quebra-freio que conhece a história desta legenda baguala.

GLOSSÁRIO DE TERMOS GAUCHESCOS

Pulperia: venda (esp); **Esparmacete:** cera extraída da cabeça das baleias; **Taura:** valente, destemido, valoroso; **Caraquatá:** o mesmo que gravatá, com folha comprida e espinhenta; **Ferros brancos:** facas, adagas; **Resbalosa:** faca; **“Queimar campo em dia de chuva”:** aplicar uma mentira; **Fumo macaio:** fumo ruim; **Algaravia:** confusão de vozes; **Cüera:** gaúcho forte; **Carretilha:** o mesmo que maxilar; **Tarca:** couro ou pedaço de madeira que se marca com cortes o número de reses contadas; **Pabulagem:** gabolice; **Cusco:** é o cão campeiro; **Brete:** corredor que se comunica com a mangueira ou curral; **Torunguenga:** destemido; **Engrólio:** trapaça; **Talaveira:** indivíduo que não entende de lida campeira; **Retacho:** homem de pouco altura, mas atarracado; **Cupinudo:** indivíduo forte, corpulento e temido; **Prosa talareada:** prosa em tom baixo; **Pernóstico:** pretensioso; **“Rasgar o xergão”:** ficar se gabando; **“Pé-de-peia”:** diabo. **Fumo “Georgina”:** nos antigamente, se importava um fumo da Georgia, mui Bueno. E a expressão “georgina” ficou para caracterizar um fumo de primeira. Também se usa a expressão “baio Georgina” - isto é, palheiro com fumo “georgina”. **Coplita:** canção qualquer; **Lunanco:** cavalo que fica com um quarto mais baixo que o outro; **“Discutição”:** corruptela de discussão; **Pealar:** tiro de laço direto às mãos do animal; **Testaviando:** tropeçando, cambaleando; **Abichornado:** triste; **Gauderiada:** indivíduos de índole duvidosa, arruaceiros; **Tafuleira:** divertida **Cambona:** caneca rústica para esquentar água; **Aricungo:** cavalo de má qualidade, feio e magro; **Guampa-torta:** criador de casos, intrometido; **Quebra-freio:** indivíduo de maus instintos.

(*) JUAREZ NUNES DA SILVA - Tradicionalista, pesquisador e escritor de contos literários gauchescos, Integra a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do RGS, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; é Vice-presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos e Secretário da Liga de Defesa Nacional - Núcleo de Caxias do Sul - RS.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com

Nº 101 - Ano 2010 - Cel Cláudio Moreira Bento

MARECHAL ZENÓBIO DA COSTA



Euclides Zenóbio da Costa nasceu em Corumbá (MS), então no estado de Mato Grosso, no dia 09Mai1893, filho do Gen Div José Zenóbio da Costa e de Hermínia Mendes Gonçalves da Costa. Realizou os primeiros estudos em sua cidade natal e, em 1905, aos 12 anos de idade, matriculou-se no Colégio Militar do Rio de Janeiro, então capital da República. Concluiu o curso em dezembro de 1911 e nesse mesmo mês assentou praça, no 2º Regimento de Cavalaria Divisionária (Pirassununga, SP). Ingressando na Escola Militar do Realengo, realizou os cursos de cavalaria, infantaria e artilharia e em abril de 1915 foi declarado aspirante-a-oficial. Por essa época foi convocado para integrar as tropas do governo que combatiam no Sul a Revolta do Contestado. Essa era a denominação do território disputado pelos estados do Paraná e Santa Catarina na região dos rios Saí e Iguaçu. Como as terras do Contestado fossem muito férteis, fazendeiros influentes começaram a desalojar os antigos ocupantes da área, pequenos agricultores que, por isso mesmo, passaram a se armar e a se organizar em torno de líderes messiânicos. A repercussão nacional do conflito levou o governo federal, a partir de outubro de 1912, a enviar várias expedições militares para combater os posseiros. As 13 primeiras expedições foram destroçadas, morrendo em combate 20 oficiais e perto de trezentos soldados do Exército. Cerca de três mil camponeses fanatizados perderam a vida lutando contra tropas regulares. Somente em outubro de 1916, ante o poderio de fogo das forças comandadas pelo Gen Fernando Setembrino de Carvalho, a revolta foi esmagada. De regresso ao Rio de Janeiro, Zenóbio foi indicado para secretariar o 55º Batalhão de Caçadores (BC). Em julho de 1917, promovido a segundo-tenente, passou a comandar a 4ª Seção da 1ª

Companhia de Metralhadoras. Em 1921 serviu na Bahia e em janeiro do ano seguinte foi promovido a 1º Ten, voltando então ao Rio para juntar-se à 4ª Companhia de Metralhadoras Pesadas. Foi promovido a 1º Ten em 12Jan1922. Nessa época, os meios militares andavam agitados com a campanha presidencial que opunha os candidatos Artur Bernardes, presidente de Minas, e Nilo Peçanha, senador pelo estado do Rio. A jovem oficialidade, base do movimento tenentista, mobilizou-se contra a candidatura de Bernardes, afinal eleito em 01Mar22, e inflamou-se quando o presidente Epitácio Pessoa, em 04Jul seguinte, ordenou a prisão disciplinar do marechal Hermes da Fonseca por este ter protestado, na qualidade de presidente do Clube Militar, contra a utilização de tropas do Exército numa disputa eleitoral em Pernambuco. No dia 05Jul, a guarnição do forte de Copacabana rebelou-se contra o governo, contando com a adesão dos cadetes da Escola Militar do Realengo e de alguns contingentes da Vila Militar. O movimento foi controlado em algumas horas, tendo Zenóbio tomado parte na repressão aos rebeldes. No dia 15Nov, Artur Bernardes assumiu a presidência da República. Em 1924 Zenóbio servia como instrutor na Escola Militar do Realengo quando foi destacado pelo general João Álvares de Azevedo Costa para comandar uma coluna legalista que combatia no Sul os revolucionários que se insurgiram contra a permanência de Bernardes no poder. A Revolução de 1924 iniciou-se em São Paulo, também no dia 5 de julho, segundo aniversário da revolta do forte de Copacabana. Era comandada pelo general Isidoro Dias Lopes, cujas tropas durante vários dias mantiveram a capital paulista sob ocupação. A cidade, entretanto, foi logo inteiramente bloqueada e incessantemente bombardeada pelos legalistas. Para não sacrificar a população civil, Isidoro recuou para o Sul do país. Alguns de seus oficiais e soldados exilaram-se em Buenos Aires e Montevideú. Outros juntaram-se às tropas sob o comando do Cap Luís Carlos Prestes, que marchavam de Santo Ângelo (RS) em direção a Mato Grosso com o objetivo de continuar a ação revolucionária. A junção da unidade revoltosa de Santo Ângelo com os remanescentes da tropa de Isidoro foi a origem da Coluna Prestes, que durante dois anos percorreria mais de dois mil quilômetros do território brasileiro, dando combate a destacamentos do Exército e a batalhões das polícias militares de vários estados que se movimentaram para defender o governo federal. Colocado em 1926 à disposição do governador do Maranhão, José Pires Sexto, Zenóbio da Costa acumulou naquele estado a chefia de polícia e o comando da Força Pública, tendo exercido ainda, durante alguns dias, as funções de prefeito de São Luís. Já no posto de capitão, ao qual foi promovido em 26Jul28, retornou ao Rio de Janeiro em meados de 1930, em pleno período de agitação revolucionária contra o governo Washington Luís. Comandante, entre outubro e dezembro daquele ano, da 6ª Companhia do 1º Regimento de Infantaria, aquartelado na Vila Militar, tomou posição discreta a favor do movimento revolucionário. Com a posse do Governo Provisório de

Getúlio Vargas, foi de novo enviado ao Maranhão para apurar irregularidades administrativas que teriam sido praticadas pelo governo de José Pires Sexto, deposto, como o de Washington Luís, em 24Out30. Encerrada sua tarefa no Maranhão, foi enviado a Belém, onde permaneceu à disposição do comandante da 8ª Região Militar (RM). Em janeiro de 1932 foi chamado novamente ao Rio para comandar a 1ª Companhia do 39º Regimento de Infantaria (RI). Encontrava-se nesse comando quando estourou em São Paulo, no dia 09Jul32, a Revolução Constitucionalista, deflagrada pelas correntes políticas do estado em aliança com os efetivos locais do Exército e da Força Pública, com a finalidade de depor o Governo Provisório. Iniciada a contra-ofensiva governamental no vale do Paraíba, sua unidade recebeu ordens para incorporar-se ao destacamento do coronel Manuel Daltro Filho, travando contato com o inimigo nas proximidades de Itatiaia (RJ). Ocorreu, então, o primeiro recuo da vanguarda Constitucionalista comandada pelo coronel Euclides Figueiredo. Na frente leste os combates entre paulistas e federais foram mais assíduos e violentos, com as forças legalistas tentando chegar a Campinas e dali abrir caminho para a ocupação militar da capital bandeirante. A atuação de Zenóbio foi posta em evidência pelos despachos do coronel Daltro, assegurando sua promoção a major no dia 05Ago32, por ato de bravura, menos de um mês após o início das hostilidades. A revolução paulista terminou em 2 de outubro de 1932, com o pedido de armistício dirigido ao chefe do Governo Provisório pelo general Bertoldo Klinger, comandante do chamado exército Constitucionalista. Concluída a rendição, Zenóbio regressou ao Rio e, no início de 1933, assumiu o comando do 19º Batalhão do 39º RI. Entre maio daquele ano e janeiro de 1934 frequentou também os cursos da Escola de Infantaria. Quando Pedro Ernesto Batista, interventor e, a partir de 1935, prefeito do Distrito Federal, decidiu criar a Polícia Municipal, Zenóbio da Costa foi convidado para comandá-la, sem prejuízo de sua condição de aluno da Escola de Estado-Maior do Exército, que cursou de fevereiro de 1935 a dezembro de 1936. Nesse período, participou da repressão ao movimento insurrecional do 3º RI, que se sublevou contra o governo em 27Nov35. Também nessa época, em 03Mai36, foi promovido a tenente-coronel por merecimento. Em Ago37, Zenóbio assumiu o comando do 8º BC, sediado em São Leopoldo (RS), por indicação do general Daltro Filho, comandante da 3ª RM, que então dava execução ao processo de deposição do governador Flores da Cunha. Desde fins de 1936, Flores vinha acentuando suas divergências com o governo federal, aumentando os efetivos da Brigada Militar gaúcha e mantendo mobilizados os chamados batalhões provisórios, grupos de voluntários que haviam sido equipados com armamentos do Exército em 1932 para combater a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Diante das posições de Flores, que apoiava a candidatura de Armando Sales à presidência da República, em oposição a José Américo de Almeida, o candidato semi-oficial, e recusava-se sistematicamente a atender

aos pedidos de devolução dos armamentos formulados pelo Ministério da Guerra, o governo federal foi apertando o cerco até federalizar a Brigada gaúcha em outubro de 1937, o que provocou a renúncia do governador e sua fuga para o Uruguai. A 10 de novembro seguinte, com a desarticulação de todas as resistências prováveis, Vargas instituiu o Estado Novo, suprimindo a Constituição de 1934, extinguindo todos os órgãos legislativos do país e todos os partidos políticos existentes, suspendendo as eleições marcadas para janeiro de 1938 e adotando uma Carta autoritária que iria vigorar até 1946. Em 3 de maio de 1938 Zenóbio chegou à patente de coronel. Nessa época, tomou a defesa de Pedro Ernesto, denunciado pelo chefe de polícia do Distrito Federal, Filinto Müller, e processado pelo Tribunal de Segurança Nacional sob a acusação de cumplicidade com a revolta do 39º RI em novembro de 1935. De agosto de 1938 a janeiro de 1940, comandou o 14º RI, em São Gonçalo (RJ) e de 02Ago38 a 02Jan40 foi Cmt do 3º RI, São Gonçalo, RJ. Daí foi transferido, em maio desse último ano, para Campo Grande, então no estado de Mato Grosso, e hoje capital de Mato Grosso do Sul, onde ficou à disposição do comando da 9ª RM até agosto seguinte. Retornou ao comando do 3º RI de 14Ago40 a 04Set41. Promovido a Gen Bda em Ago41, já em outubro foi transferido para Belém com a missão de comandar a 8ª RM. Iniciaram-se a essa altura, em plena Segunda Guerra Mundial, as primeiras conversações entre as autoridades militares e diplomáticas do Brasil e dos Estados Unidos com vista à montagem de sistemas defensivos no Norte e Nordeste do país contra possíveis ataques alemães a partir de bases controladas no litoral da África Ocidental por franceses ligados ao governo colaboracionista de Vichy. Temia-se que os alemães pusessem em risco a segurança do tráfego marítimo no Atlântico Sul. No comando da 8ª RM, Zenóbio travou conhecimento com alguns oficiais que se encontravam em Belém na qualidade de emissários do governo norte-americano para estudar a localização das futuras bases defensivas. Em março de 1943 foi exonerado daquela função e transferido para Caçapava (SP), onde assumiu no mês seguinte o comando da Infantaria Divisionária da 2a DE, de 13Abr a 29Mai43. Foi Diretor das Armas, no Rio, de 02Jun a 12Ago43.

Com a FEB na Itália

Com os entendimentos mantidos em Natal, em 28 de janeiro de 1943, entre os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, tiveram início as primeiras providências para o envio de tropas brasileiras ao exterior em missão de guerra. Essas trocas de pontos de vista entre os dois chefes de Estado tomaram feição prática e aprofundaram-se durante o ano de 1943, com as sucessivas visitas de autoridades militares norte-americanas ao Brasil e com as idas frequentes de oficiais brasileiros aos Estados Unidos para trocas de informações e acertos de detalhes. Vários oficiais brasileiros foram relacionados para estagiar em centros de treinamento militar norte-americanos a fim de

entrar em contato com modernos armamentos e técnicas de combate. Zenóbio da Costa foi um desses oficiais, e, enquanto permaneceu nos EUA, de agosto a novembro de 1943, um decreto presidencial datado de 7 de outubro de 1943 determinou a organização e instrução da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) com unidades retiradas das regiões militares sediadas no Rio, São Paulo, Minas e Mato Grosso. A 1ª DIE constituiu a Força Expedicionária Brasileira (FEB), cuja composição básica era de pesadas unidades de artilharia e infantaria. O general Zenóbio da Costa ingressou na FEB como voluntário. Sua missão principal era preparar, com treinamento adequado, os efetivos de infantaria, de conformidade com as diretrizes de instrução dos quadros e da tropa do corpo expedicionário emitidas em 18 de agosto de 1943 pelo Estado-Maior do Exército (EME). Recebendo o prazo de 27 semanas para colocar em condições de combate a tropa sob seu comando, a 31 de março de 1944 desfilou à frente dela na avenida Rio Branco, no Rio, sendo amplamente festejado pela população. Demonstrava assim estar pronto para o embarque, cuja data vinha sendo mantida em sigilo. Em 2 de julho de 1944, o navio-transporte norte-americano *General Mann* zarpou da Guanabara conduzindo o 1º Escalão da FEB, composto de 5.800 homens, sob o comando de Zenóbio da Costa e levando a bordo o comandante-em-chefe da FEB, general João Batista Mascarenhas de Moraes. A tropa brasileira desembarcou em Nápoles, na Itália, a 16 de julho e permaneceu nas proximidades até o dia 26, quando transferiu-se para a Tarquínia, incorporando-se, a 5 de agosto, aos efetivos do V Exército dos Estados Unidos, comandado pelo general Mark Clark. A 18 deslocou-se para a região de Vada, perto do rio Arno, onde se concentravam fortes dispositivos de tropas alemãs. Nessa área o 1º Escalão, sob o comando de Zenóbio, realizou um teste ofensivo, presenciado pelo general Mark Clark e por 270 oficiais norte-americanos, ao fim do qual foi considerado apto para entrar em combate. No dia 16 de setembro verificou-se o primeiro contato da FEB com o inimigo. Acampado em San Rossore, o 6º RI desdobrou-se em duas frentes: o 1º Batalhão da unidade marchou na direção Fületole - Monte Ghilardona, enquanto que o 2º Batalhão ingressou no percurso Bozzano- Vecoli. Dessa operação resultou a ocupação de Massarosa, Bozzano e Quiza. Dois dias depois, a FEB conquistou o reduto de Camaiole. A 26 alcançou Monte Prano, no desempenho de plano ofensivo que visava atingir a "Linha Gótica", constituída de pontos fortificados nas altitudes máximas da cadeia dos Apeninos. A 6 de outubro, mais dois escalões da FEB chegaram a Nápoles: o 2º, com 5.133 homens, comandado pelo general Osvaldo Cordeiro de Farias, e o 3º, com 5.243 homens, comandado pelo general Olímpio Falconière da Cunha. Com esse reforço, Mascarenhas mudou a estrutura de comando da FEB: Cordeiro de Farias passou a comandar a Artilharia Divisionária e Zenóbio, a Infantaria. As unidades de Zenóbio foram enviadas, então, para o vale do Reno, onde a poderosa 1ª Divisão Blindada americana mantinha posições

defensivas numa região montanhosa exatamente defronte às fortificações nazistas nos Apeninos, encravadas nos pontos culminantes dos montes Belvedere, Gorgolesco, Mazzancana, La Torraccia, Castelo, Delia Croce, Torre de Nerone e Soprassasso. A FEB era, estruturalmente, subordinada ao IV Corpo do Exército dos Estados Unidos, comandado pelo general Willis Crittenberger, que por sua vez constituía uma grande unidade do V Exército, sob o comando do general Mark Clark. Ao contrário de Mark Clark, que mantinha excelentes relações com o general Mascarenhas, o comandante do IV Corpo exigia da tropa brasileira um ritmo de operacionalidade que estava muito além de suas disponibilidades técnicas e numéricas. O general Floriano de Lima Brayner conta em seu livro *A verdade sobre a FEB* que as quatro primeiras tentativas de ataque a Monte Castelo, a principal fortaleza natural da cadeia dos Apeninos, desencadeadas nos dias 24, 25 e 29 de novembro e 12 de dezembro de 1944, foram malsucedidas porque o general Crittenberger não só desviou reforços da infantaria da FEB para outros setores de ação como ainda substituiu unidades norte-americanas por efetivos brasileiros já nos limites irresistíveis da exaustão física. O procedimento de Crittenberger, segundo Brayner nem sempre contestado devido à timidez e inexperiência de Mascarenhas, chegou a criar dúvidas a respeito da reputação profissional do general Zenóbio e, conseqüentemente, a provocar desconfiânças na tropa quanto à sua capacidade de comando. A 21 de fevereiro de 1945, todavia, assumindo pessoalmente a chefia das operações na frente de Monte Castelo, contrariando inclusive as expectativas de Crittenberger, o general Zenóbio da Costa lançou em combate o 1º RI sob o comando do coronel Agnaldo Caiado de Castro e, com apoio da Artilharia Divisionária, ocupou em 15 minutos a posição considerada quase inexpugnável. Dali por diante, a FEB tomou Castelnuovo, Montese, Zocca, Montalto, Vignola, Marano e Collechio e alcançou Turim a 19 de maio, na véspera da rendição alemã em toda a frente italiana, que marcou o fim da guerra no continente europeu. No dia 9 de maio, Zenóbio foi promovido a general-de-divisão e, no mês seguinte, designado para representar o Exército brasileiro na Parada da Vitória realizada em Londres.

De 1945 a 1954

Em julho de 1945, Zenóbio regressou ao Brasil, quando o país vivia um dos momentos mais ativos da campanha presidencial, tendo em vista as eleições marcadas para 2 de dezembro. Disputavam a chefia da nação o general Eurico Gaspar Dutra, na legenda do Partido Social Democrático (PSD), e o major-brigadeiro Eduardo Gomes, indicado pela União Democrática Nacional (UDN). Dutra era candidato das forças políticas que apoiavam Vargas, enquanto Eduardo Gomes representava a oposição. Não obstante, crescia no país inteiro o chamado movimento "queremista" ("Queremos Getúlio"), que visava o afastamento das duas candidaturas militares em favor da permanência de Vargas no poder. No meio político acentuava-se a desconfiança quanto à

posição do presidente da República em relação aos seus compromissos com Dutra, generalizando-se a suspeita de que ele próprio incentivava a propagação do movimento queremista através da máquina sindical controlada pelo Ministério do Trabalho. Vargas não se desincompatibilizou no prazo devido para concorrer às eleições, mas no dia 10 de outubro decretou a antecipação das eleições para os governos dos estados, fazendo-as coincidir com o pleito presidencial marcado para 2 de dezembro. Os governos estaduais ficariam assim livres para serem ocupados de imediato por nomes de confiança do presidente, que dessa forma se fortaleceria politicamente em todo o país. Os militares viram nisso uma manobra continuísta e em 29 de outubro, quando Getúlio pretendeu substituir na chefia de polícia do Distrito Federal o coronel João Alberto Lins de Barros pelo seu irmão Benjamim Vargas, as forças armadas depuseram o governo através de um golpe de Estado. A chefia da nação foi entregue ao presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro José Linhares, e Dutra venceu as eleições de dezembro, tomando posse em janeiro do ano seguinte. Após ter integrado a Comissão de visita aos campos de batalha da Europa e aos campos de instrução do EUA (21Set/06Nov45) retornou ao comando da IDE/1. Foi Adido Militar à Embaixada do Brasil na Itália de 21Fev a 23Jun46. Promovido a Gen Div em 09Mai, em junho de 1946 Zenóbio assumiu o comando da 1ª Divisão de Infantaria, a mais poderosa unidade do Exército, sediada na Vila Militar, no Rio de Janeiro. No ano seguinte passou a fazer parte da comissão de promoções do Exército e, em 1949, foi nomeado comandante da Zona Militar Leste, sediada na capital da República. Definidos os resultados das eleições presidenciais de 3 de outubro de 1950 com a expressiva vitória de Getúlio Vargas, candidato do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sobre seus três competidores - Eduardo Gomes, da UDN, Cristiano Machado, do PSD, e João Mangabeira, do Partido Socialista Brasileiro (PSB) as restrições em torno da legitimidade de sua posse começaram a movimentar os meios oposicionistas no Congresso e na imprensa. A tese sustentada era a de que Vargas não alcançara a maioria absoluta de votos, exigência que seus opositores julgavam implícita no texto da Constituição de 18 de setembro de 1946. Tal alegação gerou reações violentas nos meios políticos incluindo setores dominantes do PSD, que, embora derrotados nas urnas, não encontravam fundamento constitucional para impugnar o triunfo do candidato trabalhista. O problema, como era de se esperar, refletiu-se nos quartéis. Zenóbio, no comando da Zona Militar Leste, foi procurado pelos jornais e desestimulou publicamente a ação dos que procuravam envolver as chefias militares numa decisão que já havia sido tomada pelo voto popular. No entanto o general Newton Estillac Leal, que comandava a Zona Militar Sul e apoiara os pronunciamentos de Zenóbio, foi o escolhido por Vargas para ocupar a pasta da Guerra. A opção do presidente, não tendo sido do agrado de Zenóbio, colocou-o em conflito com o novo ministro, que exercia cumulativamente a liderança da

corrente nacionalista do Exército, a qual o elegera, em maio de 1950, presidente do Clube Militar, em oposição ao grupo conservador chefiado pelo general Cordeiro de Farias. Enquanto a corrente de Estillac defendia o monopólio estatal do petróleo, a não-participação do Brasil no conflito coreano e posição autônoma no campo da política externa, o grupo de Cordeiro, ao contrário, admitia a participação do capital estrangeiro na exploração petrolífera, insistia nos compromissos do país com o mundo ocidental em oposição ao bloco soviético, e defendia um integral alinhamento com as diretrizes da política externa dos Estados Unidos. Entre esses dois grupos, o general Zenóbio e os oficiais de seu círculo de influência figuravam numa esfera oscilante, sem fixações ideológicas e conceitos políticos estabelecidos, embora decididos, na hipótese de um confronto, a uma composição indisfarçável com o grupo do general Cordeiro. Na campanha contra Estillac, acusado de favorecer o desempenho de atividades comunistas dentro do Clube Militar, Zenóbio aparecia como precioso aliado de Cordeiro, não só pela importância do comando que exercia, como pela natural extroversão do seu temperamento, sempre predisposto a pronunciamentos de efeitos retumbantes. Dessa forma, sua posição à frente da Zona Militar Leste foi de choque permanente com o ministro da Guerra. Promovido a general-de-exército graduado em março de 1951, prosseguiram suas dificuldades de relacionamento com Estillac, em decorrência das questões ligadas ao Clube Militar. Para evitar uma crise, Estillac solicitou demissão do Ministério da Guerra em 25 de março de 1952, ocorrendo a Zenóbio pedir, na mesma data, sua exoneração do comando da Zona Militar Leste. Vargas aceitou as solicitações de ambos e, no dia 30 daquele mês, Zenóbio passou o posto ao general Aristóteles de Sousa Dantas, comandante da 1ª RM e da 1ª Divisão de Infantaria. Em maio, quando Estillac, já afastado do ministério, concorreu à reeleição no Clube Militar, Zenóbio denunciou a presença de influência comunista na tropa e tomou o partido da chapa Alcides Etchegoyen-Nélson de Melo, afinal vencedora do pleito. A chapa denominou-se Cruzada Democrática e foi apoiada também por Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, Juarez Távora, Angelo Mendes de Moraes, Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Canrobert Pereira da Costa, Álvaro Fiúza de Castro e Emílio Ribas Júnior. Depois de permanecer em disponibilidade por seis meses, Zenóbio foi convidado por Vargas para ocupar novamente o comando da Zona Militar Leste, que recebeu do mesmo general Sousa Dantas no dia 9 de setembro. Foi efetivado no posto de Gen Ex em 02Ago52.

Ministro da Guerra

No início de 1954, os adversários de Vargas, tanto na área civil quanto na militar, deram prosseguimento à campanha antigovernamental desencadeada nos anos de 1951 e 1952 contra as atividades de Estillac Leal no Ministério da Guerra e intensificada em 1953 com a instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) destinada a apurar as transações do jornal pró-

governista *Última Hora* com os estabelecimentos oficiais de crédito e, em especial, com o Banco do Brasil. O motivo principal do recrudescimento da luta oposicionista foi o decreto do governo que elevou em 100% o salário mínimo. Do ponto de vista dos empresários, o reajuste, atribuído à ação de João Goulart à frente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, vinha sobrecarregar os seus compromissos sociais e agravar os índices inflacionários, que decorriam, segundo eles, de pressões exercidas nos sindicatos por elementos considerados suspeitos de atividades subversivas, em aliança com setores esquerdistas do PTB. Na concepção dos militares, o reajuste quase fazia equivaler o salário mínimo aos vencimentos das categorias subalternas das forças armadas, pondo em risco a estabilidade do sistema hierárquico e dificultando o recrutamento, fundamental para a renovação dos quadros. Surgiu em fevereiro um documento que expressava a insatisfação militar, conhecido como *Manifesto dos coronéis* e assinado por cerca de 80 coronéis e tenentes-coronéis, entre os quais Amauri Krueel, Sizen Sarmento, Euler Bentes Monteiro, Golberi do Couto e Silva, Jurandir Mamede e José Alberto Bittencourt. O manifesto teve como resultado o afastamento do general Ciro do Espírito Santo Cardoso do Ministério da Guerra e de João Goulart do Ministério do Trabalho. Zenóbio da Costa foi então convidado por Vargas para assumir o Ministério da Guerra, onde tomou posse em 22 de fevereiro de 1954. Sua nova posição colocou-o em choque com as lideranças militares da Cruzada Democrática, com as quais se aliara em maio de 1952. Diante disso, tentou remover suas desavenças com Estillac, destinando-lhe o comando da Zona Militar Centro, com sede em São Paulo. Para a Zona Militar Leste foi designado o general Odílio Denis, numa estratégia de fortalecimento do esquema defensivo do governo, já agora sob ameaça declarada de um movimento que tinha como objetivo a interrupção do mandato constitucional de Vargas. Com apoio do que ainda restava da facção de Estillac, bastante atingida pelos inquéritos policiais-militares (IPM) de dois anos antes, Zenóbio tentou conquistar o Clube Militar através da indicação do nome do general Lamartine Pais Leme, para a sua presidência, mas não obteve êxito. A Cruzada Democrática manteve-se à frente da entidade, elegendo a chapa Canrobert- Juarez Távora e acentuando dessa forma a vulnerabilidade do dispositivo de segurança do governo. À crise política em plena efervescência juntava-se o fato de que 1954 era um ano eleitoral. No dia 3 de outubro seriam renovados 11 governos estaduais, 2/3 do Senado e a totalidade da Câmara Federal, além de todas as assembleias legislativas, prefeituras e câmaras de vereadores do país. O jornalista Carlos Lacerda, diretor da *Tribuna da Imprensa*, um dos principais instrumentos das forças que combatiam o governo, era candidato a deputado federal pela antiga capital da República na legenda da UDN e foi personagem de um episódio que rompeu a normalidade da disputa eleitoral, desencadeando um processo que levaria ao suicídio de Vargas. Recusando os serviços de segurança pessoal que o

governo lhe oferecera através do ministro da Justiça, Tancredo Neves, o jornalista passou a ser acompanhado em seus comícios e conferências por oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB) dedicados à sua causa. Os mais frequentes nesse acompanhamento eram os majores Américo Fontenele, Gustavo Borges e Rubens Vaz, que se revezavam na missão de dar cobertura a Lacerda. Na madrugada de 5 de agosto, voltando de uma dessas conferências, ao estacionar o carro na calçada em frente à sua residência na rua Toneleros, no Rio, Lacerda deteve-se numa conversa com o major Vaz, destacado nesse dia para acompanhá-lo, quando foi atacado a tiros por um desconhecido. O major, no cumprimento de sua tarefa, atracou-se com o pistoleiro e, durante a luta corporal em que se empenhou com ele, foi ferido mortalmente. O atacante desapareceu em seguida. Minutos depois, as emissoras de rádio davam notícia do atentado, revelando que a vítima era ligada ao grupo do brigadeiro Eduardo Gomes. A cidade foi logo convulsionada. A delegacia policial de Copacabana abriu inquérito, identificando-se logo que o crime teria partido de elementos da guarda pessoal de Vargas, chefiada pelo “tenente” Gregório Fortunato. Desconsiderando a ação da polícia e pondo em dúvida a sua confiabilidade, a Aeronáutica instituiu um IPM na base aérea do Galeão, sob a presidência do coronel João Adil de Oliveira. A investigação militar tomou, evidentemente, cunho político. Os membros da guarda presidencial suspeitos de cumplicidade, inclusive o próprio Gregório, foram sendo capturados por patrulhas da FAB e recolhidos ao Galeão. Em pouco tempo não se tratava de envolver apenas os integrantes da guarda, logo dissolvida por ordem de Vargas. Pessoas da família do presidente — seu filho Lutero e seu irmão Benjamim - passaram a ser apontadas como mandantes do crime. O inquérito militar - que, pelo poder que desfrutou, passou a ser conhecido como a "República do Galeão" - procurava comprometer ainda o ex-ministro Danton JCoelho, o deputado Euvaldo Lodi e o general Angelo Mendes de Moraes. Com o intuito de enfatizar sua imparcialidade na condução do IPM e, ao mesmo tempo, inocentar o governo de qualquer responsabilidade no atentado, o presidente da República liberou todas as dependências do palácio do Catete para as diligências dos encarregados do inquérito, que dessa forma tiveram acesso aos arquivos privados da guarda pessoal e, em especial, os de Gregório Fortunato. As facilidades concedidas pelo governo, no entanto, não aliviaram a intensidade da crise. Juntamente com o ministro da Justiça, Tancredo Neves, e com o chefe do Gabinete Militar, general Caiado de Castro, Zenóbio coordenava medidas e tomava algumas precauções para evitar que a legalidade fosse agredida. A 10 de agosto, com a concordância de Vargas e o apoio de Tancredo, propôs a substituição, na chefia de polícia, do general Armando de Moraes Âncora pelo coronel Paulo Francisco Torres, reafirmando que o governo estava preparado para defender a integridade do regime constitucional. Entre 10 e 22 de agosto o clima político não passou por

alterações muito substanciais. Mas na noite de 22 os oficiais-generais da FAB, reunidos no Clube da Aeronáutica sob a presidência do brigadeiro Eduardo Gomes, voltaram a manifestar-se contra o governo, indicando a renúncia do presidente da República como única saída para a crise. A decisão dos comandos da FAB foi levada ao Catete pelo marechal Mascarenhas de Moraes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), mas o presidente Vargas repeliu a fórmula da renúncia. O ministro da Justiça sugeriu o imediato enquadramento disciplinar dos brigadeiros sublevados, mas os três militares - inclusive o brigadeiro Epaminondas Santos, que substituíra Nero Moura no Ministério da Aeronáutica - ponderaram que a medida de nada adiantaria aos propósitos do governo de preservar a legalidade, não concorrendo senão para fomentar as animosidades. No dia seguinte, Zenóbio lançou uma advertência, reiterando que o Exército não permitiria agitações e estava pronto para garantir a normalidade política. À noite, no entanto, a posição dos brigadeiros foi fortalecida pela solidariedade do almirantado, embora não ficasse claro que a Marinha estivesse disposta a combater. Essa nova componente da crise estava sendo avaliada no Catete pelos ministros Tancredo Neves, Epaminondas Santos e Renato Guillobel (Marinha) quando chegou ao palácio o general Zenóbio da Costa acompanhado de Mascarenhas de Moraes e Odílio Denis. Na oportunidade, o ministro da Guerra informou que, dos 80 generais em postos de comando no Rio, 37 haviam assinado um memorial justificando a conveniência da renúncia de Vargas. Em face disso, o presidente da República reuniu o ministério para novas deliberações e verificou que o ânimo de Zenóbio não era o mesmo de antes. Participando da reunião, Alzira Vargas, filha do presidente, censurou o comportamento ambivalente de ministro da Guerra e procurou demonstrar que a real situação dentro do Exército não coincidia com as evasivas de Zenóbio. As discussões generalizaram-se e, no final do encontro, ficou decidido que Vargas entraria de licença, permanecendo afastado do poder enquanto durassem as averiguações em torno do atentado da rua Toneleros. Segundo depoimento de Juarez Távora, Zenóbio seguiu então para o Ministério da Guerra, onde convocou uma reunião de generais para comunicar-lhes a resolução da licença presidencial. Como a nota expedida pela Secretaria da Presidência da República não mencionava o prazo de vigência do afastamento de Vargas, ao ser interpelado nesse sentido por alguns oficiais mais exaltados, Zenóbio disse que ele seria definitivo. Na madrugada de 24 de agosto o país foi surpreendido com o suicídio de Vargas. Assumiu o governo o vice-presidente João Café Filho e Zenóbio foi exonerado do Ministério da Guerra, sendo substituído pelo general Henrique Teixeira Lott.

11 de novembro de 1955

Zenóbio permaneceu dez meses sem comissão e sem comando até que, com a morte de Estillac em 19Mai55, foi designado para substituí-lo no posto de Inspetor Geral do Exército. Tomou posse no dia 11 e, segundo as práticas

normais do Exército, constituiu seu gabinete com oficiais de sua confiança pessoal, mantendo todavia os tenentes-coronéis Nelson Werneck Sodré e Henrique Moura e Cunha, que serviam naquele órgão a partir da investidura de Estillac. A agitação política não foi interrompida com o desaparecimento de Getúlio Vargas. Em vez disso, agravou-se diante da perspectiva de vitória da candidatura presidencial de Juscelino Kubitschek, lançada pelo PSD com apoio do PTB, que dava o candidato da chapa à vice-presidência, João Goulart. A ameaça à legalidade não partia exclusivamente das correntes oposicionistas do Congresso que combateram o governo Vargas, mas contava agora com o estímulo do presidente Café Filho e de toda a cúpula militar que ascendera ao poder depois de 24 de agosto. O pretexto para a conspiração consistia na resistência que o PSD e o PTB vinham opondo às proposições da UDN, a qual, segundo aqueles dois partidos, visava criar embaraços à realização do pleito de 3 de outubro. Entre essas proposições figuravam a adoção da cédula oficial impressa e distribuída por órgãos do governo o que, segundo a UDN, tinha uma finalidade moralizadora a instituição da maioria absoluta de votos como condição para eleger-se o presidente, o que não era previsto no texto constitucional, e a aprovação da emenda parlamentarista, que implicava a suspensão das eleições de 3 de outubro. Surgiu, então, o Movimento Militar Constitucionalista (MMC), criado no estado-maior de Zenóbio e incentivado por ele, que visava, entre outras coisas, servir de suporte à posição dos deputados e senadores do PSD e do PTB que repeliam as propostas adversárias tendentes a modificar o calendário eleitoral e a reformular as regras estabelecidas pela Constituição, o que consideravam desaconselhável num momento em que estava em curso a campanha de sucessão presidencial. Em Out55, após o pleito, quando já estava confirmada a vitória de Juscelino e Goulart, Zenóbio repetiu suas declarações de 1950, defendendo a posse dos eleitos. O Gen Henrique Lott, ministro da Guerra, que adotara como norma de conduta disciplinar o não- envolvimento de militares em questões políticas, resolveu puni-lo, demitindo-o a 21Out da Inspeção Geral do Exército. Ao afastar-se do cargo, no entanto, Zenóbio já havia deixado um grupo de oficiais amigos seus suficientemente preparado para deter qualquer tentativa militar de impedir a posse dos eleitos. Com o movimento de 11Nov55, desfechado sob o comando do Gen Lott, a posse de Juscelino e Goulart foi plenamente garantida em 31Jan seguinte. Em virtude de sua participação naquele movimento, em janeiro de 1956 Zenóbio da Costa foi designado para a chefia do Departamento Geral de Administração do Exército, transformado em setembro do mesmo ano em Departamento de Provisão Geral. Foi Representante, com categoria e honras de Embaixador, do Governo Brasileiro em La Paz, Bolívia, de 02 a 09Ago56. Permaneceu no DPG até maio de 1957, quando foi transferido para a reserva no posto de marechal. Na ocasião lamentou em entrevista aos jornais que o governo não tivesse aplicado em favor dele a chamada Lei Denis, que

permitiria por mais dois anos sua permanência na ativa, desde que isso fosse considerado de conveniência do regime. Em 09Jan58 Juscelino o nomeou embaixador do Brasil no Paraguai, em substituição ao diplomata João Luís Guimarães Gomes. Permaneceu em Assunção até 30Jan61, véspera da posse do presidente eleito Jânio Quadros, quando solicitou demissão. Passou a embaixada ao encarregado de negócios Carlos Sette Gomes Pereira, que se manteve no posto até a chegada do novo embaixador, general Joaquim Justino Alves Bastos, que tomou posse em Ago61. Ao retornar da capital paraguaia, o ex-ministro da Guerra afastou-se definitivamente da vida pública, transferido para a reserva em Dec. de 10Mai57. Era atirador de fuzil, participando de diversas provas, inclusive internacionais. Cursos: Infantaria, Cavalaria e Artilharia na EMR (1915). EsAO em 1933. ECEME em 1936 (9º lugar). ESG em 1950. Era Agrimensor pelo CMRJ. Condecorações e medalhas: Cruz de Combate de 1ª Classe, de Campanha, Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar, tempo de serviço com Passador de Platina, de Guerra, de Bronze (tiro), Centenário de nascimento de Rio Branco, Centenário de nascimento de Ruy Barbosa, Prata Cinquentenário da República, Campanha do Atlântico Sul, Prata Dourada Maria Quitéria, Pacificador, Marechal Thaumaturgo, Marechal Trompowski, Marechal Souza Aguiar, Marechal Caetano de Faria, Federação Brasileira de Homeopatia, Marechal Hermes, Cmt e Comendador da Ordem do Império Britânico, Cruz de Guerra com Palma (França), Oficial da Legião de Honra (França), Grande Cruz da Ordem do Dever do Instituto Humanista (França), Grande Oficial da Ordem da Coroa (Itália), Grã-Cruz da Ordem Militar de Aviz (Portugal), de Ouro do Instituto de Socorro aos Náufragos (Portugal), Grã Cruz do Mérito Militar (Portugal), Cmt da Legião do Mérito (EUA), Estrela de Bronze (EUA), Cruz de Honra Acadêmica do Conselho da Academia Internacional (EUA), Militar do Exército de 2ª Classe (Chile), Militar Al Mérito 1ª Classe (Chile), Grande Oficial da Ordem de Ayacucho (Peru), Ordem Trujillo (São Domingos), Grã Cruz Al Mérito Servicios Distinguidos (Peru), Grande Oficial da Ordem Nacional do Mérito (Paraguai) e Grã Cruz da Ordem Nacional do Cedro (Líbano). Faleceu no Rio de Janeiro no dia 29Out63. O Dec. 52.781, da mesma data, concede-lhe honras de ministro de Estado. Em 19Fev64 o Decreto 53.563 concede ao 1º Batalhão de Polícia do Exército a denominação histórica de “Batalhão Marechal Zenóbio da Costa”. Era casado com Darcília Ferraz Zenóbio da Costa, com quem teve duas filhas, Sylvia e Heliete.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS (lecaminha@gmail.com)
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, Porto Alegre

Nº 102 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento
“REBOLUÇÃO” IMPERFEITA - Juarez Nunes da Silva (*)

A meia-tarde já vinha descambando lá na serra e o roçado que o João Tenório havia empreitado com uns qüeras cor de cuia, teatinos que estavam de passagem por ali, já estava indo p'ros finalmentes. Findo o serviço, a próxima lida era “deitar uma coivara” no roçado. Bem montado numa rosilha estrela, João Tenório fitava os dois viventes com a aba do chapéu na linha dos olhos, que manobravam os cabos das foices com uma mitra de dar inveja. Um calor mormacento tomava conta do ar, a ponto de deixar sentinela tosconeando. Logo, João Tenório talariou as esporas e priscou de volta pro rancho.

Mas, o abantesma estava solto e a pandilha do banditismo se aprobechava na morada do Tenório, do outro lado da coxilha, pra trazer desgraça a sua família. Gritos de gente desrespeitosa e mandona se ouviam muito longe, ecoando no capão de mato próximo do casarão, deste jeito:

--- Andando chinaredo! Façam o João Tenório desentocar deste rancho, se não quiserem ficar com o toso de égua parideira!

E foi desta forma rude que o belendengue republicano Capitão Dinarte e mais dois baiaquaras, gritou no mangueirão de pedra de um casarão dos tempos dos primeiros lagunenses que aqui chegaram. O que faziam ali, aqueles homens? Estavam recoluntando a homarada alcagüetada por divergir do então governo Borgista. Ainda abarbarados por sentimentos políticos das revoluções entre os gaúchos, eles continuavam a luta, de direito já concluída, cujas brasas jaziam em cinzas entordilhadas. Havia dois anos que os libertadores sucumbiram a peleia e não havia motivos para que a “rebolução” prosseguisse. Mas, ainda continuavam as ações de violência, prisões com motivos de arranjo, aboletamento, execuções por meio de degolas - a temida “gravata colorada”, deslustrando ainda mais a moral dos chimangos, próceres do republicanismo castilhistas.

Como caranchos ávidos de carniça, estas patrulhas volantes adentravam nos rancherios sem abemolar a conversa. Chegavam aos gritos e não lhes custava nada tosar o cabelo das mulheres a facão, guasqueando-as com açoite ou laço dobrado, por acobertarem os seus varões, sejam filhos, irmãos e esposos.

O casarão era o rancho da família de Tenório, onde ele se protegia da mamangava forte do inverno, com a mãe e mais duas irmãs moças. Sem uma palavra do mulherio, os alcaides passaram a estalar arreador, avergalhando as pernas e os pés das moças, que desataram a correr como tropa arengueira buscando proteção, “deitando a quilina” em direção ao pasto. Perseguidas, elas foram pealadas a sovêu, e quando os endiabrados prenderam os seus pulsos para delas tirar proveito, a matrona apareceu, num repente, com um mosquetão comblain carregado. Com a presteza de um infante, executou um disparo pondo fim à raça de um dos galegos. O velho armamento, que vivia com a alma do cano sempre quente nos confrontos com os paraguaios, acordava para dar um

medonho “buenas-tardes” aos desgraçados. Foi o suficiente para que a chimangada ficasse boleada dos cascos e terminasse por vingar a morte do ventana, liquidando à lâmina de palmo e meio as três mulheres e a cachorrada que no “já-te-pego-já-te-largo” avançavam neles em defesa do mulherio.

De retorno por um caminho de escoteiro, João Tenório, de longe sentiu que as ventas não cheiravam “cosa buena”. Despacito, foi se chegando pra perto dos alambrados do rancho e o olfato de aziago lhe afetou os pulmões. Percebeu que os terneiros ainda não tinham sido apartados, sinal de que algo destoava na paisagem, pelo adiantado da hora. A cuscada, sempre alarife, já não veio ao seu encontro como de costume e, logo, o cusco “pirata” foi encontrado caído próximo da cancela escancarada, ainda respirando a “meio-forgo”. Tenório apeou num “upa” e enxergou a sua mãe no meio da mangueira, genuflexa e ainda viva, com as vestes encarnadas do sangue que perdeu, deixando um rastro coloreado atrás de si até o pasto dos fundos. Segurando-a pelos ombros, João Tenório presenciou o último sussurro: “Foram os covardes dos Borgistas, filho meu!”. Tenório seguiu a mancha de sangue deixada pela sua mãe e avistou as roupas alvas das irmãs caídas no pasto, contrastando com o verde do azevém. Junto de uma delas, encontrava-se um homem caído de bruços. Já era tarde demais.

Voltou junto à casa do forno e apanhou, sob o telhado, a velha arma de confiança, uma lança com ponta em meia-lua - que lhe acompanhara nos combates de 23, cuja habilidade e destreza, dava a parecer que ela era uma extensão do seu braço - e, montando na rosilha, se foi. Tenório fez parte de um piquete maragato, empunhando a lança que seu pai conduziu durante os sangrentos combates federalistas, cujos meneios não convém aos gaúchos relembrar. A lança é uma arma que foi muito utilizada nas lutas da fronteira meridional nos séculos XVII até XIX, tendo o seu último uso no comando do maragato Assis Brasil, um dos aparatos do mobiliário de poucos haveres da construção do peão- soldado gaúcho. Aliás, a família Tenório teve o tempo marcado com brasa quente desde a participação do seu avô no chaco paraguaio, o seu pai na Revolução Federalista e ele, na Revolução Libertadora.

Seguindo as marcas dos cascos ferrados dos dois animais dos bárbaros, Tenório seguiu a galope, esvoaçando o lenço maragato, cego de raiva para cobrar o hediondo ultraje. Queria ser um falcão em alcarrada para apanhá-los e cobrar-lhes o sopro da vida. O dia já era um lusco-fusco esperando a noite descer, e o trote da rosilha não afrouxava. Com o pensamento salpicado pela ânsia de trompar com os calaveiras, Tenório levava a lança de ponta sob o braço destro.

Não tardou muito, ao sair de um capão de mato, que dava acesso para um tremendal, foi atingido fortemente no peito por um mangaço de um dos chimangos, que percebendo a perseguição, ficaram de campana para o assalto.

Tombo certo, ele foi lançado ao chão como um saco de batatas, extraviando a lança no meio dos caraguatás. E a relambória se instalou e, sem ver de onde e de quem vinha, levou tanto açoite de mango e pisoteios de taco de bota, que seu rosto ficou riscado de rosetas de esporas. Virado em gemidos, perdeu as forças de tantas pancadas que levou, e do guereguerê dos tourunguengas, chegou a ouvir um “vamos degolar este infeliz!”, desmaiando em seguida.

O tempo disparou como num tiro de quatrocentos e, muitas horas depois, o Tenório voltou a si. Estava caído de costas e muito machucado. Guenzo, não conseguia mexer as pernas que ficaram cimentadas na lama pegajosa do tremedal. Tentava mexer os olhos para mirar o que havia ao seu redor, mas as pálpebras pareciam estar enredadas com o sangue que secara. A prata da lua derramou-se sobre o banhado e o Tenório tinha a impressão que o capinzal alto e os juncos, estavam a lhe fazer vistas como a querer lhe “passar um pito” e exigir que ele tomasse postura de maragato e não se abatasse. Uma lufada de vento pampeiro fez aquela vegetação ondular-se, deitando e subindo, como se estivessem ensaiando com ele para que se pusesse logo de pé. Até periga a verdade, mas foi o que ele fez, embora tenha se pranchado por diversas vezes sobre os caraguatás, mas por fim, conseguiu arrastar-se dali como cobra mal matada.

Os animais dos chimangos pisotearam tanto as macegas próximas do alagado, que um pequeno carreiro ganhou esboço. Tenório se foi cambaleante por ali até que tropeçou na sua lança que tinha sido alijada no tombo - estava ali atravessada como argumento de lagarto. Com o achado, ele agrandou-se novamente, fazendo dela uma muleta improvisada. Afrissurou o passo para sair daquele lugar fétido, até que as pernas bambetearam. Buscou proteção da aragem numa aba de pedra no sopé de um morro agudo, até que o dia amanhecesse. Precisava baixar o toso prá recuperar as forças. A primeira barra do dia lhe deixou assustado ao ver o estado de suas vestes e os cortes profundos que sofrera no corpo, coisa tão feia como gineteada de burro.

Colocou-se de pé e seguiu destino, bombeando ao longe e seguindo as marcas dos cascos deixados pelos animais dos chimangos. Os rastros passavam rente a taipa de pedras que serpenteava um coxilhão e entravam num pequeno capão de mato de camboins e aroeiras. Com tenência de cirurgião de campanha, foi cruzando pelo meio das pequenas árvores, seguindo o carreiro deixado pelo gado, evitando enroscar-se nas galhadas. Com a idéia embuçalada no desejo de agaturrar os malfeitores, ele seguia com a face e a testa quentes como ferro de marcar. Mas foi só chegar na orla do capão, deu de cara com os chimangos ainda deitados nos pelegos, com os pés voltados para um já apagado fogo de chão. Ali, estacou como se tivesse defronte a uma cobra cruzeira e ficou de cócoras chuleando o momento de romper e furar de uma vez o ventre deles a pontaço de lança. Instintivamente foi levantando e seguindo pé por pé em direção aos tais. Com a lança na destra chegou junto do homem

deitado mais próximo e, com um manotaço, arrancou a capa campeira que estava por sobre ele e travou a ponta da lança na cava do pescoço do quebra. Por sorte, era o Capitão Dinarte que estava ali: “Se tu te coçar, vais dar louvado agora mesmo para o diabo lá no inferno!”. O Capitão grelou os olhos e não disse nenhuma palavra. Tenório se dirigiu ao outro chimango e gritou: “E tu, seu vira-bosta te alevanta devagarzinho e joga as armas pra perto de mim! Não me faça nada à “lo loco” senão eu despacho o teu comparsa sem tempo dele se confessar!”.

O outro chimango balbuciou um intróito e o Tenório foi apertando a lança no pescoço do Dinarte, que imediatamente passou a bater os braços no chão chamando a atenção do cupincha para que não se bobeasse. Em dois tempos, um “schimitão” veio parar próximo aos pés do Tenório. Mirando os olhos do Dinarte, num olhar de sol atravessando a água, ali se foram minutos que, mesmo com a ponta da lança no pescoço, o chimango começou a duvidar da coragem do maragato em espetá-lo e um sorriso de escárnio foi se desenhando no seu rosto. O Dinarte tava comprando o João Tenório por manso e num repente aquela lança saiu da garganta do dito, rompendo num golpe preciso a ponta da orelha esquerda do infeliz, coloreando o pescoço e a carona dos arreios sob a sua cabeça. Pra já que o Dinarte tomou cor de vela de sebo, transfigurando o semblante como se tivesse visto uma cruz de boitatá com lobisomem. João Tenório ergueu a lança, pronto para acabar com a vida do desprezível, e desceu com força em direção ao peito do maleva. Mas algo fez a lança direcionar pro chão, rente ao pescoço do Dinarte.

Em suas mãos estava o poder de decidir sobre a vida daqueles homens e vingar as almas da sua mãe e irmãs, assassinadas sem motivo. Com o joelho esquerdo no peito do Dinarte, e apoiado na lança cravada no chão, João Tenório olhou à sua frente e percebeu que já tinha estado por ali, durante um confronto com os governistas: o seu piquete fora cercado naquele mesmo capão de mato e ficaram sem saída. A solução única era atravessar uma lagoa de fundo barrento que ficava do outro lado. A mente lhe torturou com a imagem dos seus companheiros se afogando dentro d’água e aqueles que não conseguiram furar o cerco como ele acabaram sendo degolados ali mesmo. Chegou a ver os algozes limparem o sangue das adagas nos lenços encarnados que esvoaçavam ao vento forte daquele dia, como se tivesse carregando as almas daqueles guerreiros para a querência do invisível.

Algo muito forte lhe desapresilhou a idéia, e ele ficou a assuntar os pensamentos: “--- Por que tinha que ser daquele modo? Por que os homens não conseguiam conviver com a pluralidade de idéias, à semelhança do gado de muitas pelagens e raças, que dividem a mesma pastagem? Por que o sangue dos irmãos devia ser derramado para fazer valer as ideologias pela força das lâminas e não pela essência dos seus fundamentos? Por que o livre pensar, manifestado na bandeira levada como lenço no pescoço, colocava em

risco a própria vida? Por que deslustrar o legado de irmandade de nossos gaúchos que, como irmãos, ombreavam fraternalmente para preservar a terra, “mãe da raça forte”, pegando em armas somente quando era preciso repelir o ataque dos castelhanos? Mãe... minhas irmãs... peço perdão a vós, mas não vou vingá-las... não quero mais que as minhas mãos sejam instrumentos da morte de gaúchos por causa das nossas imperfeições, por causa do maldito desprezo que nutrimos por nós mesmos”.

João Tenório não percebeu, mas estava a gritar os seus pensamentos. Como veneno de jararaca no sangue, o Capitão Dinarte foi contagiado pelas palavras de Tenório. Uma voz embargada e triste brotou das entranhas do velho chimango que, segurando com as duas mãos o braço do maragato, disse: “--- Negamos a nossa raça, João Tenório! Há muito que nossas vidas se apoucam em cada rancho que chegamos. Como gostaria de não ter que bater mais com os encontros com maragato nenhum pelo meu caminho e poder anoitecer no meu próprio rancho, cansado de um dia de trabalho digno! Vista o poncho da justiça..... e faça o que precisa ser feito... pois aqui encerro esta luta ilegítima

que a ninguém dará vitória! João Tenório, ninguém venceu! Somos todos perdedores! Mas, antes de liquidar a vida infame que temos levado, perdoa-nos pelo terrível mal que te causamos!”.

João Tenório arrancou a lança do chão e desfez o nó do lenço maragato no pescoço, abriu-o e soltou-o na esperança que o vento lhe arrebatasse para longe. O lenço caiu a dois passos a sua frente. O Capitão Dinarte foi se virando e saiu debaixo do joelho de Tenório, ajoelhou-se de costas para ele, a modo como colocavam os prisioneiros para a degola. Pronto para ser executado, Dinarte retirou o seu lenço branco do pescoço, coloreado do sangue que verteu da orelha cortada e colocou-o sobreposto ao lenço encarnado caído à sua frente.

A reboldosa se encaminhava para o fim. João Tenório fez um suspiro profundo, segurou o ombro próximo ao pescoço de Dinarte, ergueu a lança para o alto e soltou-a com uma força descomunal. O cabo da velha arma ficou balançando, mas corpo nenhum encontrou... varando apenas os dois panos a sua frente: o vermelho e o branco, bandeiras das revoluções imperfeitas entre os gaúchos... imperfeitas por que irmãos tiravam a vida de irmãos.

GLOSSÁRIO DE TERMOS GAUCHESCOS

~~ 12

Qüeras: valentes, destemidos; Teatinos: forasteiros; “Deitar uma coivara”: queimar a capoeira ou sobra do roçado; Rosilha estrela: égua com pelo avermelhado, salpicado de fios de cor branca, com pequena mancha branca na testa; Mitra: astúcia; Tosconeando: pegando no sono; Priscar: disparar; Abantesma: fantasma; Belendengue: guarda de fronteira; Baiaquaras: matuto, gente rude; Carancho: ave de rapina da família dos falconídeos, cará-cará; Guasquear: surrar com couro; Mamangava: frio; Arengueira: esquiva, que não se deixa pegar; “Deitar a quilina”: sair correndo com o cabelo ao vento; Mosquetão Comblain: arma comprado pelo Exército Brasileiro por volta de 1892, de origem Belga; Galego: apelido dado pelos farrapos aos legalistas, aos homens do governo; Chimango: partidários do governo republicano de Borges

Nossa 3ª Região Militar - Região Dom Diogo de Souza - está de parabéns! No quartel do 3º Batalhão de Suprimentos, sediado em Santa Rita (grande Porto Alegre), realizou-se a solenidade comemorativa de mais um aniversário de sua criação. O Rio Grande do Sul, neste 23 de julho de 2010, defronta-se com baixa temperatura. O inverno gaúcho não tem economizado na arte de congelar.

No horário previsto, a tropa estava em forma. Feitas as devidas apresentações, leituras alusivas ao acontecimento e outras formalidades, dá-se início ao roteiro traçado.

Precedendo ao desfile de encerramento, a entrega de medalhas foi o ponto alto do grande cerimonial: conduzidos por um oficial que também receberia sua merecida condecoração, agraciados presentes recebem suas comendas. Dentre eles, o momento vivido pelo oficial à testa do pequeno grupo, realmente nos comoveu. Do local onde estávamos, juntamente com os demais convidados, aplaudimos a vibração do referido militar.

A perfeita nitidez de sua voz de comando, sua destacada apresentação de uniforme, sua postura inconfundível de um oficial entusiasta da profissão, foram abaladas emocionalmente. Recorrendo, simultaneamente, às suas energias verde-olivas, não chegou a perder o controle da situação. Acontecimentos dessa natureza não são inéditos, nem estão divorciados da vida dos grandes soldados:

- Mansueto Bernardi, em “O Primeiro Caudilho Rio-grandense”, versando sobre a Guerra Guaranítica, registra: “Sepé foi vencido. Cheio de raiva e de dor, tocou em retirada, indo acampar na costa do Batovi. E aí, reclinado sobre uma rocha da coxilha do Maricá, chorou copiosamente o herói Tiaraju...”

- Patton, Comandante do Terceiro Exército dos EUA, em plena 2ª Guerra, não escondia sua emoção no momento em que condecorava seus valorosos soldados feridos em combate.

- Quando a Inglaterra atravessava um dos períodos mais críticos de sua história, Churchill, primeiro-ministro recém-designado, foi incisivo em seu apelo a “sangue, suor e lágrimas”. Mais tarde, recepcionado no Parlamento do seu país para anunciar o Dia da Vitória, seu rosto foi banhado pelas lágrimas incontidas.

Como se vê, chorar não é desabonador. Nós, brasileiros, somos excessivamente sentimentais. Há quem diga que o choro é o desabafo da alma.

de Medeiros; Despacito: devagar; Alcarrada: movimento das aves de rapina para apanhar as suas presas; Calaveira: velhaco, tramposo, de más intenções; Mango: relho de cabo grosseiro com soitera curta e larga de couro cru; Relambório: sem graça; “Guerequerê”: falatório; Tourunguenga: valente; “Passar um pito”: chamar a atenção para alguma coisa; admoestar; Afrissurar: apressar; Bambetear: caminhar desequilibrado; Tenência: cuidado; Agaturrar: prender com as mãos; Manotaço: pancada com a mão; “Shimitão”: corruptela da marca de revólver norte-americano “Schmidt Wesson”; Reboldosa: desordem, briga.

2 JUAREZ NUNES DA SILVA - Tradicionalista, pesquisador e escritor de contos literários gauchescos. Integra a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do RGS, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; é Vice-presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos e Secretário da Liga de Defesa Nacional - Núcleo de Caxias do Sul - RS.

INCONTIDAS EMOÇÕES - Evilácio Barbosa Saldanha

E nós acreditamos!

Quando um militar do nosso Exército chega às raias da emoção ao receber sua medalha, esse distinto irmão de armas merece nossa mais profunda admiração. Nesse momento, perante a tropa formada, a condecoração que brilha em seu peito é o reconhecimento solene de uma existência verde-oliva dedicada às lides castrenses.

Fomos envolvidos pela emoção de um companheiro? Sim, fomos! E nos sentimos felizes por isso. A felicidade alheia, ou as suas dores, também nos atingem. O Mestre dos mestres, pouco antes da ressurreição de Lázaro, viveu essa situação: “sob o impulso de profunda emoção... pôs-se a chorar” (João 11.35).

Que a importante medalha, merecidamente conquistada pelo mérito do ilustre militar, receba nossa continência.

Sentimentos que brotam da alma de um soldado são emoções incontidas! Ninguém consegue detê-las!

Porto Alegre/RS, 23 Jul 10

(Evilácio Saldanha - ST Inf Ref - Poeta e Soldado)

Notícias

- 1) Dias 13 e 20 de setembro: cerimônias de posse de acadêmicos no Salão Brasil do CMPA, ambas às 1700 h, com estacionamento interno. Antes das posses: descerramento da placa comemorativa dos 200 anos da Academia Real Militar;
- 2) No dia 13: posses dos coronéis Edu Campelo de Castro Lucas e Ivo Benfatto;
- 3) No dia 20: posses dos doutores César Pires Machado e Frederico Euclides Aranha;
- 4) Dia 18 Set: lançamento do livro História da 1a BdaCMec em Santiago, RS;
- 5) Obras em andamento: O Duque de Caxias Dia a Dia, Dicionário Biográfico de ex-alunos do Casarão da Várzea (título provisório), História da AD/3 (Cruz Alta).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara/RS

Nº 103 – ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

COMO FOI MORTO SOLANO LÓPEZ

Gen Rinaldo Pereira da Câmara, segundo o Professor Mozart Monteiro

Na manhã de 1º de março de 1870, estava Solano López, ditador do Paraguai, acampado em Cêrro-Corá, com os últimos restos do seu exército. Eram cerca de quatrocentos homens, combalidos, mal trajados, meio famintos e quase inermes. Estavam todos à vontade, sem sequer suspeitarem que as forças brasileiras andavam perto. Havia mulheres do povo, mas também outras mulheres, dignas de nota: — Mme. Elisa Lynch, irlandesa, amante de López,

com quatro filhos, dela e do ditador, todos menores, e mais o Cel Panchito, também filho do marechal e que contava apenas quinze anos de idade; a velha Juana Carrillo de López, mãe do tirano, acompanhada de duas filhas moças — Inocência López e Rafaela López — todas tres, a genitora e as irmãs do déspota, ali prisioneiras, e já, por êle mesmo, isto é, com a sua decisiva cumplicidade, condenadas à morte, em julgamento iníquo. Cêrro-Corá, último reduto paraguaio de toda a longa campanha de cinco anos terríveis, em que a terra e a gente do Paraguai, por culpa do ditador, ficaram aniquiladas, — é uma extensa colina, abraçada pelo Rio Aquidabã e pelo arroio Aquidabanigui, seu tributário, e declina suavemente para êles.

Esse recinto — onde só se podia entrar por duas estradas — foi escolhido por López para último reduto na guerra tremenda que estava enfrentando, por ser favorável a uma defesa heróica. Em torno do acampamento, erguiam-se serras e matas.

Naquela manhã, como nas manhãs anteriores, era tudo normal. Nem Solano López, nem ninguém, no arraial do ditador do Paraguai, sabia dos movimentos das forças brasileiras que, sob o comando do Brig. José Antônio Corrêa da Câmara, o procuravam, dia e noite, naquela região; nem ninguém supunha, na Colina de Cêrro-Corá, que fosse aquele dia o último da guerra. Estavam todos descuidados e, do ponto de vista militar — talvez porque López confiasse demasiadamente nas posições que ocupava — não havia vigilância.

Seriam onze horas. O sol, quase a pino, estava abrasador. Ao toque de avançar, ordenado por Câmara, os lanceiros em primeiro lugar, e, depois, os clavineiros e a infantaria invadiram torrencialmente o acampamento. Após imensa surpresa, houve reação — desigual, suicida. A metralha paraguaia passava por cima dos atacantes, sendo, depressa, reduzida ao silêncio. Não morreu, nesse rápido combate, nenhum brasileiro, como, aliás, não morreria nenhum no último dia da guerra.

Os lanceiros inundaram pelos flancos a planície do Aquidabanigui, em cujo centro se encontravam as pequenas forças paraguaias. O Cel. João Nunes da Silva Tavares, também conhecido por Joca Tavares, comandante das forças brasileiras de vanguarda, acompanhado de seu estado-maior, conduzia os primeiros invasores da planície. A fim de impedir que López, ou outro chefe paraguaio pudesse evadir-se, a estrada de Chiriguelo, por ordem de Câmara, foi ocupada.

No início da luta, Silva Tavares, sentindo falta de cavalaria, voltou a galope para a picada por onde ia o Gen. Câmara. Este, ao vê-lo, perguntou: "Que quer?"; Tavares respondeu: "Cavalaria à frente". O Gen. Câmara ordenou o respectivo toque, e Tavares dirigiu-se ao campo onde se feria a peleja. Depois, já acompanhado do Maj. Joaquim Nunes Garcia, do Cap. Antônio Cândido de Azambuja e de alguns praças, deparou o Cel. Tavares uma pequena colina, à cuja testa se achava Solano López. Como notasse que o

ditador e seus companheiros vacilavam, resolveu carregar sobre ele, a fim de impedir que o marechal paraguaio, quando fosse atacado pelos atiradores e pela infantaria, fugisse para o mato.

Com os citados oficiais do seu estado-maior, com outros que então chegaram e com alguns praças, arremeteu o Cel. Tavares contra o grupo do ditador, tomando-lhe a frente, embargando-lhe o passo; pois López, com efeito, procurava correr para o mato próximo. Nesse pequeno recontro, foram feridos levemente, à arma branca, o Maj. Joaquim Nunes Garcia e o Cap. João Pedro Nunes, ajudante de ordens de Tavares. Os paraguaios já estavam em desordem. Enquanto uns eram mortos e outros aprisionados, os restantes procuravam fugir. Alguns ginetes, provavelmente seis, tendo à frente o Cabo José Francisco Lacerda, vulgo Chico-Diabo, ordenança do Cel. Silva Tavares, conseguiram cercar Solano López, que fugia a cavalo, acompanhado do Cap. Francisco Arguello e do Alferes Chamorro, ambos paraguaios. Os brasileiros intimaram López a render-se. Chico-Diabo e um soldado aproximaram-se do ditador, para prendê-lo. López, com a espada desembainhada, tentou ferir o Chico-Diabo; mas este, desviando-se, desfechou-lhe um golpe de lança, que o atingiu em cheio no hipogastro esquerdo, produzindo ferimento com uma e meia polegada de extensão, dirigido obliquamente, de baixo para cima, e interessando a pele, o peritônio, os intestinos e a bexiga.

O Cap. João Pedro Nunes, ajudante de campo do Cel. Tavares, feriu também o ditador, à arma branca: ferimento na região frontal, com três polegadas de extensão, interessando a pele e o tecido celular. Quando o ditador recebeu esse golpe na cabeça, caiu-lhe ao chão o chapéu. López ferido, e acompanhado do coronel paraguaio Silvestre Aveiro, conseguiu galopar em direção ao mato próximo, onde existia uma picada, aberta, havia tempos, por sua ordem, e por onde costumava ir ao arroio, para pescar. Ao chegar à boca da picada, deixou o cavalo baio que montava, despiu a blusa, atirou-a ao chão, e entrou a pé, no mato, procurando atingir o Aquidabanigui, regato tributário do Aquidabã, e que deslizava bem perto. Os perseguidores de López, detidos por um pântano, não puderam alcançar o marechal.

Aveiro, fatigado e faminto, carregava uma espada afiada; mas era tal a sua fraqueza, que não teve alento para cortar os galhos que embaraçavam o caminho; e, com o próprio corpo, aos arranques, foi vaiando o mato. Pouco adiante caiu; e, em seguida, também tombava López. Pouco depois, Aveiro levantou-se; e López, vendo-o de pé, estendeu-lhe a mão pedindo-lhe que o erguesse. Aveiro ensaiou fazê-lo, mas não teve forças bastantes. A esse tempo chegava o major paraguaio Manuel Cabrera. Aveiro e Cabrera, pegando López, procuraram fazê-lo andar, mas o não conseguiram. Logo após, chegou o alferes paraguaio Ignácio Ibarra. Os três, juntos, conseguiram, afinal, levar López através do mato e, depois, por dentro do arroio, até a barranca oposta, isto é, a da margem esquerda.

López estava incapaz de manter-se de pé. Quando chegaram à referida barranca do Aquidabanigui, Cabrera ofereceu-se a Aveiro para ir buscar gente paraguaia, que dizia haver perto. Foi, e não voltou. Desejando subir o barranco, onde se encontrava, e não podendo fazê-lo, disse López a Aveiro e Ibarra: "Vejam se não há uma parte mais baixa". Os dois saíram para atendê-lo, e López ficou agarrado a uma palmeira derribada, que atravessava um ângulo do ribeiro. Entrementes, chegava à sua presença o alferes paraguaio Victoriano Silva, que se ofereceu para acompanhá-lo. López, porém, recusou o oferecimento, e despediu o oficial, dando-lhe todavia como lembrança, como se ali mesmo esperasse a morte, o rebenque que tinha na mão. López, de novo, ficou só. Estava o ditador, assim sozinho, gravemente ferido, quase de joelhos, com os pés dentro d'água, impossibilitado de andar quando, seguido de dois soldados, chegou à sua presença, pela margem direita do regato, o Gen. Corrêa da Câmara, comandante das Forças Expedicionárias do Brasil. Momentos antes, o Gen. Câmara, avisado pelo Maj. José Simeão de Oliveira, seu secretário, de que López entrara no mato, havia deixado o cavalo que montava, e, acompanhado de dois praças, atravessara o mato, no encalço do ditador. À pequena distância, de um lado para o outro do regato, Câmara, por duas vezes, intimou o déspota paraguaio a que se rendesse. Disse-lhe que entregasse a espada; que ele, como comandante das forças brasileiras, lhe garantiria a vida. López não se entregou. Empunhando a espada, esboçou um gesto agressivo, e respondeu, já com dificuldade: "Morro por minha pátria, com a espada na mão". Câmara ordenou: "Desarmem esse homem!". Um soldado do 9º de infantaria, comandado pelo Maj. Floriano Peixoto (que aliás não estava presente), avançou para López e o pegou pelos pulsos, para tomar-lhe a espada. (López não conduzia, no momento, arma de fogo.) Lutando com o soldado que queria desarmá-lo, caiu López duas vezes dentro do arroio, mergulhando a cabeça, mas conseguindo levantá-la acima d'água. Inopinadamente, rápido como um tigre, um soldado de cavalaria (provavelmente chamado João Soares), avançou para López e desfechou-lhe, a queima-roupa, na região dorsal, um tiro de fuzil, que o matou, no mesmo instante. A bala ficou alojada na caixa torácica. Da boca e do nariz do tirano jorrava muito sangue: os pés continuaram dentro d'água, enquanto o corpo ficava estendido, à margem do arroio.

O monstro — cujo perfil não cabe ser aqui traçado, mas que é de um dos tiranos mais criminosos da História da América; tirano que pereceu quando sua mãe e irmãs, ali, bem perto dele, estavam, por ele mesmo, condenadas à morte — o monstro, que passou pelo mundo com o nome de Francisco Solano López, ainda que não recebesse o tiro de fuzil que lhe pôs termo à vida, morreria fatalmente, naquele mesmo dia ou alguns dias depois, em consequência do lançamento que, momentos antes, lhe vibrara em peleja, e em campo raso, José Francisco Lacerda, o Chico-Diabo.

Não há, nos documentos examinados neste estudo, nenhuma prova de que o Gen. Câmara, depois Visconde de Pelotas, tivesse contribuído voluntariamente, para que, na sua presença, fosse apressada a morte, que já era certa e muito próxima, do ditador do Paraguai.

Naquela planície tranquila, transformada de repente em teatro de grande tragédia; naquele campo de Cêrro-Corá, nas picadas, nos passos dos rios, no mato, no arroio, juncados de cadáveres; naquela arena, onde o último embate entre brasileiros e paraguaios degenerou desde logo em desordem, indisciplina e matança feroz, na qual o ódio ao implacável inimigo de cinco anos atingiu o auge, desvairadamente; naquele derradeiro reduto da resistência paraguaia, onde se via, ainda lutando, o próprio tirano, inutilmente intimado a render-se; naquela furna, onde López, coberto de sangue, espada em punho, parecia uma fera acuada por caçadores; naquele momento em que, depois de cinco longos anos de guerra inexorável, um punhado de brasileiros tinha a seu alcance e ao seu arbítrio um déspota feroz, o maior dos inimigos do Brasil, — naquele lugar, naquele instante e em todas aquelas circunstâncias, nada provou, até hoje, que Câmara pudesse ter evitado o tiro desnecessário que, inopinadamente desferido por um soldado, cujo gesto louco foi apenas uma fatalidade, pôs termo à vida de Solano López.

Restabeleceu-se, à luz da ciência, a verdade histórica; e o nome do Exército Brasileiro na solução deste problema da História Americana, fica impoluto.

FONTE: CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O Marechal Câmara-sua vida militar**. Porto Alegre: Globo, 1970, vol. II., p. 453/547.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel (lecaminha@gmail.com)
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara/Porto Alegre, RS

Nº 104 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

REVISTA MILITAR BRASILEIRA

Ano 26 - 25 de agosto de 1936 - nº 3

**Edição comemorativa ao 133º aniversário de nascimento de Luiz Alves de
Lima e Silva
DUQUE DE CAXIAS**

*Texto de autoria do biógrafo, historiador, orador e jornalista brasileiro Paulo
José Pires Brandão (1884 - 1953) sobre
o Império, Exército, República e Caxias*

Por nada ter havido, a nau de Estado corria calma num mar de paz e progresso. O Paço Imperial ficou deserto de militares. O Imperador não amava Marte e preferia as pacíficas vitórias da deusa da sabedoria às temerárias ousadias do deus da guerra. Metido com os seus livros, a frequentar academias

e interessando-se por altos problemas de educação e saúde, não visitava quartéis nem fortalezas, esquecia-se que o que sustenta as monarquias é o imperialismo militar e a garantia dos tronos está nas baionetas e nas bocas de fogo.

Não dava festas, bailes, recepções para estar em contato com os oficiais e mesmo para que eles pudessem mostrar as suas fardas bordadas a ouro e os peitos cobertos de medalhas, cruces e condecorações que a bravura conquistara. Ao contrário, fechava os seus salões, negava-lhes as posições políticas, e, pouco a pouco, ia reduzindo mais a mais o efetivo do Exército e — afirmam até alguns historiadores — no último gabinete de ministro da monarquia havia um projeto de lei para dissolver o Exército, substituindo-o pela Guarda Nacional.

É preciso notar que a guerra com o Paraguai durou bastante tempo; dos campos de batalha não regressavam os soldados para os campos da agricultura com a mesma simplicidade do antigo romano, e chegando de cumprir um dever traziam na consciência o prêmio do sacrifício que o notabilizara.

Depois do Paraguai, ser militar era sinônimo de herói. Quando algum passava pelas ruas e praças da cidade era admirado e contemplado pelo povo que o apontava e com entusiasmo comentava: é um bravo que passa, olhem as suas medalhas e as suas cicatrizes!

Mas infelizmente o tempo que tudo apaga fez esquecer não só a guerra do Paraguai como o soldado também, e assim, sem glórias, sem posição política, não podendo conformar-se com o ostracismo em que caíra por força de consequência, veio a República.

Quem fez a República não foram absolutamente os descontentes com a Lei de 13 de maio de 1888 e sim os militares descontentes com o ostracismo em que se encontravam.

Ela se fez pelo Exército e pela Armada, em nome do povo. O militar é, por sua natureza, aristocrata; dele nasceram a nobreza, as ordens de cavalaria e as posições hierárquicas do mando, tendo por base a disciplina.

A crença das multidões é feita não por lentos processos de raciocínio e bom senso, mas sim por súbitos clarões de relâmpagos nas emoções do momento.

E assim a República é muito mais aristocrática do que era a monarquia, mesmo porque as democracias se fundam pelo povo nas revoluções das ruas e praças públicas e não pela revolta de quartéis.

Em 15 de novembro de 1889 Caxias estava morto, senão, de qualquer maneira, seria para o Brasil o que foi para a Alemanha o Marechal Hindenburg.

Das feridas e cicatrizes dos nossos soldados, da virtude de nossas mulheres, nasceu a pátria brasileira livre e integrada em toda a sua inteireza

territorial, para espanto e respeito do mundo civilizado.

O que falta à Nação é o Conselho de Estado.

O que falta ao Exército é um homem da envergadura de Caxias, pois sabedoria, talento e bravura ninguém como estes verdadeiros guardas da pátria têm, e a têm de sobra, porque sempre a souberam defender com verdadeiro amor, não vendo em sua marcha, peste, fome, calor ou frio ou a própria morte que os detenha.

A calma, o equilíbrio intelectual na luta, a firmeza nos revezes, a magnitude na vitória levaram Caxias ao capitólio da glória. Ele é e será sempre o ídolo do Exército, e o Exército é a Nação.

Diz a Ilíada que a ferrugem da lança de Achilles curava as mesmas feridas que a lança fizera.

A ferrugem da espada de Caxias ainda hoje incute bravura e patriotismo ao soldado brasileiro, porque dentro dela está a alma brasileira.

Salve Caxias !

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2° Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, Porto Alegre, RS

Notícias:

Futuros acadêmicos, a serem empossados:

- no 2° semestre de 2010: Cel Edu Campelo de Castro Lucas (em Porto Alegre, 13Set)

Cel Ivo Benfatto (idem)

Cel Reinaldo Corrêa (em Santiago, dia 18Set)

Sgt Carlos Fonttes (idem)

Dr. Frederico Euclides Aranha (em Porto Alegre, 20Set)

Dr. César Pires Machado (idem)

- no 1° semestre de 2011: Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo
Sub Ten Evilácio Barbosa Saldanha

- ainda sem data definida, em Caxias do Sul: Sr. Juarez Nunes da Silva.

Visite o site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

www.ahimtb.or.br

N°105 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**A 8ª COMPANHIA DO 4º BATALHÃO DE FUZILEIROS EM CANGUÇU, AO
COMANDO DO CAPITÃO ANTÔNIO DE SAMPAIO EM 1845-49**

Cel Cláudio Moreira Bento(x)

A 8ª Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros, ao comando do Capitão Antônio de Sampaio, hoje consagrado patrono da Arma de Infantaria, teve a missão de consolidar a pacificação da Revolução Farroupilha em Piratini, ex-capital Farroupilha. Em especial, em seu distrito de Canguçu, onde ela aquartelou por cerca de quatro anos, fazendo ali a sua Base de Operações. Isto, por ser considerado Canguçu, segundo o grande guerrilheiro imperial Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, que ali estivera baseado de agosto de 1843 a fevereiro de 1845 “como o distrito de Piratini de mais perigo e mais farrapo”.

E assim, foi presença pioneira na área de Canguçú o hoje 9º Batalhão de Infantaria Motorizado - o Regimento Tuiutí - que tem como raiz histórica o citado 4º Batalhão de Fuzileiros. Unidade esta intimamente ligada à história do Patrono da Infantaria que a comandou, integrou-a à sua Brigada na conquista de Paisandú e, por fim, em sua Divisão Encouraçada, na Batalha de Tuiutí, onde atuou na Vanguarda, sendo apelidado de O Vanguardeiro. Esta é a origem do nome Regimento Tuiutí.

Batalha de Tuiutí vencida pelo general Osório, que estudamos em nosso livro **Bicentenário do General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro** (Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008).

Osorio era intimamente ligado a Pelotas, e lá fundamos a Delegacia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, batizando-a com o nome de seu neto Fernando Luiz Osório, um de seus biógrafos e destacado civil historiador militar brasileiro, além de consagrado historiador de Pelotas, na obra **A Cidade de Pelotas**. Esta obra, com várias edições, o historiador pelotense e canguçuense Flávio Azambuja Kremer conserva com muito carinho no precioso Armazém Literário, em sua residência, tendo batizado-o com o nosso nome.

A História do 4º Batalhão de Fuzileiros passo a interpretar, com apoio em estudos do acadêmico Cel Paulo Ricardo da Rocha Paiva, que buscou apoio em sua interpretação nos historiadores militares e patronos de cadeira em nossa Academia. Foram o Cel Jonathas do Rego Monteiro e o General Paulo Queiroz Duarte. Apoio igualmente em informações dos falecidos historiadores do Regimento Tuiutí e dos correspondentes de nossa AHIMTB Major Ângelo Pires Moreira e Heloísa Assunção do Nascimento. E ainda de nosso colega de Turma Antônio Alberto da Silva Lisboa, que escreveu história inédita do Regimento, cujo exemplar único havia deixado com o comandante da unidade e cujo destino este não sabe informar.

Interpretação que traduzimos sinteticamente em 2001 no livro **8- Brigada de Infantaria Motorizada**, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, às p.134/137, nas quais retifico que Sampaio não combateu a Revolução Farroupilha. E, sim, que de 1845/49 participou de sua consolidação a partir de sua base de operações em Canguçu.

O 4º Batalhão de Fuzileiros foi organizado em Recife, Pernambuco, em 1842. E em 1945 foi destacado no Rio Grande do Sul, tendo aquartelado em Jaguarão, integrando a 2ª Brigada, esta ao comando do Cel Manoel Marques de Souza III, o futuro Conde de Porto Alegre, neto homônimo do Marechal de Campo Manoel Marques de Souza I, patrono da 8a Bda Inf Mtz de Pelotas. Manoel Marques de Souza III, lutando contra os farroupilhas, representara Caxias nas negociações da paz da Revolução Farroupilha, no Rio de Janeiro em 1844.

Personagem rio-grandina cuja história abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na reedição ampliada do livro **Conde de Porto Alegre - bicentenário 2004**. Porto Alegre: Gênese, 2005, cujas abas são de autoria de sua descendente jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, acadêmica da AHIMTB, ocupante da cadeira Conde de Porto Alegre.

A 8a Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros foi destacada em Canguçu, então distrito de Piratini, pelo Cel Manoel Marques de Souza III, ao comando do capitão Antônio de Sampaio e com a concordância do Barão de Caxias, para consolidar a pacificação nas serras do Sudeste.

Em Canguçu, o Capitão Sampaio permaneceu por cerca de quatro anos e ali conheceu sua esposa Júlia dos Santos Miranda, com quem casaria em Jaguarão, sendo a cerimônia sido feita pelo padre João Temudo Cabral Dinis, o mesmo que casara os pais de Júlia em Canguçu, quando foi dali pároco em 1818/19.

Consolidada a Pacificada a Revolução, o 4º Batalhão de Fuzileiros retornou a Pernambuco para a pacificação da Revolução Praieira em 1849/50.

O citado Batalhão retornou ao Rio Grande do Sul em 1852, tendo sido incluído pela Ordem do Dia nº 65, de 26 de julho daquele ano, e o Capitão Antônio de Sampaio foi promovido a Major por merecimento, três dias depois. A partir de 1854, Sampaio passou a exercer o comando interino do 4º Batalhão de Fuzileiros, tendo integrado a chamada Divisão Auxiliadora, criada em janeiro daquele ano para nova intervenção no Uruguai. Sampaio permaneceu no comando até a sua promoção a Ten Cel, por Decreto de 2 de dezembro de 1855.

Segundo o acadêmico Cel Paulo Rocha Paiva, com base na obra **Estudo sobre a Organização dos Corpos de Tropa**, às paginas 24, 65 e 66, é abordada a visualização, até 1954, do 4º Batalhão de Fuzileiros, a partir do Batalhão Provisório de Pernambuco em 1839.

Este Batalhão retornou a Pernambuco, e em maio de 1864, voltou ao Sul, integrando a Brigada ao Comando do Cel Antônio de Sampaio.

Promovido Sampaio a Brigadeiro, o 4º Btl Fzo, da Brigada de Sampaio, foi a Vanguarda da sua Divisão na Batalha de Tuiutí, em 24 de maio de 1866.

Em 1908, o 4º Batalhão de Fuzileiros, já histórica e intimamente ligado à vida de Sampaio, contribuiu para formação do 9º Regimento de Infantaria em

Pelotas.

Regimento de Infantaria que, em 1972, foi transformado em 9º Batalhão de Infantaria Motorizado. E em razão de o 9º Batalhão de Infantaria descender do heróico 4º Batalhão de Fuzileiros recebeu a denominação histórica, justíssima, de Batalhão Tuiutí. Circunstância que o liga mais a vida e obra do Patrono da Infantaria que o próprio Regimento Sampaio (Rio, Vila Militar). Este é assim denominado por ser a mais antiga unidade de Infantaria do Exército e que carrega em suas tradições o fato de ser a única unidade brasileira que participou de operações de guerras transcontinentais. Estas, foram a libertação de Angola em 1648 do domínio holandês e, em 1945, a sua participação na FEB (Itália), onde teve a seu cargo o papel principal na conquista de Monte Castelo.

Dentre os 21 gaúchos mortos na FEB, dois foram soldados do Regimento Tuiutí e filhos de Canguçu, honrando a terra onde o Regimento Tuiutí, historicamente permaneceu, antes de aquartelar em Pelotas .

Em consequência, a 8ª Cia do 4º Btl Fzo, que esteve em Canguçu em 1845/49, por transformações, fusões e denominações sucessivas, liga-se intimamente ao Batalhão Tuiuti, no qual diversas gerações de canguçuenses tem nele prestado Serviço Militar. Inclusive o autor esteve aquartelado em 1950 em sua caserna quando prestou o Serviço Militar Obrigatório, na então 3ª Companhia de Comunicações, que era proveniente de Fortaleza, onde Sampaio iniciara sua vida militar há 180 anos, na Fortaleza hoje sede da 10ª Região Militar, à frente da qual repousam seus restos mortais.

Fontes consultadas:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio. Patrono da Infantaria.** Barra Mansa; AHIMTB, IHTRGS, ACANDHIS, 2010.

(). et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. 9º BI Mtz Regimento Tuiutí. **In: 8-Bda Infantaria Motorizada.** Porto Alegre: Pallotti, 2001, p.134/137.

DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. **Voluntários da Pátria.** Rio de Janeiro. BIBLIEx, v. 1

MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. **Organização dos Corpos de Tropas Coloniais.** Arquivo do Exército, 1934.

PAIVA, Paulo Ricardo da Rocha, Cel. **Os Batalhões de Infantaria na Guerra do Paraguai** (inédito).

(x) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História do Rio Grande do Sul e das Academias Canguçuense e Piratiniense de História.

Notícias:

- 1) Dia 13Set, às 1700 h, no Salão Brasil do CMPA: posses dos futuros acadêmicos coronéis Edu Campelo de Castro Lucas e Ivo Benfatto. Estacionamento no pátio do CMPA. Todos estão convidados.
- 2) Dia 18Set, às 2000 h, no Círculo Militar de Santiago do Boqueirão, lançamento do livro História da 1a BdaCMec e posses dos futuros acadêmicos Cel Reinaldo Goulart Corrêa e Sgt Carlos Fonttes.
- 3) Dia 20Set, às 1700 h, no Salão Brasil, posses dos futuros acadêmicos doutores Frederico Euclides Aranha e César Pires Machado. Estacionamento no pátio do CMPA. Todos estão convidados.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara/Porto Alegre
lecaminha@gmail.com

Nº106 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

CARTA DO Cel BENTO AO FORUM NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO

Resende - A Cidade dos Cadetes - 8 de agosto de 2010

Ilmo. Sr. João Paulo dos Reis Velloso - Presidente do Fórum Nacional

Agradeço a V. S^a o convite para participar do FÓRUM NACIONAL, com entrega prevista aos candidatos e candidatas à Presidência da República, do PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO - A HORA E A VEZ DO BRASIL.

Recebi o convite como sócio emérito do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IHGB), mas permita V.S^a manifestar-me como presidente da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL AHIMTB), instituição que há 14 anos desenvolve a HISTÓRIA DAS FORÇAS TERRESTRES BRASILEIRAS: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares. E de nossa rica e História Militar de cinco séculos, mas insuficientemente inexplorada criticamente, à luz dos fundamentos da Arte Militar para, dela, retirar lições de Arte e Ciência Militar Brasileiras, que foram responsáveis em grande parte pelas dimensões continentais do Brasil e por sua preservação.

Atividade que visa a formação, em Arte e Ciência Militar Brasileira, dos quadros de nossas forças terrestres, e produzir subsídios para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira genuína, como a sonhou em 1861 o Duque de Caxias, como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros.

Naquela oportunidade, Caxias adaptou a Doutrina Militar de Portugal,

de influência inglesa, e coerente com as realidades operacionais européias, às realidades operacionais sul-americanas, que ele vivenciara como comandante militar de quatro campanhas pacificadoras no Maranhão, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. E também na guerra externa contra Oribe e Rosas em 1851-53. Dizia ele:

“até que o nosso Exército dispusesse de uma doutrina militar terrestre genuína”.

Sonho ainda a realizar! E foi o que fizeram as grandes potências, que se tornaram ricas econômica e socialmente, e militarmente fortes.

Isto foi o que aprendemos e lições que ensinamos, de 1978/80, na condição de instrutor de História Militar Terrestre Crítica, na Cadeira de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras.

Lições traduzidas na seguinte síntese:

- PAÍS RICO DEVE SER MILITARMENTE FORTE -

E, no caso do Brasil, possuir poder militar dissuasório compatível, para proteger as riquezas das suas AMAZÔNIAS VERDE e AZUL e, nelas, as suas grandes reservas de água e petróleo, alvos de ambições internacionais crescentes.

Desconhecemos existir outra solução para um país econômica e socialmente rico ser militarmente fraco. O Barão do Rio Branco, um diplomata com alma de soldado, preocupava-se com este importante tema.

Creio, assim, caber razão de o Brasil ser classificado, pelo historiador e pensador militar brasileiro, General Luiz Eduardo Rocha Paiva, ocupante da cadeira Marechal Humberto de Alencar Castello Branco em nossa Academia, como PSEUDO POTÊNCIA, por estar enriquecendo econômica e socialmente, mas enfraquecendo militarmente, sem dispor, como potência econômica e social emergente, de poder militar dissuasório compatível, ou em desenvolvimento efetivo neste sentido.

Creio que isto deva preocupar o FÓRUM NACIONAL, presidido por V.S^â e deve ser transmitido aos candidatos e candidatas à Presidência da República para que, com o concurso dos militares das nossas FORÇAS ARMADAS e de nossos DIPLOMATAS, carreiras de Estado comprometidos com o futuro do Brasil e não com os seus governos, desenvolvam estratégias compatíveis para conciliar nossa riqueza com o poder militar dissuasório compatível para proteger a AMAZÔNIA E O PRÉ-SAL.

E arrisco-me a ir mais longe, ou seja, formularem-se Estratégias e Planos Militares conjuntos entre os países do Bloco Econômico do MERCOSUL, para o proteger militarmente.

É o que me cumpria como brasileiro e historiador militar, e também jornalista, expor a V. S^â, como Presidente do FÓRUM NACIONAL que, creio, salvo melhor juízo, não pode deixar de lado a sua preocupação com o

desenvolvimento do poder militar dissuasório do BRASIL e do MERCOSUL.

A propósito do Soneto 45 de Camões, que abre o PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, justificando-o, recorreremos ao referido texto, que se aplicaria ao Plano de Desenvolvimento de uma DOUTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA, compatível com um BRASIL-POTÊNCIA ECONÔMICA E SOCIAL:

***“A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando”.*** (Os Lusíadas)

Traduzindo este pensamento para nossa realidade militar, a Doutrina Militar Terrestre Brasileira não se formulará na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão analisando criticamente nosso passado militar de cinco séculos, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar. E isso isolando as lições de nossas seculares pelejas predominantemente vitoriosas, testando-as em manobras militares e regulamentando-as em um Corpo de Doutrina Militar Terrestre Brasileira.

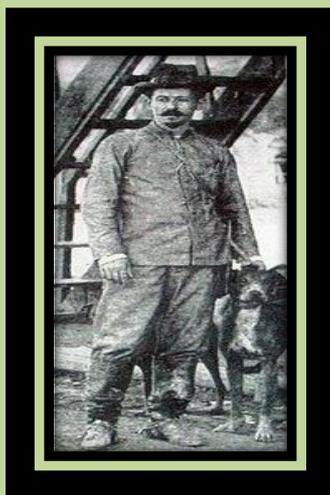
Atenciosamente, Acadêmico Emérito Cláudio Moreira Bento, Coronel Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Endereço: ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL Academia Militar das Agulhas Negras, Av. Presidente Vargas, 442, Campos Elíseos 27.542-140, Resende, RJ, Site: www.ahimtb.org.br 0xx/24/3388-4788 (ahimtb@resenet.com.br).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com

Nº 107 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**"PARECIA UMA ROSA DE CARNES" - Altino Machado, Jornalista -
"Ah! meus amigos, estão manchadas de lodo e sangue as páginas da
história do Acre"**



O Governo do Acre declarou 2008 como sendo o "Ano Chico Mendes" para marcar os 20 anos do assassinato do líder sindical e ecologista, vítima de emboscada dentro de sua casa em Xapuri, no dia 22 de dezembro de 1988. Mas até aqui esquece do coronel José Plácido de Castro, líder da conquista do Acre, cujo assassinato completará 100 anos no próximo dia 11 de agosto, e que foi alvo de três emboscadas no Departamento do Alto Acre, em Vila Rio Branco. O mandante e o assassino - o coronel Gabino Besouro, que chefiava o Departamento do Alto Acre, e o coronel Alexandrino José da Silva, então subdelegado de polícia - chegaram a ser denunciados ao presidente da República, em 7 de agosto de 1908, pelo jovem Genesco de Castro, irmão de Plácido:

"Sr. Presidente da República: Se os crimes que venho denunciar ameaçassem simplesmente a minha vida, eu não viria, crede, à vossa presença denunciá-los, porque daria um atestado de covardia de minha parte, ou mostraria estar sofrendo da mesma enfermidade (mania de perseguição), que o vosso escolhido para administrar este infeliz Departamento. Nos primeiros dias do mês passado fomos prevenidos de que o prefeito deste Departamento havia presidido um concílio de assassínio onde se resolveu fossem eliminados Plácido de Castro, José Maria Dias Pereira e Dr. João Rodrigues do Lago, coincidindo esta notícia com a nova aqui espalhada pelo subprefeito que o Coronel Gabino Besouro havia recebido do governo, reservadas e severas instruções sobre a pessoa do Coronel Plácido por causa da atitude do Correio da Noite. Quinze dias apenas, depois de havermos sabido da resolução do prefeito, já se havia inventado uma revolução na Prefeitura, tentado duas vezes contra a vida de Plácido de Castro e uma contra a de Dias Pereira, sem que providência alguma fosse tomada!... mesmo porque os heróis dessas façanhas são o subprefeito Simplício de tal, o delegado Josias Lima e o subdelegado Alexandrino José da Silva, bêbado contumaz, criminoso relapso e íntimo do Coronel Besouro! Este estado de coisas pareceu serenado por alguns dias, mas o fato de mais um conhecido assassino ser chamado para a administração

Besouro, levanta uma atmosfera de traição e de perversidade em torno da sua autoridade como prefeito deste infeliz Departamento, cuja sede se acha transformada num covil de bandidos, e faz supor que, de fato, alguma coisa muito grave, se não perversa, está sendo executada à sombra do representante do vosso governo, Sr. Presidente. Tanto assim que, na qualidade de irmão de Plácido de Castro, sentindo o peso desta atmosfera sanguinolenta, indo eu à presença do Sr. Gabino relatar-lhe os graves acontecimentos que impressionam, ele justificou esses atentados traiçoeiros e absolveu os criminosos! É nessa contingência, Sr. Presidente da República, que vos peço providências que ponham a pessoa de meu irmão a salvo do punhal da primeira autoridade deste Departamento!"

Na madrugada do dia 9 de agosto, Plácido de Castro deixa o seringal Riozinho com um grupo de amigos. Anos mais tarde, Genesco de Castro escreveu o livro "O Estado Independente do Acre e José Plácido de Castro", onde conta como se deu a emboscada:

"Nessa gruta, estavam postados o subdelegado Alexandrino José da Silva, o negro Eugênio, o "Mateiro" e um caboclo que Plácido confundiu com João da Mata, morador naquelas imediações. Os restantes, que completavam 14 bandidos, estavam distribuídos do mesmo lado do caminho, ao longo da orla de uma pequena clareira, que se abria na mata, denunciando algum roçado antigo, invadida pela vegetação florestal. Passei quase ao alcance da mão dos do grupo de Alexandrino sem nada perceber, porque de nada havia vestígio; transpus inteiramente a zona perigosa e ganhei a curva que o caminho apresentava para o lado esquerdo de quem seguia para [o seringal] "Capatará". Nesse momento, Plácido defrontava-se com a caverna dos bandidos e recebia o primeiro tiro, disparado pelo braço direito do Cel. Besouro (pelo subdelegado Alexandrino José da Silva), que lhe atingiu o braço esquerdo, pouco acima do cotovelo, um segundo tiro, quase ao mesmo tempo, o alcançou do lado esquerdo da coluna vertebral, penetrando de baixo para cima e da direita para a esquerda na raiz da segunda costela e saindo na altura da primeira que, como a outra, ficou reduzida a fragmentos. Ambos os tiros foram disparados à queima-roupa: vestes e carnes ficaram chamuscados. O primeiro ferimento não teve importância: produzido por arma de guerra, atravessou o tecido muscular sem prejuízo funcional, salvo no primeiro momento. O segundo, foi grave pelo aspecto, pelo tamanho, pelo traumatismo, muito embora não tivesse alcançado a pleura: produzido por uma bala de chumbo Winchester 44, tinha um grande orifício de entrada e um enorme de saída, que parecia uma rosa de carnes, no centro de um eram visíveis os pedaços de pano misturados com os fragmentos ósseos cravados na carne. Ao receber o primeiro tiro, Plácido quis fazer uso da pistola que trazia, ao mesmo tempo que abaixou-se sobre o cavalo para ver os seus agressores, mas, por um momento sentiu-lhe escaparem-se-lhes as rédeas da mão e foi obrigado a segurá-las com a mão

direita. Nesse momento, quando recebia o segundo ferimento, viu e conheceu o subdelegado Alexandrino, o negro Eugênio, o "Mateiro", e outro que ele pensou ser João da Mata. Impossibilitado de reagir, chegou a espora ao brioso cavalo que montava, atravessou a zona perigosa sob um chuva de balas e alcançou a curva do caminho, onde nos encontramos, sem que outros projéteis o atingissem".

Plácido de Castro, que nasceu em São Gabriel (RS), agonizou até o amanhecer do dia 11 de agosto de 1908. Antes de morrer, aos 35 anos de idade, pediu ao irmão que retirasse os ossos dele do Acre, reunindo-o, em Petrópolis (RJ), ao de Brandão e Batista, amigos de lutas na Revolução Acreana. - Direi como aquele general africano:

"Esta terra que tão mal pagou a liberdade que lhe dei, é indigna de possuí-los". Ah! meus amigos, estão manchadas de lodo e sangue as páginas da história do Acre... Tanta ocasião gloriosa para eu morrer... - foram as últimas palavras de Plácido de Castro.

O processo contra os coronéis Gabino Besouro e Alexandrino José da Silva caiu na impunidade destas terras antes desconhecidas. Como Plácido de Castro não viveu o suficiente, o assassinato dele caiu no esquecimento.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
lecaminha@gmail.com

Convite: dia 20Set, às 1700 h, no Salão Brasil do CMPA, posses como acadêmicos dos doutores Frederico Euclides Aranha e César Pires Machado. Estacionamento no pátio do Colégio. Traje: paletó, com ou sem gravata.

Nº 108 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

O IDEALIZADOR E CRIADOR DO TIRO DE GUERRA BRASILEIRO (79º aniversário de sua morte) - Cláudio Moreira Bento*

Dia 27 Out 2010 transcorre o 79º aniversário da morte, na cidade de Rio Grande/RS, do Coronel Honorário do Exército Antônio Carlos Lopes (1870-1931), idealizador e criador dos tiros de guerra no Brasil. Isto ao fundar, em 07 Set 1902, no 80º aniversário da Proclamação da Independência, em Rio Grande/RS, em reunião à tarde, no Clube Caixeral, a Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, que inspirou o Marechal Hermes da Fonseca, como Ministro da Guerra, a criar por Lei de 05 Set 1906, a Confederação de Tiro Brasileira, quando a idéia do rio-grandino Antônio Carlos já havia se propagado com a criação entre outros dos Tiros de Guerra nº 1 em Rio Grande; o nº 2 em Santos; o nº 3 em São Paulo; o nº 4 em Porto Alegre, e antes que, em abril de 1906,

fosse criado no Rio de Janeiro/RJ, o Clube de Tiro Federal, inspirado em modelo também trazido da Suíça, pelo antes prefeito do Rio de Janeiro Dr. Furquim Werneck, o primeiro presidente do Tiro Federal. Este daria origem ao Tiro de Guerra nº 7, em cuja sede, no QG do Exército, no Rio, teve lugar, em 10 Dez 1916, o 1º Sorteio Militar, assunto sobre o qual publicamos em A Defesa Nacional nº 729, jan/fev 1987, alentada e ilustrada pesquisa básica, com 31 indicações bibliográficas sob o título "Serviço Militar Obrigatório no Brasil - sua implantação através do 1º Sorteio Militar (p. 120/138)."

Serviço Militar Obrigatório implantado depois de uma luta de 42 anos, desde sua legalização não cumprida, editada em 1874, por empenho do Duque de Caxias, como Ministro da Guerra e Chefe do Gabinete de Ministros. Idéia que iniciou a implementar, mas que foi abandonada com sua saída da vida pública.

Serviço Militar assim definido pelo seu grande propagandista Olavo Bilac e atual Patrono do Serviço Militar, ao ser inquirido "O que é o Serviço Militar obrigatório"? Resposta:

"É o triunfo da Democracia. É o nivelamento das classes sociais. É a escola da Ordem, da Disciplina, da Coesão. É o laboratório da dignidade e do Patriotismo. É a instrução primária, a educação cívica e a higiene obrigatória. É a caserna, como filtro admirável, onde os homens se depuram e se apuram".

O Sorteio Militar propiciou ao Brasil, um Exército de paz compatível e um enorme Exército em Reserva, inclusive contando, já em 1910, com a vitoriosa oficialização da idéia do Coronel Antônio Carlos Lopes em 1906, com cerca de 10.000 atiradores. Exército em reserva capaz de atuar como elemento de dissuasão. Ou de alimentar um esforço de guerra prolongado, na eventualidade indesejável da ocorrência de uma guerra, evento tão presente e vivo na História da Humanidade, como a que estava tendo lugar na Europa, a 1ª Guerra Mundial, de 1914-18.

O Sorteio Militar, executado 14 anos depois da criação da Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, constituiu-se, com o reforço dos atiradores, em ponto de inflexão para o surgimento de um Exército com caráter nacional, por ser formado e alimentado por filhos saídos do seio do povo, em número suficiente e bem adestrados para, como parcela armada deste povo, atender à Defesa do Brasil. Idéia que guardava coerência com o seguinte pensamento pioneiro do Cel Antônio Carlos em 07 Set 1902:

"O Brasil possui o direito de aspirar a formação de instituições, as quais, nascidas no seio do povo, o preparem no conhecimento e uso das armas, para que a Pátria, no momento de perigo, lhes confie a sua defesa".

A idéia do Tiro de Guerra Brasileiro

Antônio Carlos, com cerca de 20 anos, fora testemunha dos sangrentos episódios, em Rio Grande, decorrentes da Guerra Civil de 1893-95, combinados com a Revolta na Armada (1893-94).

Depois de curso Farmacêutico-Químico em Ouro Preto, foi até a Suíça para estagiar em seus famosos laboratórios. Lá, teve a sua atenção despertada pelo sistema de Defesa da Suíça, onde cada suíço recebia instrução de tiro e uma arma que guardava em casa, ficando em condições de atender à convocação militar, caso necessária.

De volta, foi então que concebeu sua idéia de Defesa do Brasil, com pequeno dispêndio, e com potencial de mobilizar em emergências grande número de reservistas atiradores, habilitados no uso de armas de fogo.

A iniciativa de Antônio Carlos foi providencial e antecipou-se de muito à 1ª Guerra Mundial que ocorreria 12 anos mais tarde. Neste espaço ele percorreu o Brasil, às suas próprias expensas, distribuindo o seu livro "O problema das reservas do Exército", assunto sobre o qual tinha noção exata da gravidade da ausência das mesmas no Brasil. E escreveu o famoso livro "O Tiro Brasileiro", com mais de 200 gravuras, instruindo como construir-se um estande de tiro, o manejo e nomenclatura das armas e como funcionar um tiro de guerra. Seu livro foi aprovado e adotado por ordem do Ministro da Guerra Marechal Hermes da Fonseca, o modernizador do Exército de 1905-1914, e adotado por todos os tiros de guerra.

Olavo Bilac em sua campanha de 1915/16 em favor do Serviço Militar, no início da 1ª Guerra Mundial, sobre Antônio Carlos proclamava:

"Para que haja pátria é necessário que haja consciência, coesão e disciplina. E é justo isto o que vem fazendo Antônio Carlos Lopes na cidade de Rio Grande, com a fundação da Sociedade de Propaganda do Serviço Militar".

Significação histórica de Antônio Carlos

Como se pode concluir, foi relevante a iniciativa do patriota Antônio Carlos Lopes ao criar a Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, a raiz histórica dos Tiros de Guerra do Brasil, que em 1910 já dispunham de 10.000 atiradores à disposição do Exército, o qual, até 1916, não dispunha de reservas efetivas, conforme demonstramos em nosso artigo citado. E foi no contexto adverso de um exército profissional sem reserva que se situa, com expressivo destaque, a grande iniciativa de Antônio Carlos. É só conferir o anexo Reforma Militar.

Sua patriótica iniciativa lhe valeu o título de Coronel Honorário do Exército e a construção em Porto Alegre dos Tiros de Guerra nº 4 e nº 318 e, em Rio Grande, sua terra natal, do Tiro de Guerra nº 1, com duas hermas para perpetuar a sua memória na gratidão nacional.

Mas acredita o historiador que o Brasil está a dever-lhe muito mais pela imensa projeção de sua obra pioneira, colocada no contexto na Reforma Militar 1898-1942. Ou seja, a de consagrá-lo de Justiça, ouvindo a voz da História: **Cel Honorário do Exército Antônio Carlos Lopes como O Patrono dos Tiros de Guerra.**

(*) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Fontes Consultadas

BENTO, Cláudio Moreira. Serviço Militar Obrigatório no Brasil - sua implantação através do 1º Sorteio Militar. A Defesa Nacional nº 729, jan/fev 1987 p. 120-138, com 14 ilustrações. (pesquisa básica sobre o assunto).

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro-perfil militar de um povo, Rio de Janeiro: Sergraf, 1972.v.2 .p.801/813 (Contribuição do Exército aos 150 anos da Independência do Brasil de cuja coordenação o autor participou como adjunto do Presidente da Comissão de História do Exército Cel Francisco Ruas Santos).

SOUZA, Álvaro Tavares de. Antônio Carlos Lopes - criador do Tiro de Guerra Brasileiro. Rio Grande: Rio Grande, 04 Nov 1979.

REFORMA MILITAR 1898-1945

A partir de 1874, com a adoção do Regulamento de Ensino voltado para o bacharelismo militar, o nosso Exército, em consequência e sem dispor de reservas, atingiu índice operacional inferior ao da Guerra do Paraguai.

Em 1898, teve início a Reforma Militar que se prolongou até 1945, coroada com o desempenho da FEB que apresentou índices elevados de operacionalidade, ao lutar contra ou aliança com representações dos melhores exércitos do mundo. Havia dado um grande salto operacional desde Canudos.

A seguir, a visualização da criação do Tiro de Guerra Brasileiro dentro do contexto histórico das principais ações da Reforma Militar, até 1922 - Centenário da Independência.

1898 - Em viagem a Europa o Cap Tasso Fragoso trouxe da Europa a idéia da necessidade de um Estado-Maior para o nosso Exército e Antônio Carlos Lopes, da Suíça, a idéia do Tiro de Guerra Brasileiro para a formação de reservas para o Exército, que não as possuía, dado o seu caráter profissional .

1898 - Foi criado o Estado-Maior do Exército e a Fábrica de Pólvora sem fumaça, em Piquete/SP.

1899 - Criação da Revista Militar pelo EME, que defendeu o Serviço Militar Obrigatório.

1900 - Plano de Reforma do Exército do Mal João Nepomuceno Medeiros Mallet, visando um Exército com todas as características do Povo Brasileiro.

1902 - 07 Set - O CORONEL HONORÁRIO DO EXÉRCITO ANTÔNIO CARLOS LOPES FUNDA EM RIO GRANDE, A SOCIEDADE DE PROPAGANDA DO TIRO BRASILEIRO, IDÉIA QUE ELE PROPAGOU PELO BRASIL.

1904 - O Ministro da Guerra, em artigo Reforma do Exército, apelou a seus companheiros para reformular o Ensino do Exército "como questão de vida ou

morte para os destinos do Brasil e do próprio Exército".

1904 - Fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha, templo do bacharelismo militar, seguido da sua extinção.

1905 - Adoção do Regulamento de Ensino do Exército, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar e criação das escolas ECEME, EsAO e Escola de Sargentos das Armas.

1905 - O General Hermes da Fonseca realiza as Manobras no Curato de Santa Cruz, que não se realizavam desde 1885.

1906 - Criação da Escola de Guerra em Porto Alegre, para implementar o Regulamento de Ensino de 1905 e formadora até 1911, das gerações que consolidaram a Reforma Militar.

1906 - OFICIALIZAÇÃO DOS TIROS DE GUERRA, JÁ EM DESENVOLVIMENTO DESDE A CRIAÇÃO DO TIRO BRASILEIRO POR ANTÔNIO CARLOS LOPES.

1908 - Reorganização do Exército em 1908 pelo Marechal Hermes da Fonseca: Leis do Serviço Militar, do Sorteio Militar, do Voluntariado, e da criação dos Tiros de Guerra. Criação das Brigadas Estratégicas, construção de novos quartéis e rearmamento do Exército com fuzis Mauser, metralhadoras Madsen, e canhões Krupp. Armas adquiridas com as respectivas fábricas de munições.

1908 - 25 Nov - É apresentado na Praia Vermelha, ao Ministro da Guerra Mal Hermes, como primeira Reserva do Exército, o Tiro de Guerra nº 7.

1910 - Envio pelo Presidente Marechal Hermes de oficiais para estagiarem no Exército da Alemanha, até 1912. Os tiros de guerra atingem 10.000 atiradores.

1910 - Fundação da Revista dos Militares na 3ª RM.

1913 - Fundação da Revista A Defesa Nacional pelos jovens turcos que, em maioria, estagiaram no Exército da Alemanha.

1913 - Criação da Escola Militar do Realengo, reunindo as diversas escolas existentes de formação de oficiais.

1915 - Campanha pró-adoção do Serviço Militar Obrigatório no Brasil em plena 1ª Guerra Mundial, e levado a efeito por Olavo Bilac e nela cooperando Antônio Carlos Lopes, até 1916.

1916 - Criação da Liga de Defesa Nacional (LDN) em 07 Set, 14 anos depois da criação do Tiro de Guerra Brasileiro.

1916 - 10 Dez - Primeiro Sorteio Militar no Brasil.

1918 - O Brasil envia à França 22 oficiais para absorção de doutrina militar "vendo e combatendo".

1918 - Extinção da Guarda Nacional e as PM se tornam forças auxiliares e reservas do Exército.

1919 - Criação da Missão Indígena na Escola Militar sob a direção de oficiais que haviam cursado o Exército da Alemanha e fundado a Defesa Nacional. Missão que atuou até 1921.

1920 - Contrato da Missão Militar Francesa para o nosso Exército.

1922 - Centenário da Independência. Em Ordem do Dia do atual 4º BE Cmb em Itajubá (que tivemos a honra de comandar 1981/82) é assinalado:

"O Exército está organizado à moderna. A instrução é baseada em ensinamentos da 1ª Guerra Mundial. Está equipado com o que de melhor produz a indústria bélica mundial. A tropa habita quartéis higiênicos e confortáveis. Os arsenais funcionando no reparo de armas, bem como as fábricas de munições. Já dispõe de carros de combate, esquadrilhas aéreas, e das escolas ECEME, EsAO e de Sargentos. Realizou as manobras de Saicã da 3ª RM. Ocorreu concentração rápida para atender emergência interna. A CONVOCAÇÃO DE VÁRIAS CLASSES DE RESERVISTAS NA PARADA DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. FOI NOTÁVEL. O Exército está em boa situação e se prepara para o desempenho de sua missão: a Segurança da Pátria. "

(x) Acadêmico emérito Presidente da AHIMTB, sócio benemérito do IGHMB e emérito do IHGB.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com

Nº109 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

***EDIÇÃO RELATIVA AOS 80 ANOS DO ATAQUE AO QG E INÍCIO DA
REVOLUÇÃO DE 1930 EM PORTO ALEGRE***

**A REVOLUÇÃO DE 1930 E O ANTIGO QG DA 3ª RM
Cel Cláudio Moreira Bento**

A Missão Indígena na Escola Militar do Realengo, 1919-21, formou a geração que liderou o movimento tenentista anti-oligárquico, que terminou sendo violentamente reprimido nas revoluções de 1922, 24 e 26.

Finalmente o tenentismo, em 1930, sob a liderança de Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul e antigo aluno da Escola Preparatória do Rio Pardo, liderou a conspiração de mais uma revolução armada.

O primeiro objetivo a conquistar pela Revolução de 30 foi o QG da 3ª Região Militar, da qual era comandante o General Gil Antônio Dias de Almeida que, mais tarde, escreveria a obra **Homens e fatos de uma revolução** (Rio de Janeiro: Ed. Calvino Fortes, 1943). É o depoimento do Gen sobre o ataque ao QG, seguido da neutralização deste, e prisão daquela autoridade, em 03 Out

1930, juntamente com o seu Chefe de Estado-Maior.

O QG da 3ª RM, seu comandante e sua Guarda foram, portanto, alvo da 1ª ação militar revolucionária. O QG e o antigo Arsenal de Guerra haviam, antes, sido colocados sob a mira de metralhadoras, colocadas na torre da igreja vizinha e no alto do Hotel Majestic.

O início da Revolução de 30, com o seu Comando no Grande Hotel, foi dado às 17:50h de 03 de outubro, por um foguete lançado às 17:30h no Morro do Menino Deus.

E teve início, a seguir, o ataque ao QG da 3ª RM, com 35 homens da Guarda Civil que saíram em coluna por dois de seu quartel, situado à Rua Gen Canabarro, na esquina atrás do atual Comando da Brigada Militar. Os policiais simularam uma passagem de rotina à frente da porta do QG. Estavam armados de revólveres calibre 38 novos, mantidos escondidos sob suas túnicas. Na retaguarda desse grupamento estava um grupo revolucionário liderado por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Barcelos Feio.

O ataque ao QG foi de surpresa, após o expediente. Os guarda-civis foram eliminando os militares da guarda do QG e os demais militares encontrados no prédio, que eram em número de 14. Foram vencidos em cerca de 15 minutos, com dois mortos. Ainda hoje a escada de acesso e as ferragens do elevador do QG guardam sinais de impactos de balas.

O Comandante da 3ª RM recusou a se entregar. Só o fez depois de receber carta de Getúlio Vargas demonstrando a inutilidade da resistência.

O General Gil foi preso em seus aposentos e, a seguir, no navio Comandante Ripper, onde foram presos outros oficiais, inclusive o então Coronel João Baptista Mascarenhas de Moraes que era comandante em Cruz Alta. O General Cândido Mariano Rondon, preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa, que comandara a Coluna Miguel Costa /Prestes, foi preso no Grande Hotel, tendo a cidade por menagem (prisão fora do cárcere ou sob a palavra do preso).

Com a bem sucedida conquista do QG da 3ª RM e com a prisão de seu comandante e seu chefe do Estado-Maior, a revolução expandiu-se sem reação pelo Rio Grande do Sul e pelo Brasil.

A Revolução de 30 extinguiu a 3ª RM por 15 dias, substituindo-a pelo Departamento de Pessoal da Guerra, sob a chefia do Ten Cel Horácio Souza. A 3ª RM só foi restabelecida depois da chegada vitoriosa da Revolução no Rio de Janeiro.

Em 27 de outubro de 1930 a 3ª RM, restabelecida, passou a funcionar no mesmo QG, tendo como comandante o Coronel João Carlos Bordini (1877-1966), sobrinho-neto do General Osório, com papel de destaque na conspiração vitoriosa, cuja biografia resgatamos na **História da 3ª RM**, v.2.

Em 3 de outubro de 2000, no 70º aniversário da Revolução de 30, que teve início com o vitorioso e mortífero ataque ao QG da 3ª RM, foi colocada na

parede externa do prédio, na rua dos Andradas, uma placa de bronze, como justiça na voz da História, traduzida pela seguinte interpretação histórica:

“NESTE LOCAL, NA TARDE DE 3 DE OUTUBRO DE 1930, UM ATAQUE AO QUARTEL-GENERAL DA 3ª REGIÃO MILITAR DEFLAGROU O INÍCIO DA REVOLUÇÃO DE 1930.

SOB A DIREÇÃO DE GETÚLIO VARGAS, OSVALDO ARANHA, FLORES DA CUNHA, AGENOR BARCELLOS FEIO E OUTROS, O MOVIMENTO DENOMINADO ALIANÇA LIBERAL EMPOLGOU O ESTADO E O PAÍS, ALCANÇANDO A VITÓRIA COM A DEPOSIÇÃO DE WASHINGTON LUÍS.

A REVOLUÇÃO DE 30 ENCERROU UM CICLO DE LUTAS ANTI-OLIGÁRQUICAS E POR ELEIÇÕES LIMPAS, CONHECIDO POR TENENTISMO, E DESENCADEOU UM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS SÓCIO-ECONÔMICAS NO RUMO DE UMA SOCIEDADE URBANA E INDUSTRIAL”

Uma consequência da Revolução de 30 no campo militar foi a sua promessa, concretizada, de construção de uma moderna escola militar, a atual Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. Prometida na própria Resende, em julho de 1932, foi lançada a sua pedra fundamental em 1938 e inaugurada em 1944, tudo isso pelo chefe da Revolução de 30, Dr. Getúlio Vargas, e viabilizados os recursos para a sua construção pelo Ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, o cérebro da Revolução de 30, e um dos comandantes do ataque ao QG da 3ª RM.

Mas este ataque bem sucedido ao QG da 3ª RM, de incontestável e grande projeção nos destinos do Brasil, tem uma outra face que não pode ser esquecida pelos soldados que juram solenemente ao Brasil, entre outras afirmações relevantes **“defender as suas instituições com o sacrifício da própria vida”**. No outro lado do vitorioso ataque ao QG da 3ª RM, existiram militares que foram mortos na crença de estarem defendendo as instituições, o que fizeram com o sacrifício da própria vida. Eles não possuíam qualquer envolvimento político, a não ser o de cumprirem o seu dever militar até a morte. Circunstância que Cícero, um dos pais da Democracia romana, assim definiu:

“Aqueles que morrem por sua Pátria fazem mais por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas”.

Foi o caso dos militares do Exército que, no ataque ao QG da 3ª RM, foram mortos quando, nos seus postos de honra, lutaram contra um bem urdido, coordenado e mortífero ataque de surpresa, desfechado depois do término do expediente no QG, que era, também, residência de seu comandante e de sua família.

Os nomes dos mártires, mortos de modo fulminante, a maioria desarmada ou sem reação, estão presentes no excelente estudo do historiador

Major Dentista Reformado Hélio Ricardo Alves, sob o título “Ataque ao QG da 3a RM em 03 Out 1930”, enviado à Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Estudo que teve apoio na interpretação de depoimentos dos irmãos Aranha, dos irmãos Etchegoyen (Alcides e Ciro), de Flores da Cunha, de três guardas civis que participaram do ataque e na bibliografia que o autor relacionou ao final.

Os 14 militares do Exército mortos no ataque ao QG da 3a RM e a outras unidades foram os seguintes: Major Otávio Cardoso, Capitão Jaime Argolo Ferrão, 1º Ten Atho Corrêa Franco, 2º Ten Joaquim Gonçalves de Melo, Cabos João Gouveia, Vítor Rodrigues dos Santos e Marinho Borges, Soldados Otávio Guidote, Flávio Guidote, Leonardo Lisboa, Mário de Paula Galdino Soares, Américo Cortes e Vicente dos Santos.

O Cmt da 3a RM na ocasião, em seu livro já citado escreveu, a certa altura:

“Honra aos oficiais, cabos e soldados mortos no dia 3 de outubro de 1930, no cumprimento do seu dever militar, na defesa dos brios do Exército, na obediência da Lei e no respeito à Pátria sublime”.

Acredita este historiador, junto com outros analistas, em que pese a grande projeção da vitoriosa revolução de 1930, que teve seu início bem sucedido com o fulminante ataque no QG da 3a RM, que os nomes dos militares do Exército mortos sejam perpetuados em bronze, como mártires, junto à entrada do QG da 3a RM, à vista de todos que ali entrem. Pois morreram fiéis ao juramento de soldado, defendendo as instituições com o sacrifício da própria vida, e não em defesa de uma ideologia política.

Fonte: BENTO, Cláudio Moreira, Cel, **História da 3- RM**, Porto Alegre: 3ª RM, 1995, p. 270-279 e 367-368.

História do Brasil - História do Rio Grande do Sul - Projeto História do Exército no Sul - Movimento Tenentista - Início da Revolução de 1930 no RS - Ataques a

OM do EB em Porto Alegre - Ataque ao QG da 3- Região Militar

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

A Revolução de 1930 foi deflagrada no dia 03 de outubro em Porto Alegre. A partir das 1730 h, seis unidades do Exército foram atacadas pelas forças revolucionárias, que eram compostas de elementos da Guarda Civil, da Brigada Militar, civis voluntários e também de componentes do EB já comprometidos com a causa revolucionária. Os líderes revolucionários eram Getúlio Dornelles Vargas (Presidente do RGS), José Antônio Flores da Cunha, seu irmão Francisco, seus filhos José Bonifácio, Luiz e Antônio, seu primo Isidoro Fernandes da Cunha (Chato Cunha), Osvaldo Aranha, seus irmãos Ciro,

Luiz e Euclides, João Neves da Fontoura (Vice-Presidente do RGS), Lindolfo Collor, Mânlio Giudice, Daniel Krieger, Estillac Leal, José Carlos Milano, Francisco Brochado da Rocha, Cel Alcides Etchegoyen, Cap Nelson Etchegoyen, Cel João Alberto Lins de Barros, Ten Cel Góis Monteiro e outros.

A partir dos ataques na capital gaúcha, outros estados do país deflagraram também a revolução, principalmente aqueles contrários à política do café-com-leite.

O Cmt da 3ª RM era o Gen Bda Gil Antônio Dias de Almeida, que residia com a família no último andar do prédio do QG.

As OM atacadas foram as seguintes:

- Quartel General da 3ª Região Militar, na esquina da Rua dos Andradas com a Gen Canabarro;
- Serviço de Intendência Regional (SIR/3), na esquina da Rua dos Andradas com a Gen Bento Martins, onde hoje funciona a SIP/3. Na frente, funcionava o Arsenal de Guerra;
- 7º Batalhão de Caçadores, na antiga Praça do Portão, hoje Praça Raul Pilla, esquina da Av. João Pessoa com a Rua André da Rocha;
- 4º Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria Divisionário, no Morro do Menino Deus, provavelmente onde hoje está instalada a Companhia de Comando da 6ª Divisão de Exército e a 3ª ICFEx;
- 2ª Companhia de Estabelecimentos, na Rua Vieira de Castro, onde era sediada a Companhia de Guardas e hoje é o Anexo do CMPA;
- Carta Geral, nas imediações da esquina da Av. João Pessoa com a Rua Luiz Afonso, onde hoje funciona a Policlínica Militar de Porto Alegre.

Observação: a Carta Geral (hoje ia Divisão de Levantamento), que funcionava onde hoje é a Policlínica Militar de Porto Alegre (Av. João Pessoa), chegou a ser atacada a tiros, porém o Sgt Wanderley Colaço Veras abriu o Portão Lateral (Rua Luiz Afonso), para a entrada dos revolucionários, na maioria alunos do CMPA, não havendo mortos.

RELAÇÃO DOS MORTOS NOS ATAQUES

- 1) Militares do Exército Brasileiro
 - a) No ataque ao QG/3ª RM
 - Major OTÁVIO CARDOSO, Cmt do CPOR-PA; e
 - Sd VICENTE DOS SANTOS.
 - b) No ataque ao SIR/3 não há registro de mortes;

- c) No ataque ao 7º Batalhão de Caçadores
- 1º Ten ATHO CORREIA FRANCO; e
 - 2º Ten JOAQUIM GONÇALVES DE MELO.
- d) No ataque ao 4º Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria Divisionário -
Cap JAYME ARGOLLO FERRÃO; e
- Sd MARINHO BORGES.
- e) No ataque à 2ª Cia de Estabelecimentos
- Cb VICTOR RODRIGUES DOS SANTOS (pertencia ao CPOR);
 - Cb JOÃO GOUVEIA;
 - Sd GALDINO SOARES;
 - Sd LEONARDINO LISBOA;
 - Sd OCTÁVIO GUIDOTTE;
 - Sd FLÁVIO GUIDOTTE;
 - Sd MÁRIO DE PAULA; e - Sd AMÉRICO CORTEZ.
- f) No ataque à Carta Geral não há registro de mortes.
Total de mortos do EB: 14 (catorze), sendo 04 oficiais e 10 praças.

<p>Nota: as fontes de consulta, inclusive o Correio do Povo, são indefinidas sobre se estas mortes foram realmente no ataque à 2ª Cia Estab, QG ou SIR/3.</p>

2) Guardas Civis

Oswaldo Custódio, Mário Silva Lima, Alípio Farias, Miguel Medeiros, Olympio Rosa, Antonio Gonçalves Ferreira e Nazário Gonçalves Perfeito; Total: 07 (sete);

3) Brigada Militar: Cabo Albino de Mello;

4) Civil: Sra. Jurema Gomes, transeunte pedestre, pisou em um fio da rede elétrica que havia sido cortado por um tiro, no ataque à 2ª Cia Estab, morrendo eletrocutada.

Total de mortos entre guardas civis, brigadiano e civil: 09 (nove).

Total geral de mortos: 23 (vinte e três), sendo uma civil, não participante dos ataques.

(*) Acadêmico Emérito, 2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/RS
Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara

Referências: Antecedentes da Rev de 30/Hélio Ricardo Alves - Anotações de Hélio Ricardo Alves - História da 3ª RM/Cel Cláudio Moreira Bento - Jornal O Gaúcho/IHTRGS - Extrato do livro Os Vigilantes da Ordem/Rejane Penna e Luiz Carlos da Cunha Carneiro/Oficina da História/1994 - Correio do Povo/Caldas Júnior/edições de 04 a 08Out30 - Anotações do IHTRGS - Extrato do livro Homens e Fatos de uma Revolução/Gen Gil de Almeida.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
lecaminha@gmail.com

8406-8291

N°110 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

REFLEXÕES SOBRE A DOCTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA

Cláudio Moreira Bento

Presenciando como convidado, em 02 de outubro de 2005, as marcantes comemorações do centenário da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), fomos levados às seguintes considerações, ou reflexões, estimuladas pela Ordem do Dia do primeiro comandante da centenária ECEME, o Gen Bda Miguel Maria Girard, retiradas do livro do qual, então, ganhamos exemplar, junto com um diploma: ECEME - A Escola do Método - Um século pensando no Exército.

"Estarei sempre pronto a colher, estudar e aceitar todas as idéias e informações que me queiram espontaneamente apresentar..."

Como historiador militar terrestre que me tornei desde que saí da ECEME, e estimulado pelas idéias que ali colhi, passei a sonhar que o Brasil disporia, um dia, de uma doutrina militar terrestre genuína, como as que possuem as grandes potências e as grandes nações. Doutrina "Tupiniquim" como a que sonhava, o pensador militar Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, patrono da ECEME.

E estudando a História Militar das nações que se tornaram grandes potências, ou grandes nações, concluímos que elas desenvolveram doutrinas militares próprias ao longo de seus processos históricos.

E aprendemos que elas definem pragmaticamente Doutrina Militar como o conjunto das maneiras pelas quais uma força armada considerada é organizada, equipada, instruída, motivada e empregada.

E, em conseqüência, é dividida em campos denominados Organização, Equipamento, Instrução e Motivação, que se situam na área da Ciência Militar e o Emprego na área da Arte Militar.

Estudando a História Militar Terrestre do Brasil, concluímos que ela sofreu influências mais fortes das seguintes nacionalidades, além de outras em menor intensidade: espanhola, até 1659; inglesa, até 1822; e continuada indiretamente através de Portugal, até cerca de 1920; francesa, até 1940 e norte-americana até os nossos dias.

Mas aprofundando nossas pesquisas constatamos que o Brasil resolveu dois dos seus maiores problemas estratégicos com doutrinas próprias:

1° - A Guerra Brasílica, desenvolvida na Bahia e Pernambuco de 1624/1654, da qual resultou a expulsão do Exército Holandês, preservando-se a Unidade Nacional e servindo o dia 19 de abril, dia da 1ª Batalha dos Guararapes, para ser consagrado como o Dia do Exército Brasileiro, cujo

espírito ali despertou junto com o de nacionalidade. Assunto que abordamos em nosso livro *As Batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar* (1971), ampliado e reeditado pela AHIMTB em Porto Alegre em comemoração aos 356 anos da 1ª Batalha. Doutrina luso-brasileira ou Guerra Brasília que também analisamos no livro *Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro* (1978) e (1999).

E a partir deste estudo sobre as batalhas dos Guararapes é que chegamos a conclusão da presença, nelas, de um grande profissional militar, o Sargento-Maior Antônio Dias Cardoso, que fora mandado da Bahia para Pernambuco, numa missão tipo forças especiais (de hoje) para preparar, nas matas de pau-brasil em Pernambuco, a Insurreição Pernambucana. Personagem que abordamos criticamente pela primeira vez em nosso citado livro sobre as Batalhas dos Guararapes e, a seguir, no capítulo das Guerras Holandesas, da História do Exército, editada pela Comissão de História do Exército do EME (CHEB) em 1972, e na condição de historiador convidado pelo EME, para escrever o referido capítulo.

Desde 1971 Dias Cardoso era considerado um patrono não oficial da Forças Especiais do Brasil até ser consagrado pelo Exército como tal, com apoio em dados que fornecemos às mesmas. Desde 1972 Dias Cardoso foi consagrado nome de uma das ruas do Bairro Guararapes na AMAN, até ser consagrado como nome de uma de suas turmas.

2º - A Guerra à Gaúcha, desenvolvida no Rio Grande do Sul de 1763/77, quando ele foi invadido em 1763 e 1774, quando estava muito mal guarnecido. E a solução foi apelar para a guerra de guerrilhas, "a guerra do fraco contra o forte", que tomou o nome regional de guerra à gaúcha, que esteve presente no Sul até 1932, último confronto militar lá ocorrido.

Guerra à gaúcha desenvolvida com o apoio na seguinte diretriz emanada do Rio de Janeiro, incapaz de socorrer o Rio Grande do Sul invadido:

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante e contínua inquietação".

E isto foi muito bem executado, sagrando-se como mestres deste tipo de guerrilha, o lagunense Cap Francisco Pinto Bandeira, que comandou a primeira subunidade do então criado o legendário Regimento de Dragões do Rio Grande, e mais seu filho, o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o primeiro gaúcho ou continentino, a galgar o generalato e por nós estudado na obra *Comando Militar do Sul - quatro décadas de História* (1995). Pinto Bandeira é hoje patrono do 8º Esqd C Mec, em Porto Alegre, pertencente à 8ª Bda Inf Mtz, sediada em Pelotas, e cuja proposta foi por nós instruída, a pedido do comando daquela Brigada.

Abordamos pioneiramente a guerra à gaúcha na obra que escrevemos em 1972 e ora publicada pela AHIMTB: Hipólito da Costa - o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira (2005). E, antes, na obra A Guerra de Restauração do Rio Grande (1996), como apoio no relatório do Comandante do Exército do Sul, Ten Gen Henrique Bohn e sua correspondência com o Vice-Rei. E ambos, pela primeira vez, explorados como História Militar Crítica.

Escrevemos mais especificamente sobre o assunto em artigo Guerra à Gaúcha, no Antologia do CIPEL (1996).

Prosseguimos nos estudos sobre doutrinas brasileiras de guerras de resistência, ao estudarmos, a Guerra dos Palmares, que durou cerca de um século. E ali constatamos uma doutrina militar genuína brasileira: A Guerra do Mato - desenvolvida como guerrilha pelos quilombolas e como anti-guerrilha pelos que combateram, por um século, aquela resistência. Tipo de guerra lembrado por José Bonifácio, que havia sido guerrilheiro em Portugal, para expulsar Napoleão. Modalidade que pretendia adotar no Brasil caso fosse este invadido.

E pesquisando anti-guerrilhas bem sucedidas no Brasil, vamos encontrar o hoje patrono do Exército, o Duque de Caxias, também patrono de nossa AHIMTB, que pacificou o Maranhão usando guerrilhas contra guerrilhas, bem como no combate aos revoltosos farrapos no Rio Grande do Sul. Valendo-se nesta, contra o grande mestre da guerra à gaúcha, Davi Canabarro, de outros dois mestres nesta modalidade, o General Bento Manoel Ribeiro e o Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu (Moringue ou Chico Pedro), conforme abordamos em nosso livro O Exército Farrapo e os seus chefes (1992).

Ouvi contar que o Paraguai enfrentou e venceu uma guerrilha na região do Chaco, cujos chefes, perguntados como tinham sido bem sucedidos, responderam haver seguido a tática de guerrilha contra guerrilha usada no Maranhão, em 1838, por Caxias.

Ao escrevermos nosso livro, Amazônia Brasileira - Conquista, Consolidação, Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia 1614-2004 (2004), deparamos com as guerrilhas lideradas contra os invasores pelo então Capitão Pedro Teixeira. E também, mais tarde, no Acre, o gaúcho Plácido de Castro, veterano major federalista em 1893-95, apropriando lições de guerra à gaúcha contra o inimigo regular que ali ele enfrentou e venceu.

Os indígenas da Amazônia possuíam suas doutrinas militares próprias que deveriam ser apropriadas a uma doutrina militar de resistência naquela área.

É de interesse as observações do padre jesuíta João Daniel, que lá viveu por 18 anos e que escreveu na prisão de São Julião, em Lisboa, em 1797, a obra **“Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas”**, cujas informações de interesse militar as reproduzimos nos sub-títulos: Aspectos de interesse militar dos índios e As guerras entre índios amazônicos e sua arte militar.

Entre os pioneirismos de adaptação de doutrinas militares estrangeiras às nossas realidades operacionais, o Duque de Caxias desponta como pioneiro, ao adaptar, em 1862, como Ministro da Guerra, às nossas realidades operacionais, que ele vivenciara no Maranhão, em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e na Guerra contra Oribe e Rosas (1851/52), as Ordenanças de Portugal ou a Doutrina Militar portuguesa, de influência inglesa. E ninguém reclamou desta sua doutrina no Paraguai, a não ser os nossos inimigos de então.

O Marechal Floriano Peixoto teve preocupação doutrinária genuína ao mandar editar o livro História da Guerra do Paraguai, pelo seu veterano Cel Emilio Carlos Jourdan, patrono de cadeira na AHIMTB, para que os alunos de nossas escolas militares vivenciassem as realidades operacionais sul-americanas.

O Marechal Castello Branco, pensador militar fecundo, tinha esta preocupação conforme nos revelaram os coronéis Francisco Ruas Santos e José Fernando Maia Pedrosa no livro *“Marechal Castello Branco - seu pensamento militar 1946-1964”* (1968), lançado na ECEME por iniciativa de seu comandante o Gen Bda Reinaldo de Mello Almeida. Recordo que foi nesta ocasião que ali surgiu o Sistema de Apoio Administrativo do Exército Brasileiro (SAAEB) para adaptar o apoio administrativo em nosso Exército às realidades econômicas do Brasil. Creio que daí resultou a criação, no nosso Exército, dos Batalhões Logísticos.

Isto nos faz lembrar Canudos, cuja Doutrina Militar era baseada numa Ordenança de Portugal, apropriada a uma guerra regular na Europa, mas imprópria para combater no ambiente sertanejo nordestino, onde os revoltosos vinham obtendo repetidos sucessos. Foi preciso a intervenção e a criatividade do Ministro da Guerra, o Marechal Graduado Carlos Machado Bittencourt, de deslocar-se até a Bahia e lá estabelecer uma estrutura de apoio logístico para apoiar as forças que vinham atuando contra Canudos. Na época, as operações do Exército e Polícias Militares eram assinaladas por continuados insucessos e eram incapazes de possuir elementos para a realização de reconhecimento. Foi então que o General Carlos Telles, herói da resistência ao sítio federalista de Bagé, selecionou de seu 31º Batalhão de Infantaria um grupo de militares que dominava o uso do cavalo e formou com eles uma tropa montada de reconhecimento de posições dos revoltosos para prevenir emboscadas. Além disso, cumpria missões de recolhimento, no sertão, de suprimentos de toda a ordem. Com estas medidas as emboscadas tornaram-se infrutíferas e melhorou a alimentação de sua tropa isolada.

Outro pensador militar preocupado com esta idéia de doutrina militar terrestre brasileira foi o Cel João Batista Magalhães que materializou suas convicções em seu livro *A evolução militar do Brasil* (1958).

Não posso aqui deixar de fazer referência a outro pensador militar

contemporâneo, o Coronel Amerino Raposo Filho em seu trabalho notável que até despertou, em 1969, algumas reações contrárias na ECEME, sob o domínio da Doutrina Militar Norte-Americana: Caxias e os problemas militares brasileiros (1971). No capítulo VI de seu trabalho ele aborda o relevante subtítulo "Caxias, o inspirador de nossa doutrina militar". Desta forma, o Coronel Amerino demonstrou a notável visão estratégica de Caxias e a sua adaptabilidade, com facilidade, ao realizar em sua vida, operações militares completamente diversas em distintos Teatros de Operações (TO). Vale a pena ser relido e refletido! Tal análise foi reproduzida no livro Caxias e a Unidade Nacional (2003), comemorativo ao seu bicentenário, editado pela Academia de História Militar Terrestre da qual ele também é o patrono.

Castello Branco referia-se a Caxias como "possuidor da antevisão do praticável", conforme abordamos no artigo intitulado Fontes de Cultura de Caxias em Arte da Guerra, publicado na Revista Militar Brasileira, v. 116, março/1980 e repetido por iniciativa da citada revista no v. 120, jul/set 1983, trabalho que incorporamos no livro Caxias e a Unidade Nacional (2003).

Estes pensadores militares ousaram pensar, além dos limites da doutrina militar vigente de influência estrangeira e fizeram o Exército avançar, conscientes que uma doutrina militar possui duas constantes: "o homem e a sua contínua mudança". E esta se faz necessária no caminho de uma efetiva e constante nacionalização.

Hoje, uma Doutrina Militar consta de um enorme contexto de documentos que constituem em seu conjunto o Corpo de Doutrina, que para entrar em vigor necessita de regulamentação. Além disso, do conhecimento, do estudo e da prática por parte de todos os possíveis executantes, apoiados em manuais específicos, como os traduzidos pelo Estado-Maior da Zona Interior da Força Expedicionária Brasileira que funcionou na Casa de Deodoro, no Rio de Janeiro. Um Corpo de Doutrina do Exército, nestas condições, tem sido o grande desafio aos historiadores, pensadores, instrutores, planejadores e chefes militares do Exército.

E, deste modo, contrariando este pensamento derrotista ou conformado: "No Exército, nada se cria, nada se transforma, tudo se copia".

No caminho desta ambicionada conquista doutrinária militar terrestre brasileira, não pode ser deixado de lado, para análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte Militar, o riquíssimo patrimônio histórico militar terrestre brasileiro, institucional e operacional. Tal patrimônio está traduzido por uma História Militar com mais de cinco séculos, responsável, em grande parte, por um Brasil construído e preservado com dimensões continentais. Esta obra não é um milagre, é fruto do empenho das gerações que nos antecederam e que mantiveram estas dimensões, com soluções militares originais como a Guerra Brasílica e à Gaúcha, entre outras.

Estudos críticos da História Militar Terrestre Brasileira foram sugeridos e

ênfâtizados pelos oficiais da Missão Francesa. Podemos comprovar por intermédio desta eloqüente resposta de um instrutor francês a um instruendo, ao ser indagado sobre o ensino de Doutrina Militar brasileira:

"Se queres aprender a Doutrina Militar Terrestre Brasileira, a procure no estudo militar crítico na rica História Militar do Brasil".

Estes estudos caíram em desuso, e reconhecemos, no General Carlos de Meira Mattos e nos coronéis Amerino Raposo Filho e Nilton Freixinho, em seus livros plenos de raciocínio lógico, remanescentes destas influências de buscar, na História Militar do Brasil, os ensinamentos mencionados.

E a razão do abandono da História Militar Crítica do Brasil? Desconhecemos as razões. Teriam sido os regulamentos americanos, tornando dispensável o pensar? Seria falta de estímulo editorial a produção e publicação de obras com este enfoque como fez, por exemplo, o Diretor da Biblioteca do Exército, General Humberto Peregrino que criou uma geração de historiadores e escritores militares, ora em extinção progressiva?

Vale recordar em que consiste a História Militar Terrestre Crítica, assunto que abordamos em artigos no site www.resenet.com.br/users/ahimtb (39.980 visitas em 31Out2005), em História no site www.militar.com.br, e em Caserna no site www.resenet.com.br. E ainda, no informativo O Guararapes nº 44. Foi publicado também na revista A Força Policial, nº 44, out/dez 2004, p. 17/27, órgão de informação e doutrina da PMSP, a pioneira a contratar em 1909, 10 anos antes do Exército, uma Missão Militar Francesa e, ainda, a Revista Sociedade Amigos da 2ª Divisão de Exército (SASDE) nºs 94 e 95.

História Militar Terrestre Crítica que assim a definimos:

"A História Militar Crítica é a História que interessa ao profissional militar em geral, em todos os escalões, como instrumento precioso da aprendizagem e fixação da Ciência e da Arte Militar, com apoio em experiências vividas, especialmente no campo de batalha por profissionais militares".

Em síntese, a História Militar Crítica é a História do Soldado e, em particular, a do chefe em todos os escalões, bem como do pensador e do planejador militar, com vistas ao progressivo desenvolvimento de uma doutrina militar, ou de sua adaptação às realidades operacionais de um determinado país. Assim fez Caxias ao adaptar de modo pioneiro, em 1861, como Ministro do Exército e Chefe do Gabinete de Ministros, as Ordenanças de Portugal às realidades sul-americanas que ele vivenciara. Também ele foi pioneiro em História Militar Crítica, ao analisar a Batalha do Passo do Rosário, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) do qual era membro honorário. Análise que publicamos em nossos livros 'Caxias e a Unidade Nacional' citado e em 'Os 170 anos da Batalha do Passo do Rosário' (2003). E esta foi a motivação maior para ele ser eleito patrono da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Pautados neste mesmo espírito produzimos diversos trabalhos entre outros:

- As batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar
- Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário
- O Exército Farrapo e os seus chefes
- A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul
- A projeção do Governo do presidente Getúlio Vargas no desenvolvimento da Doutrina do Exército 1930/45. Revista do CIPEL 2004
- O brasileiro que foi general de Bolívar. DN, nº 1986.

E tudo isto com o apoio nos fundamentos de Crítica retirados do manual, já citado: Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro - e transferido para a obra editada pela AMAN, em 1978, por sua Cadeira de Historia Militar: História da Doutrina Militar (1978). Fundamentos de crítica diversos, valendo ressaltar entre outros: Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos, Elementos do Fator Militar, Fatores da Decisão Militar, Virtudes Militares, Princípios de Liderança.

Felizmente, hoje temos a poderosa Internet em expansão geométrica onde se pode consultar, por exemplo, as monografias dos alunos da ECEME, as quais temos divulgado, as referentes à Amazônia no livro Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação, Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia 1614-2003. Tal instrumento de comunicação mundial, também é útil na divulgação dos nossos trabalhos, como temos sentido por e-mails com consultas que recebemos de consulentes de diversos países da América e Europa, interessados no tema.

Assim sendo, esperamos que, dentro do espírito do primeiro comandante da ECEME, General Girard, nossas reflexões sejam colhidas, estudadas, pensadas e aproveitadas por partirem de um ex-aluno, ainda orgulhoso de nela haver estudado e produzido, com o apoio em ensinamentos nela colhidos, enorme obra literária sobre a História Militar Terrestre do Brasil e, em especial, sobre as histórias institucional e operacional do Exército.

Aos 79 anos de vida (em 2010), arrisco-me a sugerir e lembrar o que falou o Presidente Emílio Garrastazú Médici ao tomar posse como Presidente de Honra do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1971:

“Não se governa ou se comanda bem sem História e historiadores”

Desta forma, referia-se à História e aos historiadores críticos, como o Barão do Rio Branco, que em função de sua análise histórica crítica ajudou o Brasil a crescer e a consolidar suas fronteiras pacificamente.

Bibliografia utilizada:

- ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL - História Militar Terrestre Crítica do Brasil, sua importância para a profissão soldado e para o Exército como força operacional: O Guararapes nº 44, out/dez 2004 (Disponível em Informativo no site www.resenet.com.br/users/ahimtb. Artigo do Pres. da AHIMTB).
- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. Processo de ensino de História Militar - Fundamentos da Arte da Guerra. História da Doutrina Militar da

antigüidade à II Guerra Mundial. Volta Redonda: Gazetilha, 1978. p.155/163 (Transcrito de BENTO, Cláudio Moreira. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro, abaixo referido).

- BENTO, Cláudio Moreira. A guerra de restauração do Rio Grande. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1996.

_____. Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação, Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia 1614-2004.

_____. Antologia do CIPEL. Porto Alegre: CIPEL, 1996.

_____. Caxias e a unidade nacional. Porto Alegre: Metrópole/AHIMTB, 2003.

_____. Comando Militar do Sul: 4 décadas de História. Porto Alegre: CMS, 1995. _ . Como estudar e pesquisar a história do Exército Brasileiro. Brasília: EME/EGCCF, 1999. 2 ed.

_____. Hipólito da Costa: o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira. Porto Alegre: Metrópole, 2005.

_____. O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1992, v. 1. _____. Os 175 anos da batalha do Passo do Rosário. Porto Alegre: Metrópole, 2003.

_____. O brasileiro que foi general de Bolívar. A Defesa Nacional n° 725, 1986. (Estudo crítico das batalhas de Carabobo, Boyacá e Aycucho).

- ESCOLA DE ESTADO- MAIOR DO EXÉRCITO - ECEME. A Escola do Método. Um século pensando o Exército. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2005.

- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Como pesquisar e estudar da História do Exército Brasileiro. Brasília: EGGCF/AHIMTB, 1ª ed. 1978 e 2ª ed., 1999. (Manual de autoria do Cel Cláudio Moreira Bento).

- MAGALHÃES, J. B. A evolução militar do Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1958.

- POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO. História Militar Terrestre Crítica do Brasil e sua importância para a profissão soldado. Revista A Força Policial. n° 44, out/dez 2004, p.17/27.

- RAPOSO FILHO, Amerino. Caxias e os problemas militares brasileiros. Rio de Janeiro: SGEx, 1971. v. 1.

- SOCIEDADE DOS AMIGOS DA SEGUNDA DIVISÃO DE EXÉRCITO. História Militar Terrestre Crítica do Brasil e a sua importância para a profissão soldado e para o Exército como força operacional. Revista SASDE, n°s 94 e 95, 2004. (Artigo de Cláudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB).

- SANTOS, Francisco Ruas e PEDROSA, José Fernando Maia. Marechal Castello Branco: seu pensamento militar 1946-1964. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1968.

- SANTOS. Hélio Tenório dos (Cap PMSP). A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar- da antigüidade a atualidade. São Paulo: Ed/ autor, 2000. (Prefácio do Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB)

O autor Cláudio Moreira Bento é coronel de Engenharia (ref.) do Exército formado pela AMAN em 1955 e com o curso de altos estudos militares da ECEME concluído em 1969, de analista de alto nível pela ESNI em 1975 e curso de pesquisador de História das Forças Terrestres do Brasil em 1972, pelo EME. É, também, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IHGMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

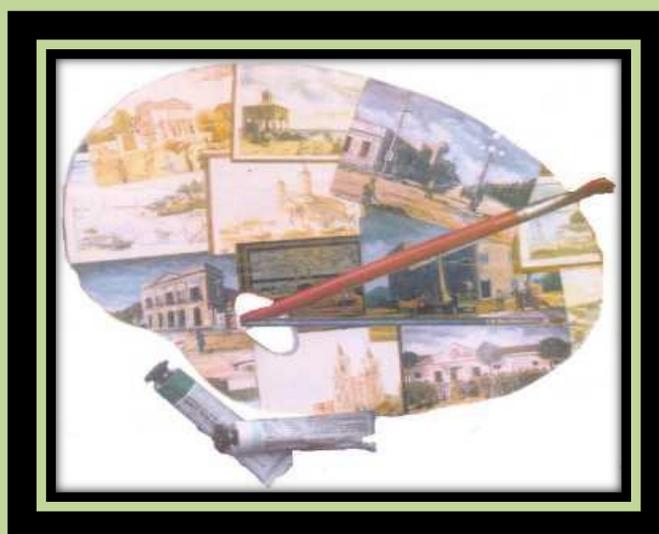
Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com

Nº 111 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

RETRATO DE UMA RENDIÇÃO

Carlos Fonttes - Delegado da Academia de História Militar terrestre do Brasil em Uruguiana -
carlosfonttes@ibest.com.br



(Compilação da obra de mesmo título - no prelo)

À guiza de informações desta obra referenciada pela gravura da capa podemos, sem sombra de dúvidas, mencionar que os instantes históricos nos tem sido legados através do estudo da iconografia dos diversos artistas da época ou não, que vivenciaram aqueles momentos históricos ou que foram contratados para registrar, artisticamente, os fatos que culminaram com a rendição de uma força invasora, ao Comando do Ten Cel Antônio de La Cruz Estigarríbia acontecida em Uruguiana, no dia 18Set1865, que são eles:

- Pedro Américo (de Figueiredo e Melo), nascido na cidade de Areia - PB em

29/4/1843 e falecido em Florença a 7/10/1905, imortalizou os célebres “Grito do Ipiranga”, “Batalha do Havaí”, “Batalha de Campo Grande” e tantas outras obras, retratou esse episódio. (Fig. N° 1) - Victor Meirelles, nascido em Florianópolis em 18/8/1832 e falecido no Rio de Janeiro em 22/2/1903, executou as obras de cunho histórico da “Batalha dos Guararapes”, “Primeira missa no Brasil”, “Passagem de Humaitá” e várias outras; Retratou este episódio. (Fig. N° 2)

- Jean Cánovas, artista francês que morou por muitos anos em Porto Alegre - Dedicou-se em retratar quadros históricos e personagens do Exército. Retratou este episódio. (Fig. N° 3)

- E por fim, a obra em referência da capa deste, executada pelo autor. (Fig. N° 4)

Se visitarmos o tradicional “Centro Cultural Dr. Pedro Marini”, de Uruguaiana, vamos encontrar, emoldurando as paredes daquele prédio já secular, que fora outrora residência da família Barbará, e posteriormente sede do Comando da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizado, inúmeras obras, como acervo. São retratos de personagens do passado e telas que representam o conhecimento da própria existência dessa cidade.

Por sua magnitude e principalmente pelo fato que gerou sua criatividade, do momento mais importante dessa cidade, vamos deparar com um majestoso quadro a óleo, (Fig. N° 3), reproduzido pelo saudoso professor Jean Cánovas - de origem francesa, já falecido, que residiu por muitos anos em Porto Alegre e dedicou-se à pintura histórica. Esse artista realizou diversas obras para várias instituições e principalmente Unidades militares, com seus patronos, personagens e passagens da história. Quase não há, no Rio Grande do Sul, quartel que não possua obra do mestre Cánovas em seu acervo.

O quadro a óleo que representa a Rendição dos Paraguiaios em Uruguaiana, embora tenha sido uma réplica do original de Pedro Américo (Fig. N° 1) ou mesmo de Victor Meirelles (Fig. N° 2), nota-se que os autores não retrataram a cena no momento da “Rendição”. Provavelmente eles executaram as obras a pedido do Império, muitos anos depois e Cánovas baseou-se nas obras anteriores.



(Tela a óleo de Jean Cánovas - Centro Cultural Dr. Pedro Marini - Uruguaiiana - Fig. N° 3)

Podemos notar que na litografia de Pedro Américo (Fig. N° 1) que não há uma nitidez no fundo do horizonte. Acreditamos que sua obra tenha sido feita sob encomenda, não havendo também nitidez no fundo do horizonte.



(Litografia de Pedro Américo Fig. n° 1)

Já a obra de Victor Meirelles (Fig. n° 2) nos contempla, com uma certa nitidez, o fundo do horizonte, onde podemos notar a então Vila de Uruguaiiana, a Igreja da Matriz (antes da Catedral de Sant'Ana) e a tropa inimiga em desfile para ser apresentada ao Imperador.



(Obra de Victor Meireles - Biblioteca Nacional - Fig. N° 2)

Quaisquer dos artistas mencionados estiveram presentes no referido ato da história, embora tenham sido fiéis aos personagens que aparecem.

Há alguns anos, fazendo parte de uma Comissão de levantamento topográfico do Exército, em que atuamos como desenhista (servia no 8° RCMec), demarcamos os pontos históricos e, principalmente as trincheiras na época da invasão paraguaia. Esse trabalho serviu de ilustração a nossa obra “Retomada de Uruguai na guerra do Paraguai” - 1994 - Gráfica Universitária).

É do conhecimento geral que a topografia de um terreno, com o tempo, sofre a sua modificação natural e, quando a mão do homem se introduz na natureza, maior é sua transformação do que até mesmo a própria erosão. Pois bem! Nos quadros acima referenciados, pela topografia da época e como Uruguai não passava apenas de uma Vila, com poucos rancherios de baixa altura, deveria, obrigatoriamente, aparecer nos quadros o Rio Uruguai e os campos da Argentina. Os autores foram felizes ao retratarem os personagens que aparecem: a tropa paraguaia em desfile perante a Corte imperial, onde o Barão de Uruguai - Ministro da Guerra Ângelo Muniz da Silva Ferraz, (com a espada na mão), conduz à presença de Dom Pedro II o Comandante dessa força invasora, Ten Cel Antonio de La Cruz Estigarribia, que já era um prisioneiro. Ao lado, de joelhos, o famoso Padre Duarte, que naquele momento foi chicoteado pelo Padre João Pedro Gay, de nossas forças, embora imediatamente contido. Na tropa a cavalo, temos à frente o Imperador, General Mitre, Venâncio Flores (traje civil), Caxias, Tamandaré e demais Comandantes da Tríplice Aliança.

À pedido de uma Unidade militar local, (8° RCMec), fizemos uma

releitura desse quadro, (Fig. N° 4), que se encontra hoje como acervo dessa Unidade de Cavalaria, que ostenta hoje a denominação histórica de “Regimento Conde de Porto Alegre”.

Nas obras anteriores, notamos que aparece a cúpula da Igreja da Matriz; porém, na época da invasão dos paraguaios em Uruguaiana, (5/8/1865), o referido templo não estava terminado. Suas obras iniciaram em 1861 e, com a invasão, foi paralisada, reiniciando após a guerra e terminando em 1874. Outro detalhe que nos chama à atenção, conforme o Conde D’Eu - genro de Dom Pedro II - que acompanhou a Corte, escrevera em seu diário que havia chovido na manhã daquele memorável dia mas, ao meio dia, o sol estava esplendoroso, iluminando os batalhões que brilhavam as cores de suas fardas. Esse fato histórico aconteceu às 15h 30 min do dia 18 de setembro de 1865. Nota-se nos quadros desses artistas que, suas pinturas foram carregadas no horizonte com fortes veladuras, como se estivesse chovendo, dificultando assim, a visão topográfica do terreno.



Procuramos dar, na releitura da obra que realizamos (Fig. N° 4), a maior fidelidade possível ao fato, historicamente mais importante da cidade de Uruguaiana e, colocamos, ainda, a flotilha do Ten Floriano Peixoto, do qual, adiante, narraremos sua atuação.

Porém, apesar de poucos detalhes observados, as obras dos mestres Pedro Américo, Victor Meirelles e de Jean Cánovas não desmerecem a grandiosidade de seus trabalhos artísticos, pois deixaram para a posteridade uma das maiores relíquias históricas da cidade de Uruguaiana.

É preciso que nossos jovens, ao visitarem o Centro Cultural Dr. Pedro Marini de Uruguaiana e, tiverem oportunidade de verem essas obras meditem as palavras de um grande mestre:

“Um povo que conhece a historia de sua terra é um povo que a ama, consciente da *responsabilidade de defendê-la por dedicação vocacional* - Osório Santana Figueiredo”.

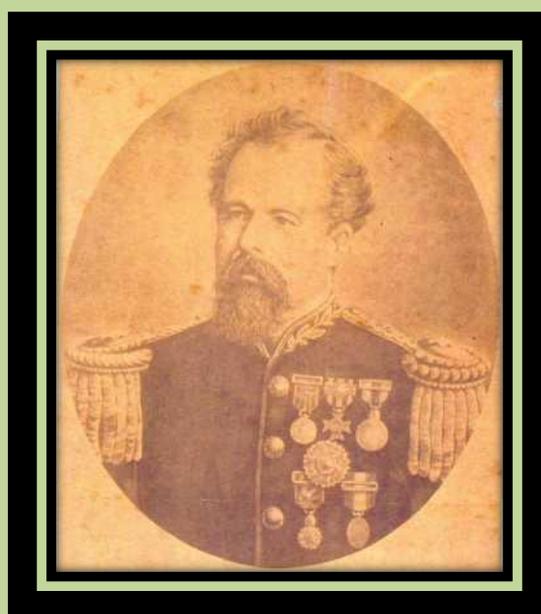
Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2° Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com

N°112 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento



HIPÓLITO ANTONIO RIBEIRO - Carlos Fonttes



Hipólito Antonio Ribeiro - “O Guerreiro vencedor de Inhanduí” - como enfatizou o presidente da Academia de História Militar terrestre do Brasil, Cel

Cláudio Moreira Bento, nasceu em Canguçu (1824/1904).

Serviu como soldado na Guerra dos Farrapos. Depois da pacificação, sentou Praça no Exército, como voluntário.

Quando estava no posto de Capitão pediu demissão do Exército. Ingressando na Guarda Nacional, residiu por muitos anos em Uruguaiana.

Quando o Império interferiu na República Oriental do Uruguai, a favor de Venâncio Flores, o Gen Zeca Neto (Antonio de Souza Neto), que ali residia, organizou uma Brigada de Cavalaria Ligeira, entregando o comando de um Corpo dessa Brigada ao Gen Hipólito. Essa Brigada fez parte da tomada de Paysandu.

Terminada a campanha, Hipólito seguiu com essa força fazendo a vanguarda do Exército de Osório, que marchava para o Paraguai, na Guerra da Tríplice Aliança contra este País.

Nela, Hipólito ia como Major, retornando, após o término, no posto de Brigadeiro Honorário do Exército e, como um dos “melhores chefes de cavalaria” - como disse o escritor Dante de Laytano (Revoluções e Caudilhos, de Arthur Ferreira Filho/2ª edição).

Esteve nessa guerra, inicialmente sob as ordens do General Neto, depois lutou ao lado do General Andrade Neves - “O Vanguardeiro”.

Hipólito participou dos principais combates, como Tuiutí, Avaí, Lomas Valentinas e outros, sendo várias vezes citado em Ordem do Dia do Comando em Chefe.

Após o termino da guerra do Paraguai, com a morte de Francisco Solano Lopes em Cerro Corá, em 1º de março de 1870, o Governo Imperial o distinguiu com o posto de Brigadeiro Honorário do Exército.

Com a revolução de 1893 no RS, Hipólito organiza em Uruguaiana uma Divisão com tropas do Exército, Guarda Nacional e civis, que teve o nome de “Divisão do Exército”. Antes do término dessa revolução ele recebeu do Governo republicano as honras de General de Divisão.

Recebeu as seguintes condecorações: Medalha de prata da campanha de 1852; Cavaleiro da Ordem de Cristo, em 1860; Comendador da Ordem da Rosa, em 1870; Medalha concedida ao Exército no campo do Marechal João Propício Menna Barreto (campanha do Uruguai), em 1872; Medalha geral da Campanha do Paraguai, em 1872 (de ouro); Medalha do Mérito Militar, pelos combates de 1877 e 1872; Oficial da Ordem do Cruzeiro, em 1877 e Medalhas comemorativas da Guerra do Paraguai, conferidas pelos governos da Argentina e do Uruguai.

Faleceu em 1904, deixando três filhos: Ismael Osório, Hipólito Ribeiro Filho e Annita Ribeiro Menna Barreto.

Em uma recente visita a terra dos meus antepassados, em São Gabriel,

vim sanar dúvidas à respeito de onde estariam os restos mortais desse valoroso “Cabo de guerra”, que muitos historiadores de Uruguaiana pensavam estar naquela cidade.

Descobrimos o seu mausoléu em São Gabriel. Conta-nos o historiador Osório Santana Figueiredo, daquela “cidade dos Marechais” que, após a morte desse General, sua esposa levou seus restos mortais para São Gabriel.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara
Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com

Nº113 - Ano 2010 – Cel Cláudio Moreira Bento

**CANGUÇU NO COMBATE DO SEIVAL E NA PROCLAMAÇÃO DA
REPÚBLICA RIO GRANDENSE**

Cel Cláudio Moreira Bento

Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul

Em 1915, o Presidente do Estado, Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros encomendou do pintor Antonio Parreiras, (1860-1937) o óleo “Proclamação da República Rio-Grandense”. Pintura que por longos anos esteve no Palácio Piratini, sendo mais tarde retirado dali e colocado no Posto de Comando do comandante do Regimento Bento Gonçalves da Brigada Militar em Porto Alegre, conforme constatei ao ali comparecer, na condição de Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS), para agradecer diversas autoridades presentes com a Medalha do Mérito Farroupilha. Medalha instituída pelo citado IHTRGS, fundado em 10 de setembro de 1986, nos 150 anos do Combate do Seival, na Escola Técnica Federal de Pelotas.



Abordamos na ocasião, aos presentes, com surpresa para muitos, que aquele quadro representava a Divisão Liberal do Coronel Antônio de Souza Netto, vencedor do combate do Seival (10Set1836), que criou condições para a proclamação da República Rio-Grandense. Proclamação realizada em 11 de setembro de 1836 no Campo dos Menezes. República que resistiu ao Império por cerca de nove anos.

A Divisão Liberal resultara da transformação do Corpo da Guarda Nacional de Piratini, sob o comando do Coronel Antônio Netto, pertencente à Guarda Nacional da Província. A Divisão era constituída de dois esquadrões com duas companhias cada. As quatro companhias foram mobilizadas no então vasto município de Piratini que fora criado por D. Pedro I, em 15 de dezembro de 1830 e constituído dos distritos sede, o de Bagé (até o Piraí), o de Cerrito (Vila Freire) e o de Canguçu.

Cada um destes distritos contribuiu com uma companhia de Guardas Nacionais para formar o Corpo da Guarda Nacional de Piratini, transformada em Divisão Liberal por Netto.

Assim, o atual município da Canguçu esteve presente em Seival e Campo dos Menezes representando cerca de % parte dos bravos vencedores de Seival e proclamadores da República Rio Grandense. História é verdade e justiça!

Canguçu deve orgulhar-se de haver estado presente em Seival e Campo dos Menezes. Presença que se projetou na Proclamação da República do Brasil em 15 de novembro de 1889.

Hoje é dada mais importância ao 20 de setembro de 1835 do que ao 11 de setembro de 1836, a data da Proclamação da República Rio-Grandense. Creio que, historicamente, o 11 de setembro é mais relevante do que o 20 de setembro, consagrado pela tradição.



Se a Divisão Liberal de Netto tivesse sido vencida, a Revolução Farroupilha teria durado menos de um ano.

O quadro ao lado é outra visão da proclamação da República Rio Grandense por Antonio de Souza Netto no comando de sua Divisão Liberal, integrada por filhos dos então distritos de Piratini, Canguçu, Cerrito e Bagé, e mais o distrito sede de Piratini.

Os tradicionalistas de Canguçu, Piratini, Cerrito e Bagé, e mais dos atuais municípios compreendidos no vasto município de Piratini de 1830/45 tem de assumir e cultuar esta glória farroupilha. Existe uma pintura em quadro explicando que o Campo dos Menezes era próximo de Camaquã. É um equívoco. Na época, pertencia a Piratini e hoje a Bagé.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2° Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara - Porto Alegre
lecaminha@gmail.com

“Não venci todas as vezes que lutei. Mas perdi todas as vezes que deixei de lutar”.

Nº114 - Ano 2011 – Cel Cláudio Moreira Bento

U Boats, Mergulhando na História

Nestor Antunes de Magalhães(*)

Talvez a lembrança mais remota que ainda perdura vacilante em minha memória, é a história sobre o encouraçado-de-bolso Admiral Graf Spee, contada à exaustão pela minha mãe. Ela costumava até a cantarolar para mim uma marchinha de rima forçada, do Carnaval de 1940, da qual guardei somente o seu refrão: “Sooou marinheiro do Graf Spêêê” e ela tinha vivido aquele tempo. Eu era muito pequeno e ali começava o gosto pela história militar. Depois apareceu a série na televisão, Aventura Submarina, onde o ator Lloyd Bridges personificava o herói mergulhador Mike Nelson, isto no início dos anos 60, bem antes de Cousteau. Pronto, bala na mosca, toda a gurizada queria ser mergulhador!



Foi por esta época que comecei então a desenvolver especial interesse pela Batalha do Atlântico e a ação dos U Boats, os submarinos alemães, nesta que é considerada a mais longa batalha da II Guerra Mundial. Tão longa que alguns autores a consideram como campanha. Estes, os U Boats, foram a mais mortal arma da Alemanha e por muito pouco não derrotaram a Inglaterra e modificaram para sempre o desenlace da II Guerra Mundial. E nunca na história de todas as guerras desta pobre Humanidade, uma força militar sofreu tal percentual de baixas (mais de 60%) e continuou lutando tenazmente, ameaçando e retendo imensos recursos humanos e materiais dos Aliados, até o fim. Foi então que eu senti. Estava definitivamente fascinado pela história da guerra dos U Boats, das suas façanhas e dos homens destemidos que, mesmo por uma causa errada, haviam lutado sob as ondas como ninguém jamais o fizera. Que história!

Ah, ser mergulhador? Bem, aconteceu muito tempo depois e como foi

difícil para mim! Tinha sido convidado por dois colegas do Exército para realizar um curso básico de mergulho. Não aceitei, claro. Eu não sabia nadar (não sei até hoje!) e, conseqüentemente, tinha pavor da água. Fui obrigado a fazê-lo. Chantageado a continuar em aula sob pena de que a minha covardia fosse tornada pública no quartel. E foi duro, um verdadeiro martírio. Era o atrapalhado da turma, o cara que agarrava o cinto de lastro pela fivela ou aquele que andava com a máscara na testa. O pobre-bicho que estourava o o-ring ao desatarraxar o primeiro estágio do cilindro sem despressurizar o circuito. Um desastre total, quer na água da piscina ou fora dela. Era o Patinho Feio da turma, como havia sido rotulado por um impaciente e irritado monitor. Que coisa triste! Mas o Patinho Feio era um cisne e não sabia. E aí deu o estalo, caiu a ficha, isto já quase no final do curso, e então consegui com mérito a minha certificação CMAS. Mesmo sem saber nadar havia descoberto ter um talento...hummm...digamos...subaquático, à semelhança de uma foca feliz. Entretanto, posso afirmar com certeza: ser mergulhador foi a tarefa mais dura de toda a minha vida.



O meu primeiro U Boat foi o U 1277, afundado ao largo da cidade portuguesa do Porto pela própria tripulação, logo após o final da II Guerra Mundial. O casco de pressão repousava a 31 m, em um fundo de areia branca, com restos de redes ainda presos no metal apodrecido. Jamais vou esquecer o aço inox do corpo do periscópio que faiscou para a vida ao ser raspado pela faca do meu dupla e a água gelada do Atlântico.

Depois foi o U 352, afundado em combate na costa da Carolina do Norte em 1942 e descoberto pelo célebre mergulhador americano George Purifoy em 1973. Mergulhei nele em 2006, favorecido por uma água quente e transparente. Além disso tive o prazer de conhecer pessoalmente o velho George e seu museu com peças coletadas no U 352.



Em 2007 foi a vez do Black Panther, o U 1105. Por quê o apelido? Este U Boat era um Tipo VII C/41 recoberto por uma camada de borracha sintética preta, uma idéia de tecnologia Stealth, já em 1944, destinada a enganar o radar e ou sonar Aliado. Foi capturado pelos ingleses e repassado aos americanos após a guerra. Estes, fizeram uma verdadeira necrópsia em busca dos seus segredos. Anos depois, fartos, afundaram-no no Rio Potomac, Mariland. Desci até o Pantera, a 28 m, em uma água escura e consegui resgatar um pedacinho da borracha do seu casco, para mim um verdadeiro tesouro. Quase perdi a vida neste mergulho.

Puxa vida, mas deveria haver uma forma de visitar um submarino sem se molhar. Assim conheci o U 505, um U Boat Tipo IX C capturado em combate pela US Navy em 1944 e conservado a seco no Museum of Science and Industry, em Chicago. Milhares de pessoas vão até este museu para conhecer esta máquina extraordinária que lá permanece, intacta, elegante e ainda ameaçadora, recebendo uma multidão que entra a bordo por uma escotilha na proa e sai por outra na popa.

O ano de 2008 foi muito feliz para mim. Consegui mergulhar no U 85, um Tipo VII B, o primeiro submarino alemão a ser afundado pelos americanos em 1942 e que está ao largo da cidade de Nags Head, também Carolina do Norte. Sobre um fundo plano de areia branca, com marcas de ondas e a cerca de 33 m de profundidade. Este U Boat foi surpreendido à noite na superfície por um destróier e, atingido pelo fogo de metralhadoras pesadas e canhões, começou a afundar. A tripulação conseguiu abandonar o barco e nadava na superfície quando o navio manobrou e lançou uma salva completa de cargas de profundidade sobre eles. Ninguém sobreviveu. Os americanos sepultaram os restos dos 27 marinheiros do U 85 no Hampton National Cemetery, Virginia, e eu fui lá para vê-los. Que história!



Um pulo até o estado de Connecticut e ali mergulhamos no U 853, afundado sem sobreviventes junto a Block Island, horas após o final da II Guerra Mundial. Ele não ouviu a ordem de rendição dada por Karl Doenitz e atacou alguns navios naquela área. Uma água gelada e uma longa descida me levaram até o U Boat que está relativamente bem conservado, ainda na posição de navegação. Uma sepultura militar a quase 40 m, ainda com as marcas no casco de um fim violento.

Uma semana depois estava na Bretanha, França. Ali, com apoio do experiente mergulhador francês Jean-Louis Maurette, visitei o U 171 que está a 42 m de profundidade em uma água verde e gelada. Ali foi um dos grandes momentos da minha vida de modesto mergulhador pois consegui penetrar o naufrágio na altura da sala de controle, a famosa zentrale. Minha nossa, estive dentro da zentrale de um U Boat!

Lógico que tinha que aproveitar a oportunidade de estar na França. Mergulhei então nos destroços do Dia D, na Normandia. Um mergulho inesquecível.

Também não deveria deixar de visitar os famosos U Bunkers, abrigos de concreto que acolhiam os U Boats e os protegiam das bombas inglesas e americanas sob um teto blindado de concreto com mais de 7 m de espessura. Estive dentro e sobre o abrigo Keroman 3, no porto de Lorient. Lembra do filme Das Boot? Dã, dã, dã, dã, tãra, ta, tã... Pois é, igual!

Ali por perto estava a casa na qual o Almirante Karl Doenitz, comandante da U Bootwaffe, havia dirigido a Batalha do Atlântico por meses. Claro que estive lá.

Já era muita história para contar. Escrevi dois artigos de página inteira para o jornal Zero Hora, outro para o jornalzinho do Comando Militar do Sul e depois foram inúmeras matérias nas revistas Mergulho, Deco Stop e Nextime. Mais tarde redigi uma coluna no importante site www.naufragiosdobrasil.com.br, outra menor no www.clubedomergulhador.com.br e assinei diversos artigos no site espanhol www.u-historia.com.



Achei que era o suficiente. Mas não era. Minha esposa e amigos começaram a cobrar a idéia de um livro. Não acreditei. Ora, para um livro não haveria assunto suficiente. Puxa, isto era pura perda de tempo! Um livro é muito complicado.



Insistiram tanto que eu senti no teclado e, descrente, comecei a escrever. Então, para a minha surpresa, as páginas brotaram, sucederam e multiplicaram. Foram 10 capítulos, atingidos sem muito esforço. Tudo isto em menos de um ano.



Mas ainda faltava alguma coisa. Viajei até a Alemanha e lá visitei dois U Boats que estão em museus: o U 995 e o notável U 2540, um elegante Tipo XXI que mudaria o resultado da guerra, mas que chegou tarde demais. Também estive no Memorial Naval Alemão e no Memorial dos U Boats, cada um deles produziu um capítulo para o livro de tão interessantes que foram.

Depois foi uma ida até Istambul. Lá me esperava o qualificado mergulhador e arqueólogo submarino turco, Selçuk Kolay. Ele havia identificado o U 20 no fundo do Mar Negro e eu o tinha convencido a me levar até o naufrágio. O U 20 era uma história formidável. Ele e mais 5 irmãos Tipo II B, haviam sido desmontados no norte da Alemanha, transportados por via fluvial e

rodoviária por 2.300 km até o porto de Constansa, Romênia, recomissionados e postos em operações de combate contra a navegação soviética no Mar Negro. Entretanto, ondas com mais de 2 m, abortaram o nosso mergulho. Perdi a viagem.



No ano passado dediquei um capítulo, o número XV, para a guerra submarina na costa brasileira. Para isto realizei intensa pesquisa histórica sobre o paquete Itapagé na cidade de Maceió. O Itapagé havia sido colocado a pique em 1943 por dois torpedos do U 161 junto ao litoral de Alagoas.



Mergulhei no naufrágio deste belo vapor de 5.000 ton, uma exploração emocionante a qual eu considero como a melhor dos inúmeros mergulhos registrados no meu logbook.

Retornei ainda este ano à Turquia e mergulhei no U 20, que está no fundo do Mar Negro. Fantástico momento! Depois fui até Birkenhead, Inglaterra, para conhecer o U 534, um U Boat Tipo IX C/40 que foi resgatado do fundo do Kattegat e pode ser visitado em um museu. Uma surpreendente e incomparável máquina do tempo. E, finalmente, ainda no término do verão americano de 2010, consegui mergulhar no U 701, afundado em combate ao largo de Hatteras, USA, em 1942. Um mergulho difícil e perigoso pois o local do naufrágio é em um ponto onde as correntes do Golfo e do Labrador se encontram.

Desta forma, concluí o “U Boats, Mergulhando na História” com cerca de 254 páginas, distribuídas em 18 capítulos e com um caderno de fotografias composto de 16 páginas. O lançamento oficial do livro acontecerá no dia 18 de dezembro, na Palavraria, Rua Vasco da Gama 165. E se porventura eu conseguir levar você meu caro leitor, junto comigo, para o fundo do oceano.

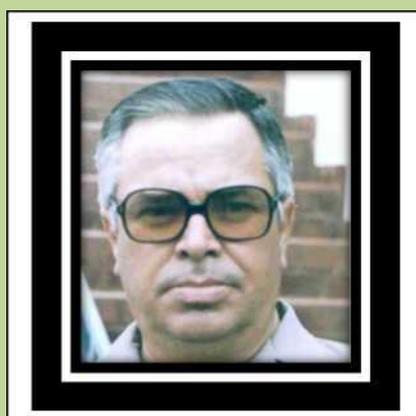
Compartilhando um pouquinho do meu ar, do meu arrepio e da minha emoção, os objetivos deste livro terão sido plenamente alcançados.

“...ajoelhar-se na areia branca do fundo do mar, escutando somente o chiado da nossa respiração, em silencioso respeito e observar aquele elegante casco, mesmo desmantelado por uma morte violenta, é ser tomado por grande emoção. E eu senti isto...”

(*) Membro-efetivo da AHIMTB/RS

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/RS e do IHTRGS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara - Porto Alegre, RS

Nº 115, 12 JUN 2020 – Cel Cláudio Moreira Bento



Cel Claudio Moreira Bento
Presidente Emérito e Fundador do IHTRGS

HISTORICO DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS(IHTRGS)

Em 10 set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45), no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, com o apoio da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**. Instituição destinada precipuamente a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835- 45). Fundação toda documentada em volume especial. Como sócios efetivos fundadores figuraram: Alberto R. Rodrigues, Angelo Pires Moreira(coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr Lobo.Rochefort, Cláudio Moreira Bento(presidente), corálio cabeda, fernando O'donell, gastão abbot (falecido), Hélio moro mariante (vice presidente), Ivo Caggiani, Jonas de Moraes

Correia Neto, José Luiz Silveira (2º vice), Júlio Petersen, Manoel A. Rodrigues, Mário Gardelin, Mário Barbosa Matos, Marlene Barbosa Coelho, Morivalde Calvet Fagundes, Mozart Pereira de Souza, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles(falecido) e Telmo Muller. Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas isolados do movimento cultural gaúcho e, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e, deslocar-se até os locais cenários de fastos históricos para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal** coordenado por Angelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, de Pelotas através de Clayr Lobo.Rochefort. que dedicou edição especial ao combate do Seival. por nós elaborada.

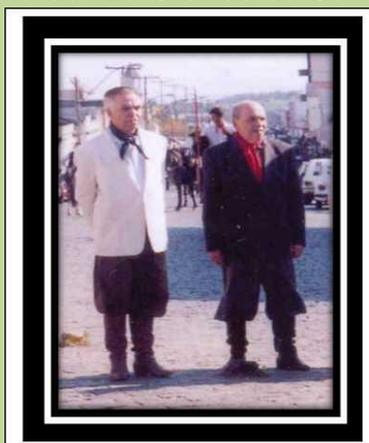
Em 8 abr 1987, ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no Clube União Caçapavano, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul.

Em 13 set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre no CPORPA, com conferência nossa sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre** e sob a coordenação do sócio Jonas de Moraes Correa Neto, no comando da 6ª DE..Em 30 abr 1988, ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farroupilha - o combate do Rio Pardo, quando foi lançada plaqueta alusiva de nossa lavra. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**. Em 10 set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo e, preparatória à fundação 3 dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representou o IHTRGS no sesquicentenário de instalação da República Rio Grandense em Piratini, em 6 nov 1986 e que mereceu do **Diário Popular** de Pelotas expressiva abordagem.

Em 10 jul 1989, ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração à resistência a invasão paraguaia em 1865.Coordenaram o evento os sócios efetivos, então empossados, Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do IHTRGS às ruínas de São Miguel em 15 set 1990 e 28 set 1991, ocorreram os encontros de São Gabriel, na Associação Alcides Maya, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS, e com apoio cultural e logístico do dr Milton Teixeira, quando foi efetivado sócio o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira, e muito evocada a obra de Alcides Maya. Em 14 set 1992, ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no Plenarinho da Casa de Cultura José Neri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira (já falecido). Em 25 set 1993, ocorreu o

encontro de Santana do Livramento, de carácter internacional e marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Caggian, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes** de nossa autoria lavra e diplomados efetivos os historiadores Raul Pont, (já falecido) e Miguel Jaques Trindade (já falecido) e Blau Souza. Em 7 abr 1995, ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS que reuniu diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul Rio-grandense** ali existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria a qual já haviam sido empossados quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na **Escola de Comando e Estado - Maior do Exército**, P. Joubim Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.(falecido). Dia 10 set 1996 o IHTRGS fez seu encontro no Rio de Janeiro na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** em parceria com a **Sociedade Sul - Rio Grandense** e seu CTG Desgarrados do Pago e mais o Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras, para comemorar no seu 10º aniversário e suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido. Nestes 10 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do IHTRGS faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações para uma presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidade brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul como ficará breve a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe! Aqui por oportuno registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e Letras em Marcha e ultimamente de o Tradição, editado pelo sócio efetivo Edson Otto e hoje órgão de divulgação oficial do IHTRGS, MTG e da CBTG. Em História ou Estória que publicamos em O **Tradição**, maio 96 (ano da consciência tradicionalista), abordamos a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não têm dado a menor atenção. Em vista desta postura de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá! HISTORIA e não ESTÓRIA do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **Tradições Gauchas**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixa no seu 10º aniversário. Rogo a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor para

que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas mais consensos sobre soluções a implementar!. O IHTRGS depois de seu 10 "aniversário já realizou mais 3 encontros. Um em Santana e outro o em Alegrete. E realizou outro memorável no Colégio Militar de Porto Alegre quando evocou a memória do patrono do MTG Cel João Cezimbra Jaques que ,em 189, ali fundara o **Grêmio Gaúcho** com oficiais, cadetes e civis. **Grêmio Gaúcho** que se encontra nas raízes do MTG que teve como núcleo inicial o CTG 35. Fomos o idealizador e fundador e presidente do IHTRGS, desde a fundação, participou e liderou todos os encontros do IHTRGS, menos os últimos de Santana e Alegrete. Assim, Canguçu através de Barbosa Lessa, nascido acidentalmente em Piratini e e dete autor por sinal primos e enraizados nas famílias canguçuenses Borbas, Mattos, Oliveira e Moreira, marcaram para Canguçu posições de destaque no culto da História e Tradições do Rio Grande do Sul, com projeção nacional e até internacional, através das vitoriosas instituições que idealizaram, o **Movimento Tradicionalista Gaúcho** e o **Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul**, hoje trabalhando juntos através do jornal **Tradição**, onde de longa data divulgamos aspectos pouco conhecidos da História do Rio Grande do Sul.



Cel Claudio Moreira Bento e Luiz Carlos Barbosa Lessa no desfile Tradicionalista em 20 setembro de 2000 em Canguçu. E a atuação do IHTRGS prosseguiu pela difusão do seu informativo o Gaúcho, editados pelo sócio e seu vice presidente Luiz Ernani Caminha Giorgis e disponíveis seus 115 números no site www.ahimtb.org.br. e continua a partir do nº 116 informativos o Gaúcho por min editados e disponibilizado no site citado. A partir de em razão da avançado idade passamos a Presidência ao historiador e tradicionalista Juarez Nunes da Silva autor da magnífica obra A Terra dos Quatro Ventos, na qual veste de gala a História do Rio Grande do Sul e continuando na sua vice presidência o historiadore tradicionalista Cel Luis Ernani Caminha Giorgis e nó na condição de Presidente Emérito e fundador procurando ajudar na continuidade do IHTGS.

Nº 116 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento

GEN BDA JOÃO CARLOS BORDINI (1877-1966)

Sobrinho neto do Legendário General Osório, Patrono da Cavalaria

Nasceu em Pelotas em 1º de março de 1877, época do apogeu arquitetônico da cidade, em função da riqueza das charqueadas. Coursou as escolas militares de Porto Alegre (casarão da Redenção) e da Praia Vermelha, de 1898-1904, período que vai da Guerra dos Canudos até a Revolta da Vacina Obrigatória, na Praia Vermelha, 1904, da qual participou, o que lhe valeu prisão de longos nove meses, incomunicável, na Fortaleza de Santa. Cruz.

Foi declarado Aspirante a Oficial em 1906, na Escola de Guerra de Porto Alegre. Serviu como geógrafo na Carta Geral (atual Divisão de Levantamento do Exército, em Porto Alegre) de 1907-18, tendo nesse espaço servido de capitão ajudante da Comissão de Limites S. Catarina-Paraná, em 1912, na rumorosa questão que originou a Guerra do Contestado. Coursou a Escola de Estado-Maior em 1920. **Foi Comandante da Escola de Sargentos de Infantaria no Rio de Janeiro de 1921-22, onde introduziu o Grupo de Combate ou 1/3 do Pelotão;** Em 1922 participou ativamente das grandes manobras de Saicã, no Rio Grande do Sul, sob orientação da Missão Militar Francesa, contratada pelo nosso Exército. Serviu na Diretoria de Material Bélico do Exército, 1923-25, quando desempenhou importante papel na Fábrica de Metralhadoras Hotchkiss sendo enviado com freqüência à França, inclusive para experimentar seu invento - a bala para Infantaria bi-ogival, B 2m, raio 63, aprovada pelo governo. Promovido a coronel em 1930, foi designado Comandante da 9º Batalhão de Caçadores em Caxias do Sul Comando que assumiu em 28 de junho daquele ano.

Convocado o seu Batalhão para a segurança de Porto Alegre, teve papel de relevo para a vitória de 3 de outubro de 1930, de forma pouco cruenta, conforme abordamos na citada **História da 3ª Região Militar**. Em conseqüência, recebeu o comando da 3ª Região Militar Revolucionária, em substituição ao Gen Bda Gil Antônio Dias de Almeida, que caiu com a Revolução, comportando-se como verdadeiro soldado face às dificuldades e insuperáveis circunstâncias que enfrentou no Rio Grande do Sul “*todo de pé pelo Brasil*”. A seguir foi chefe de Estado Maior da 3ª Região Militar e, de 20 de agosto de 1932 a 20 de agosto do ano seguinte, do Gabinete do Estado Maior do Exército, de onde foi desligado com consagrador elogio que o classificou como oficial de elite. Foi promovido a Gen de Brigada a 3 de agosto de 1933, quando dirigia o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Comandou a 3ª Brigada de Cavalaria em Bagé em 1934, e em Porto Alegre, a 6ª Divisão de Infantaria de 1934-37. Terminou sua carreira na ativa, como Diretor do Material Bélico do Exército, sendo transferido para a Reserva do Exército em 14 de abril de M-R por haver atingido idade limite.

Aluno militar inquieto e alterado, um misto de soldado de Infantaria, geógrafo renomado e especialista em armamento e comunicações. Deixou

atrás de si um rastro de criatividade, competência e dedicação. Honrou seu tio-avô, o gen Osório.

Faleceu em Porto Alegre a 16 de julho de 1966, aos 83 anos de idade.

Nº 117 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento

A HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NO RIO GRANDE DO SUL NO SÉCULO PASSADO

SUMÁRIO

[O projeto História do Exército no RGS](#)

[Marcos da História Militar Gaúcha 1900-2000](#)

[Historiadores militares gaúchos e suas contribuições](#)

[A presença marcante da Brigada Militar](#)

[A importância do patrimônio cultural militar gaúcho](#)

O projeto História do Exército no RGS

A Civilização do Rio Grande do Sul foi acentuadamente castrense (militar) na interpretação do saudoso mestre Dante de Laytano. A História Militar Terrestre do Brasil teve no Rio Grande do Sul lances marcantes de expressiva projeção na História Militar Terrestre do Brasil, no século XX e, na política, como se verá.

A bordamos no projeto História do Exército no Rio Grande nos volumes II e III do **História da 3ª Região Militar** (Porto Alegre, Ed. Palloti, 1995 e 1999) que focalizaram, respectivamente, os períodos 1889 - 1953 e 1953 - 1999. No volume **Comando Militar do Sul - quatro décadas de História 1953-1997** (Porto Alegre, Ed. Palloti, 1995) e ora reeditado, os comandos da Zona Militar Sul, III Exército e Comando Militar do Sul, denominações sucessivas, do grande comando do Exército instalado em Porto Alegre, a partir de 1953, e com jurisdição sobre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

E dando prosseguimento ao projeto desenvolvemos as histórias da 6ª Divisão do Exército - Divisão Voluntários da Pátria; da Artilharia Divisionária da 6a DE - Artilharia Marechal Gastão de Orleans, sediadas em Porto Alegre; da 3a Brigada de Cavalaria Mecanizada Ten Gen Patrício Correia da Câmara, sediada em Bagé e, da 8a Brigada de Infantaria Motorizada - Brigada Manoel Marques de Souza 1º, sediada em Pelotas da 6a Brigada de Infantaria Motorizada, sediada em Santa Maria, da 2a Brigada da Cavalaria Mecanizada sediada em Uruguaiana e da 1a Brigada de Cavalaria sediada em Santiago além das História do Duque de Caxias, do General Osório do Conde de Porto Alegre lideranças militares muito ligadas ao Rio Grande do Sul além da História do Casarão da Vargem e das Escolas Militares do Rio Grande do Sul em Rio

Pardo, a maioria tendo como parceiro o historiador Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Foi um esforço vencido com muita luta. Obras disponíveis para serem baixadas no site www.ahimtb.org.br. E sem esquecer o livro O Gaucho Hipólito da Costa filho, sobrinho e pai de militares brasileiros e ingleses. Obras sobre a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que fundamos, em 1º março 1996, em Resende/RJ, A Cidade dos Cadetes e, cujo braço no Rio Grande do Sul era a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara, hoje a AHIMTB RS independente sobre a presidência do citado historiador cel Caminha. No conjunto desta obra publicada e em suas referências bibliográficas é possível perceber-se a História Militar do Rio Grande do Sul desde a fundação portuguesa do Rio Grande do Sul em 1737 e, mesmo antes, e até o presente, bem como a sua grande projeção na História Militar Terrestre do Brasil.

Marcos da História Militar Gaúcha 1900-2000

A História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul no século XX teve início com as feridas ainda não cicatrizadas da cruel Guerra civil 1893-95, a qual, em ligação com a Revolta na Armada 1893-95 ensanguentaram e dividiram as famílias da Região Sul.

Guerra Civil marcada por dois massacres, que por ironia do destino ligam-se a cor escura, a cor das trevas, da tristeza, do terror da cegueira e do luto. Ou sejam, os massacres de Rio Negro, em Bagé, em 1893, onde a Cavalaria Civil Patriota, em apoio aos governos do Estado e o Federal, rendida sob garantia de vida, em documento firmado por ambas as partes, foi degolada inerte por mercenários platinos, a serviço de federalistas e no território pátrio. Massacre respondido com o de Boi Preto, em Palmeira das Missões, onde federalistas foram massacrados por imperiais.

Escrevemos sobre o massacre do Rio Negro, sob o título "O massacre federalista do Rio Negro em Bagé, em 28 nov 1893" **Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. (v.154, nº 378, jan/mar1993, p.55/81). E sobre o massacre do Boi Preto escreveu Mozart Pereira de Souza na **Revista dos Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** do ano 2.000.

Por elas o leitor interessado e isento, poderá julgar os dois condenáveis eventos que tem sido omitidos, manipulados e varridos para debaixo dos tapetes de ambos os contendores da Guerra Civil 1893-95 e onde, felizmente, permaneceram por quase um século. Foram feridas profundas na alma gaúcha e agravadas com a Guerra de Canudos, em 1897, onde tropas gaúchas para lá enviadas e com experiência de combate, tiveram atuação militar destacada para o término daquela carnificina fratricida. Não foram maiores as conseqüências para ambos os contendores de Canudos, graças a ação do gaúcho de Porto Alegre e Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt, consagrado hoje, como o Patrono da Intendência do Exército, por haver estabelecido uma linha de suprimentos para as isoladas tropas do Governo no sertão baiano, constituídas por combatentes do Exército, de 11 polícias militares e de um

batalhão civil baiano usados no combate a Canudos . Guerra que ao final custou a vida do Marechal Bittencourt, ao colocar-se, entre o Presidente Prudente de Moraes e o punhal assassino de um fanático militar que tentou matar o presidente. Foi o gaúcho de Bagé, Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet que deu início a Reforma Militar do Exército, na passagem do século XIX para o XX, ao criar o Estado-Maior do Exército e a Fábrica de Pólvora sem fumaça em Piquete/SP, alicerces para o progresso do Exército no século XX. Servindo a um governo em crítica contenção de gastos, o Marechal Mallet, filho do Patrono da Artilharia, mobilizou os cérebros do Exército para elaborarem um Corpo de Doutrina Militar a ser implementado tão logo existissem recursos disponíveis. .Portanto não cruzou os braços. Foi criativo! O Estado - Maior do Exército que teve como primeiro chefe o porto- alegreense Marechal José Thomáz Cantuária, veterano artilheiro da Retirada da Laguna, ex- Ministro da Guerra, e o consolidador da Paz de Pelotas, celebrada em 1895 e, hoje, o patrono da 6ª Região Militar, na Bahia, por iniciativa do acadêmico da AHIMTB Gen Div João Carlos Rotta, o idealizador do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, como comandante da 3ª RM .

A História Militar Terrestre do Brasil no século XX, teve como marco inicial a instalação, em janeiro de 1900, da Escola de Engenharia no Rio Grande do Sul, por iniciativa de professores do Exército lotados na Escola Militar de Porto Alegre no Casarão da Várzea, hoje ocupada pelo CMPA. Em 1903 o Major de Cavalaria João Cezimbra Jaques fundou no mesmo Casarão da Várzea, com alunos militares e civis o **Grêmio Gaúcho**, voltado para o culto das tradições gaúchas, o que lhe valeria a sua justa consagração como patrono do **Movimento de Tradições Gaúchas (MTG)**, hoje movimento de projeção internacional. Outro marco na História Militar do Rio Grande do Sul foi o estabelecimento, no citado Casarão da Várzea, de 1906-11, da Escola de Guerra de Porto Alegre, local onde foi implementado o Regulamento de Ensino de 1905, transição do bacharelismo militar que vigorou de 1874-1905, para o profissionalismo militar que até hoje me sustenta. Em 24 de maio de 1913, no 47º aniversário da Batalha de Tuiuti, professores do Exército do Casarão da Várzea fundaram o Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército (GBOEx) que em quase todo o século XX teve grande projeção na Previdência Social da Família Militar Gaúcha e Brasileira.

Abordamos pioneiramente a Escola de Guerra de Porto Alegre em **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil**. (Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1987) e em artigo "A Esquecida Escola de Guerra de Porto Alegre no ensino militar acadêmico do Brasil". **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**. (155(383): 423-427, abr/jun 1994).

Assunto que abordamos também na citada **História da 3ª RM**, v. 2 p. 179. Concorreu para o resgate da projeção da Escola de Guerra a obra de Laudelino Medeiros. **Escola Militar de Porto Alegre 1852-1911**. (Porto Alegre: Ed. Veras,

1992), com apoio que lhe prestamos em suas demoradas e acuradas pesquisas no Arquivo Histórico do Exército que então dirigíamos.

Outro marco da História Militar do Rio Grande do Sul, de projeção nacional expressiva, foi a instalação em Porto Alegre, em 29 jun 1903, da Carta Geral da República. Mais tarde foi suprimida a palavra República, e substituída por do Brasil. O Rio Grande do Sul foi o maior beneficiário dos levantamentos cartográficos realizados por esta Comissão, cujos trabalhos tiveram início em 25 ago 1903, no Morro de Santana, em Porto Alegre, então definido como marco zero.

Em 1906-1908 o Exército ganhou em Porto Alegre, o seu Quartel General, o primeiro ali construído especialmente para este fim e que ainda lá se encontra defronte ao atual Quartel General. O atual só seria ocupado em 1955 e hoje abriga o cérebro operacional e logístico do Exército no Rio Grande do Sul, o CMS, e a 3ª RM, O antigo QG, defronte ao atual que serviu de sede do Comando Militar e Político do Exército no Rio Grande do Sul, por cerca de meio século, durante a Guerra do Contestado, 1ª Guerra Mundial, Revolução de 23, Revolução de 1924-26, Revolução de 30 (cuja vitória foi decidida em seu interior com a neutralização e prisão do comandante da 3ª RM de então e morte de alguns militares que nele se encontravam conforme se verá), Revolução de 32, Deposição de Flores da Cunha em 1937, do Governo do Rio Grande e 2ª Guerra Mundial 1939-45. QG construído pelos mestres Pellerini e Gentil Rocha e que ao ser construído era um dos mais belos e sobretudo singulares edifícios de Porto Alegre.

O Rio Grande do Sul foi pioneiro na idéia colocada em vigor dos Tiros de Guerra. Foi na cidade de Rio Grande que o farmacêutico Antônio Carlos Lopes idealizou o primeiro Tiro de Guerra, iniciativa que traduziu no livro **O Tiro Brasileiro**. Com apoio nesta idéia, o gaúcho de São Gabriel, Marechal Hermes da Fonseca, como Ministro da Guerra (1906-09) conseguiu a aprovação, pela Lei de 5 set 1906, da **Confederação de Tiro Brasileiro**, cuja implementação confiou ao riograndino Antônio Carlos Lopes.

Em 1908, ainda o Ministro da Guerra, Hermes da Fonseca acelerou a Reforma do Exército com: Criação de Brigadas Estratégicas; de Tiros de Guerra, e aquisição, na Europa, de grande partida de fuzis Mauser, metralhadoras Madsen e canhões Krupp com respectivas fábricas de munições, instaladas na Fábrica Realengo e, a construção de modernos quartéis e a criação da Arma de Engenharia.

Construção de quartéis que seria acelerada no início dos anos 20 pelo Ministro da Guerra Pandiá Calógeras, como o 9º BI Mtz em Pelotas, o 19º BI Mtz em São Leopoldo etc. São construções inconfundíveis as Tipo Calógeras.

No Rio Grande do Sul, em 1908, as suas unidades passaram por acentuadas reestruturações, fusões e mudanças de denominações que registramos na **História da 3ª RM**, vol.2 p.196-206. Foi o gabrieliense Marechal

Hermes, agora presidente da República, que de 1910-12 enviou oficiais para estagiarem no Exército da Prússia. Oficiais que a retornarem fundaram a Revista **A Defesa Nacional** com um grupo de idealistas. Revista pela qual era transmitida ao Exército os ensinamentos colhidos na Europa. Dentre seus 13 fundadores 4 eram gaúchos: Capitães Epaminondas Lima e Silva e Amaro de Azambuja Villanova e tenentes Bertoldo Klinger, (de Rio Grande); Francisco de Paula Cidade, (de Porto Alegre).

No Rio Grande do Sul surgira no velho QG, antes, em 1912, sob a égide do gaúcho de Porto Alegre, General Manoel Joaquim Godolphim, o construtor do QG em 1906-1908, **A Revista dos Militares**. Segundo o seu colaborador, o porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, um dos maiores e mais constantes historiadores do Exército de todos os tempos.

"**A Revista dos Militares** durou muitos anos e prestou grandes serviços ao Exército. Ela acompanhou a evolução de nossas Forças Armadas durante a fase preparatória (1912-29) que antecedeu o contrato de Missão Militar Francesa (MMF)..." Existem exemplares desta histórica Revista no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

A adoção do Serviço Militar Obrigatório, em 1916, combinado como a extinção da Guarda Nacional em 1918 e, mais o fato de tornar-se a Brigada Militar reserva de Exército, propiciou um grande desenvolvimento do Exército na área do Rio Grande do Sul. A Guarda Nacional no Rio Grande do Sul havia prestado relevantes serviços de guerra ao Brasil desde 1831-70. Depois entrou em decadência acentuada como em todo o Brasil. E a solução foi a sua extinção e substituição pelos CPORs e NPORS para a formação efetiva de oficiais da Reserva do Exército, cujos representantes teriam bom desempenho em nossa FEB.

A Guerra do Contestado, em Santa Catarina e Paraná, foi pacificada pelo gaúcho de Uruguaiana General Setembrino de Carvalho. Forças da 3ª RM lá atuaram, como o 7º RI de Santa Maria que hoje tem por patrono o Cel Ernesto Gomes Carneiro, herói da resistência ao cerco federalista da Lapa, no Paraná, em 1893.

Luta no Contestado que revelaria o grande historiador que lá serviu como subtenente, o gaúcho de São Borja e mais tarde General Emílio Fernandes de Souza Docca, ligado à fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Em 1922 teve lugar em Saicã, uma grande manobra militar sob a coordenação da Missão Militar Francesa e dirigida pelo Gen Gamelin, herói do Exército da França na 1ª Guerra Mundial e chefe da mesma.

Estas manobras se repetiriam em 1940, envolvendo toda a tropa do Exército no Rio Grande do Sul. Foram as maiores até hoje realizados no Brasil, guardadas as devidas proporções no tempo, no espaço e nos meios disponíveis.

Na Revolução de 23, o Exército se manteve como espectador e contribuiu expressivamente, através do filho de Uruguaiana, Gen Setembrino de Carvalho, (constituente gaúcho de 1891), na qualidade de Ministro da Guerra, para a Paz de Pedras Altas, no Castelo de Assis Brasil.

Sua ação a nosso ver, o consagrou como o Pacificador do Século XX, por sua atuação na pacificação da Revolta do Padre Cícero, em 1910, no Ceará; na pacificação do Contestado em 1916 e, em 1923 na pacificação do Rio Grande do Sul. Foi ele que como Ministro da Guerra criou em 1923 o Dia do Soldado no aniversário de Caxias.

Sérgio da Costa Franco julgou competente a atuação militar e diplomática do Gen Setembrino, em 1923 na sua obra: **A Pacificação de 1923** (Porto Alegre: UFRGS/EST,1996) e escreveu:

"Do exame da documentação relativa a pacificação, a personalidade do Marechal Setembrino de Carvalho saiu engrandecida não se justificando o silêncio que se tem feito no Rio Grande do Sul em torno do papel que desempenhou como conciliador e pacificador .Um mediador imparcial ,cheio de espírito público, e cômico de seus deveres de representante do Presidente da República, no arbitrar uma grave contenda civil .Eis o mínimo que se pode dizer de sua conduta ..."

A Revolução de 1923 foi acompanhada pela 3ª RM conforme registramos em **História da 3ª RM**, v. 2 p. 248-249.

As Revoluções de 1924-26 no Rio Grande do Sul retardaram o desenvolvimento das forças do Exército, com apoio na Missão Militar Francesa (MMF), evento bélico que abordamos na citada obra p. 268.

Na Revolução de 30 ela foi decidida no Rio Grande do Sul. O início da vitória teve lugar com o bem sucedido ataque revolucionário ao QG da 3ª RM, seguido da neutralização, por morte, de alguns militares que ali se encontravam e da prisão de seu comandante e de seu chefe de Estado Maior. Fato que mencionamos na citada obra p. 276-287 e aqui ampliaremos por sua grande projeção na História do Brasil.

Os revolucionários de 30 marcaram como objetivos fundamentais para o êxito da Revolução de 30, o ataque seguido de conquista do QG da 3ª RM e do Arsenal de Guerra a sua frente, em diagonal .E o ataque teve o seguinte curso, sem que fosse detectado pelo Comando da 3ª RM. Antes haviam sido colocados sob a mira de metralhadoras colocadas na torre da igreja vizinha e no alto do Hotel Majestic, ambos com dominância de vistas e de fogos sobre o QG e o Arsenal.

O início da Revolução de 30, com seu QG no Grande Hotel, foi dado às 17: 50h de 3 de outubro, por um foguete lançado às 17:30h no Morro Menino Deus. E teve início o ataque do QG da 3ª RM, com 35 homens da Guarda Civil saídos em coluna por dois de seu quartel, na esquina atrás do atual QG da Brigada Militar, e simulando uma passagem de rotina na porta do QG. Os

guardas foram armados de revólveres 38 novos e mantidos escondidos sob suas túnicas. E na retaguarda da mesma, um grupo revolucionário liderados por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, Barcelos Feio e outros

Eles atacaram de surpresa o QG depois do expediente. E foram eliminando os militares da guarda e os demais encontrados no QG que foram mortos em cerca de 15 minutos. Ainda hoje a escada de acesso e as ferragens do elevador guardam sinais de impactos de balas

O Comandante da 3ª RM recusou entregar-se, o que só fez depois de receber carta de Getúlio Vargas, demonstrando a inutilidade da resistência.

O General Gil de Almeida foi preso em seus aposentos e a seguir no navio **Comandante Ripper**, onde foram presos outros oficiais, inclusive o então Coronel João Baptista Mascarenhas de Moraes que comandava em Cruz Alta. O General Cândido Mariano Rondon, preso em Marcelino Ramos, pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa /Prestes e foi considerado preso no Grande Hotel, tendo a cidade por menagem.

E com a bem sucedida conquista do QG da 3ª RM e do Arsenal de Guerra e prisão do comandante da 3ª RM e de seu chefe do Estado - Maior, a revolução expandiu-se sem reação pelo Rio Grande do Sul e Brasil. O ataque ao QG foi o episódio mais sangrento!

A Revolução de 30 extinguiu a 3ª RM por 15 dias e a substituiu pelo Departamento Pessoal da Guerra, sob a chefia do Ten Cel Horácio Souza. Foi restabelecida a 3ª RM depois da chegada vitoriosa da Revolução no Rio de Janeiro.

Em 27 de outubro de 1930 a 3ª RM restabelecida, passou a funcionar no mesmo QG, agora tendo como comandante o Coronel João Carlos Bordini (1877-1966), sobrinho - neto do General Osório, e com papel de destaque na conspiração vitoriosa, cuja biografia resgatamos na **História da 3ª RM.v.2**.

Em 3 de outubro de 2.000, no 70º aniversário da Revolução de 30 que teve início com o vitorioso e mortífero ataque ao QG da 3ª RM, foi nele colocada externamente, na rua dos Andradas, a seguinte placa de bronze, como ato de justiça na voz da História e traduzida pela seguinte interpretação histórica:

"NESTE LOCAL, NA TARDE DE 3 DE OUTUBRO DE 1930, UM ATAQUE AO QUARTEL GENERAL DA 3ª REGIÃO MILITAR, DEFLAGROU O INÍCIO DA REVOLUÇÃO DE 1930. SOB A DIREÇÃO DE GETÚLIO VARGAS, OSVALDO ARANHA, FLORES DA CUNHA, AGENOR BARCELLOS FEIO E OUTROS, O MOVIMENTO DENOMINADO ALIANÇA LIBERAL EMPOLGOU O ESTADO E O PAIS, ALCANÇANDO A VITÓRIA COM A DEPOSIÇÃO DE WASHINGTON LUIS.

A REVOLUÇÃO DE 30 ENCERROU UM CICLO DE LUTAS ANTI-OLIGÁRQUICAS E POR ELEIÇÕES LIMPAS, CONHECIDO POR TENENTISMO, E DESENCANDEOU UM PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS SOCIO ECONÔMICAS NO RUMO DE UMA SOCIEDADE

URBANA E INDUSTRIAL ."

Uma consequência da Revolução de 30, no campo militar, foi a sua promessa concretizada de construção de uma moderna escola militar - a atual Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende. Prometida em Resende, em julho de 1932, lançada a sua pedra fundamental em 1938 e inaugurada em 1944 ,tudo pelo chefe da Revolução de 30, Dr Getúlio Vargas e viabilizados os recursos para a sua construção pelo Ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, o cérebro da Revolução de 30 e um dos comandantes do ataque ao QG da 3ª RM.

Mas este ataque bem sucedido ao QG da 3ª RM de incontestável grande projeção nos destinos do Brasil,inclusive na adoção do voto feminino,tem uma outra face que não pode ser esquecida a dos soldados que juram solenemente ao Brasil,entre outras afirmações relevantes **"defender as suas instituições com o sacrifício da própria vida."** E no outro lado do vitorioso ataque ao QG da 3ª RM existiram militares que foram mortos na crença de estarem defendendo as instituições e o que fizeram com o sacrifício da própria vida. E que não possuíam qualquer envolvimento político - ideológico, a não ser o de cumprirem o seu dever militar até a morte.

Circunstância que Cícero o Pai da Democracia grega assim definiu:

"Aqueles que morrem por sua Pátria fazem mais por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas."

E foi o caso dos seguintes militares do Exército que no ataque ao QG da 3ª RM foram mortos, no seus postos de honra, contra um bem urdido, coordenado e mortífero ataque de surpresa, desfechado depois do término do expediente no QG,também residência de seu comandante com família. Os nomes dos mártires mortos de modo fulminante e a maioria desarmada ou sem reação, conforme se conclui de excelente estudo do historiador Major Dentista Ref Hélio Ricardo Alves, sob o título "Ataque ao QG da 3ª RM em 3 out 1930," enviado à Academia de História Militar Terrestre do Brasil e com apoio na interpretação de depoimentos dos irmãos Aranha e Etchegoyen (Alcides e Ciro), Flores da Cunha, 3 guardas civis que participaram do ataque e bibliografia que relacionou ao final.

Os 14 militares do Exército mortos em 1930, em reação ao ataque ao QG da 3ª RM e outros locais como no 7º BC: Major Otávio Cardoso (cmt do CPORPA), Capitão Jaime Argolo Ferrão, 1º Ten Atos Correa Franco. 2º Ten Joaquim Gonçalves de Melo. Cabos João Gouveia. Vítor Rodrigues dos Santos e Marinho Borges. Soldados Otávio Guidote, Flávio Guidote. Leonardo Lisboa, Mário de Paula, Galdino Soares ,Américo Cortes e Vicente dos Santos.

O comandante da 3ª RM na ocasião em seu livro: **Homens e fatos de uma revolução.** (Rio de Janeiro: Ed. Calvino,1943) escreveu a certa altura 13 anos mais tarde:

"Honra aos oficiais ,cabos e soldados mortos no dia 3 de outubro de

1930, no cumprimento do seu dever militar, na defesa dos brios do Exército, na obediência da Lei e no respeito a Pátria sublime."

Acham muitos militares, ato de justiça, na voz da História, a colocação de uma placa alusiva no portão de entrada do velho QG constando o nome dos 14 militares mortos no ataque ao QG e, em Porto Alegre, em defesa das instituições que juraram defender com o sacrifício da própria vida. Idéia com a qual concordo!.

O período revolucionário de 1920-30 revelou grandes vocações civis gaúchas para a liderança militar.

Entre eles registra-se Osvaldo Aranha, antigo integrante do Esquadrão de Cavalaria do Colégio Militar do Rio de Janeiro e ferido gravemente no combate de Seival, em Lavras do Sul. Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo e sargento de Infantaria em expedição até Mato Grosso, para atuar no Acre. Flores da Cunha, combatente legal contra revolucionários de 24-26 na sua fronteira e que seria elevado a general honorário do Exército. Gen Zeca Neto, (Antônio de Matos Neto), estudioso de História Militar Grega e Romana no Rio e aluno da Escola Militar do Largo de São Francisco no Rio de Janeiro por um ano e sobrinho do General Antônio Neto. Honório Lemes, o Leão do Caberá, que impressionou os tenentes revolucionários por sua visão tática e capacidade de liderança militar e sobre o qual produzimos artigo sob o título "Honório Lemes - o Tropeiro da Liberdade. Arthur Ferreira Filho, destacado historiador militar civil e veterano do combate à Revolução de 23, focalizou o perfil de outros civis gaúchos que revelaram liderança militar na obra **Revoluções e Caudilhos**. (Porto Alegre: s/ed,s.d). Outros civis que contribuíram expressivamente para a História Militar do Rio Grande entre outros foram Fernando Luiz Osório e seu filho homônimo, filho e neto do General Osório. Vale lembrar também a obra voltada para a História Militar do Dr Tarcísio Taborda em Bagé.

Em 1930 estaria reservada a Osvaldo Aranha e Flores da Cunha a liderança militar do bem sucedido ataque ao QG da 3ª RM, o maior obstáculo ao sucesso inicial da Revolução de 30.

Com a Revolução de 30, decidida no Rio Grande do Sul, e vitoriosa em todo o Brasil, ela traria grandes benefícios para o progresso do Exército no período 1930/1945, circunstância que estudamos em artigo: "Getúlio Vargas e a evolução do Exército. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (v. 339, abr/jun p. 63/72).

Foram marcos desta evolução no Rio Grande do Sul a construção do monumental Hospital Militar de Porto Alegre e a transferência do Arsenal de Guerra para General Câmara e as Manobras de Saicã de 1940 etc.

Em 1937 o velho QG, atacado em 30, foi o cérebro da deposição do General Honorário do Exército Flores da Cunha, do Governo do Estado e um dos líderes, 7 anos antes, do bem sucedido ataque a QG. Foi um fato expressivo

que criou as condições militares para a implantação do Estado Novo (1937-45), ao ser eliminada uma possível reação militar. Foi outro fato da História Militar Terrestre no Rio Grande do Sul de grande projeção militar e política no Brasil .

Em 1961 com a renúncia do Presidente Jânio Quadros e reação contra a posse do vice Presidente João Goulart, houve intensa repercussão no Rio Grande do Sul, com o episódio chamado Crise da Legalidade, em que o Governador Leonel Brizola apresentou forte reação militar potencial, com apoio no comandante do 3º Exército o Gen Ex José Machado Lopes, do que resultou um acordo da posse do Dr Jango Goulart no Sistema Parlamentarista, então aprovado às pressas pelo Congresso e mais tarde desaprovado em Plebiscito.

Em março de 1964, as Forças Armadas com forte apoio popular, caracterizado pela Marcha da Família com Deus e a Liberdade desencadearam um contra revolução Democrática, contra uma séria ameaça de comunização do Brasil. Foi tentada uma reação em Porto Alegre contra a deposição do Presidente e a partir do QG do então III Ex, comandado pelo Gen Ladário Pereira Telles, quando dali o Eng Leonel Brizola pretendeu repetir o que havia feito com sucesso em 1961. Mas as tropas do interior marchando unidas e coordenadas sobre Porto Alegre convenceram o Dr João Goulart da inutilidade da tentativa de resistência e ele seguiu para fora do Brasil. Então 3 gaúchos militares ocuparam a Presidência da República: O Marechal Arthur da Costa e Silva, filho de Taquari; o General Emílio Garrastazú Médici, filho de Bagé e o General Ernesto Geisel, filho de Bento Gonçalves e que teve como seu vice presidente o Gen Adalberto Pereira dos Santos, filho de Taquara e como assessor direto o Cel Golbery do Couto e Silva, filho de Rio Grande.

Foram fatos assinalados na área do Rio Grande do Sul nos anos 70 e 80, a mecanização de brigadas de Cavalaria que substituíram as antigas 3 Divisões de Cavalaria e a motorização ou blindagem das antigas Infantarias divisionárias, transformadas em brigadas de Infantaria motorizada ou blindada e a criação do 3º Batalhão de Suprimento em Nova Santa Rita, em 1984 em posição estratégica que absorveu as funções de 9 unidades em Porto Alegre para suprir 115 unidades no Rio Grande do Sul.

Historiadores militares gaúchos e suas contribuições

Com a vinda da Missão Militar Francesa (MMF) para o nosso Exército ela ensinava que os fundamentos de Tática, da Estratégia e da Logística brasileiras, a constituírem uma desejável Doutrina genuína do Exército Brasileiro, encontravam-se na bem sucedida História Militar Terrestre do Brasil. E esta passou a ser resgatada de forma crítica militar, á luz da Arte do Soldado... Atividade nobilitante em que se destacaram historiadores gaúchos do Exército a saber:

O filho de Uruguaiana, Gen Valentim Benício, que junto com o samborjense Gen Emílio Fernandes de Souza Docca e o porto-alegrense Gen Francisco de Paula Cidade, haviam se ligado a idealização, fundação,

orientação e direção inicial da Biblioteca do Exército Editora, em 1937, a serviço da criação e desenvolvimento de uma corrente do pensamento militar brasileiro e da publicação de livros de militares do Exército, prioritariamente.

Ação precedida da atuação, 3 anos antes, do historiador gabrielense Cel Jonathas do Rego Monteiro, idealizador e administrador assinalado do Arquivo do Exército, hoje Arquivo Histórico do Exército. Ele procedeu um resgate profundo da História da Colônia do Sacramento e da Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul (1763-76) e mais outros temas inéditos da História Militar no Rio Grande.

Deram grande impulso à História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul os historiadores militares: o gabrielense Gen João Borges Fortes, o pelotense Gen Antônio Rocha Almeida, o taquariense Gen Riograndino da Costa e Silva, os porto-alegrenses generais Rinaldo Pereira da Câmara e Morivalde Calvet Fagundes, o riopardense Cel Deoclécio De Paranhos Antunes e o montenegrense Ten Cel Henrique Oscar Wiedersphan. Como historiador militar contemporâneo registro o gabrielense Osório Santana Figueiredo, sub ten reformado com as obras **Terra dos Marechais** e **Caserna de Bravos** etc. Em Uruguaiana registro o 2º sargento da Reseva Carlos Fonttes com trabalhos ligados a História da 1ª Brigada de Cavalaria etc.

Tornou-se o maior historiador militar da Fronteira Oeste, o filho de Cruz Alta, Gen Raul Silveira de Mello. E o maior historiador da FEB e o seu comandante, o gabrielense Mal João Baptista Mascarenhas de Moraes. Força Expedicionária que entre seus 5 generais três eram gaúchos, o Mal Mascarenhas de Moraes, o comandante da FEB filho de São Gabriel, o Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, o comandante da Artilharia da FEB, filho de Jaguarão e, o porto-alegrense Francisco de Paula Cidade que seguiu como juiz militar.

Em conjunto eles deram continuidade aos trabalhos de história militar do Brasil, do porto-alegrense Marechal José Bernardino Bormann, também fundador do centenário Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e historiador da Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52; da Guerra do Paraguai de que foi combatente e da Guerra Civil 1893-95. Todos estes ilustres historiadores militares citados que deram um grande impulso a História Militar Terrestre do Brasil, foram consagrados patronos de cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que fundamos em 1º março 1996, em Resende, A Cidade dos Cadetes. Entidade que aos poucos procurou se espriar através de Delegacias, como a hoje AHIMTB RS Gen Rinaldo Pereira Câmara, autor da mais completa biografia de um militar brasileiro a do gaúcho porto - alengrense Marechal José Antônio Câmara da Câmara .AHIMTB RS independente que evolui em 22 anos de Delegacia para a hoje AHIMTB RS presidida pelo historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Muito dos historiadores militares citados tiveram suas obras focalizadas por

Pedro Leite Villas Boas em seu **Dicionário Bibliográfico gaúcho**. (Porto Alegre: EST, 1991).

Ao General Francisco de Paula Cidade se deve o monumental **Síntese de Três séculos de Literatura Militar Brasileira**(Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959), fundamental instrumento de trabalho do historiador militar terrestre brasileiro.

Ao gabrielense Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes se deve a História da Força Expedicionária Brasileira(FEB) que ele comandou a vitória final. Vitória assinalada pela rendição alemã em Forno, ato em que representou o Brasil, o santanense, então Coronel Nelson de Mello, comandante do 6° RI - Regimento Bandeirante, hoje sediado em Lorena/SP.

Como se pode concluir foi expressiva a projeção do Rio Grande do Sul na História Militar Terrestre do Brasil, através de eventos expressivos que nele tiveram lugar, bem como pela atuação de ilustres gaúchos que lideraram estes eventos e dos que escreveram a bela História Militar Terrestre do Brasil.

A presença marcante da Brigada Militar

Não pode ser olvidada a presença marcante da Brigada Militar no século XX, em atuação harmônica e complementar do Exército em tempo de guerra, uma solução inteligente para o Brasil dispor de reservas em caso de conflitos. Saga que foi escrita pelo major PMRS Miguel Pereira, patrono de cadeira especial da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Cadeiras ocupadas pelos falecidos historiadores da Brigada Militar Ten Cel José Luiz Silveira, veterano do combate de Cerro Alegre, em Piratini, em 20 de setembro de 1932. A outra cadeira destinada à Brigada Militar, tendo por patrono, em vida, o Coronel PMRS Hélio Moro Mariante é ocupada pelo Cap PMRS Aroldo Medina, co-autor da obra **Museus do Rio Grande do Sul**, (hoje na Internet na Página do Gaúcho de Roberto Cohen). Obra onde ele integra os diversos relicários comunitários que representam a Memória História Gaúcha, na qual a sua Memória Militar, fonte de suas maiores tradições como sentinela do Brasil no Sul, estão esquecidas ou minimizadas em seu real valor, como ferramenta a serviço da sobrevivência das nações. No caso em tela, o rico patrimônio militar gaúcho acumulado em mais de 250 anos, onde se destaca o desenvolvimento de uma doutrina militar genuína - **A Guerra á gaúcha** que foi em grande parte responsável pela definição e manutenção do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Assunto que abordamos na **Revista do CIPEL**, 1996 que abordou o tema Regionalismo.

A importância do patrimônio cultural militar gaúcho

Patrimônio Cultural Militar é fundamental para a sobrevivência da comunidade brasileira no insondável 3º Milênio e assim definida pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da Vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial, depois de ter sido professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França.

"Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra. Não existe

livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar de um povo ."

Cérebro de um Exército é uma minoria de oficiais, lideradas pelo comandante do Exército encarregados de formular regulamentar e atualizar a Doutrina Militar nos seus campos ORGANIZAÇÃO, EQUIPAMENTO, INSTRUÇÃO, MOTIVAÇÃO E EMPREGO. O restante constitui o Corpo de um Exército encarregado de executar a Doutrina Militar elaborada pelo Cérebro do Exército.

E esperamos que a Universidade gaúcha não desconheça esta circunstância e se lembre "**de que a guerra é uma grande responsabilidade para ser deixada por conta só dos generais**" (Segundo o Ministro francês Clemenceau). Em consequência a semelhança da UNIRIO ministre cursos de História Militar do Brasil a seus alunos. É o que fazem de longa data as universidades das grandes nações, potências e grandes potências mundiais.

E-mail: bento1931@gmail.com

Nº 118 - Informativo O GAÚCHO – Cel Cláudio Moreira Bento

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA FOI LIDERADA PELA GUARNIÇÃO DO EXÉRCITO !!!

Em 1824, a 1ª Constituição do Brasil foi outorgada por D. Pedro I, com apoio do Exército Brasileiro criado em 1824., em razão de sua discussão arrastar-se no Legislativo e era urgente a sua consolidação.

Em 7 de abril de 1931, D. Pedro I foi obrigado a renunciar em favor de seu filho menor D. Pedro II. O Governo que assumiu voltou-se para erradicar ao máximo o Exército sob o argumento:

“Forças militares numerosas são uma ameaça a Paz. E que elas deviam deixar as cidades guarnecer o litoral e as fronteiras. Isto implicou numa Questão Militar com uma série de revoltas militares.”

No Rio de Janeiro para conter a Revolta da Guarnição, foi improvisado o **Batalhão Sagrado**, integrado só de oficiais. No Rio Grande do Sul, parada da maior guarnição do Exército, a Revolução Farroupilha, no campo militar foi motivada pelas seguintes providências irradicadoras do Exército.

A Artilharia, comandada pelo Major de Infantaria do Exército José Mariano de Mattos, foi transferida de Porto Alegre para Rio Pardo. O Batalhão de Infantaria comandado pelo Major de Infantaria do Exército João Manoel de Lima e Silva foi transferido de Porto Alegre para São Borja. Os três regimentos de Cavalaria, o de Jaguarão, que fora comandado pelo Cel de Estado Maior do Exército, Bento Gonçalves da Silva, mais o de Alegrete, que fora comandado pelo Coronel de Estado-Maior do Exército Bento Manoel Ribeiro e mais o de

Bagé, tiveram seus efetivos reduzidos drasticamente a 100 homens cada.

Em nosso livro o **Exército Farrapo e seus chefes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1993, 2v, abordamos a oficialidade do Exército que lutou na Revolução Farroupilha junto com a Guarda Nacional Esta comandada pelo Coronel do Exército Bento Gonçalves da Silva e integrada por estancieiros, e fazendeiros e charqueadores, descontentes com impostos sobre a légua de campos e a preferência pelo SUDESTE ,do charque uruguaio e argentino, inimigos de ontem ,em detrimento do charque gaúcho.Assim, entre as causas da Revolução Farroupilha, além do aumento imposto pela légua de campo e da preferência pelo Sudeste, pelo charque uruguaio e argentino, some-se a causa militar que até hoje não era considerada entre os estudiosos da Revolução Farroupilha, onde me incluo..

Em meu citado livro **O Exército Farrapo e seus chefes**, hoje disponibilizados na Internet no site www.ahimtb.org.br figuram como lideranças da Revolução Farroupilha os seguintes militares:

Generais João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva, Bento Manoel Ribeiro, Davi Martins Canabarro, Coronéis José Mariano de Mattos, José da Silva Brandão, Manoel Lucas de Oliveira, Domingos Crescêncio, Joaquim Pedro Soares, Joaquim Teixeira Nunes, José de Almeida Costa Real, Onofre Pires, Agostinho Antônio Mello e os Majores do Exército José Manoel Lima e Silva e José Mariano de Mattos que foram colegas do então Barão de Caxias na Escola Militar do Largo de São Francisco e juntos combateram pela Independência do Brasil na Bahia. E eram, por esta razão, muito ligados. O General João Manoel de Lima e Silva era tio do Barão de Caxias.E quando o coronel José Mariano de Matos foi feito prisioneiro em Canguçu,na base da Ala Esquerda do Exército Pacificador de Caxias, ao comando do Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, Chico Pedro, ou Moringue, causou grande preocupação ao Barão de Caxias, conforme atesta a seguinte obra **Barão de Caxias Ofícios 1842/1845**. Rio: Imprensa Militar.

Declarada a Paz de D. Pedrito, pois foi ela teve dois locais (em Ponche Verde, assinada pelos farroupilhas e no Acampamento de Caxias por ele assinada próximo de D. Pedrito. Caxias levou como integrante de seu Estado-Maior para o combate da Guerra contra Oribe e Rosas 1851/52 , o Cel José Mariano de Mattos, o qual, concluída a Guerra retornou ao Rio, onde, em 1864 foi nomeado Ministro de Guerra do Império ,pois já o fora da República Rio Grandense..

Hoje segundo se conclui, do grande historiador e professor da Universidade de Yale nos EUA Timothy Snyder, “**o mundo está descartando as lições da História no momento em que delas mais necessita**”. É lamentável! E percebo que este descaso esta ocorrendo no Brasil. **Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação!**E pergunto aos historiadores e lideres tradicionalistas gaúchos, até que ponto isto está ocorrendo com o culto da

História e das Tradições do Rio Grande do Sul?

Resposta que creio que os historiadores e líderes tradicionalistas gaúchos poderão responder! Depois de reflexão madura?

Abordamos a Revolução Farroupilha sob o título: Um laboratório de táticas, estratégias e liderança militar em nosso livro. **História da 3ª Região Militar 1807/1889 e Antecedentes. Porto Alegre: SENAI 1994**, p.199/220. Obra disponível na Internet no site www.ahimtb.org.br. E de igual forma abordamos a Revolução Farroupilha, do ponto de vista farroupilha em nosso livro **Porto Alegre Memórias dos sítios farrapos e da Administração de Caxias**. Brasília,1980. Obra disponível no citado site.

Nº 119 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento

BRIGADEIRO RAFAEL PINTO BANDEIRA (1740 - 1795)



Rafael Pinto Bandeira

Na foto acima Rafael Pinto Bandeira ainda jovem, com cerca de 35 anos, ao tempo da reconquista do Rio Grande do Sul, o qual governou interinamente por 8 anos e 4 meses.

Transcorreu, em 9 de janeiro de 20 2013, o 220º ano da morte do lendário e bravo gaúcho Rafael Pinto Bandeira, na Vila de Rio Grande, seu torrão natal. Ele foi o terceiro brasileiro a atingir o generalato no Exército de Portugal e o primeiro filho do Rio Grande do Sul a conquistar tal distinção. Dos 14 anos aos 54, de brilhante carreira, de Soldado Dragão do Rio Grande a Brigadeiro Comandante da Legião de Cavalaria Ligeira, foi o 1º gaúcho a comandar todas as forças militares do Continente de São Pedro, o atual Rio Grande do Sul, Pinto Bandeira distinguiu-se sobremodo Guerra do Sul (1763-1777), em que os espanhóis, após duas invasões (1763 e 1774), chegaram a dominar cerca de dois terços do território do maior estado sulino.

Sua atuação, no comando das forças que conduziram a guerra de

guerrilhas contra o invasor, ordenada pelo governo no Rio de Janeiro, contribuiu decisivamente para definir, como brasileiro, o destino do seu torrão natal.

Foi ele o primeiro herói militar marcante da província meridional no decorrer do século XVIII, e sua trajetória foi seguida, entre outros, pelos generais José de Abreu e Manoel Luiz Osório, no século XIX.

Até o presente, o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira não mereceu a homenagem que o Brasil e, especialmente, o Rio Grande do Sul lhe devem, mercê dos seus méritos militares. O desenvolvimento de uma doutrina militar genuína, "**a guerra à gaúcha**", praticada na Região Sul, ao que se sabe até 1926, pelos revolucionários de 1924-1926.

Em que pese haver feito carreira no Exército Colonial do Brasil e a sua Legião de Cavalaria Ligeira haver sido absorvida pelo Exército Brasileiro, em 1824, até hoje só o 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado do Exército (Porto Alegre) possui seu lendário e legendário nome como denominação histórica cuja nossa proposta foi acolhida.

Foi ele, sem dúvida, a "**maior espada continentina**" do século XVIII, Foi um guerreiro de prodigiosa memória que conhecia todos os recantos do Continente (atual RGS), descrevendo com exatidão todos os arroios e rios, a direção das serras, o rumo das estradas e encruzilhadas, quando não se dispunham de mapas". Homem lendário, "que mesmo em noites escuras e tormentosas jamais se desviava do caminho a seguir", Foi personagem do romance **O Tempo e o Vento**, de Erico Veríssimo, que o perenizou, circunstância que a TV Globo ampliou, ao **levar parte da célebre trilogia referente a Rafael em duas novelas**.



Acima pintura de Rafael Pinto Bandeira mais conhecida no Rio Grande do Sul



Alegoria de Rafael Pinto Bandeira com o uniforme que lhe cabia como Brigadeiro do Exército de Portugal. (Fonte;BENTO História do CMS,1995.p.33).

NASCIMENTO, FILIAÇÃO E ASCENDÊNCIA

Rafael Pinto Bandeira nasceu no Presídio Jesus-Maria-José (atual cidade de Rio Grande), em 16 de dezembro de 1740, decorridos quase 4 anos da fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, com o desembarque naquele local, em 17 de fevereiro de 1737, de uma expedição ao mando do Brigadeiro José da Silva Paes.

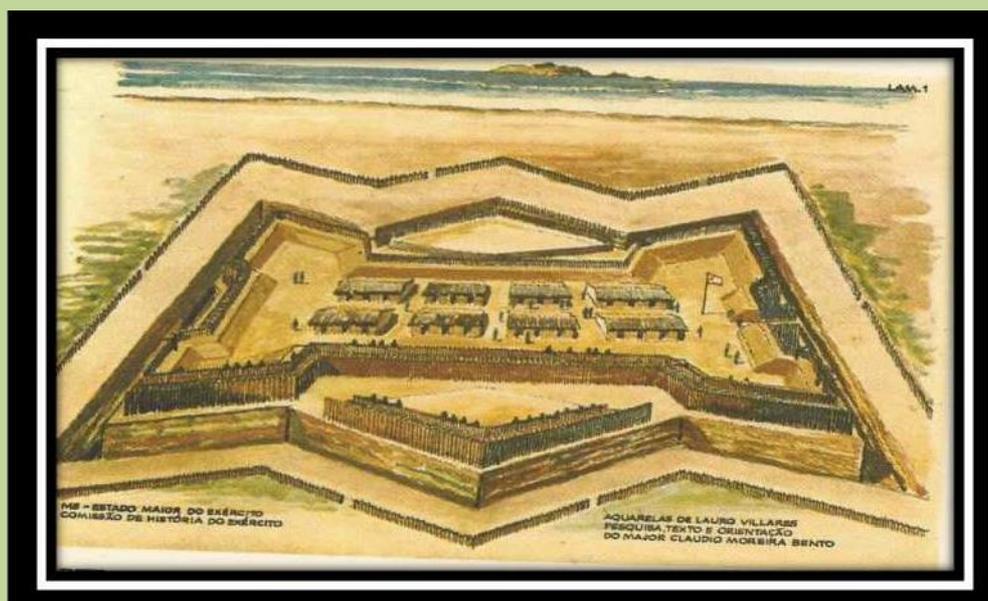
Era filho do Capitão Francisco Pinto Bandeira e de D. Clara Maria de Oliveira. O pai, lagunense, escolhido para comandar a 1ª Companhia do Regimento de Dragões do Rio Grande, organizada por Silva Paes após desembarcar, constituiu-se no primeiro comandante de uma tropa de Linha, denominação na época de um integrante do Exército na área do atual Comando Militar do Sul. Rafael foi batizado no dia seguinte ao seu nascimento na modesta capela do Forte Jesus-Maria -José, da Fortaleza de Santana e, do Estreito que fechava o acesso terrestre ao Presídio do Forte, ainda incipiente. O pai de Rafael subcomandava as tropas de Ordenanças ao comando do Coronel Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, constituída de tropeiros e estancieiros estabelecidos, desde cerca de 1730, na região de Viamão.



Alegoria da fundação de Rio Grande pelo Brigadeiro Jose da Silva Pais, em 17 fev 1737. sendo recebido por tropas de Ordenanças ao comando do Cel de Ordenanças Cristovão de Abreu, da qual fazia parte o pai de Rafael que seria o comandante da 1ª tropa de Linha, uma companhia do Regimento de Dragões do Rio Grande, a raiz histórica mais profunda do Comando Militar do Sul.(Fonte BENTO,História da 3a Região Militar v.1)

Sua mãe migrara, com pais e irmãos de Colônia do Sacramento para o nascente povoado de Rio Grande. Era neta do Capitão Mór de Laguna, Domingos Brito Peixoto que, por sua vez, era bisavô de Rafael, pelo lado paterno. Rafael era neto de um português do Valongo, que chegou ao Brasil em 1696 e se estabeleceu na região de Mampituba, SC, com estância de bovinos e ovinos.

Foram padrinhos de Rafael o Coronel de Dragões Diogo Osório Cardoso, solteiro e Comandante do Regimento de Dragões Rio Grande e Comandante Militar do Continente de São Pedro(atual RGS), subordinado ao Rio de Janeiro (5 março de 1739 a 28 de junho de 1752). Sua madrinha foi sua tia, Eufrásia Maria, de 14 anos de idade. 5 março de 1739 a 28 de junho de 1752). Sua madrinha foi sua tia, Eufrásia Maria, de 14 anos de idade



Forte de Jesus Maria José em Rio Grande-RS onde provavelmente Rafael tenha nascido em dez 1740. (Fonte: BENTO. História da RM,v,1)

RAFAEL EM VIAMÃO EM 1741

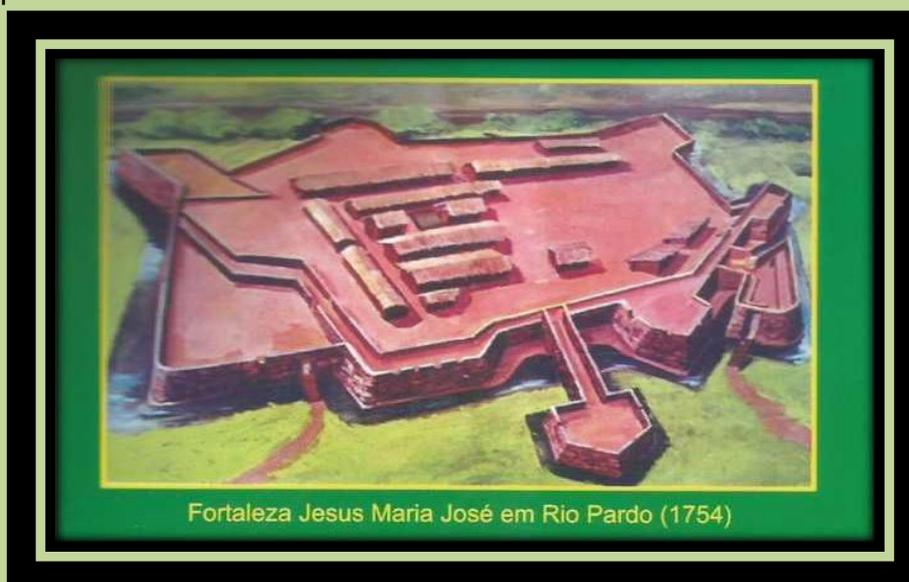
Em 1741, Rafael mudou-se, com o pai Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira, para Viamão. Seu pai fora cuidar da sesmaria recebida, em 15 de maio de 1740, na região atual de Sapucaia do Sul onde, em 1730, cuidava do seu povoamento, com mais de 10 mil cabeças gado (vacuns e equinos) e com benfeitorias constantes de casa, currais e lavoura.

Rafael, aos 13 anos, acompanhou o pai ao Rio Pardo (atual), para fundar o Forte Jesus-Maria-José, no contexto da Guerra Guaranítica (1752-1756). Em Rio Pardo, Rafael sentou praça, com 14 anos incompletos, no Regimento de Dragões do Rio Grande, ao comando do pai, aos 21 anos teve seu batismo de fogo ao participar do combate de Monte Grande, contra os espanhóis, próximo a Santa Maria (atual) em 2 de janeiro de 1762.



Planta pirografada em couro da Fortaleza de N.S. de Santana em Rio Grande, levantada logo a seguir a fundação de Rio Grande pelo Brigadeiro José da Silva Paes.(Fonte:BENTO,História da 3ª Região Militar.v.1,1994).

Os Dragões do Rio Pardo haviam se deslocado para fundar a Fortaleza de Santa Tereza, no atual Uruguai, na iminência da invasão do General Pedro Ceballos, Governador de Buenos Aires, deixando um pugilo de Dragões em Rio Pardo para liderarem civis, visando à condução de uma Guerra de Guerrilhas contra os invasores castelhanos. Entre eles estavam os Dragões Francisco e Rafael, pai e filho.



Fortaleza Jesus Maria José em Rio Pardo (1754)

Visão do Forte de Rio Pardo que passou a História como A Tranqueira Invicta,

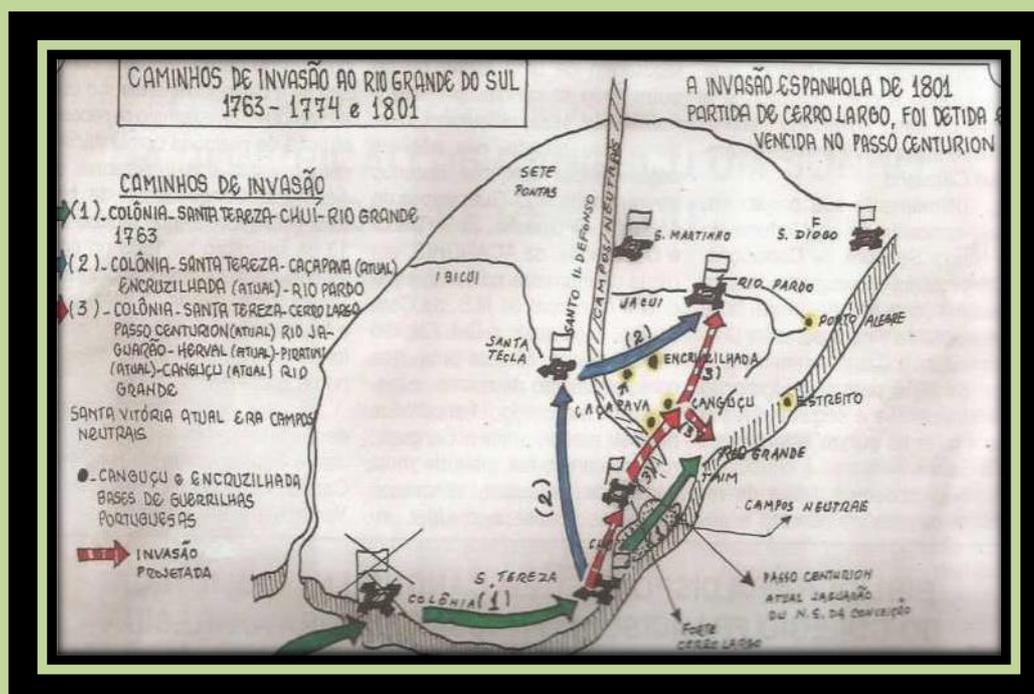
por jamais ter sido ultrapassado pelas invasões espanholas. Nele Rafael ingressou no Exército Colonial com 14 anos incompletos. (Fonte: BENTO et CAMINHA. Escolas Militares de Rio Pardo, 4ª capa)

Em 24 de abril de 1763, após invadido Rio Grande, a Vila do Rio Grande, berço Rafael, foi conquistada pelo general D. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires. O domínio espanhol foi exercido por 13 anos sobre cerca de dois terços do atual Rio Grande do Sul, como referido.

GUERRA DE GUERRILHAS CONTRA O INVASOR E SUAS BASES

Aos Dragões Francisco e Rafael Pinto Bandeira, que permaneceram na área de Rio Pardo, coube a liderança da Guerra de Guerrilhas contra o invasor, assim definida, em 6 de junho de 1763, pela Junta Governativa no Rio de Janeiro, que substituiu o falecido General Gomes Freire de Andrade:

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes a constante e persistente inquietação."



Bases de guerrilhas portuguesas nas serras dos Tapes (Em Canguçu atual) e na Serra do Herval (Em Encruzilhada atual) e divididas pelo rio Camaquã. Em vermelho caminho Canguçu-Passo Centurion, no rio Jaguarão- Cerro Largo no Uruguai, usados pela guerrilha de Rafael para penetrar no atual Uruguai, evitando a vigilância das fortalezas espanholas de Santa Tereza e Santa Tecla. Por este caminho eles traziam o gado vacum e cavalos das estâncias espanholas e o depositavam em segurança, em campos de Canguçu atual, conforme

assinala mapa no livro A Batalha do Passo do Rosário do Gen Tasso Fragoso. Este caminho seria utilizado pelos espanhóis em sua frustrada invasão na Guerra de 1801. E, como medida preventiva foi fundada em 1800, Canguçu, local onde conquistado, uma invasão poderia investir sobre as bases portuguesas de Rio Pardo ou Rio Grande, ou impedir a ligação e apoio mútuo entre elas. FONTE: BENTO. Informativos conjuntos O GUARARAPES, (da AHIMTB), O GAUCHO (do IHTRS) e O MEMÓRIA (da Academia Canguçuense de História) . História de N.S da Conceição. 8 dez 2010, p.16)



Acima Uma visão de Rafael em publicações históricas diversas a esquerda

Os executores dessa guerrilha inicialmente foram o Capitão Francisco Bandeira (até 1772). com zona-de-ação ao norte do rio Camaquã, e seu filho. Tenente Rafael, ao sul do rio Camaquã. O papel relevante desempenhado por essas guerrilhas na definição do destino (brasileiro) do Rio Grande não tem sido abordado em toda a sua projeção e significação estratégica.

Em 2 de janeiro de 1765, após 12 anos de serviços no Regimento de Dragões, já alferes, Rafael foi promovido a Tenente de Dragões da Companhia do Regimento dos Dragões, ao comando de seu pai. Nessa época, fazia um ano que Rafael integrava a guarnição do Forte São Caetano do Estreito, acima de São José do Norte, ao comando do pai Forte que barrou a via de acesso São José do Norte (espanhol) — Viamão. Aí impediram o avanço espanhol até Porto Alegre e Viamão.

As bases dessas guerrilhas situavam-se em Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo, em Canguçu), ao sul do rio Camaquã, ao comando de Rafael, e ao norte Guardas de Encruzilhada (Encruzilhada do Sul), ao comando de seu pai que, após falecer, em 1772, foi substituído pelo heróico paulista Cypriano

Cardoso Barros Leme.

Ao assumir o governo do Rio Grande, o Coronel José Custódio Faria implementou as guerrilhas para cobrir Rio Pardo face às seguintes direções: Missões-Rio Pardo; Bagé (atual)-Rio Pardo e Rio Grande (espanhol)-Rio Pardo. Para executar essas missões, foram destacados os Dragões Francisco e seu filho Rafael Pinto Bandeira

Em 28/29 de maio de 1766, houve um fracassado ataque a Rio Grande, compensado pela recuperação de São José do Norte (atual), havia três anos em poder da Espanha. Esses dois eventos tiveram negativa repercussão em Portugal e contrariaram o Marquês de Pombal, interessado no apoio da Espanha para pressionar o Papa e extinguir os jesuítas acusados de colocarem por terra o Tratado de Madrid, em 1750.

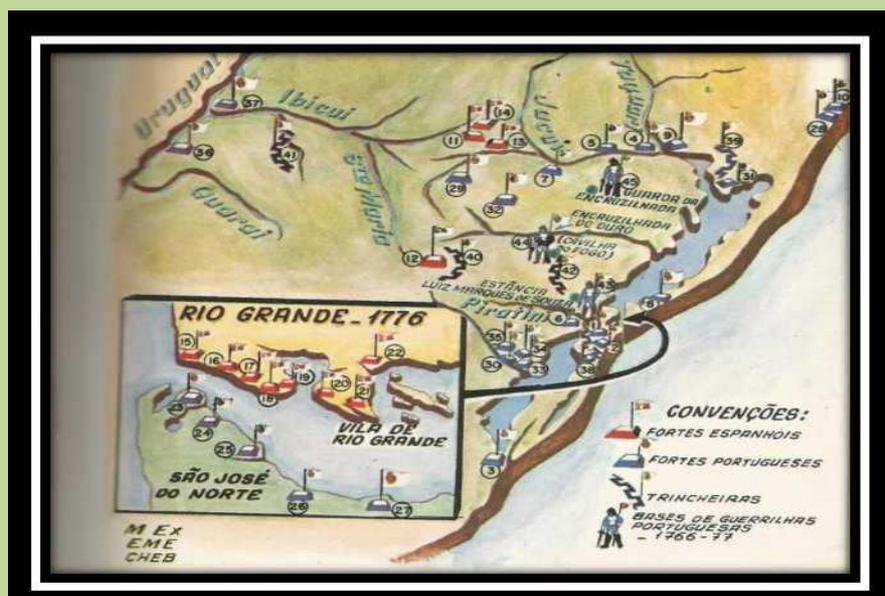
Passaram-se sete anos, período em que as guerrilhas, agora sob a liderança de Rafael, causaram imenso prejuízo aos espanhóis. Foi quando o governador, D. Vertiz y Salcedo, de Buenos Aires, invadiu o Rio Grande, pela campanha, em novembro de 1773, para neutralizar as guerrilhas portuguesas, as quais, segundo ele, em sua visão de inimigo, estavam lhe causando os seguintes prejuízos:

"Viamão, Rio Pardo, sul da Vila do Rio Grande e o sul do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Montevideu, Maldonado, Soriano, Baças, Santa Fé, Correntes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalhadas das nossas estâncias do oeste dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuados e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos ao verem suas fazendas destruídas."

Era a guerra de guerrilhas, a estratégia do "fraco contra o forte", executada pelo Capitão de Dragões Rafael Pinto Bandeira, secundado por Cypriano Cardoso e um pugilo de bravos civis então estancieiros que, em maioria chegaram ao Rio Grande em 1752 com Exército Demarcador, como integrantes de Companhias de Aventureiros.

O NASCIMENTO DE UMA DOCTRINA MILITAR — A GUERRA À GAÚCHA

A "guerra à gaúcha" consistia, basicamente, em retirar, dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, todo o gado vacum e cavalariagem e destruir as instalações estancieiras espanholas, para que nelas os invasores não pudessem se apoiar, já que no Prata, um Exército caminhava à base do cavalo, como montaria, e do boi, como alimento autotransportável e tração de carretas com cargas mais pesadas.



No esboço do Rio Grande na reconquista do Rio Grande do Sul, ao norte e sul do rio Camaquã, assinaladas as bases de guerrilhas portuguesas, bem como nas convenções na forma de um boneco. Fonte: BENTO:Revista Militar Brasileira. nº jan/jun 1976. 1ª capa com detalhes na 4ª capa relacionando fortificações e bases de guerrilhas).

A invasão de Vertiz y Salcedo, foi batida por partes por Rafael, em Tabantigai, em 10 de janeiro de 1774, e em Santa Bárbara, em 11 de janeiro de 1774, Estas derrotas obrigaram o mexicano D Vertiz a retirar-se rápido para Rio Grande, deixando nele plantadas tres barreiras às incursões guerrilheiras, além da Fortaleza de Santa Tereza , mais a Fortaleza de Santa Tecla e o Forte de São Martinho.

O atual Passo da Armada, no rio Camaquã, entre Canguçu e Encruzilhada, leva esse nome pelas dificuldades encontradas pela Real Armada de Espanha (Exército de Vertiz y Salcedo) embaraçadas por Rafael. Nesse local, ele possuía uma estância.

Essa invasão repercutiu em Portugal, e o Marquês de Pombal decidiu, em 1774, expulsar os espanhóis do Rio Grande, enviando para o local uma poderosa força, o Exército do Sul, ao comando do Tenente General Henrique Bohn, discípulo do Conde de Lippe, cujo esforço deveria ser conduzido sobre três pontos fortes espanhóis: Forte São Martinho — por barrar o acesso às Missões e ameaçar Rio Pardo; Forte Santa Tecla — por barrar o acesso às campanhas do atual Uruguai e ameaçar Rio Pardo e poder ser reforçado das Missões ,pelo Passo do Rosário; e Vila de Rio Grande — por barrar o acesso português pelo litoral ao Uruguai e poder servir de base de partida a ataques a Porto Alegre, Viamão e Laguna, por terra.

O Exército do Sul se concentrou em São José do Norte.Coube a execução das conquistas de São Martinho e Santa Tecla à liderança de Rafael, então major, comandando uma Companhia de Voluntários del Rei, criada em 1770,

EXPULSÃO DOS ESPANHÓIS DO RIO GRANDE

Rafael conquistou o Forte São Martinho, de surpresa, em 31 de outubro de 1775 e, em 5 de maio de 1776, liderou a expulsão dos espanhóis da Fortaleza de Santa Tecla, em Bagé, e que a seguir foi arrasada.

Por esse feito, foi promovido a Coronel e criada a Legião da Tropa Ligeira do Contingente, que seria absorvida pelo Exército após Independência. Eis trecho do ato oficial: "

Querendo nosso soberano dar-lhe (a Rafael) sinal de sua benevolência, há por bem elevá-lo a Coronel da Legião de Tropa Ligeira, privativa e composta de Aventureiros naturais do Rio Grande e de outros territórios que jazem ao sul do Rio da Prata e ao Ocidente até aonde vão os confins do Continente (atual RGS)..."

Comunicada a Portugal, a conquista, foi entendida como tendo a tropa sitiante se alimentado de raízes, o que não ocorreu, pois fora muito bem suprida de gado pelo governador Marcelino Figueiredo. Quem se alimentou com raízes de capim foi a cavalaria dos sitiados, por ter sido conservada confinada em área restrita, para não ser alvo de conquista pelo inimigo.

Em 1º de abril de 1776, após conquistados os objetivos de São Martinho e Santa Tecla, o Exército do Sul, em São José do Norte, assaltou a Vila de Rio Grande e concluiu a expulsão definitiva dos espanhóis do Rio Grande.

O General Henrique Bohn, comandante do Exército do Sul, fez as mais lisonjeiras referências ao valor militar de Rafael e seus homens. Em inspeção a Rio Pardo, assistiu a uma demonstração de travessia do rio Pardo, pela companhia de Rafael. Eles se aproximaram do rio, repontando uma tropa bovina. A seguir, sacrificaram os bois, tiraram os seus couros, fizeram "barcos pelotas" dos mesmos e atravessaram o rio com rapidez e galhardia.

Rafael e seu Esquadrão de Voluntários del Rei exerceram as seguintes funções militares em benefício do Exército do Sul (1763-1777): busca de informações nas bases espanholas de Maldonado, Montevidéu, Colônia e Missões; reconhecimentos das posições espanholas no Rio Grande, pela retaguarda, e fixação de efetivos espanhóis no corte do São Gonçalo; segurança a distância da base portuguesa do Rio Pardo e, depois de conquistada, a do Rio Grande, por vigilância na Serra do Tapes e corte do rio Piratini, na direção de Santa Tecla, reorganizada.

Ele combateu e expulsou os espanhóis da Campanha e neutralizou os fortes de Santa Tecla e São Martinho; arreou enorme quantidade de gado bovino e cavalar dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, e os depositou em Canguçu, na costa do rio Camaquã; e descobriu e explorou uma nova via de acesso ao atual Uruguai, para driblar os bloqueios das vias de acesso em Santa Tereza, Santa Tecla e São Martinho. Foi a via-de-acesso balizada, atualmente, por Canguçu- Piratini- Herval do Sul- Passo

Centurion no Rio Jaguarão- Cerro Largo (Mello, atualmente). Em 1801,

os espanhóis bloquearam-na com o Forte de Cerro Largo. E os portugueses, cerca de 1800, com as fundações de Piratini em 1789 e Canguçu em 1800, ambas tendo como padroeira N.S da Conceição a padroeira e rainha de Portugal desde 1640, Fundações como preparativos para a vitoriosa Guerra de 1801.

O VALOR MILITAR DE RAFAEL

Um contemporâneo cronista de Rafael assim o viu:

"Tornou-se uma tradição os elogios às qualidades guerreiras de Rafael. Era tão hábil em prevenir ciladas como em surpreender o inimigo, que lhe atribuía possuir incorporado um espírito benfazejo, de um nume familiar que o prevenia e guiava."

Esta era a impressão que seu nome causava em Colônia, segundo um sargento espanhol que ali chegou em 1778:

"Desembarcamos em Colônia. Apenas acabamos de acampar, recebemos ordens de marchar contra um fidalgo tremendo que vinha arrear cavalhadas. Esse fidalgo de Portugal era o coronel Rafael Pinto Bandeira. Ele trazia sempre consigo, segundo vários testemunhos, enorme contingente de negros valentes que desconheciam o medo."

Até em Buenos Aires seu nome era uma ameaça para aquietar crianças rebeldes:

"Quieto mui querido hijo, que aí viene el temeroso Rafael Bandeira. "

Era, portanto, uma espécie de bicho papão!

RAFAEL PINTO BANDEIRA (De 1778-1789)

Rafael desentendeu-se com o governador Marcelino de Figueiredo, que o prendeu e o enviou ao Rio. Rafael pediu um Conselho de Guerra do qual foi absolvido e mereceu a seguinte solução da Rainha, D. Maria I:

"Tendo sido presente a S. Majestade Rainha D. Maria I, acha-se no Rio de Janeiro o coronel Rafael Pinto Bandeira, remetido sob prisão pelo governador Marcelino de Figueiredo e estando gravado na lembrança da Real Senhora o distinto comportamento do referido Coronel em todo o tempo que durou a Guerra do Sul (1763-76). Hé a mesma Real Soberana servida em ordenar-lhe que mande de imediato restituí-lo livre ao Rio Grande e ao posto militar que dignamente ocupa. Determina a V.S. que depois de fazer ler esta no Conselho de Guerra, façam o encerramento dos trabalhos mandando-nos a juntada dos Autos..."

O governador do Rio Grande, Veiga Cabral, publicou a seguinte proclamação às tropas do atual Rio Grande do Sul:

"Em virtude da real resolução de S. M. Católica, foi reconduzido ao Continente e restituído ao cargo que dignamente ocupava o Coronel Rafael Pinto Bandeira, que antes fora preso e levado ao Rio de Janeiro, por exclusivo arbítrio do ex-governador José Marcelino de Figueiredo."

Em 1784, Rafael, comandante da Legião de Cavalaria Ligeira,

em Pelotas (atual), transferiu sua residência principal para Porto Alegre para assumir, em 25 de janeiro de 1784, o governo do Rio Grande, cargo que exerceu descontínua e interinamente por cerca de 8 anos e 4 meses, substituindo o governador Veiga Cabral, demarcador do Tratado de Santo Ildefonso.

VIAGEM À CORTE EM PORTUGAL

Nesse período, Rafael viajou a Portugal.

A *Gazeta de Lisboa*, de 22 de fevereiro de 1789, assim noticiou sua chegada: "*Em 22 de janeiro, chegou, da América, a Lisboa o sr Rafael Pinto Bandeira, Coronel da Legião do Continente, que compreende o governo da Praça do Rio Grande de São Pedro, onde deu bastante prova de seu grande valor, como foi notório nesta Corte, nos anos de 1774 a 1777...*"

Em Lisboa, Rafael foi recebido como herói, retratado, promovido a Brigadeiro da Legião de Cavalaria Ligeira do Rio Grande de São Pedro e confirmado em seu comando, por Decreto Real de 30 de outubro de 1789.

Foi o terceiro brasileiro a ser elevado a oficial general do Real Exército de Portugal. O primeiro fora Matias de Albuquerque Maranhão e, o segundo, Salvador Correia de Sá e Benevides, heróis das Guerras Holandesas do Nordeste.

Segundo a tradição, Rafael recusou os títulos de nobreza de Barão de São Martinho e Visconde de Santa Tecla. Preferiu a graça de ser abonado no valor correspondente ao sustento de dois cavalos em cocheiras, para ficar em condições de deslocar-se em qualquer caso de urgência, rapidamente, para qualquer lugar do Continente. Consta que foi atendido, com a ressalva :

"De que em tempo algum outro oficial pudesse requerer semelhante graça".

Rafael, em sua estada em Portugal, engordou bastante. E a partir dos 50 anos começou, em 1790, a ter dificuldade de montarr sem recorrer a um banquinho. Até então fora um cavaleiro excepcional. Criara-se nos lombos de cavalos. Certo dia, quando ia montar, ao aproximar-se do cavalo, este deu forte coice no banco que voou e o atingiu seriamente na canela direita. Os tratamentos nada resolveram. O ferimento agravou-se, a partir de seu 54º aniversário.

Mudou-se, com a família, de Porto Alegre para o Rio Grande, em fevereiro de 1795, desesperançado de cura de sua perna atingida por gangrena.

Em 6 de abril de 1795, nasceu sua segunda filha. Falecera cerca de três meses antes, aos 55 anos, aquele que foi, "a maior espada do Continente", o primeiro gaúcho a galgar o generalato, o terceiro brasileiro a receber essa distinção, o primeiro gaúcho a governar o Rio Grande do Sul e o primeiro oficial general brasileiro nascido na área do atual Comando Militar do Sul.

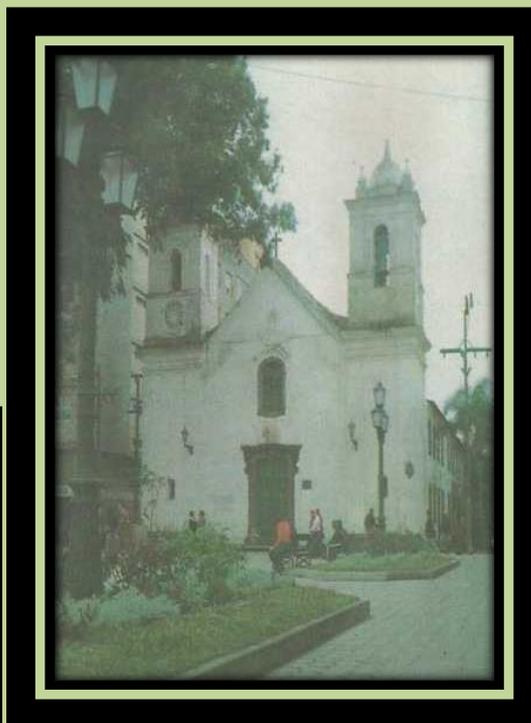
Nasceu e morreu no Rio Grande, onde repousam seus restos mortais, na Igreja São Pedro. Sem haver frequentado escola, lia e escrevia bem.

Possuía prodigiosa memória e tinha escrito, de cabeça, o mapa do Rio Grande, cujo território ele devassou, assim como o do Uruguai. O Marquês do Lavradio assim se referiu a Rafael, ao seu substituto no Vice-Reino, D. Luiz de Vasconcelos:

"O Brigadeiro Rafael possuía gravado em sua memória, e com exatidão, um grande mapa de todo o Continente de São Pedro (atual RGS)."

DESCENDÊNCIA E PATRIMÔNIO DE RAFAEL

O pai de Rafael faleceu em Rio Pardo, como Coronel, em 1772, com cerca de 75 anos. Rafael havia se casado, pelo ritual minuano, em 1761, com a mestiça Bárbara Vitória, filha do cacique mestiço (branco-índio) D. Miguel de Caraí, que fora capataz do seu pai. Da união, nasceu Bibiana Maria Bandeira, criada pelo pai em razão da morte, após o parto, de Bárbara Vitória. Bibiana casou, em 1784, em Rio Grande, com o Alferes de Milícias Antonio Rodrigues Nivola, cuja descendência é desconhecida.



Na foto de cima a esquerda a urna com os restos mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira guardados na igreja São Pedro de Rio Grande. a direita. (Fonte: BENTO. História do Comando Militar do Sul).

Rafael casou em primeiras núpcias, aos 33 anos, em Rio Pardo, com a viúva D. Maria Magdalena Pereira, com 30 anos, nascida na missão São Lourenço, em 1743, e falecida em Rio Pardo, sem descendentes, em 1787, aos 44 anos. Após um ano de viuvez, casou em Rio Grande, em 6 de abril de 1788, com Josefa Eulália de Azevedo, ela com 25 anos, ele com 48. Ela era natural

de Colônia de Sacramento. Desse consórcio nasceram Rafaela Pinto Bandeira, em Porto Alegre, em 30 de novembro de 1792 e falecida ali, aos 96 anos, em 1º de outubro de 1888. Ela foi casada com o baiano de Salvador, Coronel Vicente Ferrer da Silveira, assassinado, junto com o filho Diogo, em uma estância da família, no início da Revolução Farroupilha. A Rua Coronel Vicente é homenagem ao genro de Rafael. Sua filha passou a ser conhecida, em Porto Alegre, por "Brigadeira" e a sua chácara, nas imediações da Santa Casa, de "Chácara da Brigadeira". Ela e o coronel Vicente tiveram dois filhos homens, Diogo e Vicente, e cinco filhas, as "5 Marias" (Maria Josefa, Maria Rafaela, Maria Sofia, Maria Luiza e Maria Amália). A segunda filha de Rafael, Maria Josefa Pinto Bandeira, nasceu em Rio Grande, em 6 de abril de 1795, cerca de três meses após a morte do pai. Casou em Porto Alegre com um oficial do Exército de Portugal. E para Portugal foi com o marido, perdendo o contato com a irmã, a mãe e com descendentes não conhecidos. Rafael acumulou apreciável patrimônio em cinco estâncias: Pavão, junto ao canal São Gonçalo; Estância do Passo da Armada, no rio Camaquã, uma junto ao rio Capivari, abaixo de Viamão, outra junto ao rio Gravataí (herança do pai); e a das Pombas, em Rio Pardo. Nelas, acumulou cerca de 30 mil reses, 10 mil bois mansos, 4 mil cavalos e éguas, milhares de ovelhas, afora o gado alçado, além de casas em Rio Grande e Porto Alegre. Rafael era Cavaleiro da Ordem de Cristo e dominava o Tupi-Guarani.

Deixou à família muita riqueza. Na época em que viveu, era considerado o mais forte estancieiro do Rio Grande.

FONTES

A presente interpretação baseou-se na pesquisa das seguintes fontes, que remetem o leitor e pesquisador a outras:

BENTO, Cláudio Moreira, Coronel. "A Guerra do Sul 1763-77. **Historia da 3ª RM e Antecedentes; 1808-89**. Porto Alegre, SENAI, 1995. v. 1 p. 102-131.

_____. **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1996. (Possui dados inéditos sobre Rafael visto pelo General Bohn).

_____. "O Negro na Guerra do Sul 1763-77. **In: O Negro e Descendentes na Sociedade do RGS**. Porto Alegre. IEL, 1975. p.76-92.

_____. O Exército e a Abolição. "A **Defesa Nacional**, n" 243, maio/junho de 1989.

. "Bicentenário da Conquista de São Martinho. **A Defesa Nacional**, n° 663, 1975 **Revista do Exército**, v. 108, 1975.

_____. **A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis e o Exército do Sul suas guerrilhas pe Esquadilha Naval do Vice Reino do Brasil**. Resende: FAHIMTB/IHTRS/ACANDHIS, 2019.

Trabalhos disponíveis no site www.ahimb.org.br

_____. "Bicentenário da Conquista de Santa Tecla." **RIGHMB**, nu 72 e 73, 1976,

Diário Popular, Pelotas 28 de março de 1976 e *Correio do Sul*, Bagé, 25 de março de 1976. . "Atuação de Rafael Pinto Bandeira na Conquista do Forte Santa Tecla." *Correio do Sul*, Bagé, 24 de março de 1970. CRUZ, Alcides. *Vida de Rafael Pinto Bandeira*.

Palegre, Liv. Americana, 1906. NEVES, Décio Vignoli das. "Rafael Pinto Bandeira: O Terror dos Espanhóis." *In: Vultos do Rio Grande Cidade e do Município*. Santa Maria, Ed. Pallotti, 1891, pp. 17-40.

Revista do Museu e Arquivo Público RGS. Nº 23, junho de 1930 (publica o Conselho de Guerra pedido e respondido por Rafael com absolvição).

Nº 120 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento

O IMIGRANTE ALEMÃO E DESCENDENTES NA HISTÓRIA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL

Cláudio Moreira Bento

O imigrante alemão gaúcho: Identidade e cidadania. Foi o que sublinhou em alto grau. Ou sejam, a identidade com a Pátria Brasil e o exército da cidadania brasileira pelos imigrantes alemães e descendentes, eu ao longo do processo histórico do Rio Grande do Sul, defenderam de armas na mão a Unidade, a Integridade, a Soberania e, por último, na 2º Guerra Mundial, a Liberdade e a Democracia Mundial nos campos de batalha. Referência especial aqueles que perderam suas vidas em combates, os quais, **Cícero**, líder militar e civil grego e pai da Democracia, assim definiu:

“Aqueles que morrem por sua pátria faz mais por ela naquele momento que os demais em todas as suas vidas.”

Na guerra da Restauração o Rio Grande do Sul 1774-77 de que resultou a expulsão definitiva dos espanhóis que chegaram a dominar cerca de 2/3 do atual Rio Grande do Sul, o Exército do Sul que realizou este brilhante feito que definiu o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, foi comandado pelo ilustre imigrante alemão, Tenente General Henrique Bohn. Evento pouco divulgado e que abordamos amplamente em **A Guerra da Restauração do Rio Grande 1763-77**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1994, pela qual pode ser melhor avaliada a enorme projeção da sua obra em nossa História Militar. Nela atuou o carioca Alferes Antônio Charão, filho do médico alemão de Bruswick, João Adolf Schramm. E os Charão, corruptela, de Schramm, se fizeram presentes em várias campanhas militares.

Em 1823, depois da Independência, o Brasil sentindo-se fraco militarmente com o retorno em massa à Portugal da oficialidade e praças das 3 divisões portuguesas expulsas que guarneceram o Brasil, na Bahia, Rio de Janeiro e

Cisplatina e, com vistas a defender a Independência, a Unidade, a Integridade e a Soberana do Império nascente, ameaçadas por Portugal, pelas repúblicas vizinhas e, internamente, decidiu o Brasil contratar estrangeiros para reforçarem o nascente Exército Imperial.

E deram preferência aos alemães, em razão do casamento do Imperador D. Pedro I com a arquiduquesa austríaca D. Leopoldina, filha do Imperador, ou Kaiser da Áustria, Guilherme II. E as ameaças de Portugal não se concretizaram.

Mas, internamente, em 1824 teve lugar a revolta da Confederação do Equador, no Nordeste. E logo a seguir, a Guerra Cisplatina 1825-28 contra a Argentina, em aliança com os uruguaios que se tornariam independentes do Brasil em 1828. Ameaças graves em seguida às lutas que o nascente Exército Imperial, teve de enfrentar para criar condições para a Proclamação da Independência, com o célebre Dia do Fico em que expulsou do Rio de Janeiro a Divisão Auxiliadora portuguesa que o guarnecia e comandada pelo General Avilêz. E, a seguir, o grande esforço que desenvolveu para consolidar a nossa Independência, na Bahia, Pará e Maranhão, Piauí e Cisplatina (atual Uruguai).

Assim, foi criado por decreto de 8 de janeiro de 1823 o Regimento de Estrangeiros. E para prevenir, com a chegada de soldados alemães, que fossem eles influenciados negativamente pelos primeiros incorporados a unidade, o Regimento de Estrangeiros foi extinto por Decreto de 13 de outubro de 1824 e, em seu lugar, criado dois Batalhões de Caçadores o 27 e o 28 que atuariam no Rio Grande do Sul na Guerra Cisplatina 1825-28, ao final da qual aqui seriam desmobilizados radicando-se e reforçando a força de trabalho na colônia alemã capitaneada por São Leopoldo e, mais um Batalhão de Granadeiros. Menos um mês decorrido, por Decreto de 13 de novembro de 1824 foi criado mais um Batalhão de Granadeiros.

E desses soldados alemães, cerca de 2750 nomes foram levantados expressivamente pelo Coronel Juvêncio Saldanha Lemos, ex comandante do 8º Batalhão de Infantaria Motorizada de Santa Cruz, depois de trabalho beneditino em sua obra **Os Mercenários do Imperador**. Liv. Porto Alegre Palmarinca Ltda., 1993, ao exumar seus nomes de variadas e dispersas fontes. E desses soldados alemães descendem muitas famílias do Rio Grande do Sul.

Na Revolução Farroupilha 1835-45, imigrantes alemães tiveram ativa participação de ambos os lados, sendo São Leopoldo o centro dessa luta, conforme abordados em detalhes em nossa obra: **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul (1825/70)**. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1976 que citaremos com frequência.

Em 1851-52, na Guerra contra Oribe e Rosas, o Brasil contratou uma

Legião Prussiana, (**Os Brummer**), composta de 1 Regimento de Infantaria, um Regimento de Artilharia e duas companhias de Pontoneiros. Finda a guerra, estes imigrantes de alto nível intelectual se radicaram no Rio Grande e vieram a se construir valioso fermento para o desenvolvimento da Colônia Alemã e do Rio Grande do Sul, como foi o caso do jornalista Carlos Von Koseritz, dentre muitos, o qual, embora não indo a guerra do Paraguai sua ação como jornalista foi expressiva para a mobilização da colônia alemã.

A Guerra do Paraguai 1865/70 ou da Tríplice Aliança Brasil, Argentina e Uruguai, contra Paraguai, foi para depor o seu ditador o Marechal Francisco Solano Lopes. Para ela veteranos ou filhos de veteranos brummer e outros alemães e descendentes, ou teuto, brasileiros, foram recrutados na colônia alemã para defenderem o Império que tinha por imperador D. Pedro II descendente de alemães, ou teuto brasileiro, por filho da arquiduquesa austríaca, a Imperatriz D. Leopoldina (de cujo nome foi tirado de São Leopoldo). E os teuto - brasileiros iriam prestar valioso concurso nesse conflito, como foi o caso dos descendentes de soldados do 27 e 28 BC de alemães, o Marechal Bernardino Bormann e o futuro Almirante e Barão de Tefé, herói da batalha de Riachuelo e o Coronel João Niderauer Sobrinho entre outros.

Nesta longa guerra tombaram e foram feridos muitos descendentes de alemães que registramos em nosso citado **Estrangeiros e descendentes...** bem como os nomes dos que retornaram vitoriosos e continuaram suas vidas na construção do Brasil na paz, além de bravos que integraram a Bateria Alemã de Artilharia nesta guerra.

Foram descendentes de alemães que lideraram a resistência armada dos **Muckers** do Ferrabraz em 1875, a nossa Canudos gaúcha, segundo o General Flávio Maurer, descendentes de um mucker e que terminou sua carreira como Chefe d Estado-Maior do Comando Militar do Sul, ao depor para nossa obra **A História da 3ª Região Militar 1889 - 1953**. Porto Alegre: 3º RM, 1994. Aliás a 3ª Região Militar hoje é comandada por um ilustre descendente dos muckers, o General Virgílio Muxfeldt. Na 2ª Guerra Mundial, descendentes de alemães em defesa do Brasil com o qual se identificaram no exercício da cidadania, combateram o nazi-facismo e entre os quais o Capitão Floriano Moeller de Cachoeira do Sul que comandou uma Companhia de Engenharia que foi a primeira a entrar em contato com o inimigo, o heróico Capitão Yedo Blauth, leopoldense que perdeu uma perna em ação em combate a frente de sua companhia e, o maior herói da Força Expedicionária Brasileira (FEB), o heróico Sargento Max Wolf natural de Rio Negro. Entre os 21 gaúchos mortos na FEB 5 ou cerca de 25% eram descendentes de alemães: o 2º Sargento Pedro Krinski de São Luiz Gonzaga, soldados Ivo Robach de Oliveira e João de Oliveira e João Spinard de Santa Maria, Almandio Goering de Getúlio Vargas, Arthur Starch de Porto Alegre e Norberto Henrique Weber de Santa Rosa, assuntos que estudamos em **Comando Militar do Sul 4 décadas de História 1953-1995**

e Antecedentes. Porto Alegre; CML, 1995, inclusive o Sargento Max Wolf. Foi o General Ernesto Geisel, natural de Bento Gonçalves, o 2º teuto brasileiro a assumir a chefia suprema do Brasil depois do teuto brasileiro D. Pedro II.

Para o resgate da saga militar dos alemães e descendentes do Rio Grande do Sul, entre os quais me incluo, como pai de oficiais da Marinha descendentes de alemães e casado em São Leopoldo e filho de Canguçu, registro os historiadores do Exército Marechal José Bernardino Bormann de Porto Alegre, o General Bertholdo Klinger de Rio Grande e muito auxiliado pelo porto alegreense General Francisco Cidade de Paula Cidade. Estudo Cidade e Klinger e na Revista **A Defesa Nacional** 709 (1983) e 711 (1984) e o Tenente Coronel Henrique Oscar Wiedersphan de Montenegro cujas obras as relacionei ao lado de 136 títulos da Bibliografia de nosso **Estrangeiros e descendentes** p. 301/308. O que ora sintetizamos é que desenvolveremos dentro dos limites de uma comunicação ao XIV Simpósio de Colonização, em acréscimo aos nossos trabalhos já citados e mais os **Brummers**, cujos originais doamos ao Museu Histórico de São Leopoldo e, "Os Brummers os primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro" publicados nos **Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Graf. Rotermund, 1974.

Destacaremos com amostragem as projeções de lideranças militares alemãs e descendentes gaúchos e suas contribuições à História Militar do Brasil no Rio Grande do Sul, no contexto das comemorações dos 500 anos do Descobrimento. E especial referência e respeito aos alemães e descendentes que tomaram em combate em defesa do Brasil a sua nova pátria, dentro do espírito antes definido pelo líder Cícero.

Na Guerra Cisplatina 1825-28: tem-se notícias da participação de 62 colonos de São Leopoldo como soldados integrando Companhia de Voluntários Alemães cujos nomes publicamos em **Estrangeiros e descendentes** cit (p76).. Recrutamento sob o prestígio do Cel Daniel Hillebrand. Eles não combateram em Passo do Rosário Foram usados como guardas de depósitos do Exército em Santana Outros foram presos no passo de São Boça no rio Santa Mana como guardas de um depósito do Exército. Entre eles o cadete Fneclnch Eduard Roeding que foi tentado, sem êxito, pelos argentinos a provocar a deserção para se à Exército dos alemães ,sob promessa de "abastança e luxo".Mas ele não cedeu!

Mas a contribuição mais expressiva veio com o alemão Marechal de Campo Gustavo Braun, natural de Anenburg ,que foi o Chefe do Estado - Maiordo Exército que combateu em Passo do Rosário e, posteriormente comandante deste Exército e da 3 Região Militar .Com ele vieram outros oficiais alemães o Ten Cel Anton Adolf von Seveloh, nascido em Hanover e que fortificou o porto de Rio Grande como engenheiro militar contratado pelo Brasil e

produziu a importante fonte primária **Reminiscências da Campanha de 1827**; Capitão Samuel Kerst que combateu ao lado Braun em Passo do Rosário e que em 1831, em Porto Alegre, por haver se manifestado contra a Abdicação de D. Pedro I foi enfiado numa gaiola e embarcado para o Rio ;Ten Engenheiro Siegener que morreu vítima de explosão ao tentar demonstrar para todo o Exército em 7 de fevereiro de 1827, o uso de foguetes a Congrève que explodiram junto dele morrendo em consequência maistarde, sendo sepultado em Caçapava do Sul Morreu a serviço do Brasil!

Veio para o sul o 27 Batalhão de Caçadores Alemães ,composto de 505 alemães e na comitiva do Imperador D. Pedro 1 .Marchou porterra desde Santa Catarina a Porto Alegre. Via lacustre até Pelotas e lacustre e fluvial até Jaguarão e mais além Este batalhão teve destacado e heróico papel em Passo do Rosário, o que atesta o número de seus 83 mortos nesta batalha .0 27 BC amotinou-se em Pelotas no Natal de 1825 sob a influência do 28 BC de alemães (Conhecido como Os diabos brancos) recém chegado, tendo como causa o atraso de pagamentos. Eram bom profissionais mas difíceis de lidar fora do serviço. Ao final da guerra foram desmobilizados em Porto Alegre e se dirigiram as colônias alemãs próximas onde ajudaram a construir o Brasil depois de tê - lo defendido na guerra Entre seus destaques mencione-se o Ten Wilhelm Borman que desmobilizado radicou-se em Porto Alegre onde nasceu-lhe, em 1844, o futuro Marechal José Bemadino Bormann, herói da Guerra do Paraguai, da Revolução Federalista em Santa Catarina e que seria o 1º filho de um imigrante alemão a comandar a 3ª Região Militar, a chefiar o Estado - Maior do Exército e a ser Ministro da Guerra do Governo de Nilo Peçanha , além de escritor e historiador de nomeada e um dos biográficos do Duque de Caxias de que foi Ajudante de Ordens. O Ten Henrique Guilherme Moyse que quase tombou em Passo do Rosário e que mais tarde em Porto Alegre ,foi herói da retomada da capital aos farrapos e ligado a libertação do Major Manoel Marques de Sousa que liderou a retomada de Porto Alegre o que lha valeria o título mais tarde de barão de Porto Alegre .Ten Carlos Seidler que foi ferido em Passo do Rosário e produziria na Alemanha a obra traduzida no Brasil como **Dez anos de Brasil** São Paulo : Liv Martins 1941 .É um misto de História e Romance que merece cuidado antes de ser usada como fonte primária, segundo O General Paula Cidade em **Síntese de 3 séculos de Literatura Militar Brasileira** .Rio de Janeiro: BIBLIEx ,1 959, que analisa outras obras produzidas por eles .Mas foi uma grande contribuição ao resgate do ambiente social militar e civil do Rio Grande do Sul. Alferes Carlos Oppenberg que tombou morto em defesa do Brasil em Passo do Rosário .028 BC foi desmobilizado em Santa Maria dando origem as famílias Valmarath, Dauzacker e Appel etc. Ali suicidou-se o estimado médico do 28 o BC Frederico Cristiano Kafunder. O Esquadrão de Lanceiros Alemães com cerca de 80 homens foi recrutado entre antigos granadeiros alemães de Cavalaria e veio com D. Pedro

1. Combateu em Passo do Rosário. Foi desmobilizado em Porto Alegre em 1830 e seus integrantes se fixaram na colônia alemã gaúcha. Entre eles cite-se: Major Kail Otto Heise Era um idealista republicano que ao que consta teria organizado em São Leopoldo o Esquadrão de Cavalaria da Guarda Nacional farrapo e o comandado até a sua prisão em 1 setembro de 1836 ,|Odias antes da Proclamação da República Rio Grandense. Foi enviado preso para a Bahia ou Fernando de Noronha Capitão Ludwig von Quasi Comandou o Esquadrão em Passo do Rosário Capitão Karl von Leenhoff, lutou em Passo do Rosário e segundo o Barão de Rio Branco foi o autor da obra **Contribuição para a História da guerra entre o Brasil e Buenos Aires por uma testemunha ocular**. Obra que em Beilim ,com título alemão, foi publicada por G.Reimer em 1834 .E obra de importância sociológica. Combateram em Passo do Rosário Fehsenbeck ,veterano da Campanha de Napoleão na Rússia, aprisionado pelo russos no no Berezina e que combateria na batalha de Wateiloo contra Napoleão e lutaria na Guerra do Paraguai como integrante da célebre Bateria Alemã. Faleceu em Portão. Nicolaus Bemfeld que seria o 1º professor de São do Hortêncio. Johann Buff que seria diretor da Colônia de Santa Cruz.

Na Revolução Farroupilha 1835-45. A contribuição foi expressiva dos imigrantes alemães e descendentes farrapos e imperiais .Do lado imperial destacou-se o Coronel da Guarda Nacional DrJohann Daniel Hillebrand, natural de Hamburgo que chegou aos 29 anos em São Leopoldo na 2 a leva de 81 imigrantes, em 6 de ovembro de 1824. No dia em que estourou a Revolução em Porto Alegre ele convocou os colonos alemães leopoldenses a ele se reunirem bem armados. E assim ele liderou a reação aos farrapos na Colônia de São Leopoldo evitando assim, 'o fracasso da colonização alemã e a sua desintegração, conforme abordamos em **Estrangeiros e descendentes** ...p.(77- 100) em que o biografamos. Do lado farrapo destacou-se Hermann von Salisch que dirigiu a Colônia por 3 meses até ser deposto Destacaram-se Frederico e Germano Klingelhoef, pai e filho, e mais os integrantes do Esquadrão de Linha farrapo de São Leopoldo, acreditamos organizado pelo Major Otto Heise, veterano de Passo do Rosário.

Lutou pelos imperiais a Cõmpanhia Alemã recrutada na Colônia de São Leopoldo pelo guerrilheiro imperial Tenente Coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, O Moringue ou Chico Pedro Companhia que desde novembro de 1842 integrou a Ala Esquerda do Exército de Caxias em Canguçu e a qual pertenceu o Sargento Jacob Fetter de Campo Bom ,que mais tarde, em 1892, como capitão, depôs para **Almanaque Rotermund Kalender**, do qual resgatamos a saga da Companhia Alemã com complementos que adicionamos e para a **obra Os Vetter /Fetter -170 anos de Rio Grande do Sul e Brasil**. Pelotas: Eci do autor,199, p485/486,de autoria do deputado federal FetterJunior. Estudamos pioneiramente Chico Pedro e suas andanças com a Companhia Alemã em **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração**

de Caxias. Brasília; ECGCF, 1989. Companhia alemã que antes lutara pela defesa de Porto Alegre e aquartelava junto ao atual Pão do Pobres conforme mapa que publiquei na obra citada.

Na guerra contra Oribe e Rosas 1851-52; Então o Brasil teve de enfrentar aqueles ditadores do Uruguai e Argentina e para tal contratou uma Legião Prussiana de cerca de 1800 soldados aproveitando a desmobilização do Exército do condado de Sheleswig - Holstein que fora organizado para guerrear a Dinamarca. A Legião era formada pelo 15 Batalhão de Infantaria, um Batalhão de Artilharia e duas Companhias de Sapadores equipados com uma equipagem de pontes Birago a primeira que nosso Exército possuiu. Na batalha de Monte Caseros de 2 de fevereiro de 1852 se destacaram 80 atiradores alemães equipados com os modernos fuzis Dreyse a agulha que soldados alemães haviam usado na reunificação da Alemanha. Eles foram comandados pelo Capitão Francisco José Wildt da Guarda Nacional de São Leopoldo. Com eles os artilheiros de Rosas foram caçados por terem se postado dentro do alcance útil dos fuzis Dreyse que conseguiram surpresa tática e assim o rompimento da posição de Artilharia por onde penetraram os cavaleiros brasileiros do 2º Regimento de Cavalaria ao comando do intrépido Tenente Coronel Manoel Luiz Osório, o futuro Marquês do Herval. Estes alemães passaram a história como **os brummer** (significando rezingões?). Produzimos sobre eles trabalho intitulado: **A Legião prussiana - os brummer, contratada pelo Brasil para a guerra contra Oribe e Rosas**, que doamos ao Museu Histórico de São Leopoldo e a sintetizamos em **Estrangeiros e descendentes** citado.

Ao término da guerra, a maioria se fixou na colônia alemã gaúcha, onde prestaram vigoroso concurso ao progresso do Rio Grande do Sul pelo alto padrão cultural e social que detinham. A dupla brummer x colono alemão gaúcho acelerou o progresso da colônia alemã gaúcha. O brummer representou a cultura européia em boas escolas e o colono chegado há 28 anos a vontade férrea de trabalhar para o seu bem estar, mas com horizontes muito restritos que os brummer ampliaram expressivamente e reavivaram os laços culturais perdidos com a Alemanha.

Se destacaram em Monte Caseros os brummer Tenente Hans Adolf Zacharias Schiot que fundaria em Porto Alegre, em 1861, **o Deutsche Zeitung**. O Sargento Cristovão Werner que recebeu ferimento leve de bala de canhão. O Major Fedor barão von Lemmers - Dranfoth que difundiu e instruiu na Infantaria brasileira a esgrima a baioneta no acampamento de Colônia do Sacramento e que de volta a Alemanha publicou trabalho que traduzido por Bertholdo Klinger recebeu o nome **de A índole da Legião Alemã de 1851 a serviço do Império do Brasil** e prefácio do General Paula Cidade. Outro trabalho foi o do Capitão Eduardo Siber com o valioso "Retrospecto da guerra contra Rosas e vicissitudes das tropas alemãs a serviço do Brasil na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** .t.78,1 a parte 1915 (tradução de Alfredo de

Carvalho).

Na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai 1865-70: Muitos dos brummer continuaram prestando serviços militares ao Brasil nesta guerra. O Major Emiliano Emerich, casou no Brasil, permaneceu no Exército e foi instrutor da Escola Militar em Porto Alegre. Organizou e comandou o Corpo de Pontoneiros do Exército que estudamos pioneiramente em Os brummer os primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro .in: Anais do 1º Simpósio da Colonização e Imigração. São Leopoldo: Ed.Rotermund 1974. O brummer Coronel Pedro Guilherme Mayer foi instrutor de esgrima e manejo de armas especiais da Escola Militar da Praia Vermelha. Era de Baden. Carlos von Koseritz jornalista acatado na colônia alemã ajudou a mobilização de colonos para a guerra cujos interesses defendeu em harmonia com os do Brasil segundo Klaus Becker, o grande estudioso da contribuição teuto brasileira na Guerra do Paraguai.

A Bateria Alemã procedeu o recrutamento de brummers em Santa Cruz. São Gabriel, Rio Pardo, Porto Alegre, São Leopoldo etc. Foi dotada de 2 canhões Wythworth e organizada e adestrada para a guerra pelo Capitão Cari Fenlinand Shneider mas que não seguiu para a guerra porfenr-se num exercício de Artilharia em Porto Alegre. A Bateria foi incorporada ao Regimento Mallet atualmente em Santa Maria, conforme a abordo em **Estrangeiros e descendentes** ... Foi comandada na guerra pelo 1º Tenente Rudolph von der Oye que era professor em Nova Petrópolis onde faleceria em 1888. O 1º Tenente Friednch Wilhelm Fruhrer von Reisswitz , nascido em Breslau e falecido em Campo Bom, levou a Bateria Alemão para o Paraguai junto com o seu irmão Adolf que pereceu de cólera morbus. O Marquês de Caxias assim saudou a Bateria Alemã em 6 de maio 1668, por sua valorosa ação em Estabelecimento ao passar revista e a sua frente — “Viva a Bateria Alemã!”

Foram seus artilheiros Krausse, Rieth, Grub, Ladin etc. O Tenente Carlos Alexandre Wichmann radicou-se em Pelotas onde dirigiu o Colégio Peloterise e prontificou-se a mobilizar 60 colonos alemães sem o conseguir quem o fez foi o Capitão Carlos Kramer em Pelotas, Canguçu e São Lourenço destacando-se sob seu comando, o 2º Tenente Carlos Leppert de Canguçu e o 2º Tenente Benno Keydel de São Lourenço, onde faleceu e que integrou o piquete de guarda do Marquês de Caxias. Em Jaguarão quando da invasão dos uruguaios biancos, responderam ao ataque os brummers Kaii Hamm e Joham Schnorr. Em Bagé Mlhelm von Widelstael se prontificou a mobilizar 60 alemães e descendentes para lutar no Paraguai, mas faleceu em D.Pedrito..

Lutaram no 1º de Voluntários da Pátria em São Borja quando da invasão paraguaia em 1865, cerca de 30 a 40 brummer. O brummer Carlos von Kalhden foi autorizado a recrutar alemães e descendentes. Ex pontoneiro brummer foi deputado provincial e diretor das colônias de Passo São Lourenço no no Jaají, de Agudo, de Nova Petrópolis e talvez de Nova Francisca.

Combateram o Paraguai as seguintes unidades de alemães e

descendentes: A Infantaria da Guarda Nacional de São Leopoldo que integrou o Corpo de Polícia de Porto Alegre como sua 1ª companhia, sobre a qual depôs seu integrante Furriel Jacob Dick e, em especial, sobre a Dezembrada e onde refere já abordada Bateria Alemã que na batalha de Tuiuti, a maior travada na América do Sul ela prestou inestimáveis serviços. “Os alemães que a acionavam eram quase todos os que apelidamos de brummer e que já haviam lutado na guerra contra Rosas em 1851, mas neste dia salvaram a nossa causa”.

Combateram os 11 e 12 corpos da Guarda Nacional cujos integrantes e localidades de origem resgatamos em nosso **Estrangeiros e descendentes**.

Os dois corpos, em Passo da Pátria, constituíram **010** Corpo Provisório de Caçadores cuja saga foi preservada pelo depoimento do Sargento Splinder de Campo Bom. Muitos combatentes alemães e descendentes deixaram depoimentos de suas participações na guerra, os quais foram destruídos em parte pela repressão ao nazismo na 2ª Guerra Mundial, por escritos em alemão. Além dos citados registre-se os do Capitão Pedro Werlang que registrou a saga da intrépida 3ª Brigada de Cavalaria até Vileta ao comando do bravo Coronel da Guarda Nacional João Niderauer Sobrinho, a maior figura teuto-brasileira da guerra e hoje consagrado como denominação histórica da 6ª Brigada de Infantaria Blindada de Santa Maria para o que concorremos com a sua biografia em **Estrangeiros e descendentes** ... Ele tombou morto em função de um lançamento mortal no baixo ventre após a vitória de Avaí, atingido de surpresa por um paraguaio que irrompeu por detrás de uma moita.

Outro depoimento fez o Capitão Jacob Franzen recrutado em Cai e falecido em Montenegro. Ele como integrante do Corpo de Pontoneiros trabalhou na Estrada do Chaco quando teve oportunidade de transportar em barco, sob o seu comando, o

Marquês de Caxias que foi inspecionar a remoção de águas-pés da foz de rios que desaguavam do Chaco para ali embarcar ou desembarcar tropas. Foi quando perguntou ao atual patrono do Exército a razão de dar-se aquele trabalho penoso e arriscado, ao que recebeu como resposta: “Eu vou ver, não mando ver!” O Capitão Franzen antes lutara em Humaitá e ajudou o seu Corpo de Pontoneiros a dinamitar as muralhas de Humaitá e lançá-las no fundo do rio Paraguai. O 20 Sargento Nicolau Engelman depôs em versos sobre o Corpo de Pontoneiros. Nasceu em Dois Irmãos e faleceu em Igrejinha. O soldado Adolf Peter Pritsch, prussiano, foi um dos fundadores de São Lourenço do Sul. Ele assistiu a 16 combates do Corpo de Voluntários de Alegrete. A maioria dessas preciosas fontes primárias foram coletadas por Klaus Beckherem **Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai**. Canoas, 1968 e as preciso junto com outras 136 fontes constantes da bibliografia de **Estrangeiros e descendentes**

...

Projetou-se nesta guerra o já citado Capitão José Bernardino Borman do

Regimento Mallet e mais tarde o historiador do conflito em **História da Guerra do Paraguai**. Curitiba,1889. Destacou-se no combate à Revolução Federalista em Santa Catarina cuja história escreveu. Foi o **fundador do centenário em 2.000, Instituto Histórico e Geográfico Paranaense**. O biografamos em **Estrangeiros e descendentes** ... Destacou-se por sua bravura e heroísmo o Capitão Cristovão Baum .Ele pertenceu ao piquete de Guarda de D.Pedro II até Uruguaiana. Foi ferido gravemente no combate de Pillar sobrevivendo milagrosamente Para o combate de Potreiro Ovelha fugiu do Hospital de Sangue, muito pálido, esquelético e coberto de gase e foi postar-se na frente de seu Esquadrão em marcha. O Marquês de Caxias ordenou-lhe que voltasse para o hospital. E Baun respeitoso, mas decidido respondeu a Caxias:

“ Sinto desobedecer V.Excia, mas se o meu esquadrão vai atacar eu vou com ele!”

E Caxias comovido, engoliu em seco e lá se foi o intrépido Capitão Baun no comando de seu esquadrão, onde obrou prodígios como de costume .De retomo foi enviado para casa na Colônia de São Leopoldo para tratar da saúde seriamente abalada.

O 1º Tenente João Kautsmann destacou-se em Curuzú onde morreu em ação integrando o Batalhão de Pontoneiros. O soldado Louis Adolf Haesbaert de Hamburgo Velho e filho de um pastor local, foi cercado a cevo por dois inimigos em Curuzú . Sem poder carregar sua carabina eliminou o prwneuo a usando como porrete e a seguir desferindo-lhe coronadas tendo então sido desmontado. O segundo enfrentou num duelo a facção onde levou a melhor e saiu ileso. O no pardense 1º Tenente Hermman Hasslocher foi louvado por Andrade Neves seu conterrâneo ,por sua bravura na conquista do forte de Estabelecimento. Em Santa Maria partiu para a guerra Matheus Daubert Hoffmeister. Para consolar sua mãe desolada pediu-lhe que fizesse a sua geléia preferida para ele comer de volta da guerra. E se passaram 38 anos até o seu retomo a casa paterna pois havia se casado e se estabelecido em Mato Grosso. Na hora do jantar, sua mãe velhinha e com grande dificuldade deslocou - se até um armário de onde retomou com um pote de vidro. E o passou ao filho e lhe disse .“- Aqui esta filho atua géleia que me pedistes para esperar-te de volta da guerra.”

E isso aí ! Teria razão quem disse que as mães foram inventadas por Deus por ele não poder estar em todos os lugares para proteger os homens! Em **Estrangeiros e descendentes** ... relacionamos os integrantes teuto brasileiros da Bateria Alemã e do Corpo de Pontoneiros (p126), os de Santa Mana do 70 da Guarda Nacional (p.152), os nomes dos 8 mortos edos 43 feridos da Guarda Nacional de São Leopoldo e os 4 mortos e 11 feridos do Corpo de Pontoneiros do Exército (p.l 58/159) e os nomes e locais da Colônia de São Leopoldo dos 90 alemães e descendentes que retornaram da guerra onde exerceram a cidadania brasileira em sua mais arriscada dimensão ,90 alemães

e descendentes que desembarcaram em 28 de abril de 1870 em Porto Alegre.

Conclusão: A Bandeira da Bateria Alemã, esfrangalhada pelas balas inimigas, desbotada pelas intempéries e manchada de sangue, foi recolhida em 6 de junho de 1870 à Catedral de Porto Alegre. Mas segundo Klaus Becker o grande estudioso da participação teuto brasileira nesta guerra, a bandeira da Bateria Alemã “era um trapo precioso em cujas dobras bem junto ao coração brasileiro palpitará muitas vezes, nos estócos dos entusiasmos heroicos, o forte coração daqueles alemães e descendentes e sobre a qual se cimentaria, para sempre, a indissolúvel Fraternidade para ligá-los ainda mais a pátria Brasil e a seus irmãos de origem diversa. “E complementaremos provando nas circunstâncias mais adversas, no campo de batalha, a sua identidade e cidadania brasileiras, objeto de avaliação homenagem, no sistema - O imigrante identidade e cidadania, do XIV Simpósio de Colonização e Imigração promovido pelo Instituto Histórico de São Leopoldo em 14/16 setembro de 2.000.

Nº 121 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento

ORAÇÃO DE POSSE DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO NA CADEIRA GENERAL BENTO GONÇALVES DA SILVA DA ACADEMIA PIRATINIENSE DE HISTÓRIA (Em 8 Dez 2003). NO PRÉDIO ONDE FUNCIONOU A SEDE DA REPÚBLICA RIO GRANDENSE RIO GRANDENSE

Cel Cláudio Moreira Bento

(Acadêmico e Presidente fundador da Academia Piratiniense de História inaugurada na sede do CTG 20 de Setembro em Piratini-RS).

Esta entidade foi fundada sob nossa presidência e terminou perdendo a impulsão depois de empossarmos acadêmico o grande historiador local Jayme Lucas d'Ávila e o jornalista Cairo Moreira Pinheiro. Na fundação foi elevado a patrono de cadeira o historiador local Davi de Almeida. Depois outros assumiram a direção desta Academia e perdemos contato com ela.

Minha oração de posse

Hoje me cabe a honra de inaugurar a cadeira da Academia Piratiniense de História que tem por patrono o General Bento Gonçalves da Silva, Presidente da República Rio-Grandense que em Piratini teve seus dias mais gloriosos quando a ela pertenciam, desde 1831, os atuais municípios de Canguçu, Cerrito, Bagé até o Pirai e Pinheiro Machado.

Acreditamos sermos biógrafos do líder militar farrapo em nosso livro **O Exército Farrapo e seus chefes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.v.1, em que o focalizamos a nível estratégico, no contexto dos demais líderes farrapos e no da Revolução Farroupilha. Obra da qual entregamos exemplar a Academia Piratiniense de História quando de sua fundação.

Vamos hoje aqui tentar abordar como Bento Gonçalves veio a se relacionar com Piratini e por extensão com Canguçu assunto para o qual historiadores locais espero, tentem aprofundar esclarecer mais este tema

Bento Gonçalves herói nacional que prestou assinalados serviços preservação da Soberania e Integridade do Brasil nas guerras de 1811/12, guerras contra Artigas 1816/17 e 1821, da Independência do Brasil na Província Cisplatina 1821/22 (atual Uruguai) e na Guerra Cisplatina 1825/28, na qual teve atuação destacada na proteção da junção do Exército do Sul ao comando de Barbacena nas margens do arroio Lexiguana. Junção das forças retiradas de Santana com as enviadas de Pelotas. Manobra considerada obra prima de estratégia militar. Na batalha do Passo do Rosário em 20 de fevereiro de 1827 comandou o flanco direito do Exército do Sul composto pela 2ª Brigada de Cavalaria e na retirada cobriu a Retaguarda do Exército do Sul.

A esse tempo já havia por seu imenso valor militar atingido a condição de Coronel de Estado-Maior da 1ª Linha do Exército Imperial.

E dele diria o mestre Arthur Ferreira Filho, grande intérprete do heróico espírito militar do Rio Grande do Sul.

"Bento Gonçalves foi o maior rio-grandense do período, herói autêntico, figura de romance e a encarnação das melhores virtudes do gaúcho."

Ao ser promovido a coronel em 1825, Bento Gonçalves assumiu o comando da Fronteira do Jaguarão, a frente do 4º Regimento de Cavalaria do Exército.

Ao final da Guerra Cisplatina em 1828, o Exército do Sul ao comando do General Carlos Frederico Lecor acampou no inverno em Piratini, ainda distrito subordinado a Rio Grande. E foi aí que Bento Gonçalves passou a contatar com Piratini e Canguçu.

Esta guerra teve fim com o Tratado Preliminar de Paz de 27 de agosto de 1828.

Em conseqüência depois do Exército acampar por longo período em Piratini ele foi aqui dissolvido.

Entre seus oficiais os jovens Alferes Antônio Joaquim Bento (nosso trisavô) e Vicente Ferres de Almeida (trisavô de Odilon Almeida Mesmo), e que em Piratini casaram com duas irmãs filhas do português de Guimarães José de Mattos, o construtor da primeira igreja de Piratini em 1811-12, segundo Davi de Almeida em seu **Piratini Roteiro histórico e sentimental**.

As sucessivas guerras na fronteira de Jaguarão de 1801-1828 provocaram a construção de moradas luxuosas para a época em Piratini por estancieiros entre o Piratini e o Jaguarão.

A reunião de muitos militares de alta patente desmobilizados do Exército criou em Piratini um clima de efervescência revolucionária, pela má condição da guerra e fechamento da fronteira do Brasil com a atual nação uruguaia, onde estancieiros brasileiros tinham interesses econômicos dos quais foram afastados.

Então, neste clima de insegurança na fronteira a primitiva, a Vila dos Casais e depois vila do Piratini e hoje Piratini tornou-se localidade segura e atrativa, crescendo a cada dia a sua população, prosperando em especial com

a produção de trigo em suas terras férteis e, com o dorso da serra dos Tapes, assegurando comunicações a cavalo e de carretas **"sem molhar-se as patas dos cavalos, das mulas e dos bois carreiros"**.

Assim, em 7 de junho de 1832 foi instalada a Vila de Piratini e entre seus 40 fundadores que figuram na **Ata de Instalação** lá está o nome Cel Bento Gonçalves da Silva, o do mais tarde Comendador Manoel José Gomes de Freitas, patrono da Academia Piratiniense de História, de Serafim José da Silveira, nosso trisavô materno e tetravô de Barbosa Lessa e que presidiria em Piratini o Legislativo da República Rio Grandense; José de Mattos Guimarães (nosso tetravô paterno) já referido e construtor de moinho de trigo que deu o nome ao arroio do Moinho, e Bernardo Pires da Rosa, o simbolista farrapo e ancestral do Pires Moreira e Pires Terres de Canguçu.

Em Canguçu Bento Gonçalves tinha um amigo, Florentino Souza Leite que possuía residência ao lado do sobrado da Rádio Liberdade, onde Bento Gonçalves se hospedava com freqüência. Sabe-se hoje que em Canguçu funcionava a principal loja maçónica da República Rio Grandense, sob a proteção da Serra dos Tapes. Era a Loja Maçónica Fidelidade e Esperança que foi freqüentada por Bento Gonçalves e onde, segundo a tradição, deixou seu malhete de jacarandá que trouxera da Bahia e oferta de maçons baianos que o libertaram.

Depois de fugir da prisão na Bahia, em 10 de setembro de 1837, Bento Gonçalves atingiu Viamão QG revolucionário em 10 de novembro de 1837. E de lá veio para Piratini para daqui presidir a fase áurea da República Rio Grandense.

Quem melhor o definiu foi o canguçuense Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira patrono de cadeira na ACANDHIS ocupada por nosso dinâmico confrade coordenador Cairo Moreira Pinheiro cujas mais profundas raízes familiares estão enterradas em Piratini. Escreveu em Canguçu o Tenente Caldeira:

"Bento Gonçalves foi o primeiro general da República, tanto pela tática, como pelo seu prestígio na Província do Rio Grande. Era um cidadão muito atencioso, prudente e valente, como o mais valente dos generais do Exército Farrapo. Era de boa estatura e bem feito de corpo. Tinha a cabeça pequena e redonda. Era a primeira espada da Província e conhecia a História Romana."E mais adiante:

"Bento Gonçalves era um homem prudente, não só em frente ao inimigo e também no círculo de seus amigos. Em combate era o primeiro visado pelo inimigo. Sabia o momento de atacar e de vencer, bem como o da retirada, quando julgada conveniente.

Era um homem popular e apreciado, bem apessoado, mais alto do que baixo. Possuía ombros largos e corpo desembaraçado e flexível. Era

bonito e simpático. Era uma das maiores espadas de seu tempo. Desconhecia homem que lhe impusesse condições. Por tudo, o povo o seguia como se fora ele a alma dos rio-grandenses. Ele era o símbolo da Liberdade.

Era um perfeito patriota. Possuía predicados desconhecidos pelo homem normal. Não era um homem de cultura comum. Era ilustrado e dava-se muito à leitura de obras de peso."

Domingos José de Almeida, o Ministro da Fazenda assim depôs sobre a cultura de Bento Gonçalves:

"Cultivou com grande assiduidade o seu grande talento no estudo da História. Principalmente sobre a vida dos grandes homens, dos quais sempre trazia alguns exemplos em suas conversas particulares."

Em 22 de fevereiro de 1845 em carta a Canabarro , apela com argumentos retirados de seu estudo de História:

"A paz é absolutamente necessária, pois os meios de a continuar escasseiam, o espírito público (opinião pública) esta contra qualquer idéia que tenda a prolongar seus sofrimentos, classificando de caprichosa a continuação da guerra atual. Uma conclusão (paz) é sempre preferível aos azares de uma derrota e a história antiga e a moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar."

Como concluí era estudioso de História e a valorizava. E História Romana, berço da Arte Militar baseada na grande unidade militar a Legião, máquina de guerra poderosa com a qual os romanos dominaram a Europa e partes da Ásia e África, por longo tempo como potência hegemônica.

Legiões romanas de onde até hoje derivam as variações da Arte Militar. Legiões que sucederam as Falanges Gregas na qual se inspirava o General José Antônio Netto que procurou imitar há 80 anos ao tomar de surpresa Pelotas, quando seu maior adversário o canguçuense Coronel Juvêncio Maximiano Lemos dava descanso para suas tropas aqui em Piratini.

Demonstramos que Bento Gonçalves estudava, conhecia e aplicava lições de História, qualidades notáveis para um patrono de cadeira nesta Academia Piratiniese de História ..

Bento Gonçalves não era rico o que sugere este decreto, pois teve que deixar todo o patrimônio que acumulara no Uruguai ao este começar a lutar para se tornar independente.

Por Decreto de 24 de janeiro de 1834 da Regência e assinado pelo Regente Brigadeiro Francisco Lima e Silva , pai do futuro Duque de Caxias e irmão do primeiro general farroupilha João Manoel Lima e Silva, foi-lhe

concedida a pensão anual de 1.200 réis que assim justificou o citado decreto.

"Atendendo aos relevantes serviços que tem prestado por longos anos nas trabalhosas campanhas militares do Sul, onde sacrificou toda a sua fortuna, a maior parte dela despendida a serviço da Pátria e tomando em consideração que este benemérito coronel, possuindo fazendas no Estado Oriental, as abandonou ao inimigo que corajosamente debelara, desprezando seus convites com brio e honra que lhe são próprios, portando-se em todo o tempo com a maior firmeza de caráter, amor e adesão a Independência do Império, a sua Constituição e ao Sr. D. Pedro II, tendo sempre em maior conta o serviço da nação, do que a sua numerosa família que com ele passara as maiores privações. E reconhecendo a Regência que estes serviços tão importantes, até então não foram premiados ou compensados, foi-lhe concedida a pensão que foi aprovada pela Assembléia Nacional."

Ao ser assinada a Paz de Ponche Verde , Bento Gonçalves revelou a um amigo Dioniso Amaro da Silva, a sua pobreza em carta de 6 de março de 1845:

"Por fim temos uma paz que só conseguimos algumas vantagens pela generosidade do Barão de Caxias. Deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses que não podendo publicamente fazer-nos a Paz, por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o Barão de Caxias, o que já não podíamos esperar, salvando assim, em grande parte a nossa dignidade. Sigo para a minha pequena fazenda (Cristal), unicamente com a ingente glória de achar-se o homem talvez, mais pobre do país."

Vale lembrar em 2003 bicentenário do Duque de Caxias o Pacificador da Revolução Farroupilha o que dele falou seu único neto:

"Meu avô se alimentava bem e preferia alimentos da cozinha gaúcha e que o Rio Grande do Sul, pelo qual era senador e o presidira duas vezes, se constituía a sua menina dos olhos e a toda hora falava das coisas do Rio Grande, de seus homens e possuía um sotaque gaúcho."

A segurança dos farrapos em Piratini e Canguçu teve fim em agosto de 1842 quando Chico Pedro ou Moringue o Ten Cel Francisco Pedro Brusque de Abreu estabeleceu em Canguçu a Ala Esquerda do Exército Imperial de Caxias.

E para dali desalojá-lo Bento Gonçalves, agora um simples general farrapo, partiu duas vezes em companhia do General Antônio Netto para atacar Chico Pedro.

A primeira tentativa foi no que passou a História como o 1º combate de Canguçu na noite de 25/26 de outubro de 1843, na região das históricas Pedras das Mentiras, em que foram surpreendidos por Chico Pedro.

A segunda tentativa foi 11 dias mais tarde no 2º combate de Canguçu em 6 de novembro de 1843, em que Bento Gonçalves e Neto surpreenderam Chico Pedro na hora do almoço no combate de Cerro do Ataque, nos fundos

do Colégio N. S. Aparecida.

Neste combate renhido e sob vivíssimo fogo os farrapos tiveram 94 baixas e os imperiais, em trincheiras, só 19 baixas. Os mortos foram sepultados no cemitério que existiu no local do atual Grupo Escolar Irmãos Andadas de Canguçu.

Estudamos em detalhes estes dois combates em nossa obra Canguçu reencontro com a História.

Em 17 de junho de 1844 Chico Pedro partindo de Canguçu atacou Piratini onde prendeu os coronéis José Marrano de Mattos e Joaquim Pedro Soares os mantendo presos em Canguçu por mais de dois meses, na antiga cadeia que ele mandara construir e só demolida quase um século mais tarde e que ironicamente dizia "**ser um quarto de hóspedes**".

Bento Gonçalves nasceu em Triunfo em 1788, um ano antes da fundação de Piratini. Era bisneto de Jerônimo de Orneias. O pai de Bento, capitão de Ordenanças foi que adquiriu a estância do Cristal e mais outras próximas muito focalizadas na minissérie a Casa das Sete Mulheres. Bento Gonçalves se criou no local em Cristal onde existe sua casa transformada em sede do Parque Histórico Bento Gonçalves, tornando se um expoente nas lides campeiras ao lado de apreciável cultura absorvida com a orientação paterna, homem de larga visão.

Era bisneto de Lucrecia Leme Barbosa, natural de Guaratiguetá e consanguínea do bandeirante descobridor de Minas Gerais Fernão Dias Pais Leme, O Caçador de Esmeraldas, o que explica a sua inclusão na ADALEME (Associação dos descendentes e afins dos Lemes) a qual integramos como descendente de Anna Rodrigues de Sene ,nossa trisavô com raízes nos Leme e casada com Antônio de Souza Mattos, nascido em Mostardas em 1788, cerca de um mês antes de Bento Gonçalves e avô materno do General revolucionário em 1923 Zeca Netto e, um dos povoadores de Canguçu, na Armada e cujo retrato esta exposto no Museu de Canguçu.

Vale lembrar a proximidade da estância do Cristal com a de nossos trisavôs na Armada, Antônio de Souza Mattos e de Malaquias José de Borba , natural de Triunfo onde nasceu em 1782, seis antes de Bento Gonçalves e ali conviveram.

Em 1811, aos 23 anos ingressou em Bagé no Exército Observador da Banda Oriental .Ao final desta campanha foi residir em Cerro Largo(atual Mello) e ali aos 25 anos casou com Caetana, tendo como sogra uma gaúcha de Povo Novo. Ali se estabeleceu como comerciante e estancieiro e, face a instabilidade do atual Uruguai foi informante do comandante da Fronteira do Rio Grande o Marechal Manoel Marques de Souza 1º, atual patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas, por nossa indicação.

Seus negócios com o Brasil foram violentamente abalados com a decisão de Artigas de proibir a saída do atual Uruguai, para o Brasil de gado, couros e sebo.

E ai depois de cerca de 16 anos de atividade comercial e temendo novas medidas restritivas aos seus negócios resolveu liderar uma guerrilha contra Artigas.

Artigas havia posto abaixo os seguintes negócios seus no atual Uruguai conforme carta que escreveu ao pai em 16 de setembro de 1816:

" Estou estabelecido em Cerro Largo(atual Mello) com negócios de fazendas e bebidas. Comprei uma estância por 30.000 cruzados, sendo 12.000 de sinal. Ela possui 15.000 reses, cavalos ,carretas ,escravos etc .E em 2 anos pretendo estar livre das dívidas."

Foi ai que artiguenhos invadiram Cerro Largo e saquearam e incendiaram suas vendas e colocando abaixo todos os seus planos financeiros .

Ai aos 28 anos iniciou a sua carreira militar como Capitão de Milícias líder de guerrilhas .E depois de 13 anos foi promovido a coronel de Estado- Maior do Exército.

Bento Gonçalves faleceu no inverno de 1849, com 61 anos incompletos, em Guaíba atual,na casa de seu amigo Gomes Jardim .Local onde preparara o início a Revolução Farroupilha em 20 de setembro, processo revolucionário gaúcho encerrado 97 anos mais tarde, justo aqui em Piratini com a prisão do Dr Borges de Medeiros no combate de Cerro Alegre em razão de seu apoio a Revolução de 1932 liderada por São Paulo..

O seu filho Caetano se destacou como coronel na Guerra do Paraguai como subordinado do General Antônio Netto , depois de atuação destacada na mobilização do 3º Corpo de Exército. Seu neto Major do Exército Bento Gonçalves da Silva comandou parte do Corpo de Transporte do Exército que escapou do sítio do Rio Negro , em 28 novembro de 1893 e na defesa de Bagé que foi sitiada por 48 dias por federalistas.

Vale aqui lembrar aos piratinienses que no sitio do Rio Negro, força patriota ao comando do Coronel Maneco Pedroso e recrutada em Piratini, Canguçu, Cerrito, Pinheiro Machado e parte em Bagé, para defender os governo estadual e federal, depois de se render sob garantia de vida lavrada em ata, foi degolada inerte, em sua pátria, por mercenários platinos a serviço de federalistas. Esta uma mancha negra na História gaúcha, como também o massacre de federalistas no Capão do Boi Preto, em Palmeira das Missões.

Creio que cumprimos a nossa tarefa de elogiar nosso patrono de cadeira o General Bento Gonçalves da Silva, tão intimamente ligado às gloriosas tradições farroupilhas de Piratini e de seus distritos na época, as quais a patina dos tempos encobriu, restando a esta Academia Piratiniense de História, pesquisá-las, preservá-las, cultuá-las e divulgá-las para as suas gerações do

presente e do futuro. Muito Obrigado!

Sobre a História de Piratini destaco as seguintes obras:

ALMEIDA, Davi. História do Município de Piratini- Roteiro histórico e sentimental.

Piratini: Grafica CEAJ, 1988. 2ed.

___ Piratini- a primeira e última Capital da República Rio-Grandense e sua

contribuição na formação histórica do Rio Grande do Sul. Piratini: ED. autor, 2003.

(O autor na página 4 escreveu " mas raros escritores e historiadores- e a própria História Oficial, não tem feito justiça a Piratini, exceção feita a Alfredo Varela, Walter Spalding e o Coronel Cláudio Moreira Bento)

Fontes consultadas

BENTO, Cláudio Moreira. **Piratini um sagrado símbolo gaúcho farrapo**. Rio de Janeiro: ACANDHIS, 2000. (Hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br)

___ . **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993. 2v

___ . **Canguçu reencontro com a História- um exemplo de reconstituição de memória comunitária**. Resende-RJ: ACANDHIS/AHIMTB, 2007. 2ed.

BENTO, Genes Leão (Dícono) **Raízes de Nossa História**. (De Cerrito-RS). Pelotas: Stilus, 2005.

D'AVILA, Jayme Lucas . **Povoadores de Piratini...** Porto Alegre: Suliani Letra&Vida, 2007.

DUTRA, Iracema Ferreira. **História e Memória de Piratini**. Porto Alegre: Edição da autora, 2008.

Nº 122 – Informativo O Gaúcho – Cel Cláudio Moreira Bento

RIO GRANDE DE SÃO PEDRO EM 1808



Major Cláudio Moreira Bento

No ano de 1808 está era a situação da recém criada (19 de Set 1807). CAPITANIA DO RIO GRANDE DO SUL, com base em diversos documentos e, em especial, no documento que pesquisei no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que leva por título: “REFLEXÕES POLÍTICAS E INTERESSANTES SOBRE A ATUAL CAPITANIA DO RIO GRANDE DO SUL, SEU CLIMA, SUA PRODUÇÃO, COMÉRCIO, NAVEGAÇÃO E AGRICULTURA, POR UM VASSALO FIEL E OBEDIENTE A SEU AUGUSTO SOBERANO”.

Dito documento, de autoria desconhecida era dirigida ao Príncipe D. João recém chegado do Brasil, e com a finalidade de relatar as possibilidades e problemas da novel capitania, ao mesmo tempo que, para pleitear o cobiçado cargo de Administrador dos Contratos de Quintos e Dízimos e Munício do Trono da Capitania do Rio Grande, era razão de ter seu autor exercido esta função numa outra província pelo espaço de 6 anos.

E de se presumir que o autor deste documento, ser o mesmo que por ocasião da chegada de Saint Hilaire a Porto Alegre lhe ter servido de valioso subsídio para seu trabalho e orientação em sua viagem pela então Província 1821 - 1823.

Cuidadosas são suas palavras finais dirigidas ao Príncipe: *“Queira V. Exc. desculpar a grosseria com que falo, que é própria da província onde nasci e do recanto do mundo em que habito”*.

Com base principalmente no documento acima citado, em títulos e subtítulos, comemorando-as por vezes, abordarei alguns de seus aspectos por mim julgados mais interessantes ou oportunos.

PECUÁRIA

BOVINOS - “O gado crioulo é carneiro, perto dos que vem de fora, sendo que os primeiros, fornecem até 150 kg de carne, contra até 300 kg dos que vem de fora. A produção de gado da capitania é pouca, não dando para atender toda a América (Brasil). Cada cabeça vale 800 a 900 reais. É necessário que se obrigue os estancieiros à prática do RODEIO, para amansar o gado que em sua maioria é criado alçado.(selvagem ou chimarrão)

Somente os estancieiros mais ricos, possuem cerca $\frac{1}{4}$ de gado manso porque a tarefa consome muitos recursos”.

OVINOS - “Há vários pessoas na Capitania que, possuem rebanhos de ovelha e carneiros, destinados à alimentação nas estâncias, não se fazendo caso de lucro que daria em alguns casos, ou então explorada de meia a quem lhes tosque. (,Retirada da lã).

Andam os rebanhos em sua maior parte amontoados e sem pastor dormindo nos campos, onde as feras e os cachorros chimarrões (selvagens) os devastam.

Tenho notícia que existem alguns rebanhos pastoreados por cachorros capados, (castrados) que desde pequenos são costumados com as ovelhas, sem conhecer outras mães.

De fato esses cachorros pastores trazem e levam as ovelhas ao campo e as defendem das feras. A respeito desses cachorros se ouvem histórias admiráveis”.

Informação idêntica e a título de anedota seria enviada a Corte por incrédulo informante, que disse a ter a ouvido dos lábios do capitão Joaquim Severo Soares, de Cachoeira.

A informação, acrescentava que os cães eram alimentados em pequeno pelas ovelhas e quando adultos, com carne cozida e sempre que retornassem sem rebanho eram castigados.

Saint Hilaire comprova estas informações, na obra “VIAGEM À PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL”, ao relatar sua passagem pelos atuais municípios de São José do Norte, Rio Grande e S. Vitória do Palmar.

A respeito da origem da ovelha no Rio Grande do Sul, sabe-se que foi bem anterior a 1756, conforme se conclui do diário da Comissão Espanhola de Demarcação de Limites, publicados no Arquivo General de La Nacion - Campana Del Brasil - Antecedentes Coloniales, Argentina.

Este diário refere-se a arranchamentos índios no atual município de São Gabriel, onde eram criadas ovelhas pelos índios tapes.

SUINOS - “Algumas pessoas criam porcos e eu mesmo comprei um, somente de toucinho, de cerca de 8 arrobas e 7 libras, podendo-se tirar muitas vantagens dessa criação com o milho e outros alimentos de engorda. Entretanto, poucos se voltam para tal”.

FERTILIDADE DO SOLO

“O terreno é muito fértil, não só produz quase todas as plantas da Europa, bem mais inferiores em qualidade, bem como todas as castas de hortaliças”.

O clima é o melhor do mundo, ares muito puros e sadios de modo que, morrendo continuamente imensos animais pelos campos e estradas, não há necessidade de os sepultar, porque o próprio tempo, auxiliado pelos ares, se encarrega em consumi-los.

Jamais houve epidemia alguma das que pelos mesmas razões, costumam haver em outros países”.

Posteriormente se registraria uma epidemia de Cólera Morbus em 1855 com início nas CHARQUEADAS de Pelotas e em outra em 1917, com a denominação de Gripe Espanhola, ambos causando milhares de casos fatais.

AGRICULTURA

CANA-DE-AÇÚCAR - “É de 10 ou mais palmos de altura, mas como não existe engenhos apropriadas o AÇÚCAR não é de melhor qualidade, mas as aguardentes não fazem diferença das de Parati”.

ARROZ - “é muito bom e com excelente gosto e produz muito bem, mas pouco se cuida dele”.

UVAS - “Há muitas parreiras e se podem fazer grandes vinhas. Eles produzem muito, mas seja devido à técnica, fabrico ou a vasilha em que é feito,

ou por outro qualquer motivo, ainda não vi vinho capaz, mas dele se faz vinagre sofrível e aguardente sem diferença das da Europa”.

O vinho era então produzido nas atuais cidades de Pelotas, Rio Grande, Rio Pardo e Porto Alegre (Saint Hilaire e Gen. João Borges Fontes), e expressiva sua importação, pois no ano de 1787 entrou por Rio Grande, 130 pipas grandes.

OLIVEIRAS - “Sei que há 6 ou 7 pés com azeitonas maduras, sem diferença das de Portugal, mas como leva vários anos a formar-se, há muita preguiça e falta de industria e não se cuida deste ramo de comércio”.

INDÚSTRIA

I - LACTICINIOS - “Há muito leite de vaca, de cabra e de ovelha, sendo que desta última não se faz caso.

Seja devido aos pastos ou a técnica, os queijos em geral não são bons, mas alguns fazem iguais aos de Irlanda e os nossos de Alentejo.”.

Essa atividade foi bem desenvolvida ao tempo de Continente, a deduzir-se pelas exportações no ano de 1787 pelo porto do Rio Grande, de 5051 kg de manteiga.

A própria Feitoria Real de Linho Cânhamo de Canguçu, em Canguçu- RS produziu no ano de 1785, 142 formas.

De carta recebida pelo Vice-Rei do Brasil, proveniente do governo português e datada de 24 Nov 1774 (I. H. G B. Lata 79) , consta o seguinte sobre os queijos fabricados no Rio Grande do Sul.

“Os queijos e manteigas que V. Excia. teve a bondade de enviar, chegaram muito bons, não obstante a longa viagem que fizeram.

Pouco há que ensinar aos que o fabricam, porque para o que é comum dos povos de Portugal, não vem certamente da Irlanda e Holanda, queijos melhores que ao que V. Excia nos remeteu.”.

CHARQUE - “Temos duas fábricas de salgar carne que anualmente produzem 3000 barris de 8 e 9 arrobas cada.

Deve-se esta tão grande e interessante negócio, a João Rodrigues de Albuquerque que, apesar de grandes ordenados e despesas mandou vir por sua conta empresários da Irlanda. Não foi feita referência as charqueadas pelotenses

COMÉRCIO

Quando a atividade comercial no Rio Grande do Sul de então, era o seguinte, segundo um número de comerciantes pelas vilas abaixo e distritos a ela pertencentes:

Porto Alegre - 49. **Rio Grande** - 40. Rio Pardo - 22

Existe na I, H, G, B, no Rio de Janeiro, relação nominal destes comerciantes (Doc.8 , Lata 111).

Quanto aos comerciantes do Rio Grande observaria Saint Hilaire em 1820 que em sua maioria haviam sido marinheiros.

IMPOSTOS - “O charque no Rio Grande custa no Rio de Janeiro, 420 réis por arroba e não pode fazer por menos, porque são pagos 280 réis de Impostos, diretos, enquanto que o charque de Montevideu e Buenos Aires e ai vendido por até 400 réis.

É necessário que o governo abdique de 20 a 30 réis por arroba de charque importado, para não por em risco toda a força do Rio Grande.

Proponho por outro, que se elimine o imposto de 320 réis por arroba obtida e que o mesmo se restrinja aos diversos açougues existentes na Companhia.

Proponho seja cobrada sobre os gados uruguaios e argentinos o imposto de 23%. Estes impostos eram expressivos se considerarmos que um boi de rodeio tem o valor 800 réis.

A política fiscal portuguesa praticada no Império, incidindo sobre o charque e o campo constitui-se de certa forma na maior causa econômica da Revolução Farroupilha.

NAVEGAÇÃO - “O porto de Porto Alegre possui 1.50 km largura, podendo abrigar até 200 embarcações, possui um trapiche com grande capacidade, servido por 2 guindastes alem do edifício do Alfândega, com 24 pilares e por isso tudo torna-se grande orgulho do porto alegreense, não existindo igual em toda a Colônia”.

PRODUÇÃO E MÃO DE OBRA - “A Capitania tem mais que as demais a vantagem de muito trigo, couro e carne. São diversas as atividades econômicas e pouco os braços disponíveis e a cada qual se dedicou a mais difícil e que julga mais conveniente”.

Não foi possível digitalizar trecho do recorte por muito apagado

VAMOS AGORA AO GRANDE INCOMODO DOS POVOS DESTA CAPITANIA.

Esta capitania tem mais de 200 léguas e os povos das missões e das fronteiras são sujeitos ao juiz ordinário Porto Alegre e se porventura desejam fazer uma procuração, uma escritura ou coisa semelhante, tem de andar 150 léguas.

A viúva que quiser inventariar, partilhar ou requerer ao magistrado o melhor que convier, tem de andar 80 a 700 léguas, isto motivado pelos engano dos muitos caminho que por ai existe.

Esta capitania é muito grande coisa de que daí não pode ser observada, a criação de vilas é da maior necessidade e isto e se deve nomear para esta capitania, 3 juizes de 1 para atender Porto Alegre com 15000 a 18000 E prossego revelando ao Príncipe alguns problemas da justiça da Capitania.

Este juiz ficou governando nesta vila a maneira dos Pachás da Turquia, chegando a colocar grossos grilhões nas suas escadas para atemorizar os povos e os colocar em algumas pessoas, fazendo por outro lado prender a descompor algumas pessoas que vão a sua casa com seus pleitos

além de mandar o barbeiro cortá-las,

Um juiz de Tombo ou Medições de toda a capitania e da maior necessidade, do contrário VAI TODA ELA CAIR EM CAOS, PORQUE SÃO TANTAS DEMANDAS POR CAUSA DE MEDIÇÕES DE TERRAS QUE EM SÉCULOS NÃO SE PORÃO EM SOSSEGO, pois os juizes não possuem condições e será impossível o tempo de cumprirem as suas obrigações.

Nesta mesma época governando o Sargento Mor Domingos José Marques escrivão das sesmarias da capitania assim escrevendo ao Príncipe:

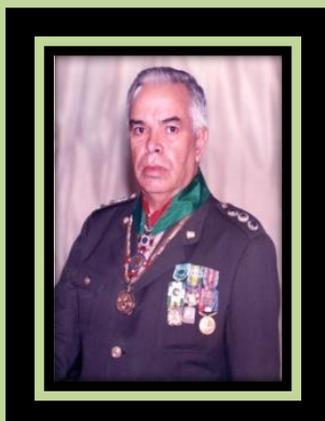
“Nesta capitania existe falta de justiça, pois possuindo 50000 almas e com a cabeça da justiça em Porto Alegre, é comum a transferência de famílias para os domínios espanhóis, abusos de autoridade e violências da toda a ordem de parte das autoridades.

Todos os anos, a cerca de 30 a 50 homicídios que ficam impunes na maioria das vezes por não dar a justiça a solução dos mesmos.

Sobre este período no campo militar escrevemos o livro História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes. Porto Alegre: SENAI/3a RM,1994 capa abaixo. Que as páginas 71/139 trazem Antecedentes do Rio Grande do Sul de 1737/1807.



CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Su, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itataiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itataiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo

Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757